

MARILZA TEREZINHA SOARES DE SOUZA

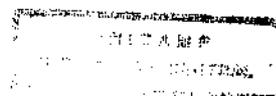
**“SCRIPT” DE VIDA:  
HISTÓRIAS ENTRELAÇADAS**

*Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Curso de Pós-Graduação em Saúde Mental da  
Faculdade de Ciências Médicas da  
Universidade Estadual de Campinas para  
obtenção do título de Mestre em Saúde Mental.*

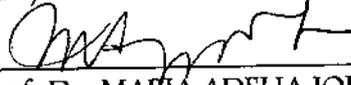
**Orientadora:** *Profa. Dra. Maria Adélia Jorge Mac Fadden*

*Campinas*

*1998*



Este exemplar corresponde à versão final da  
Dissertação de Mestrado, apresentada ao  
Curso de Pós-Graduação em Saúde Mental,  
da Faculdade de Ciências Médicas da  
Unicamp, para obtenção do Título de  
Mestre em Saúde Mental, defendida pela  
**MARILZA TEREZINHA SOARES DE SOUZA**  
Campinas, 27 de Maio de 1998

  
Prof. Dr. **MARIA ADELIA JORGE**  
**MACFADDEN**  
Orientadora

So89s

Souza, Marilza Terezinha Soares de  
"Script" de vida – Histórias entrelaçadas/ Marilza Terezinha Soares  
de Souza. Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador: Maria Adélia Jorge Mac Fadden  
Tese (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de  
Ciências Médicas.

1. Família – Estudo de casos – História. 2. Família – Aspectos  
Psicológicos. 3. Relações humanas. 4. Integração social. I. Maria  
Adélia Jorge, Mac Fadden. II. Universidade Estadual de Campinas.  
Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

UNIDADE	BC
N.º DE FOLHAS	
TÍTULO	Script de vida
COLEÇÃO	
V.º	01
TOMOS	34493
PREÇO	395/98
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	21/07/98
N.º DE	

CM-00113305-3

---

# **Banca examinadora da Dissertação de Mestrado**

---

---

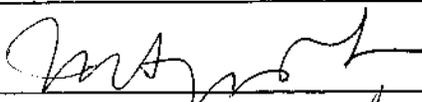
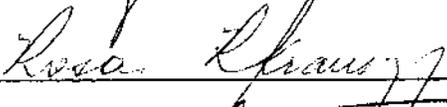
**Orientador: Profa.Dra.Maria Adélia Jorge Mac Faden**

---

---

## **Membros:**

---

1. 
2. 
3. 

Curso de pós-graduação em Saúde Mental, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

---

**Data: 27.05.98**

---

## *DEDICATÓRIA*

---

*Ao Ademilson, pelo apoio, paciência e colaboração.*

*À Larissa e Juliana, com quem continuo crescendo e aprendendo a viver.*

*A mim mesma, pela persistência e vontade de conseguir.*

*A nós quatro, porque somos uma família.*

## **AGRADECIMENTOS**

---

*À orientadora desta dissertação, Profa. Dra. Maria Adélia Jorge Mac Fadden, pela orientação, paciência e confiança em mim depositada.*

*À amiga Vilma Cortez, pela dedicação e carinho com que supervisionou este trabalho.*

*Ao Prof. Dr. Walter Trinca, pelas valiosas sugestões.*

*Às famílias que gentilmente se dispuseram a revelar sua intimidade e a contribuir ao máximo.*

*À Escola Jardim das Nações de Taubaté, a amigos e clientes, pela colaboração no encaminhamento das famílias.*

*À Clínica Psicológica da Universidade de Taubaté, pelo oferecimento de espaço e clientela.*

*Aos amigos analistas transacionais, pelo incentivo recebido.*

## ***TABELA DE FIGURAS***

---

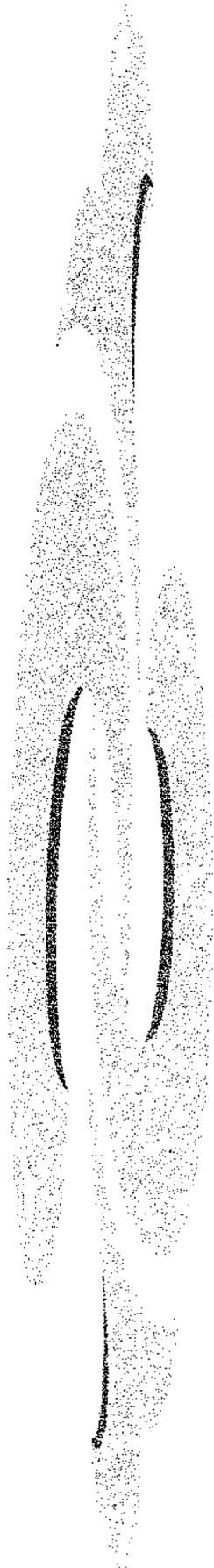
	Página
Figura 1 – Diagrama dos estados de ego.....	7
Figura 2 – Diagrama de transações complementares.....	8
Figura 3 – Diagrama de transações cruzadas.....	8
Figura 4 – Diagrama de transações ulteriores.....	8
Figura 5 – Diagrama da matriz do “script”.....	28
Figura 6 – Genograma do Caso I.....	64
Figura 7 – Genograma do Caso II.....	74
Figura 8 – Genograma do Caso III.....	84

## **SUMÁRIO**

---

	Página
<b>RESUMO</b> .....	i
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	1
1.1. Principais conceitos da análise transacional.....	4
1.2. “Script” de vida.....	10
1.3. Desenvolvimento do “script”.....	14
1.3.1. Influências pré-natais.....	14
1.3.2. A infância.....	16
1.3.2. O fim da infância.....	17
1.3.4. Adolescência.....	18
1.4. Os aparatos e a transmissão do “script”.....	19
1.4.1. Os aparatos.....	19
1.4.2. A matriz do “script”.....	28
1.5. Idéias de outros autores sobre “script”.....	30
1.6. “Script” e família.....	38
1.7. Algumas considerações sobre família.....	42
1.7.1. Sobre os mitos familiares.....	46
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	50
<b>3. MÉTODOS</b> .....	52
3.1. Sujeitos.....	55
3.2. Procedimento.....	56
3.2.1. Justificativa para a utilização dos instrumentos.....	57
3.3. Análise dos dados.....	60
3.3.1. Dados pessoais.....	61

<b>4. RESULTADOS</b> .....	63
4.1. Caso I.....	64
4.2. Caso II.....	74
4.3. Caso III.....	84
4.4. Síntese dos resultados.....	91
4.4.1. Caso I.....	91
4.4.1.1. Primeira geração.....	91
4.4.1.2. Segunda geração.....	92
4.4.1.3. Terceira geração.....	93
4.4.2. Caso II.....	93
4.4.2.1. Primeira geração.....	93
4.4.2.2. Segunda geração.....	95
4.4.2.3. Terceira geração.....	96
4.4.3. Caso III.....	96
4.4.3.1. Primeira geração.....	96
4.4.3.2. Segunda geração.....	97
4.4.3.3. Terceira geração.....	98
<b>5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	99
<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	107
<b>7. SUMMARY</b> .....	110
<b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	112
<b>9. ANEXOS</b> .....	119
Anexo 1 – Roteiro geral para verificação do “script” de vida – Adulto.....	120
Anexo 2 – Roteiro geral para verificação do “script” de vida – Criança.....	122
Anexo 3 – Dados das entrevistas e Desenhos da Família com Estórias.....	123



***RESUMO***

Este trabalho propõe-se a estudar a construção do “script” de vida num enfoque trigeracional, com base nos pressupostos teóricos da análise transacional e em alguns aspectos da teoria sistêmica.

Considerando-se que o “script” é um plano estabelecido pela criança sob influências parentais e que determina o curso de vida da mesma, pretendemos analisar:

- como as influências familiares são transmitidas e percebidas;
- como o estilo de vida adotado relaciona-se com as influências precoces;
- qual o papel do “script” no relacionamento conjugal.

Foi utilizado o estudo de casos, abrangendo uma amostra de três grupos familiares compostos por três gerações. Como instrumentos auxiliares foram adotados uma entrevista semi-estruturada e o Procedimento do Desenho da Família com Estória .

A análise dos resultados obtidos revela que:

- As influências familiares são transmitidas e percebidas numa interação mútua entre avós, pais e filhos, através de expectativas, modelos e atribuições dotados de aspectos comuns e específicos para cada indivíduo.
- O estilo de vida adotado relaciona-se com as influências precoces na medida em que é utilizado para atender as expectativas familiares, suprir as necessidades individuais não atendidas, reparar as falhas da família de origem e manter padrões de interação considerados positivos.
- Os “scripts” individuais atuam de forma complementar nos relacionamentos conjugais.

Este trabalho apresenta contribuições para a ampliação do processo diagnóstico e propõe intervenções preventivas no âmbito familiar.

# ***1. INTRODUÇÃO***

“O estilo de vida do roqueiro convive com a idéia de morrer jovem. A maioria morre de overdose, acidente de carro ou aids.”

CAVALERA (1997)

O interesse pelo tema baseia-se em questionamentos teóricos e desejos pessoais. Estes últimos agregam o desejo de pesquisar e produzir novos conhecimentos, a curiosidade obtida na prática clínica e o gosto pessoal por histórias, biografias, arte e dramaturgia.

Do ponto de vista científico, este estudo justifica-se pela busca de sustentação aos pressupostos teóricos de um aspecto que é um dos pilares da Análise Transacional: o conceito e a análise de “script” de vida. Embora exista tradução da expressão “script” para o português, mantivemos a palavra na língua original por se tratar do termo oficial utilizado na teoria.

No Brasil, a literatura sobre o assunto é escassa, temos conhecimento de apenas duas pesquisas realizadas.

“Script” é traduzido para a língua portuguesa como roteiro, argumento ou enredo, termos estes utilizados quando se referem a filmes, peças ou novelas.

Quando falamos em “script” de vida, referimo-nos ao enredo ou argumento em que se baseia a história de uma pessoa. Da mesma forma que os “scripts” teatrais, as pessoas são, ao mesmo tempo, autores e atores de sua própria história.

POZZATTI (1993), em sua dissertação, fez uma análise psicossociológica da opressão sobre mulher no trabalho, estabelecendo a relação entre as situações opressoras do passado e as atuais, utilizando a teoria do “script” de vida para explicá-la.

LEITÃO (1988), pesquisou sobre as crenças de “script” de mulheres que sofreram agressões de maridos e companheiros, procurando correlacionar crenças provenientes da infância e aceitação da violência.

Nos Estados Unidos, MARX *et al.* (1978) realizaram um estudo sobre a possibilidade de prever doença física em adultos jovens, baseando-se em informações subjetivas sobre impressões da infância relacionadas a crenças e sentimentos atuais. Estudaram a correlação entre características do “script” e a saúde física de alunos em final de período letivo em uma faculdade, afirmando terem obtido resultados significativos no que se refere à possibilidade de predição.

Considerando-se que o “script” é um plano de vida construído na infância, com base em mensagens parentais, que direciona o estilo de vida de uma pessoa, alguns pontos de divergência surgem entre os vários autores.

É de comum acordo a importância da influência familiar na saúde mental de seus membros. Entretanto, a idéia de que esta influência é unilateral e hierárquica vem sendo abandonada, com a aceitação de uma influência recíproca e circular.

Outro aspecto bastante discutido é a força determinista de uma influência. Alguns autores acreditam que a criança aceita e adapta-se às diretivas parentais porque depende dos pais para sobreviver. Outros, entendem que a criança possui, dentro de si, força suficiente para aceitar ou rejeitar uma diretiva parental, da mesma forma que ela possui liberdade para fantasiar o que não foi transmitido.

O “script” é visto como negativo e restritivo por ter sido construído sob pressões parentais ou considerado positivo pela estrutura, segurança e adaptabilidade que oferece.

BERNE (1972) chegou a falar que o indivíduo só se cura quando sai do “script” e a saída é conseguida pelo alcance da autonomia.

JAMES & JONGEWARD (1975) definiram autonomia como a capacidade do homem de “(...) governar a si mesmo, determinar seu próprio destino assumir a responsabilidade pelas suas ações e sentimentos e desfazer-se dos padrões, que são irrelevantes e inadequados, para viver no aqui e agora.”

BERNE (1972) já tinha falado que o homem decide seu próprio destino, porém acrescentou que é “sob pressão parental”, o que, para ele, deixa de ser autonomia e se torna “script”.

Uma vez que nenhum ser humano está isento de influências parentais, sociais ambientais, e que o processo de aprendizagem e adaptação é imprescindível para a sobrevivência, podemos dizer que todos possuem um “script” de vida, restritivo talvez, porém útil. O roteiro de vida não definitivo, mas passível de ser modificado e aperfeiçoado de acordo com a liberdade de cada um.

O estilo de vida adotado pelas pessoas reflete suas crenças a respeito de si e dos outros estando vinculado à sua história de vida. Aproximarmo-nos deste estilo significa fazer o caminho de volta e conhecermos os recursos utilizados para percorrê-lo.

Não tivemos a intenção de basear nosso estudo em questões psicopatológicas, pelo contrário, pretendemos saber como o “script” é construído em situações de vida razoavelmente favoráveis.

Trataremos neste capítulo do referencial teórico no qual se baseia a teoria do “script” de vida. Descreveremos os vários conceitos, o desenvolvimento do “script” e as contribuições e críticas de vários autores. Apresentaremos, ainda, algumas idéias sobre família, provenientes da psicanálise e da teoria sistêmica, e a integração entre “script” e família.

## **1.1. PRINCIPAIS CONCEITOS DA ANÁLISE TRANSACIONAL**

BERNE (1961), psiquiatra e psicanalista canadense, criou, na década de 50, a Análise Transacional. Esta abordagem compreende uma teoria da personalidade e um conjunto de métodos e técnicas psicoterápicas que integram, às fontes clássicas do conhecimento, novos recursos baseados, principalmente, na comunicação terapeuta/paciente e no estabelecimento de objetivos concretos para a terapia.

Considerada uma abordagem neo-analítica, a Análise Transacional enfatiza a comunicação ao estudar os conceitos sobre estados do ego, transações, jogos psicológicos, emoções e afeto. Destaca ainda, os processos inconscientes, as relações de transferência e contratransferência, assim como as etapas do desenvolvimento através da análise do “script” de vida.

BERNE (1961) construiu sua teoria a partir de observações clínicas de pacientes somadas às idéias de PENFIELD (1952), WEISS (1957) e FEDERN *apud* BERNE (1961).

PENFIELD (1952) constatou, em experimentos neurocirúrgicos com epiléticos, que, quando estes tinham o lobo temporal estimulado, eram capazes de ‘revivenciar’ experiências da infância como se elas estivessem ocorrendo no presente. Tal experiência era diferente de simplesmente relatar registros de memória, ou seja, os sujeitos podiam atuar em dois níveis psicológicos. KUBIE<sup>1</sup> *apud* PENFIELD (1952) denominou “arquipálico” a experiência referente à infância e “neopálico” aquela referente ao tempo presente.

WEISS (1957), referiu-se à existência de três tipos de estado de ego:

- uma espécie de ego criança, que pode vir à tona quando provocado por acontecimentos;
- um estado de ego atual;
- um estado em que se nota a imagem mental de outro ego, às vezes parental, que influi no comportamento e nas emoções dos indivíduos, o que chamou de “presença psíquica”.

Já o psicanalista FEDERN *apud* BERNE (1961), criador do termo “estado de ego” constatou que o psiquismo opera mediante duas entidades completas e separadas, caracterizadas pela sensação ou vivência que provoca no indivíduo. Sendo assim, estado de ego é aquilo que o indivíduo sente.

---

<sup>1</sup> KUBIE. L.S. apresenta comentários no próprio artigo de PENFIELD (1950)

BERNE (1961), ao atender um paciente, ouviu deste um relato no qual dizia que, às vezes, sentia-se como um menino vestido de gente grande e, em outras ocasiões, sentia-se e atuava como um adulto, denotando a existência de duas realidades psicológicas distintas, chamadas, mais tarde, de Criança e Adulto.

Posteriormente observou que, em alguns momentos as pessoas pensavam e agiam imitando figuras parentais. Este terceiro estado foi chamado de Pai.

BERNE (1961), então, definiu a estrutura da personalidade como sendo constituída por três órgãos psíquicos, denominados “arqueopsiquê”, “neopsiquê” e “exteropsiquê”.

Segundo ele, o processo de pensamento da “arqueopsiquê” é semelhante ao que, na psicanálise, corresponde ao processo primário; o da “neopsiquê”, ao processo secundário e o da “exteropsiquê”, a algo semelhante à identificação.

A característica singular deste autor foi ter acrescentado uma dimensão comportamental à definição de estados de ego feita anteriormente por FEDERN (1952). Passa-se, então, a utilizar o termo “estado de ego” para indicar cada uma das diferentes realidades psicológicas, que são manifestações fenomenológicas dos órgãos psíquicos.

Segundo a definição de BERNE (1961): “Um estado de ego pode ser descrito fenomenologicamente como um sistema coerente de sentimentos relacionados a um dado sujeito e operacionalmente como um conjunto de padrões coerentes de comportamento; ou ainda, do ponto de vista pragmático, como um sistema de sentimentos que motiva um conjunto de padrões de comportamento afins” .

Coloquialmente, este autor chamou de Pai os estados de ego derivados de figuras parentais, pelos quais a pessoa sente, pensa e comporta-se como se fosse um de seus progenitores, responsáveis ou figuras de autoridade que eram significativas para ela na infância. Chamou de Adulto os estados pelos quais a pessoa analisa seu meio ambiente, calculando probabilidades e possibilidades baseadas em suas próprias experiências. Chamou de Criança os estados pelos quais a pessoa sente, pensa e age de forma semelhante à que sentia, pensava e agia quando era uma criança. Grafam-se Pai, Adulto e Criança com a letra inicial maiúscula para indicar estados de ego e diferenciar de pai, adulto e criança, substantivos que indicam pessoas.

A adoção de uma linguagem coloquial para denominar os estados de ego foi proposta por BERNE (1961), por desejar que a Análise Transacional fosse melhor compreendida por leigos.

A estrutura da personalidade ficou representada, graficamente, da seguinte forma:



Fig. 1

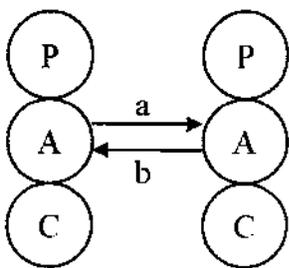
BERNE (1961) apresentou e publicou, pela primeira vez, em 1958, um artigo sobre a Análise Transacional como um novo e eficiente método de psicoterapia de grupo. Neste método enfatizava a análise da comunicação ou das transações entre as pessoas através dos estados de ego.

Posteriormente, o termo Análise Transacional abrangeu todo o corpo teórico e técnico, incluindo outros conceitos.

Por transação BERNE (1961) entende uma unidade de ação social que envolve um estímulo, uma resposta e que parte de estados de ego específicos de cada pessoa, podendo ser operacionalmente observada. As transações foram classificadas em três tipos:

- complementares, nas quais o estímulo parte de um estado de ego específico e é dirigido a outro também específico, sendo que a resposta parte deste último ao primeiro (fig. 2);

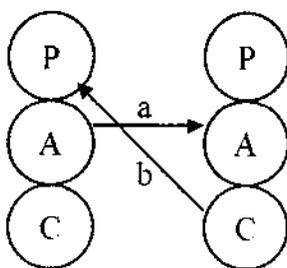
- cruzadas, em que o estímulo parte de um estado de ego dirigindo-se a outro determinado, a resposta parte de um estado de ego diferente daquele que foi alvo do estímulo. BERNE (1961) refere-se a este tipo de transação como reações transferenciais, em que o interlocutor projeta no outro aspectos de sua realidade pessoal, respondendo diferentemente (fig.3);
- ulteriores, são transações caracterizadas por um nível social ou aparente e um nível psicológico ou oculto. A resposta é dada a este nível psicológico ou oculto (fig. 4).



a) Que horas são?

b) São 11:00 horas.

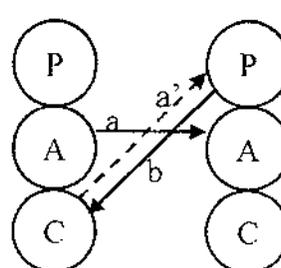
**Fig. 2**



a) Que horas são?

b) Eu sei que estou atrasado, ... mas eu posso explicar.

**Fig. 3**



a) Onde está o espremedor de frutas?

a') Faça o suco para mim.  
b) Deixa que eu faço para você.

**Fig. 4**

Analisando os exemplos acima, no primeiro caso o interlocutor solicita uma informação, que é respondida, estando envolvido o estado de ego Adulto de ambos.

No segundo caso a mesma informação é solicitada, porém, não respondida. O que se tem é uma resposta aos conteúdos internos que o segundo interlocutor projeta no primeiro, ou seja, ao sentir-se cobrado, passa a se justificar. A resposta parte do estado do ego Criança para o estado de ego Pai do primeiro interlocutor.

No terceiro caso observamos dois tipos de mensagem, uma verbal e outra não-verbal, com uma resposta verbal. As mensagens verbais partem do estado de ego Adulto. Entretanto, existe um estímulo não-verbal partindo do estado de ego Criança, atingindo o estado de ego Pai do segundo interlocutor, buscando uma atitude favorável. O interlocutor, por sua vez, desqualifica o estímulo verbal e responde diretamente ao não-verbal.

A transação ulterior possui sempre uma motivação oculta e é a base para o conceito de jogos psicológicos, que são esquemas disfuncionais de relacionamento.

Além dos aspectos objetivos, o autor salientou os aspectos subjetivos da comunicação, aos quais chamou de “ruídos”.

Jogos psicológicos são definidos como uma série de transações ulteriores, repetitivas por natureza, com um desfecho bem definido. Ou seja, o agente parece estar fazendo uma coisa, quando, na realidade, faz outra, trazendo portanto sempre um ‘truque’ oculto.

Caracterizam-se pela desonestidade e manipulação, bem como pela tentativa de resolver conflitos internos, constituindo-se mecanismos de defesa.

A principal função destes jogos é conduzir as transações de forma a atingir o desfecho, que pode ser mais ou menos dramático. O desfecho traz maus sentimentos para as duas partes e confirmam crenças existenciais a respeito de si, dos outros e da vida. Apesar do final ser negativo para ambas as partes envolvidas no jogo, ele traz ganhos secundários.

Os jogos são aprendidos durante a infância, trazem uma motivação inconsciente e possuem o objetivo de manter a estabilidade psicológica. São repetidos na vida adulta de forma transferencial.

Numa escala maior, são componentes integrais e dinâmicos do “script” de vida.

A partir da análise dos estados de ego, das transações e dos jogos psicológicos, BERNE (1961) enfatiza o aspecto da comunicação social como base para o diagnóstico e a psicoterapia de grupo, partindo do relacionamento interpessoal para a análise dos conteúdos intrapsíquicos e do “script” de vida.

## 1.2. “SCRIPT” DE VIDA

O termo “script” foi introduzido no campo da psicoterapia por BERNE (1961) cuja definição demonstrava influências das idéias freudianas sobre transferência e compulsão à repetição.<sup>2</sup>

“Script” foi definido inicialmente como a tentativa do indivíduo de repetir, na maturidade e de forma derivada, o drama transferencial vivido na infância.

O drama familiar na infância é desempenhado com conclusões insatisfatórias, o que é denominado protocolo, sendo reprimido. Mais tarde, reaparece como um derivativo pré-consciente, denominado “script” propriamente dito, que é adaptado à realidade do indivíduo.

A partir daí, o indivíduo escolhe personagens em seu relacionamento social e tenta manipulá-los para que desempenhem determinados papéis, com o objetivo de colocar em ação seu drama original. Busca, com isso, repetir o drama transferencial compulsivamente ou na tentativa de conseguir um final mais feliz que o experienciado.

Assim, as experiências precoces do indivíduo com seus pais são vistas como as principais determinantes nos relacionamentos e nas escolhas dos companheiros.

---

<sup>2</sup> Transferência é designada, em psicanálise como “uma repetição de protótipos infantis vivida com uma sensação de actualidade acentuada”. Compulsão à repetição “ao nível da psicopatologia concreta, processo incoercível e de origem inconsciente, pelo qual o indivíduo se coloca activamente em situações penosas, repetindo assim experiências antigas sem se recordar do protótipo e tendo pelo contrário a impressão muito viva de que se trata de algo de plenamente motivado na actualidade”. LAPLANCHIE & PONTALIS (1967).

Mais tarde, influenciado pelas idéias de JUNG (1946), CAMPBELL (1949), e, ADLER (1963), BERNE (1972) ampliou o conceito de “script” de vida, cujos pressupostos teóricos foram publicados na obra **What do you say after you say hello?** Nela, “script” de vida é definido como um plano pré-consciente de vida estabelecido na infância, sob influências parentais, através do qual o indivíduo estrutura meses ou anos de sua vida de forma positiva, banal ou trágica.

BERNE (1972) diferencia os termos “script” e trajetória de vida. Define o primeiro como o que foi planejado na infância e, o segundo, como o que realmente acontece. A trajetória de vida é determinada por genes dos pais e circunstâncias externas.

Situações fatais, como doenças, acidentes, guerras e a opressão, limitam as escolhas no planejamento do “script”, tornando muitas vezes inevitável que a trajetória de vida seja trágica. Entretanto, apesar das fatalidades, a pessoa ainda poderá escolher e tomar decisões sobre o que fazer, como, por exemplo: suicidar-se, matar, deixar-se matar.

O autor descreve, ainda, as forças do destino como compostas por:

- uma programação parental diabólica, que ele chamou de demônio;
- uma programação parental construtiva ou *phisis*;
- forças externas ou destino propriamente dito;
- aspirações independentes, consideradas antigamente, privilégio dos deuses e reis.

Possivelmente, quando BERNE (1972) descreveu estas forças, já falava a respeito do “script” de vida e seus aparatos.

Assim como nos “scripts” teatrais, o “script” de vida é dividido em atos, contendo um prólogo, um clímax e um desfecho catastrófico ou construtivo, que o indivíduo leva a vida toda para cumprir.

A criança ao adotar um “script” de vida identifica-se com um herói mítico, escolhe um tema, um elenco de participantes e leva toda sua vida cumprindo um enredo.

Ao afirmar que a maior parte das pessoas passa a vida envolta na matriz do “script” define: “Matriz significa em latim ventre materno, e o script é a coisa mais próxima e confortável ao seu alcance depois que deixaram para sempre o ventre legítimo”.

Neste sentido, ele explica que as crianças escolhem um “script” para dar um propósito à vida, por ser uma forma aceitável de estruturar seu tempo e porque, na infância, a maior parte das atividades são feitas em função dos pais.

À medida que as pessoas crescem, os personagens e o cenário podem se modificar, enquanto que o enredo e os papéis permanecem os mesmos, sendo reencenados muitas vezes.

Em relação aos heróis míticos e ao modelo, o autor menciona as idéias de CAMPBELL (1949), quando este refere-se ao fato de que as pessoas seguem os padrões encontrados nos mitos e contos de fadas.

ADLER (1963) foi quem mais influenciou as idéias de BERNE (1972) sobre a teoria do “script”, ao citar que todo fenômeno psíquico só poderá ser apreendido se for considerado como uma preparação para uma meta e um plano de vida que permanecem no inconsciente.

O primeiro autor descreveu plano de vida como um “estilo de vida” construído pela criança antes de possuir linguagem e conceitos adequados. Tal “estilo de vida” dá origem ao protótipo da personalidade.

Todas as experiências são interpretadas e o mundo é visto de acordo com o significado original dado, pela criança, à vida. As pessoas reagem diferentemente diante das mesmas situações, o que mostra o “estilo de vida” delas. Não se trata de uma mera reação passiva, mas, sim, uma ação, uma manifestação criativa em direção a uma meta preestabelecida. As crianças nascem dotadas de uma força criativa e potencialidades próprias, seu desenvolvimento dependerá do uso que farão desta força.

Uma mesma influência tem efeitos diferentes sobre dois indivíduos, mostrando que eles atuam de forma própria sobre as influências, moldando-as ou adaptando-as, de acordo com o conceito que possuem de si próprios, refletindo seu “estilo de vida”.

ADLER (1963) mostra-nos uma visão de causalidade circular, salientando o valor da subjetividade na interpretação das experiências vividas. As influências ambientais não são impressas na criança como se esta fosse uma tábula rasa, mas são mastigadas, digeridas e metabolizadas antes de serem introjetadas.

A criança é única em suas respostas e em sua maneira de reagir, ou seja, duas crianças podem responder a determinadas experiências de maneiras diferentes. Esta unicidade é o que distingue uma criança da outra. A meta a ser atingida também é única, dependendo do significado que é dado a ela. Exemplificando, duas pessoas podem escolher a mesma profissão, porém, ela pode significar somente independência financeira para uma, para outra, pode significar também realização profissional. Este significado vai determinar como a pessoa vai se relacionar com a meta escolhida.

O “estilo de vida” é desenvolvido na infância precoce, com as vivências da criança através de seu corpo, das suas capacidades e limitações e com a experiência no meio ambiente. Não podemos prever como ela irá se sentir a respeito destas vivências. Mesmo as crianças que nascem com defeitos ou lesões físicas podem utilizar sua força criativa na superação de suas dificuldades, atingindo suas metas com sucesso. Quando o ambiente é extremamente prejudicial, podemos falar que as probabilidades de insucesso são grandes, porém, o resultado final dependerá da força criativa.

Quando conhecemos o movimento de uma pessoa, “seu estilo de vida”, podemos arriscar previsões sobre seu futuro. “Isso é como assistir o quinto ato de um drama, onde todos os mistérios estão resolvidos” (ADLER, 1963).

JUNG (1946) apresenta idéias semelhantes ao tratar de dois tipos psicológicos, o introvertido e o extrovertido, mostrando que cada um tem uma relação diferente com o objeto. O autor acredita numa disposição das pessoas que, quando em contato com o ambiente, modificam-no e são modificadas por ele, o que denomina adaptação.

O autor também admite a importância da influência parental, mas observa que crianças filhas de uma mesma mãe apresentam atitudes diferentes ainda em idade precoce. No caso de um ambiente razoavelmente normal, a disposição natural da criança é

respeitada, porém, no caso de uma ambiente dotado de pressões extremas e anormais, esta disposição pode ser ‘falsificada’, tornando assim mais tarde o indivíduo neurótico.

Podemos notar a forte influência de ADLER (1963) sobre as idéias de BERNE (1972) na construção do “script” de vida, com algumas excessões: este último não considera a capacidade criativa da criança em poder aceitar, rejeitar ou modificar as influências recebidas. Para ele, a criança recebe e introjeta mensagens *in totum*, assumindo crenças a seu respeito, a respeito dos outros e da vida. Baseada nestas crenças, ela toma decisões sobre como conduzir e como terminar sua vida.

Para BERNE (1972) as influências parentais são fortes, diretivas e determinísticas. Assim sendo, pode-se fazer previsões precisas a respeito de um curso de vida.

Embora o autor saliente sempre o caráter negativo do “script”, por considerá-lo produto de programação parental, classifica-o quanto ao desfecho em três possibilidades: vencedor, não ganhador e perdedor. Vencedor compreende as pessoas que se propõem uma meta e alcançam seus propósitos. Não ganhador abrange pessoas que quase atingem suas metas, ou seja, trabalham muito para consegui-las, porém, o máximo que obtêm no final é o empate. Perdedores são pessoas que não alcançam as metas a que se propuseram.

Sendo assim, com base nos elementos do “script” de uma pessoa, o terapeuta poderá intervir de maneira preventiva, evitando um desfecho negativo ou trágico.

### **1.3. DESENVOLVIMENTO DO SCRIPT**

#### **1.3.1. Influências pré-natais**

Segundo BERNE (1972), as potencialidades do ser humano são determinadas por herança genética, sendo que os padrões de comportamento são determinados pelo “imprinting” primitivo, brincadeiras infantis, imitação, treinamento parental, domesticação social e inventividade espontânea.

Sabe-se que os avós vivos ou mortos desempenham uma forte influência na vida dos netos. Observa-se esta influência no discurso de crianças que gostariam de ser como seus avós e em algumas mães que encorajam o filho homem a se parecer com o avô. Encontramos idéias semelhantes em CERVENY (1992, 1994), ao declarar que algumas influências provenientes dos avós podem não incidir sobre os filhos, mas, sim, sobre os netos.

Os avós são vistos com admiração ou temor. Mesmo que as pessoas não tenham conhecido seus avós, quando são inquiridas a respeito deles, respondem com orgulho, enxergando-os como insuperáveis, como *ideais* a serem imitados, ou com rivalidade, de acordo com as experiências pessoais vividas com eles.

O contexto de concepção também interfere no que os pais planejam para a criança, tendo que se levar em consideração se ela foi ou não desejada. Exemplificando, se a criança nascer após muitas tentativas e abortos naturais, poderá ser vista como um verdadeiro milagre, esta idéia possivelmente influenciará na maneira como os pais a tratarão.

Os filhos parecem seguir o “script” dos pais no que se refere à quantidade e intervalo entre os nascimentos. Considera-se que a ordem de nascimento determina o que é esperado do mais velho e do mais novo. No atendimento clínico pudemos observar algumas vezes, discursos em que o filho mais velho era criado pelos avós, no impedimento de o ser pelos pais, e o mais novo teria nascido para ‘ser dos pais’, já que o primeiro não tinha sido.

As condições de nascimento influenciam as fantasias que a criança possui e que podem afetar seu “script”. BERNE (1972) descreve dois tipos de “script” resultantes destas condições:

- O “script” da criança enjeitada trata-se das fantasias da criança sobre seus verdadeiros pais. Ela torna-se uma heroína por ter conseguido sobreviver, apesar da rejeição e abandono sofridos, ou carrega consigo a idéia de que não deveria ter nascido.

- O “script” da mãe dilacerada, no qual o filho traz o peso de ser a causa da doença ou morte da mãe, em decorrência do parto, e identifica-se como vilão.

Além destas circunstâncias, o autor descreve a importância da escolha do prenome como um indicativo da direção que os pais desejam que o filho siga, ou seja, ao ter o prenome do avô ou do próprio pai, o filho já possui uma expectativa a ser cumprida, que é a de ser como o pai ou como o avô. Por outro lado, os prenomes podem ser escolhidos pelo significado que possuem para os pais. Como, por exemplo, podem ser escolhidos nomes de santos, devido a promessas ou no desejo de que o filho seja tão puro quanto a figura santificada.

A importância das influências precoces na vida da criança foi apontada também no trabalho de PRADO (1991), ao declarar que, mesmo antes de nascer a criança, já é objeto de projetos, fantasias e atributos, os quais podem ser expressos no nome escolhido para ela, identificando-a, muitas vezes, com um antepassado.

### **1.3.2. A infância**

Segundo BERNE (1972), a criança é submetida à uma “programação parental”, que pode ser abordada do ponto de vista fisiológico e fenomenológico. Fisiologicamente, programar significa estabelecer um caminho a ser seguido e que este contenha menores obstáculos. Fenomenologicamente, significa que diretivas parentais são gravadas como ‘vozes na cabeça’ e que as respostas dadas pela criança são determinadas por estas diretivas.

Nos dois primeiros anos, a criança é “programada” especificamente pela mãe. Através da observação, ela pode se certificar da satisfação ou insatisfação da mãe quando faz ou não algo. A programação, inicialmente, é feita mais pelo contato físico do que pelo verbal, constituindo-se no esboço primal do “script”. São poucas as pessoas que se recordam deste período.

Dos dois aos seis anos, o desenvolvimento do “script” ocorre em paralelo com o Complexo de Édipo, quando a “programação parental” determina como os impulsos são expressados e que tipo de restrições são impostas. Neste sentido, a criança natural e espontânea deve ser dominada.

BERNE (1972) acredita que a criança ama seus pais e que a principal finalidade de sua vida é agradá-los, por isto procura saber o que esperam dela. Os desejos dos pais são como comandos a serem seguidos e, mesmo com a morte de um ou de ambos, a criança pode não se sentir liberada a desobedecê-los. Além disso, por necessidade de proteção e sobrevivência, a criança procura evitar comportamentos não-adaptativos ou respostas que não lhe trazem bons resultados.

Durante os primeiros anos de vida, o ambiente em que a criança vive está restrito a sua casa e ao contato com pessoas mais próximas, como pais e (ou) avós e outros dos quais depende totalmente para sua sobrevivência física e psicológica. Estas pessoas constituem-se modelos através dos quais a criança passa a ter uma imagem de si mesma. BERNE (1972) acredita que a decisão de “script” ocorre ao final desta fase.

### **1.3.3. O fim da infância**

Entre os seis e os dez anos de idade a criança sai do círculo familiar e começa a se perguntar o que acontece com uma pessoa igual a ela. A matriz do “script” ajusta-se, então, a um herói e ao observar a trilha deste. O herói surge em histórias que a criança lê ou que lhe são contadas por pessoas significativas. Elas fornecem o arcabouço que auxilia na formação do plano de vida.

Acredita-se que, quando a criança planeja sua vida, segue o tema de sua história favorita. Nestas histórias encontra: um herói que gostaria de ser; alguém que justifica o que é; um esquema que lhe permite mudar de um plano para outro; um elenco de personagens que motiva a mudança e um conjunto de padrões éticos que justificam seus bons e maus sentimentos.

Ainda durante este período a criança decide quais sentimentos terá e quais expressará.

Observa, dentro da família, que alguns sentimentos são desaprovados ou não-estimulados, enquanto que outros são aceitos ou incentivados (BERNE, 1972, BYNG-HALL, 1995).

Os sentimentos favoritos, aprendidos com os pais, BERNE (1972) denominou de “disfarces”. Estes, substituem os sentimentos autênticos, não-favoritos ou desaprovados, sempre que uma situação específica assim exigir. Embora estes sentimentos sejam aprendidos, são sentidos pela pessoa adulta como naturais e autênticos.

BERNE (1972) aborda, ainda, as ilusões que as crianças desenvolvem e que são ligadas a pensamentos mágicos de que ‘se eu me comportar direitinho, seguir as regras, um dia o Papai Noel virá, e assim conseguirei tudo o que eu desejo’. A esperança de ganhos e realizações futuras justifica, então, a submissão e adaptação. No fim da infância algumas destas ilusões são submetidas ao teste de realidade, quando a criança compara-se, compara sua família e seus valores aos de seus amiguinhos. Parte, então, das ilusões são abandonadas, embora nem sempre todas. É como se a criança descobrisse, de repente, que o Papai Noel não existe. Talvez algumas pessoas ainda conservem na idade adulta algumas ilusões, recusando-se a abandoná-las por não quererem enfrentar a realidade que lhes parece muito difícil.

#### **1.3.4. Adolescência**

‘O ensaio do espetáculo antes da sua apresentação’.

Nesta fase os heróis são substituídos por figuras reais vivas ou mortas. Os adolescentes recebem apelidos que demonstram como os outros os vêem. Recebem dos professores e colegas a permissão para expressar outros sentimentos além dos encorajados ou reprovados em casa.

Gradualmente, afastam-se da família e adaptam seu “script” ao ambiente social, tornando-o mais apresentável. Através do conhecimento das várias facetas de seus pais, descobrem coerências ou incoerências entre o que dizem e o que fazem, e, assim, passam a questioná-los, exigindo um posicionamento.

Tornam-se mais conscientes de suas reações corporais. Trata-se de um ensaio; portanto, demonstram atitudes instáveis e mudanças frequentes. É a oportunidade que têm de mudar do fracasso para o sucesso.

A adolescência é o período e a oportunidade de fazer uma escolha autônoma; acomodar-se, seguindo os preceitos parentais; ou, até mesmo, rebelar-se, fazendo o contrário do que aprendeu. Este fazer o contrário, para o adolescente, pode significar estar se ‘libertando’ dos preceitos parentais. Porém, é como se ele seguisse o lado oposto de um cartão perfurado, ou seja, a programação permanece. Entendemos que quando BERNE (1972) refere-se à escolha autônoma, quer dizer a escolha consciente do que é melhor para o indivíduo e do que corresponde aos seus desejos mais genuínos, independentemente se está de acordo com os preceitos parentais ou não.

Não se trata de ‘jogar no lixo’ tudo o que se recebeu, mas selecionar, entre as mensagens recebidas, aquelas que pareçam positivas e saudáveis.

## **1.4. OS APARATOS E A TRANSMISSÃO DO SCRIPT**

### **1.4.1. Os aparatos**

Nas histórias e contos, a programação é feita por gigantes, feiticeiras e fadas, enquanto que, na vida real estes personagens correspondem aos progenitores ou pessoas que ocuparam o papel destes. Os aparatos do “script” são os mesmos encontrados nos contos de fada, constituindo mensagens, transmitidas às crianças, sobre como devem se comportar, pensar e sentir. Estas mensagens chegam através de proibições, atribuições, modelos, atitudes verbais ou físicas.

Quanto menos idade possui uma criança, menos condições terá de contestar as mensagens recebidas, embora cada uma possua um temperamento peculiar. Desta forma, podemos dizer que as mensagens não-verbais serão absorvidas com mais facilidade do que as verbais, dadas tardiamente e quando a capacidade cognitiva da criança está mais desenvolvida.

Estas mensagens que compõem o “script” foram classificadas por BERNE (1972) da seguinte forma:

- **Maldições ou desfecho:** são declarações feitas aos filhos acerca do desfecho do “script”, ou seja, sobre como acabarão suas vidas. Na história de “A bela adormecida”, a bruxa lançou a maldição de que o reino todo adormeceria durante cem anos. Como exemplo real, temos um pai ou mãe dizendo ao filho: “Você vai acabar como seu avô, sozinho e no hospício!” ou “você nunca vai conseguir nada na vida”. O desfecho ou maldição somente terá efeito se aceito pela criança como verdade.
- **Injunções ou freador:** são mensagens proibitivas, geralmente não-verbais e que vão contra o potencial livre e espontâneo da criança. De forma geral invalidam sentimentos, pensamentos e ações da criança. Pensar pela criança ou impedi-la de fazer algo para o qual tenha maturidade e habilidade, seja por superproteção, seja por repressão, são formas de transmitir injunções do tipo “não pense e não faça”. A mensagem mais danosa, denominada “não-vivas” pode ser transmitida de maneira verbal (“Você não deveria ter nascido”) ou não-verbal, negligenciando as necessidades da criança, abandonando-a ou violentando-a. As injunções são consideradas por BERNE (1972) as mensagens de maior importância, por serem transmitidas na infância precoce. Para que uma injunção seja introjetada pela criança, deve ser repetida com frequência e as transgressões devem ser punidas. Excepcionalmente, dependendo da intensidade traumática, uma injunção, mesmo ocorrendo uma única vez, poderá ser gravada para sempre.

- Provocações ou “come on”: são mensagens que encorajam pensamentos e comportamentos destrutivos ou autodestrutivos, conduzindo ao desfecho negativo do “script”. Estas mensagens são passadas através de risos ou convites do tipo: “Vamos, tome mais um trago” ou, ainda, desafios: “Quero ver se você é homem mesmo!”. As provocações são um convite para tornar o indivíduo um perdedor na vida; elas podem vir através do sedutor ‘canto da sereia’, da chacota e dos desafios.
- Anti-“script” ou liberação: é a mensagem condicional que traz a maneira de libertar-se da maldição e suspender a injunção, para que se possa fazer aspirações autônomas. Pode estar centrada em acontecimentos ou no tempo. Ex: “Você poderá escolher uma profissão depois que criar seus filhos”; “você poderá trabalhar menos se tiver um infarto”. Nem sempre é transmitida verbalmente, podendo ser através de modelos de atuação. Esta mensagem constitui-se no quebra-encanto da feitiçaria e da magia. Na história de “A bela adormecida” o encanto seria quebrado se aparecesse um príncipe que a despertasse com um beijo. Em “A bela e a fera”, o quebra-encanto da maldição realiza-se quando um beijo da “bela” faz com que a “fera” volte a ser o príncipe. Observamos, no trabalho clínico, que nem sempre o paciente está consciente de sua liberação interna, mas, quando ela ocorre, ele permite-se tomar decisões ou realizar antigos desejos.
- Contra-“script” ou prescrição: são mensagens socialmente aceitas e feitas afirmativamente, sob a forma de preceitos morais do tipo: “você tem que se virar sozinho!”, “Se você tirou dez na prova não fez mais que a obrigação”. Estas mensagens, denominadas compulsões, são geralmente verbais e transmitidas durante a adolescência. Diferentemente das injunções, são aconselhadoras e trazem embutido o desejo natural e protetor dos pais de verem os filhos bem sucedidos e felizes, de acordo com a visão que os primeiros possuem da vida. Aparentemente é uma condição para libertar-se do “script”, porém conduz, igualmente, ao desfecho.

- Programa ou padrão: é um modelo que a criança observa e que traz instruções sobre o que ela deverá fazer para levar adiante seu “script”. É fornecido pelo progenitor do mesmo sexo, mediante modelo de comportamento. Ex.: vestir-se e ser uma dama como a mãe ou aprender a fazer trapaças como o pai.
- Demônio: são ímpetos ou impulsos que surgem de repente ‘para por tudo a perder’ e correspondem às camadas mais arcaicas da personalidade. Como exemplo, apontamos o caso de uma pessoa que se propõe a um regime de emagrecimento e, quando tudo está correndo bem, uma força incontrolável a faz ‘assaltar’ a geladeira. Essa força leva a pessoa de volta às mensagens proibitivas. BERNE (1972) faz referência ao mito de Sísifo<sup>3</sup> como demônio, aquele que surge para fazer perder tudo o que foi conseguido. Este autor refere-se igualmente ao processo de “compulsão à repetição” descrito por FREUD (1920) como sendo aparentemente uma força demoníaca em ação, agindo contra o princípio do prazer.

As injunções são fornecidas pelo genitor do sexo oposto, enquanto que o programa é dado pelo genitor do mesmo sexo. Considerando-se três gerações, já que os controles do “script” são transmitidos aos filhos pelo progenitor do sexo oposto, possivelmente são transmitidos pelo avô do mesmo sexo.

A maldição, a injunção, a provocação e a liberação controlam o desfecho do “script”, enquanto que o contra-“script” e o programa determinam o estilo de vida da pessoa.

BERNE (1972) salientou os aspectos negativos das mensagens do “script” e como ele mesmo mencionou, os terapeutas sabem muito mais acerca dos maus “scripts” do que dos bons. Ele dedicou um pequeno espaço em sua última obra para abordar as permissões.

Estas são definidas como a licença para se fazer algo, tal licença pode ou não ser utilizada. Ela é contrária à injunção, que deve ser sempre obedecida. A permissão dá o direito de se utilizar os potenciais disponíveis.

---

<sup>3</sup> Sísifo foi condenado a empurrar uma pedra até o alto de uma montanha, deixá-la rolar abaixo e empurrá-la novamente para cima.

Embora a criança possa ter o potencial para ser bem sucedida ou bonita, é preciso haver uma permissão parental para isto. BERNE (1972) considera que a criança aprende com os pais não só a reprimir seu potencial espontâneo, mas também a como desenvolvê-lo. Para que uma criança seja bem sucedida no futuro, deve aprender com alguém como é isso. Seguindo tal linha de raciocínio, os pais que não possuem determinadas permissões para si próprios não as transmitirão para os filhos, salvo se tomarem consciência de seus potenciais não assumidos e efetuarem um processo de mudança.

O autor considera como permissões mais importantes a licença para amar, mudar e fazer as coisas bem feitas. Para ele, todas as pessoas são programadas em certa medida e quanto mais permissões elas tiverem, menos atada estarão ao “script”. Considera que as pessoas vencedoras possuem uma benção que substitui a maldição; que as injunções sejam adaptativas e que a provocação seja positiva. Desta forma, os controles do “script” seriam benevolentes.

BERNE (1972) distingue dois tipos de pessoas presas ao script:

- aquelas que possuem permissões, porém devem cumprir antes as exigências do “script”;
- as que possuem poucas permissões e devem passar a vida cumprindo as diretivas do “script”.

Para que ocorra a transmissão das mensagens do “script”, a criança deve aceitá-las e os pais devem desejar passá-las adiante. De acordo com este pensamento, as mensagens não são introjetadas incondicionalmente e os pais podem escolher o que querem ou não transmitir.

Apesar de postular que os destinos são em grande parte pré-determinados, e que a decisão autônoma é uma ilusão, o autor admite que o aparato do “script” pode e é continuamente modificado por influências externas, bem como por injunções fornecidas por outras pessoas.

Observamos nos relatos deste autor que ora há um determinismo explícito, ora ele admite possibilidades de escolhas ou modificações das mensagens recebidas. A impressão que nos deixa tais relatos é a de que tanto os pais quanto os filhos têm possibilidades de escolher quais tipos de mensagens serão transmitidas e aceitas, mas, inevitavelmente, a programação existe na maioria das vezes em prejuízo da criança e, uma vez escolhido o “script”, ela estará destinada a cumpri-lo.

GOULDING & GOULDING (1979), ao tratar das mensagens introjetadas, discordam de BERNE (1972), acreditando que a criança tem o poder de interpretar as mensagens recebidas, aceitando-as ou não, embora, nem sempre a interpretação feita corresponde à realidade. Em acréscimo ao trabalho do segundo autor, os primeiros elaboraram um conjunto de categorias sintetizando a maior parte das injunções que podem ser transmitidas:

- Não - é dada por pais fóbicos, que não dão informações às crianças de como solucionar problemas, impedindo-as de ter um desenvolvimento psicomotor natural e fazer algumas atividades normais, tais como subir escadas, andar de patins, etc.
- Não seja ou não exista - é a mais dramática das mensagens e traz consigo a rejeição ao nascimento da criança. Pode ser transmitida de forma mais drástica: “eu não queria que você nascesse” ou mais sutil: “se não fosse por você eu teria estudado e me formado”. Esta mensagem pode ser gravada também pela brutalidade ou indiferença. Muitas vezes a criança ouve fatos relacionados ao seu nascimento ditos sendo algo que causou danos ou transtornos à família ou, até mesmo, causou a morte da mãe no parto.
- Não se aproxime, não confie ou não ame - esta mensagem desencoraja a aproximação da criança. É transmitida por pais que evitam carícias e toques físicos ou que não estão presentes fisicamente. É também interpretada pela criança no caso de acidente, morte ou separação dos pais.

- Não seja importante - são mensagens que depreciam as necessidades da criança, desvalorizando o que faz ou diz. Geralmente é transmitida por pais competitivos. Ex: “Isso não é para o seu bico” ou “deixe de ser exibida”.
- Não seja criança - é transmitida por pais que apressam o crescimento da criança, atribuindo-lhe tarefas de pessoas adultas ou exigindo que se comporte como tal, estimulando-a e tornando-a ‘homenzinho ou mocinha’. Geralmente é dada aos filhos mais velhos, com a incumbência de cuidarem dos irmãos mais novos. Podemos observar casos como este em famílias em que a situação financeira é muito precária e as crianças não têm tempo para brincadeiras ou divertimentos, pois têm que trabalhar para ajudar no sustento da família. Com frequência os noticiários divulgam casos sobre a exploração do trabalho infantil.
- Não cresça - Inclui as injunções “não cresça além da infância”, “não cresça além de certa idade”, “não pense”, “não seja sexual” e “não me abandone”. Muitas vezes são transmitidas pela mãe ao último filho ou por um pai à filha pré-adolescente. Têm o objetivo de impedir o crescimento psicológico, a maturidade e a autonomia. Pode ser manifestada pelos pais através de atitudes superprotetoras e comentários do tipo “você é muito jovem para fazer isso”.
- Não faça ou não seja bem sucedido - é transmitida pelos pais em relação ao trabalho dos filhos, através de críticas constantes exigindo perfeccionismo da criança e não valorizando as vitórias adequadas à idade dela. São comentários do tipo: “Você nunca faz nada direito”, por trás dos quais existe um ciúme inconsciente dos pais em relação ao sucesso dos filhos.
- Não seja você - (não seja do seu sexo) envolve uma discriminação sexual por parte dos pais ao não aceitar a criança como menino ou menina.
- Não esteja bem ou não seja sadio - é transmitida por pais que dão carinho às crianças somente quando estão doentes, não o fazendo quando elas estão sãs. A criança aprende a manipular o ambiente através da doença. Em algumas famílias em que o relacionamento é muito disfuncional, há necessidade de que um dos filhos seja doente, ou o “paciente identificado”, ocultando, assim, a ‘doença’ da família.

- Não pertença - é transmitida por pais que têm dificuldade na socialização, estabelecimento de vínculos familiares com as pessoas da cidade ou país em que vivem. Neste caso as fronteiras familiares são impermeáveis, dificultando o relacionamento interpessoal.
- Não pense o que você pensa, pense o que eu penso - são injunções dadas de modo a não respeitar as opiniões do outro e a impor o que deve ou não ser pensado.
- Não sinta, não sinta determinado sentimento, sinta o que eu sinto - estas injunções restringem o sentimento autêntico e a expressão destes, impondo o que deve ou não ser sentido e quando.

Da maneira como este conjunto de categorias é feito, parece que a transmissão das injunções ocorre além do período verbal e que algumas são interpretadas pelas crianças, baseadas em fatalidades, sem que tenha havido intencionalidade dos pais.

Outras, ainda, não são transmitidas diretamente pelos pais, mas pelos comentários que a criança ouve sobre seus pais ou sobre situações ocorridas, nas quais ela esteve envolvida.

KAHLER (1977) sintetizou os compulsos do contra-“script” em cinco categorias básicas, consideradas, por ele, a porta de entrada das injunções do “script”, sendo, aqueles primeiros considerados negativos:

- Apressa-te mais - as pessoas, quando atuam sob este compulsor, fazem tudo de imediato, falam rapidamente, interrompem e apressam os outros. São ansiosas e não tomam o tempo que necessitam para realizar o que precisam.
- Seja perfeito - as pessoas com este compulsor são perfeccionistas consigo e com os outros, geralmente se apegam a detalhes e minúcias, não valorizando as pequenas vitórias. Num grau mais profundo, podem chegar à obsessão.
- Esforça-te mais - para estas pessoas o importante não é atingir a meta, mas, sim, esforçar-se sempre. Possuem dificuldade em ser objetivas e de responder diretamente às perguntas que lhes são feitas. Assumem mais compromissos do que realmente podem cumprir, não estabelecem prioridades e, conseqüentemente, deixam coisas por fazer.

- Seja forte – pessoas sob este compulsor não conseguem expressar as emoções com naturalidade e, muitas vezes, não conseguem sentir. Convivem com as idéias de que devem ser fortes e de que mostrar sentimentos é sinal de fraqueza. Por uma questão cultural, acredita-se que este tipo de compulsor seja transmitido mais aos meninos do que às meninas.
- Agrade sempre – a criança aprende que para ser aceita precisa agradar ao outro de várias formas, não dizendo *não*, fazendo o que o outro espera e investindo na aprovação alheia. Com isto, abre mão de suas necessidades em favor do outro. Em contrapartida, sempre espera que o outro o agrade e faça o mesmo, o que nem sempre acontece. Também por uma questão cultural, as meninas parecem ser ‘mais vítimas’ deste tipo de compulsor.

Os compulsos são formas socialmente aceitáveis de atuação, utilizados com a finalidade de obter reconhecimento e escapar às injunções. Entretanto, de acordo com a abordagem exposta, os resultados não são positivos para quem os possui, uma vez que são esquemas rígidos, exacerbados, que desconsideram as necessidades individuais. Constituem-se mecanismos de defesa, protegendo as pessoas do contato com sentimentos internos de fragilidade, fracasso, solidão e medo.

HOLLOWAY (1973) acrescentou um outro elemento aos aparatos do “script”, denominando-o válvula de escape. Este autor afirmou que a criança, ao obedecer às injunções, decide não ser quem ela gostaria de ser, por uma questão de sobrevivência. Ao fazer isto, a criança escolhe uma válvula de escape, que é uma saída alternativa trágica, que ela pode utilizar quando a situação tornar-se extremamente insuportável. Esta alternativa pode ser: suicidar-se, matar alguém ou ficar louco. Para este autor, a injunção proíbe a manifestação de um processo natural de vida e, ao obedecê-la, a criança decide que viver é mais importante do que o seu próprio potencial.

### 1.4.2. A matriz do script

STEINER (1971, 1972), desenvolveu a primeira matriz do “script” e do contra-“script”, aperfeiçoando o esquema primitivo apresentado por BERNE (1961). Esta matriz é um diagrama que mostra as diretivas parentais básicas do “script”. Nela foi estabelecida a existência de três canais de comunicação, através dos quais são transmitidas as mensagens de “script”:

- Entre o estado de ego Pai dos pais e o estado de ego Pai da criança, por este canal são transmitidas mensagens do contra-“script”, elas são convencionalmente aceitas e dizem o que a criança deve fazer.
- Entre o estado de ego Adulto do progenitor do mesmo sexo e o estado de ego Adulto do filho; por este canal transmite-se como as coisas deverão ser feitas.
- Entre o estado de ego Criança de ambos os progenitores e o estado de ego Criança do filho; por este canal é transmitido o que realmente os pais querem que seus filhos façam, são usadas injunções e atribuições não declaradas abertamente, geralmente rejeitadas pelos pais.

A figura abaixo mostra um exemplo de matriz de “script”, com a representação do estado de ego Criança numa análise de segunda ordem. Na matriz estão especificados os estados de ego Pai, Adulto e Criança em suas formas primitivas, e relativos ao período pré-Edipiano e não-verbal.

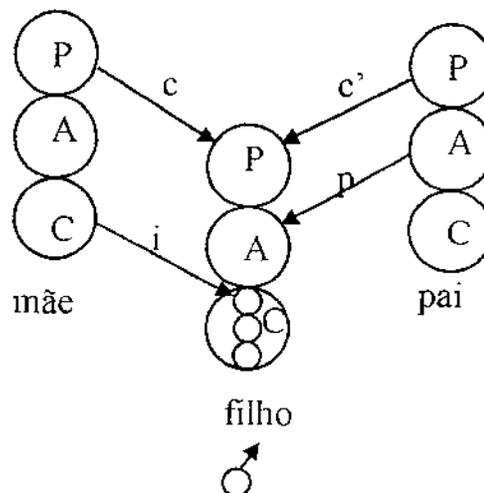


Fig. 5

i: Injunções: “Não pense, não me abandone”.

c: contra-“script”: “Está na hora de se virar sozinho, precisa se esforçar mais.”

c’: contra-“script”: “Faça o que quiser”.

p: programa: “Devagar e sempre, sem se aprofundar em sentimentos”.

Assim como BERNE (1972), STEINER (1974) acredita que as principais injunções tendem a ser transmitidas pelo progenitor do sexo oposto ao filho, refletindo os temores, desejos e raiva da Criança do pai ou da mãe. As injunções também variam quanto ao seu alcance e área e malignidade.

Este segundo autor ressalta, ainda, a existência da ‘magia boa’, mensagens protetoras provenientes do estado de ego Pai Protetor dos pais, e que transmitem encorajamento, inteligência, bondade, beleza, saúde, etc. Estas mensagens constituem o contra-“script”, que, segundo o autor é pós-edipiano, verbal e consciente.

É apresentada a idéia de que as pessoas são treinadas para dois diferentes tipos de “script”, denominados de trágicos e banais.

Os “scripts” de vida trágicos são aqueles cujos desfechos são dramáticos, classificados em três tipos:

- Falta de Amor: resultado de injunções que controlam a troca de afeto entre as pessoas, pode ter como consequência a depressão e, até mesmo, o suicídio.
- Falta de Cabeça: resulta de injunções que desqualificam sentimentos, pensamentos e ações das crianças, podendo levá-las a um desfecho de confusão mental e loucura.
- Falta de Alegria: resulta de injunções que reprimem a livre expressão emocional e do prazer das crianças, podendo ter como consequência o uso abusivo de drogas e álcool.

Os “scripts” banais compreendem os papéis sexuais atribuídos ao homem e à mulher, são estilos de vida estereotipados que se complementam. O desfecho deste tipo de script pode ser melodramático, mas não dramático.

Diferentemente de BERNE (1972), STEINER (1974) acredita que a escolha do “script” pode ocorrer antes ou durante a adolescência. Quando se trata de um “script” trágico, a decisão é tomada mais precocemente, antes da adolescência, devido às fortes pressões a que a criança foi submetida.

### **1.5. IDÉIAS DE OUTROS AUTORES SOBRE “SCRIPT”**

HOLLOWAY (1977) abordou o “script” relacionando o comportamento da criança à patologia dos pais. De acordo com ele, as injunções são dadas pelos pais em resposta a um comportamento da criança, o qual evoca um conflito intrapsíquico não-resolucido dos progenitores. O conflito, então, é trazido à tona e intensificado, dificultando uma resposta adequada dos pais às necessidades da criança.

O autor afirma, ainda, que as injunções nunca podem ser determinadas por observadores de fora, mas sim pelas conclusões da pessoa que as recebeu. Esta, por sua vez, só pode identificar as injunções a partir da revivência de acontecimentos passados.

A intensidade e amplitude das injunções são determinadas pelo comportamento da criança, ou seja, quanto mais ela ‘provocar’ mais intensa ou freqüente será a resposta dos pais. Existem crianças que procuram se adaptar rapidamente ao perceberem que ‘fazem’ os pais sentirem-se mal com determinado comportamento. GOULDING (1972) já tinha afirmado que a decisão precoce que dá origem à formação do script foi feita em resposta ao “stress” e como alternativa de se conseguir afeto.

Contrário a BERNE (1972) e STEINER (1974), HOLLOWAY (1977) acredita que as injunções, atribuições e o programa podem se originar de ambos os progenitores, sendo complementares ou discrepantes. A partir daí a criança sintetiza o conjunto de mensagens recebidas, encaixando-as na visão de mundo que possui.

A injunção parece ser uma conclusão a que uma criança sob tensões chega, com a determinação de sobreviver. A injunção é uma forma de dizer à criança para que ela não seja tudo aquilo que é capaz, ou, “não seja você”.

ERSKINE (1980) surge com idéias semelhantes às de HOLLOWAY (1977) no que se refere à inibição do potencial espontâneo da criança. O primeiro autor define “script” como “um plano de vida baseado em decisões feitas em qualquer estágio do desenvolvimento que inibe a espontaneidade e limita a flexibilidade na resolução de problemas e no relacionamento com outras pessoas”.

O “script” é, portanto, sempre restritivo e inibidor. A cura para o “script” acontece quando as pessoas estão livres para fazer escolhas desprovidas de idéias preconcebidas e para resolver problemas. Observamos que ERSKINE (1980) também considera o “script” negativo, porém discorda de BERNE (1972) quanto ao momento de decisão.

O primeiro aborda o componente somático que acompanha a decisão pelo “script”, afirmando que reações corporais de defesa muscular e (ou) química ocorrem durante situações traumáticas experienciadas pela criança como ameaçadoras, permanecendo fixadas. O que ocorre é um “fechamento” fisiológico da necessidade não satisfeita. Estas reações somáticas apresentam-se na vida adulta como um sinal do “script”. Esta idéia já tinha sido apresentada por STEINER (1974). Não pretendemos aprofundar a exposição sobre este aspecto, já que seriam necessários outros referenciais da medicina psicossomática e este não é nosso objetivo no momento.

ERSKINE & MOURSUND (1988) acrescentaram que o “script” de vida é o resultado de distorções de contato entre o indivíduo e o mundo externo, ou seja, quando a criança envolve-se num processo de contato saudável, suas necessidades emergem e ela busca satisfazê-las. Quando as necessidades são satisfeitas, a criança move-se a outras

experiências. Porém, quando elas não são atendidas, a experiência não é concluída naturalmente e, sim, artificialmente. Esta conclusão substancia as reações infantis e origina as decisões, que se tornam fixadas como mecanismos de defesa.

O “script” pode ser estabelecido através do mecanismo de defesa de introjeção e (ou) das decisões infantis. Pela introjeção, a criança internaliza a imagem das figuras parentais, incluindo emoções, pensamentos, crenças, comportamentos e estilo de perceber o mundo.

Pelas decisões, a criança tenta entender e explicar as próprias experiências e necessidades não atendidas, assumindo conclusões sobre si mesma, sobre os outros e sobre a qualidade de vida dela.

As decisões de “script” podem vir da interação da criança com pessoas reais, bem como com aquelas fantasiadas ou idealizadas. As decisões, uma vez tomadas, parecem à criança a melhor forma de lidar com as circunstâncias e solucionar os problemas imediatos.

Numa pessoa adulta o “script” de vida é mantido com o objetivo de evitar reexperienciar necessidades não atendidas e sentimentos desagradáveis. Também é uma forma de controlar o futuro, ou seja, ter um modelo preditivo de vida e de relacionamentos interpessoais. Assim, apesar de destrutivo, o “script” produz homeostase psicológica.

ERSKINE & MOURSUND (1988), então, definiram: “O script de vida é um plano autoprotetor que emerge de introjeções, reações de sobrevivência, e decisões da infância; é uma série de defesas fixadas que evitam que sentimentos e necessidades da infância não atendidos tornem-se conscientes” .

Segundo estes autores o “script” de vida torna-se, então, “um sistema auto-reforçador de sentimentos, pensamentos, e ações.” Sua exibição inclui comportamentos, sentimentos e fantasias que tornam-se experiências reforçadoras. Tais experiências validam as crenças e justificam os comportamentos de exibição do “script”, já as memórias que contrariam as crenças são rejeitadas.

MASSEY (1989) apresentou a idéia de que o “script” desenvolve-se no contexto interpessoal, interligado, complementar e recíproco. Quando os indivíduos permanecem envolvidos no sistema emocional da família nuclear, permanecem presos ao “script” ditado pela família. Aqueles que conseguem se diferenciar dos processos de projeção familiar vivem seu “script” de forma criativa ou curam-se do “script” considerado danoso.

Sob o ponto de vista deste autor, as pessoas continuam se desenvolvendo e evoluindo através dos ciclos familiar e individual, reciclando etapas do desenvolvimento. O autor propõe a existência de dois níveis de “script”:

- O contexto da dinâmica individual, relacionado às crenças e experiências internas, que dão origem ao “script”;
- O contexto interpessoal, ligado às transações observáveis decorrentes do “script”.

Neste segundo contexto, o autor admite que as influências externas podem ser rejeitadas ou internalizadas como “introjetos, imitações ou identificações”.

Ele sugere, ainda, que o indivíduo procura outras pessoas, fora do ambiente familiar, com quem possa interagir, que atuem nos papéis do “script” e, também, das quais receba influências. Estes papéis são desempenhados como complementares por pessoas significativas, estabelecendo, assim, a interligação de “scripts”.

O “script” é, então, resultado de múltiplas influências, que são recíprocas, não limitadas ao contexto familiar de injunções, modelos e contra-injunções, ou seja, envolve o contexto social e transacional ‘o outro transaciona comigo na medida em que eu permito e do significado que dou à esta pessoa, assim como eu transaciono com o outro na medida em que ele permite’.

O “script” inclui várias influências do grupo ao qual o indivíduo pertence, não estando restrito à tríade pais-criança. A autopercepção pode ser modificada pela interação com vários outros significantes, permitindo, assim, a ‘mudança e a adaptabilidade’.

ENGLISH (1977) discorda da visão negativa de BERNE (1972) sobre “scripts” e fala da importância destes como uma estruturação de vida pré-estabelecida que atenda à necessidade de segurança. Comenta, ainda, sobre a capacidade criativa das pessoas de acrescentar e (ou) encontrar alternativas positivas de vida, o que ocorre principalmente durante a adolescência.

ENGLISH (1988), ao abordar as influências precoces, admite que estas podem ter impacto sobre o desenvolvimento da saúde ou da patologia da criança, assim como na formação do caráter e da visão de futuro. Entretanto, ele diz que a resiliência da criança não pode ser subestimada num simples condicionamento.

Esta autora afirma que muitas pessoas, apesar das experiências difíceis e até trágicas vividas na infância, conseguem transformar tais experiências e criar atitudes saudáveis diante da vida. Todos nascem com instinto de sobrevivência e desenvolvem habilidades e recursos necessários para tal fim. A autora chama a isto “conclusões de sobrevivência” e faz um paralelo com os processos de “assimilação e acomodação” descritos por PIAGET (1964).

Neste sentido, as pessoas integram as experiências ambientais com o que já conhecem, modificam pensamentos e comportamentos, tirando conclusões de sobrevivência para se ajustarem ao ambiente. Tais conclusões podem ser estabelecidas em qualquer estágio do desenvolvimento, inclusive na vida adulta.

Muitas conclusões são benéficas, principalmente para a socialização, outras, porém, são disfuncionais e transformam-se em síndromes, tais como fobias, ansiedades, compulsões, etc.

ENGLISH (1988) considera o “script” benéfico, na medida em que é uma estrutura de suporte organizada na infância e que permite várias opções antes de ser estabelecido.

A escolha de mitos e histórias não significa uma pré-destruição, já que uma mesma história pode ter várias direções, assim como um diretor pode direcionar o enredo de um filme para diferentes finais. O “script” de vida torna-se, então não um enredo fixo,

mas algo próximo ao teatro improvisado, refletindo em diferentes áreas de interesse e prioridade, com resultados positivos ou negativos.

A definição de “script” é assim proposta “(...) contém elementos genéticos e padrões relacionados a experiências passadas, fantasias e crenças que são entrelaçadas na construção de uma história mitológica pessoal com muitas variações possíveis”.

BYNG-HALL (1995), em sua abordagem sobre “script” familiar, declara que a antecipação dos efeitos de uma ação é um motivo para se iniciar um “script”. As crianças passam muito tempo como observadores do que acontece entre as pessoas de sua família, como os outros vêem o que ocorre e que atitude tomam diante da situação. “(...) a criança calça os sapatos da pessoa que está em ação ou da pessoa sobre a qual a ação ocorre, e imagina como é estar naquele papel naquele momento particular”. Dessa forma aprendem a “antecipar as respostas características das outras pessoas, observando como cada um reage nos cenários da família”.

A criança aprende, ainda, a encontrar um ponto de congruência entre o que ela experiêcia por si mesma e as expectativas parentais, como uma forma de adaptação.

BYNG-HALL (1995) concorda com ENGLISH (1988), ao destacar que um dos motivos que levam o indivíduo a se engajar no “script” é a busca pelo sentimento de segurança, ou menos insegurança. O primeiro autor acrescenta que os relacionamentos repetitivos propiciam segurança, devido à possibilidade de predição que oferecem sobre o que vai acontecer num futuro próximo e pela economia de energia psíquica que trazem.

Ainda segundo BYNG-HALL (1995), outras pessoas que se engajam no “script” parecem colecionar ‘débitos’ que devem ser saldados e, portanto, elas agem de acordo com as expectativas. Estes ‘débitos’ referem-se aos cuidados recebidos das figuras parentais, ou, ainda, aqueles contraídos por outras pessoas. Podemos exemplificar, citando famílias em que o filho cumpre alguns papéis não assumidos pelo pai, tais como, prover segurança e educar, tendo, ainda, como apoio, a concordância e respeito da mãe. Esta situação modifica sensivelmente a hierarquia familiar.

Entretanto, o fato de papéis serem atribuídos às crianças, na espera que elas os desempenhem, não significa que obrigatoriamente elas os aceitem, mas que podem, sim, criar outras maneiras diferentes e positivas de atuar. Isto seria semelhante a afirmar que, dentro de um certo limite, elas podem fazer escolhas.

Existem críticas a respeito da teoria do “script” como teoria do desenvolvimento, pela concisão e dificuldade de predição, já que se considera que o indivíduo pode escolher e decidir sobre os acontecimentos de sua vida (ALLEN & ALLEN, 1988).

Estes autores destacam, ainda, que algumas condições psiquiátricas não se originam por causas no processo de desenvolvimento e que as descontinuidades entre infância e vida adulta devem ser consideradas. Declaram que o temperamento da criança também exerce influência sobre o meio e sobre o comportamento das outras pessoas, contradizendo, assim, a teoria da “programação parental” que tem um sentido vertical unilateral.

MATZE (1988) concorda com esta idéia e acrescenta que o “script” é um processo recíproco num contexto seqüenciado, não verbal, de comportamentos mutuamente adaptados, os quais são bidirecionais, interativos e sistêmicos desde o nascimento.

CORNELL (1988) demonstra ter idéias semelhantes ao falar da participação cooperativa entre pais e filhos no processo de desenvolvimento.

ENGLISH (1988); ALLEN & ALLEN (1988); CORNELL (1988) valorizam o papel adaptativo do “script” como importante e necessário, já que facilita as escolhas e decisões rotineiras da vida diária.

Encontramos semelhanças entre os pensamentos de ADLER (1963) e ALLEN & ALLEN (1988), quando estes últimos declaram que os “scripts” são ainda uma resposta ao sentido da existência humana, dando significado e esperança à vida.

Uma abordagem significativa destes autores é a visão do “script” como uma projeção de um passado ou futuro. Sendo assim, ele é mutável e não fixo na infância. Para exemplificar, os autores citam casos de pacientes depressivos que contam histórias tristes

sobre seu passado e, em outro momento, quando livres da crise, focalizam uma história muito diferente da contada. Desta forma, concluímos que os autores pensam não ser possível fazer-se uma verificação das raízes da formação do “script”.

CORNELL (1988) faz uma revisão crítica da teoria do “script”, sob uma perspectiva desenvolvimentista, criticando os autores que estudaram somente comportamentos patológicos e destacando a importância de se observar comportamentos de pessoas normais. Este autor considera a visão de BERNE (1972), sobre formação de “script”, determinista e destituída de aspectos científicos e da plasticidade do psiquismo.

MATZE (1988) também critica a teoria do “script”, dizendo-a limitada, por estar baseada em reconstruções retrospectivas de clientes e por ter sido formulada em termos psicopatológicos.

LORIA (1995) apóia estas idéias, sendo ainda mais incisivo. Conceitua “script” como “(...) a narrativa explicativa criada retrospectivamente por indivíduos e que faz sentido pessoal a partir de como eles vivem. É um processo não patológico em evolução, que está continuamente disponível para revisão e que culmina somente no final da existência da pessoa”.

Baseando-se no determinismo estrutural, segundo o qual o observador é considerado o ponto central para a invenção da realidade, este autor declara que a vida apenas acontece e que os fatos considerados traumas para algumas pessoas são apenas inconvenientes para outras. Os pais, portanto, não implantam mensagens nas cabeças das crianças e estas não fazem decisões a partir de processos conscientes e sentimentos. “A narrativa do “script” não é uma conclusão estática, nem é formulada instantaneamente. É uma autobiografia evoluindo continuamente, contada a partir da perspectiva do observador experienciador. (...) para cada indivíduo a narrativa do “script” é a sua versão para uma realidade privada – para ele, ela não pode ser incorreta”.

## 1.6. SCRIPT E FAMÍLIA

BERNE (1972) destaca a transmissão de diretivas do “script” de geração a geração e a importância da influência dos avós. Elabora, ainda, o conceito de “episcript”, definido como uma tentativa dos pais de se livrarem do próprio “script” e passarem-no adiante, para que os filhos o cumpram.

Os pais transmitem mensagens de “script” como parte do papel desempenhado na educação e proteção dos filhos. Alguns pais, entretanto, são excessivamente ansiosos e criam seus filhos de forma compulsiva, passando à frente o que ouviram, sem questionar. Outros passam à frente preceitos dos quais, aparentemente, querem se livrar, ou seja, ‘cumpra o que eu não quero ou não fui capaz de cumprir’.

Os pais podem, também, transmitir potencialidades não realizadas. É comum encontrarmos pais que, na melhor das boas intenções, desejam que o filho seja aquele empresário ou médico bem sucedido que eles não foram. Ou, até mesmo, a mãe que sutilmente estimula a filha a um casamento financeiramente bem sucedido, que aquela própria não realizou. BERNE (1972) chamou a este processo “episcript ou excesso de script”. ENGLISH (1969) descreveu isto como o “jogo da batata quente”, em que o outro é responsabilizado por aquilo que o próprio indivíduo não deseja assumir.

Com o casamento é possível que as injunções sejam diluídas, uma vez que marido e esposa provêm de famílias diferentes.

- O “script” de vida interligado é tratado considerando-se como as pessoas de uma família ou grupo funcionam como suportes, ajudando-se mutuamente a levar adiante seus próprios “scripts”. Neste caso, num relacionamento conjugal os parceiros podem se escolher para desempenhar o papel de determinado personagem na história do outro.

Esta idéia facilita a compreensão da dinâmica intrapsíquica e interpessoal de famílias ou grupos disfuncionais.

MASSEY *et al.* (1988) descrevem a combinação do “script” com as dinâmicas pessoais de padrões familiares. Propôs a utilização do “genograma”, um instrumento de representação gráfica de pelo menos três gerações familiares, portanto multigeracional, o qual fornece informações sobre o ambiente sócio-psicológico. Neste ambiente são considerados os padrões de comunicação, mensagens e decisões de “script”. Além disto, são estudados o reforço e a causalidade circular, bem como a transmissão de aspectos do “script” de geração a geração. O “genograma” combinado com a análise de “script” oferece um plano de como as mudanças ocorrem num sistema, também destaca os padrões de competência, saúde e tendências patológicas .

Estudos mais recentes sobre “script” familiar foram realizados por BYNG-HALL (1995). Ele define o conceito de “scripts” familiares como “as expectativas familiares compartilhadas sobre como os papéis familiares serão desempenhados dentro de vários contextos. Sobre expectativas, entenda-se o que é para ser dito e feito somando-se a isto a pressão familiar”. O termo “script” familiar envolve, obrigatoriamente, mais de uma geração.

Após a atribuição dos papéis para cada um, se uma pessoa da família falha no desempenho, outra pode ser designada para tomar este lugar.

Os “scripts” familiares são observados em situações específicas quando os padrões de interação repetem-se e são reconhecidos como típicos pelas próprias pessoas da família. Desta forma, sabe-se exatamente o que vai acontecer quando a mesma situação ocorrer.

Se a situação for extremamente desagradável para todos, alguém poderá agir, tentando evitá-la, mesmo que seja às custas de uma solução insatisfatória. Porém, ao se tentar resolver uma situação desagradável pode-se criar um outro problema. Podemos exemplificar com uma situação em que os pais não estabelecem limites a comportamentos inadequados do filho menor, para evitar birras em lugares públicos. Possivelmente eles conseguirão evitar as birras, porém, certamente estarão criando um novo problema, que é a invasão de limites.

BYNG-HALL (1995), ao abordar a descontinuidade e continuidade transgeracional, descreve a existência de três tipos de “script”:

- Os replicativos, que compreendem a repetição de padrões de interação da família de origem na família atual, implicando num processo de lealdade às influências recebidas.
- Os corretivos, compreendendo a tentativa de criação de novos padrões de interação, a fim de evitar que as experiências desagradáveis com a família de origem repitam-se com a atual. Os pais procuram, desta forma, dar aos filhos ‘algo melhor do que o que eles tiveram’.
- Os improvisados, que são padrões e estilos de parentalização observados em uma família e adaptados para outra. Surgem como tentativas de solucionar problemas atuais ou como curiosidade e desejo de explorar alternativas desconhecidas.

O “script” que emerge na família atual pode ser resultado do entrelaçamento destes três tipos.

Improvisar soluções traz um grau de incerteza sobre o que irá acontecer. A incerteza torna-se uma ameaça à segurança e é uma variável que determina o quanto se pode correr o risco de fazer algo diferente.

Com base na teoria do apego de BOWLBY (1989), BYNG-HALL (1995) faz um paralelo entre a necessidade de segurança do ser humano e a teoria do “script”: quando as pessoas sentem-se ameaçadas, recorrem a padrões conhecidos e previsíveis, pelos quais elas e outras pessoas significativas mantiveram-se juntas, preservando a sobrevivência.

O sentido de segurança é dado pela figura parental significativa, pela forma como esta lida com ameaças, ou seja, a criança observa esta figura e avalia se ela oferece segurança ou não. A maneira como as situações novas se apresentam e são percebidas dependem da variável ‘sentido de segurança’. Uma situação ou comportamento diferente podem ser percebidos como novidade ou perigo, provocando a curiosidade ou o afastamento. Numa família, tais comportamentos e situações podem ocorrer, levando as

peessoas a explorarem as causas disto, buscarem novas alternativas, improvisarem ou procurarem evitar tais causas, tentando retornar imediatamente aos velhos padrões conhecidos.

A improvisação pode ocorrer em resposta a uma situação ameaçadora, à curiosidade e à necessidade de se conhecer situações diferentes. Esta necessidade é análoga à fase do desenvolvimento infantil denominada ‘exploração’.

BYNG-HALL (1995) define subcategorias do “script” familiar:

- Os rituais familiares, que são encenações simbólicas representativas das expectativas de como as pessoas da família deverão interagir em determinadas ocasiões.
- Os mitos familiares, definidos como um conjunto de crenças que a família possui sobre si, guiando e orientando a ação do “script”.
- As histórias familiares, que contam as ações ocorridas no passado, envolvendo as gerações anteriores.
- As lendas familiares, são as histórias contadas com frequência e que oferecem idéias sobre como a família deverá se conduzir nas gerações seguintes. Constituem um modelo de ação e solução de problemas que, após ser encenado várias vezes, torna-se “scriptado” e percebido como um aspecto normal da família.

Em uma de suas declarações pessoais, BERNE (1972) apresenta uma visão mais flexível e otimista a respeito do “script” de vida, sintetizando o pensamento dos diversos autores:

“Quanto a mim, não sei se estou sendo dirigido ainda por um rolo de música ou não. Se estiver, espero com interesse e expectativa – e sem apreensão – pelo desenrolar das notas e suas melodias e, depois disso, pela harmonia e dissonância. Para onde irei depois? Neste caso minha vida tem sentido, pois estou seguindo a tradição longa e gloriosa de meus ancestrais que me foi passada por meus pais, uma música talvez mais doce do que a que eu próprio poderia compor. Sei que existem amplas áreas onde tenho a liberdade de

improvisar. Pode até ser que eu seja uma das poucas pessoas de sorte sobre a face da terra que se livrou inteiramente das amarras e cria a sua própria melodia. Neste caso, sou um improvisador corajoso enfrentando o mundo sozinho. Mas esteja eu fingindo diante de uma pianola ou apertando as teclas com a força das minhas próprias mãos e mente, a canção da minha vida é igualmente emocionante e plena de surpresas à medida que emite sons no vibrante teclado do destino – uma barcarola que deixará, de qualquer maneira, espero, ecos felizes atrás de si”.

## **1.7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FAMÍLIA**

Existem poucos estudos sobre a família, sendo que a maior parte deles enfoca a patologia, principalmente a esquizofrenia, porém, muitos autores já estudaram a transmissão de crenças e mitos através das gerações.

SOIFER (1982) destaca o papel primordial da família na enfermidade e na saúde da criança, em razão das funções que cabem aos pais no que se refere a: cuidados físicos; desenvolvimento das relações familiares, afetivas e sociais; inserção em atividades produtivas e profissionais; ensino da construção de uma nova família.

PRADO (1991) salienta que os pais são os elementos estruturais mais importantes na individuação e na formação da pessoa. O autor admite que o indivíduo possui processos inconscientes que restringem sua liberdade, processos estes que se enraizam nas etapas precoces da formação da personalidade.

Quando o indivíduo não tem suas necessidades atendidas ou seus desejos realizados, luta contra sentimentos dolorosos, utilizando-se de recursos autoprotetores, buscando a adaptação ao meio. Entretanto, apesar das pressões externas, seus anseios e necessidades permanecem. Quando tais anseios e necessidades são demasiados dolorosos para continuar retidos, são postos para fora do indivíduo em forma de projeção ou identificação projetiva.

A projeção é parte normal de qualquer relacionamento, por ela as pessoas buscam no outro um complemento de si. PRADO (1991) cita o processo da 'atribuição', em que se percebe o desejo de um indivíduo para que um outro aja por aquele primeiro, de determinada maneira, devido ao fato de não conseguir agir diretamente. Observa-se isto no relacionamento "pais-filho, onde este pode expressar por eles e através deles sentimentos e situações não toleradas pelos mesmos".

CERVENY (1992, 1994), em sua pesquisa sobre a influência familiar na repetição de padrões interacionais, apresenta um estudo sobre três gerações e conclui que "existe uma responsabilidade da geração atual em relação às futuras a respeito da repetição dos padrões interacionais que são geradores de problemas". A autora valoriza a percepção da repetição como uma forma de evitar que os padrões interacionais tornem-se disfuncionais ou patológicos. Parece que algumas repetições de padrões interacionais estão fora da consciência da pessoa, sendo que outras, embora conscientes, dificilmente 'interrompidas', como se fossem compulsões.

Esta autora conceitua a família como um grupo social e uma rede de relações significativas, mesmo que seus membros não partilhem o mesmo espaço. Saliencia que as relações com os parentes mortos são perpetuadas através dos mitos.

CERVENY (1992) utiliza em seus estudos o referencial teórico da Terapia Sistêmica, o qual estabelece que nas relações do grupo familiar o comportamento de seus membros é interdependente, ou seja, o comportamento de uma pessoa afeta e é afetado por cada uma das outras. Dai o raciocínio da 'causalidade circular', segundo este princípio um elemento do sistema afeta os outros e o sistema como um todo.

De acordo com o referencial acima, a família é vista como um grupo com um sistema de crenças e tradições específicas, que passam para as gerações seguintes e mantêm a estabilidade da mesma, protegendo-a de mudanças indesejáveis. A visão sistêmica propõe que o indivíduo faz parte de um sistema, que é a família, esta, por sua vez, faz parte de um sistema maior, que é a sociedade. Segundo CERVENY (1994), o comportamento não é simplesmente produto de processos intrapsíquicos, mas resultado da interação dentro de um sistema. Ela afirma: "A família também constrói a sua realidade a partir da história compartilhada por seus membros".

Além da homeostase, a família possui a capacidade da autotransformação em sua estrutura e funcionamento, nos períodos de crise e na atualização de valores.

Embora as forças da matriz familiar atuem fortemente sobre identidade, escolhas e crenças do indivíduo, as circunstâncias sociais e ambientais podem apoiar ou modificar tais experiências.

Entretanto, observamos na prática clínica que o indivíduo, através de crenças que possui, atua no ambiente, transferindo para o aqui e agora relações e significados de experiências passadas. Isto faz com que o ambiente retroalimente o indivíduo com respostas que, muitas vezes, apóiam-no em suas crenças e repetições. Quando isto não ocorre, ou seja, quando as respostas do ambiente são diferentes da esperada, há um sentimento de confusão e a atitude de tentar distorcer as percepções para que fiquem adequadas às próprias crenças do indivíduo. Ouvimos com frequência frases do tipo: “Se ele me elogiou alguma coisa está querendo...está tudo dando muito certo, isso me diz que algo de ruim vai acontecer e não vai demorar...” . Outras vezes as pessoas buscam, no ambiente, situações que confirmem suas crenças e teses, quando não encontram, recorrem às fantasias e memórias.

Em outros casos, mesmo não tendo consciência de suas crenças autodestrutivas, algumas pessoas comportam-se de forma inadequada ou que produza um fracasso, o qual, mais tarde, confirme estas crenças. Exemplificando, alguém pode afirmar querer ser bem sucedido profissionalmente, mas, incoerentemente, parece que ‘faz tudo para fracassar’, chegando atrasado, esquecendo-se dos compromissos, assumindo responsabilidades além do que pode. Estas situações, provavelmente, levarão o indivíduo ao fracasso e à conclusão de que ‘nada dá certo comigo’.

A repetição pode ocorrer de forma exata ou camuflada, bem como sob forma de um antimodelo. Podemos exemplificar com a situação de pais cujos pais eram repressivos e extremamente limitadores. Os primeiros decidem fazer o contrário com seus filhos, hesitando em colocar até os limites necessários, temendo repetir sua história pessoal. O resultado acaba não sendo positivo, pois, possivelmente, haverá transgressões das regras familiares, tornando a situação insuportável e fazendo com que os pais acabem recorrendo aos modelos antigos conhecidos.

PAPP & IMBER-BLACK (1996) descreveram um método de terapia baseado nos “temas centrais” da família, nele afirmaram a necessidade de “(...) decifrar temas centrais a fim de decodificar e transformar crenças autolimitadoras incorporadas neles”. Estes autores relacionam tais crenças aos papéis que as pessoas devem desempenhar, bem como à perpetuação dos temas através das gerações. Eles consideram importante que o terapeuta conheça as crenças, as atitudes e sentimentos do paciente, nos contextos familiar e social, bem como os valores morais e religiosos do mesmo. São abordadas, ainda, quais as influências provenientes das mensagens recebidas dos pais durante o crescimento e como interferem nas decisões feitas no aqui e agora.

MUNHOZ (1996) pesquisou sobre as influências da família de origem na formação do casal e obteve algumas conclusões significativas.

Sobre o processo de diferenciação e aquisição de autonomia, algumas pessoas afirmam tê-lo experimentado ao tornarem-se profissionais, outras, na formação do núcleo familiar, e outras ainda, quando passaram a exercer o papel de pais, demonstrando, assim, que cada um vive determinadas experiências em diferentes fases da vida.

As escolhas conjugais refletem a necessidade da busca de completitude e os parceiros escolhidos não são muito diferentes um do outro, pois, se assim fosse, isto acarretaria muitos riscos para a sobrevivência da relação.

A repetição de modelos da família de origem nem sempre significam dependência ou incapacidade para a autonomia, pois os padrões funcionais apresentam resultados positivos e são reproduzidos com sucesso. Alguns modelos, inclusive, são repetidos como forma de preservação da identidade familiar.

As histórias de vida estão presentes em todas as escolhas pessoais e conjugais, portanto as motivações são influenciadas pelos padrões da família de origem. A união conjugal faz com que sejam criados padrões e características pertencentes a este núcleo conjugal, diferenciando-o da família de origem em suas especificidades.

Os jovens de hoje estão mais independentes intelectual e psicologicamente, porém, funcional e financeiramente estão mais dependentes. Provavelmente esta situação ocorre devido à situação social atual.

MUNHOZ (1996) deixa, a respeito deste fato, a hipótese de que a família de origem possa fazer um jogo, de forma a manter os filhos ainda ligados, estes respondem, complementando.

### 1.7.1. Sobre os mitos familiares

“Aqueles que não se lembram da história,  
estão condenados a repeti-la”

SANTAYANA<sup>4</sup>

PRADO (1991) define o significado do mito como “um segredo ou crença inconsciente, ou mesmo uma atitude que tende a perpetuar-se na determinação de respostas e condutas de uma família, através da aceitação ampla por gerações sucessivas”. Sendo assim, pode ser derivado de um fato real, como um segredo que se esconde, ou de fantasias que não são expressas, as quais são compartilhadas através das gerações e afetam o comportamento da família.

BUCHER (1986) afirma que a origem do segredo “está ligada à transgressão de uma lei e à culpa da transgressão por um de seus membros”.

PRADO (1996) complementa: “Os segredos têm como função esconder determinados fatos que não correspondem às rígidas exigências estabelecidas pelos padrões familiares.(...) Os mitos, por outro lado, são construções que vão se estabelecendo como verdades ao longo do tempo, visando preencher as necessidades da família, possuindo um poder enorme sobre seus membros, podendo determinar até mesmo seu destino”.

---

<sup>4</sup> SANTAYANA, *apud* KEEN, S. & VALLEY-FOX, A. - *A jornada mítica de cada um*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1989, 210 P.

O mito surge, então, como um substituto ao que realmente ocorreu, como uma inversão do fato.

Este mesmo autor faz uma análise sobre segredos e mitos estabelecidos na família, através de reflexões sobre a obra literária **Como Água para Chocolate**, um drama que deu origem ao filme do mesmo nome. Trata-se da história de três gerações, tendo como personagem central Tita, em que são retratados padrões rígidos de comunicação, bem como segredos e mitos transmitidos. PRADO (1996) descreve:

“Tita já nasceu marcada pelo destino de ser a filha mais nova, pois seu pai faleceu logo após o nascimento, cabendo-lhe a tarefa de cuidar de sua mãe até o fim de seus dias, como rezava a tradição familiar, estando-lhe impedido o direito ao casamento. Esse mito familiar, alicerçado em rígidos padrões de relacionamento que não poderiam ser questionados, estabeleceu as bases dos grandes conflitos que marcaram a história desta família”.

A tradição da filha mais nova cuidar da mãe e não poder se casar reaparece na terceira geração, quando a sobrinha de Tita nasce e a irmã daquela quer destiná-la ao mesmo fim. Tita, entretanto, impede que se perpetue a tradição, dando à sobrinha a ‘permissão’ para que siga seus próprios anseios e case-se, passando à esta ao mesmo tempo, a missão de ‘redimir’ as mulheres da família.

O ‘segredo’ descoberto somente após a morte da mãe de Tita e que dá origem ao mito, é o adultério cometido pela mãe, do qual nascera uma filha rejeitada. A morte do pai acontece após este descobrir o adultério e por ocasião do nascimento de Tita. Estes fatos dão origem à tradição determinada pela mãe, que se torna uma pessoa amarga e revoltada. O ‘segredo’ é perpetuado no relacionamento amoroso de Tita com seu cunhado, marido de sua irmã mais velha. Viver relacionamentos amorosos espontâneos não era permitido nesta família.

Tita mantém ligação com ‘fantasmas’ bons e ruins. Foi criada por Nacha, a cozinheira, que, já falecida, aparecia para dar-lhe conselhos e fazer o papel de fada madrinha. O ‘fantasma’ da mãe aparecia desempenhando o papel de bruxa, fazendo severas críticas e acusações, reforçando as culpas de Tita.

Em algumas famílias existe a ligação com pessoas já falecidas, como se estivessem vivas, influenciando as atitudes e crenças das pessoas da família, através de memórias ou de um substituto escolhido.

A criança muitas vezes é designada para assumir o papel de ‘bode expiatório’, já que a personalidade dela é mais flexível, fácil de ser moldada e ela depende dos pais, não tendo muita condição de contradizê-los. Alguns papéis estereotipados são atribuídos às crianças como delegações e missões a serem cumpridas. Cumprir estas missões é o mesmo que possuir um débito a ser saldado, como já tinha relatado BYNG-HALL (1995). Com isto, procura-se manter o mito e o ‘herói’ da família.

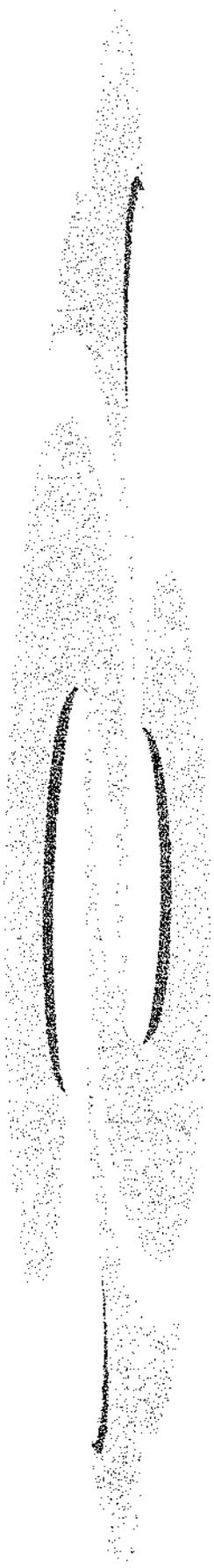
De acordo com VILHENA (1991), nas famílias saudáveis a imagem interiorizada e comum ao grupo comporta mitos claros, com a função de simbolizar a realidade, sem travesti-la. Entretanto, em famílias psicóticas os mitos servem como mecanismo de defesa, tendo um ritual mental rígido que se impõe ao grupo às custas das fantasias individuais e da autonomia. O mito possui, então, a função de manter a homeostase e evitar o conflito, não sendo permitido recusá-lo. Assim, o mito parece ser necessário para amenizar os relacionamentos.

De acordo com ALLEN & ALLEN (1988), os mitos também têm seu papel adaptativo, por manter a sociedade unida, dando um sentido de coerência. Todos nós necessitamos de um mito que dê um significado à nossa existência. O mito pode estar ou não próximo ao mundo real, o que importa são as fantasias que provêm dele e como as pessoas relacionam-se com elas.

Os mitos unem uma cultura, uma tribo, em torno de personagens bons ou maus, trazem valores, rituais e tradições.

Todos têm uma história para contar. Antigamente as tribos se reuniam em volta do fogo e para contar histórias e lendas de fadas, bruxas, heróis da mitologia ou figuras do folclore. Há algum tempo as pessoas ainda se reuniam nas calçadas e nas praças para contar suas histórias. Atualmente isto acontece pouco, ou os mitos são outros?

Nas palavras de KEEN & VALLEY-FOX (1989), por estar mais em contato com a dura realidade do que com a imaginação fértil, o homem moderno sente o desconforto e o vazio por não ter exploradas as suas potencialidades e depara-se, muitas vezes, com o desconhecimento de sua própria história.



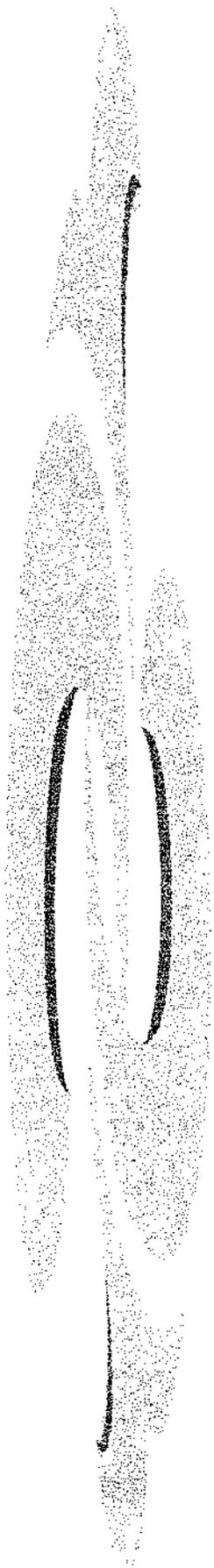
## ***2. OBJETIVOS***

Pelas considerações anteriores podemos observar a riqueza de idéias sobre a teoria do “script” de vida e os aspectos polêmico, apontando as convergências e divergências, principalmente no que se refere ao determinismo da programação parental e ao caráter positivo ou negativo deste.

Partindo do pressuposto de que todas as pessoas possuem um “script”, decidimos sair a campo na tentativa de saber como este é construído, interpretado e desempenhado.

Num enfoque multigeracional, pretendemos descrever e analisar:

- a) como as influências familiares são transmitidas, percebidas e interpretadas;
- b) como o estilo de vida adotado na vida adulta relacionam-se com as influências recebidas precocemente;
- c) qual o papel do “script” no relacionamento conjugal.



### ***3. MÉTODOS***

Trata-se de uma pesquisa que exige uma análise qualitativa das histórias e inter-relações familiares, nas quais são objetos de estudo os sentimentos, pensamentos e padrões de comportamento dos sujeitos. Portanto, escolhemos o método clínico, baseado no estudo de casos como o mais adequado para este tipo de investigação.

Não pretendíamos realizar uma análise de fatos verídicos ocorridos na história familiar, já que o viés da interpretação invalidaria tal estudo. Interessava-nos apreender exatamente as interpretações diferentes e comuns que cada membro da família possuía acerca de alguns fatos.

Vários autores abordam a Psicanálise como método de investigação do objeto inconsciente do ser humano utilizando, como ferramenta básica, a interpretação das relações transferenciais.

Seguindo esta linha de pensamento, REZENDE (1993) estipula três maneiras de se realizar a pesquisa psicanalítica: a pesquisa exegética, que se faz sobre livros; a pesquisa hermenêutica, quando o pesquisador pensa as próprias vivências; a interpretação clínica, que se faz pela escuta e pela transferência na situação analítica.

Este autor faz uma diferenciação entre a psicanálise e as ciências formais e empírico-formais, já que na primeira a interpretação se faz necessária, sempre que exista mais de um sentido nas experiências observadas, e a experiência da verdade somente se faz por consenso. Sendo assim, este tipo de pesquisa pauta-se pela busca do sentido para os símbolos da comunicação humana.

Pudemos constatar este fato durante as inúmeras leituras feitas no decorrer deste trabalho. Em alguns textos encontramos sentido e fomos levados à reflexão, em outros não ocorreu identificação, fosse em nossa vivência pessoal ou profissional.

Nas palavras de COPIT & HIRCHZON (1993), “(...) todo conhecimento é auto-conhecimento, (...) a ciência é, assim, autobiográfica”. O tema da pesquisa faz parte, de alguma forma, de nossa história pessoal, na busca das respostas que necessitamos.

Desnecessário dizer que os trabalhos feitos sem este vínculo são encarados como um peso ou uma obrigação a cumprir e, assim que concluídos, são engavetados.

Concordamos com SAFRA (1993) quando afirma que na pesquisa psicanalítica deve haver um diálogo permanente entre teoria e clínica, a fim de se preservar o rigor metodológico. A teoria é escolhida pela identificação e pode ser um caminho para a investigação, porém, é interessante que exista um espaço para as novidades encontradas na prática. A teoria constitui-se, então, num mapa, mas só conhecemos o caminho percorrendo-o. Assim, após terminarmos o percurso, a teoria pode ser questionada, modificada ou enriquecida.

A teoria contém aspectos gerais, que são o mapa, porém, o processo de pesquisa com seres humanos apresenta aspectos singulares, que, para serem percebidos, exigem despojamento de pré-conceitos. Ao descobirmos aspectos singulares do ser humano, arriscamo-nos a descobrir novos caminhos a serem percorridos.

Neste trabalho, os conceitos da teoria da Análise Transacional servem como mapa.

É importante ressaltar a diferenciação feita por HERRMANN (1993) sobre o trabalho e a pesquisa psicanalíticas, sem que esta última seja menos profunda: “(...) aplicar o método psicanalítico é fazer brotar, do estudo de algumas relações humanas, as estruturas profundas que as determinam”. Ele defende a idéia de que o método psicanalítico não precisa ficar confinado ao “setting”, mas aplica-se a um conjunto de relações humanas.

Este autor afirma que o pesquisador deve permitir a descoberta em vez de descobrir, ou seja, apenas acompanhar o herói e não querer sê-lo. Deste ponto de vista, a teoria deve ser construída através do trabalho clínico e do pensar sobre este trabalho, para, posteriormente, haver uma relação entre a teoria e o que se obteve com a prática. Desta, forma, a introdução da tese seria a última parte a ser escrita.

Entendemos que o autor refere-se a trabalhos em que já se sabe qual o problema e a qual solução vai-se chegar, de acordo com tal abordagem, ficando o pesquisador no papel de hermenêuta, preso a sua própria crença. O que é diferente não serve. Podemos relacionar isto ao conceito proposto pelo autor, de que o método libera a criação, enquanto que os rituais alimentam as crenças. O método libera porque “permite saber porque funciona o que funciona”. Os rituais aprisionam na medida em que se relacionam com a magia, ou seja, operam com “aquilo que não se sabe direito o que é”.

### 3.1. SUJEITOS

A amostra foi formada por três grupos familiares, compostos por três gerações cada um. Foram escolhidas três gerações a fim de atender aos objetivos propostos.

Realizou-se uma entrevista de triagem entre pessoas voluntárias, indicadas por amigos ou escolas, e pacientes inscritos para atendimento na Clínica Psicológica da Universidade de Taubaté.

O objetivo da triagem foi selecionar grupos familiares que obedecessem aos seguintes critérios:

- Casais que vivessem juntos, possuíssem pais vivos, também vivendo juntos, e filhos, sendo, pelo menos, um com idade acima de 7 anos.
- Ausência de psicopatologia severa ou doenças orgânicas que impedissem a execução dos desenhos, a compreensão e as respostas à entrevista.
- A concordância, por parte das três gerações, em participar da pesquisa.

Por ocasião das triagens, encontramos dificuldades em preencher os requisitos iniciais. Em muitos casos, um dos avós não era vivo; alguns casais estavam separados há anos; e muitas famílias eram constituídas de mães solteiras, cujos filhos eram criados pelos

avós ou somente pela mãe; também havia casos de mães cujos filhos descendiam de pais diferentes. Além disso, quando se encontrava a família padrão, uma ou mais pessoas da família recusava-se a participar da pesquisa.

Inicialmente pensávamos em entrevistar todos os integrantes das três gerações, incluindo os avós, o casal, os filhos e os irmãos deste casal. Entretanto, a participação dos irmãos do casal foi um outro obstáculo que enfrentamos, pois em alguns casos, um ou outro irmão não podia participar, por recusa ou pela dificuldade de contato.

Verificamos com estes dados, que não seria fácil encontrar a família idealizada no projeto, mesmo porque a realidade nos mostra que, atualmente, a constituição familiar é diferente do padrão tradicional. De forma geral a primeira geração permanecia semelhante ao padrão, havendo variações a partir da segunda.

Não foram incluídos como imprescindíveis para a realização do trabalho os irmãos do casal da segunda geração, ficando opcional esta participação. Foram investigados dois grupos familiares que se adequavam ao padrão proposto e um terceiro, com variáveis referentes a separações conjugais existentes na segunda geração, não possibilitando a participação de um dos cônjuges e dos pais deste.

Decidimos, entretanto, incluir este grupo familiar, por se tratar de uma representação da realidade atual, diferente do padrão tradicional.

### **3.2. PROCEDIMENTO**

O primeiro contato foi feito com um dos cônjuges da segunda geração, quando foram explicados os objetivos da pesquisa, as etapas que seriam seguidas, e as questões éticas sobre o anonimato e a concordância na publicação dos relatos. Estas pessoas encarregavam-se de falar com os demais integrantes do grupo familiar, no sentido de motivá-los a participar.

Escolhemos, como instrumentos de investigação, uma entrevista semi-estruturada (anexos 1 e 2), o Procedimento Desenho da Família com Estória e o genograma familiar. As entrevistas foram realizadas individualmente de acordo com a disponibilidade de cada um. Posteriormente foram solicitados os Desenhos da Família com Estória. Em média, foram realizadas quatro sessões de 60 minutos com cada um dos participantes.

Os relatos foram anotados pelo entrevistador.

### **3.2.1. Justificativa para a utilização dos instrumentos da pesquisa**

O Procedimento Desenho da Família com Estória (DF-E) foi introduzido por TRINCA (1989) como instrumento auxiliar na investigação clínica da personalidade e na apreensão da dinâmica familiar de crianças e adolescentes, tendo sido posteriormente estendido a adultos. TRINCA *et al.* (1990) realizaram um estudo de caso utilizando o DF-E com um paciente e com os pais deste, tendo sido aplicada a análise cruzada com pais e filho.

Neste trabalho, optamos pela utilização do DF-E como instrumento auxiliar da entrevista, por considerarmos a viabilidade deste na elucidação de temas, valores e mensagens circulantes dentro do meio familiar. Além disto, a característica projetiva do DF-E complementa e clarifica dados obtidos no depoimento oral. A aplicação consiste em solicitar que o paciente efetue quatro desenhos, seguindo-se os temas e a seqüência a seguir:

- 1- desenho de uma família qualquer;
- 2- desenho de uma família ideal;
- 3- desenho de uma família na qual existe alguém que não está bem;
- 4- desenho da própria família.

Cada desenho serve de estímulo de apercepção temática. Após cada unidade, é solicitada ao examinando uma história associada ao desenho. O examinador realiza um inquérito, em seguida, sobre aspectos que julgar necessário e, finalmente, solicita o título da história.

Trata-se de uma técnica bastante próxima à da história de vida, devido às características que elucida a partir de um tema, sem a interferência do entrevistador.

A entrevista semi-estruturada baseia-se no roteiro detalhado publicado por BERNE (1972). Este roteiro contém perguntas objetivando a análise de “script”. Para a terceira geração, baseamo-nos no roteiro de CAMPOS (1986). A entrevista, através do depoimento oral, complementa os dados da história de vida.

A história colhida no depoimento oral registra a experiência de um ou de vários indivíduos sobre um mesmo acontecimento ou período de tempo. Neste caso, busca-se uma convergência de idéias, a constatação das divergências e os significados destas.

Esta história fornece, por sua vez, tradições e mitos, crenças existentes no grupo, bem como narrativas de ficção. Na verdade, tudo quanto se narra oralmente é história e a história de vida constitui um tipo de coleta de dados oral, porém com uma especificidade. Assemelha-se às entrevistas, biografias, autobiografias, porém, define-se como “o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu”. (QUEIROZ, 1987)

A interferência do pesquisador no relato da história de vida é mínima, enquanto que na história ou depoimento oral, o pesquisador dirige o colóquio. Na história de vida, o pesquisador escolhe o tema e o informante decide o que vai relatar.

O desenho, por sua vez, é uma das formas mais antigas de registros da existência humana, que, aliado a um tema, facilita a obtenção de informações de forma indireta. Pensamos que, ao aliar o tema família, ao desenho e à história, podemos obter dados sobre a história de vida dos informantes dentro da constelação familiar, de forma indireta e com intervenção mínima.

Utilizou-se o genograma familiar como instrumento de representação gráfica das famílias, com o objetivo de facilitar a visualização da caracterização da amostra. O genograma é uma representação gráfica, multigeracional da família que evoluiu da Teoria de

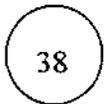
Sistemas Familiares (CERVENY, 1992). É utilizado como instrumento diagnóstico do grupo familiar e é construído a partir de símbolos que revelam não somente a genealogia, mas também as interações e vínculos familiares.

Símbolos e significados no genograma:



Homem, colocado à esquerda, idade dentro e inicial do nome fora, do desenho.

B



Mulher, colocada à direita, idade dentro e inicial do nome fora do desenho.

A

\_\_\_\_\_ Ligação, casamento.

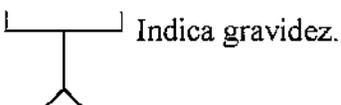
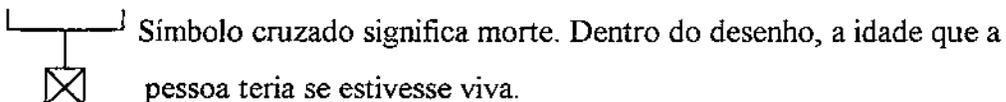
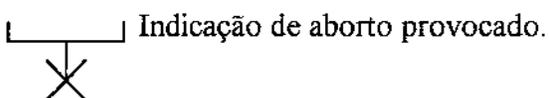
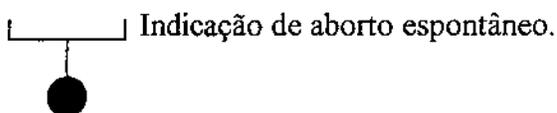
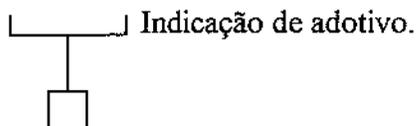
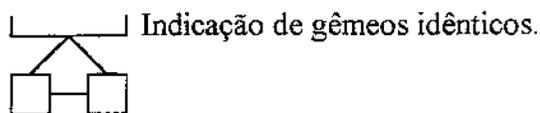
/// Indicação de separação ou divórcio

\_\_\_\_\_13\_\_\_\_\_ Número indicando número de anos de casamento.

┌───┐ Indicação de filhos.

┌───┐ O filho mais velho é colocado à esquerda e o mais novo, à direita.  
└───┘  
┌───┐  
7 3

┌───┐ Indicação de gêmeos.  
└───┘  
┌───┐  
└───┘



### 3.3. ANÁLISE DOS DADOS

Os relatos das entrevistas e dos DF-Es foram transcritos literalmente. O tratamento dos dados foi baseado na Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), cujo objetivo é analisar a comunicação e permitir a inferência acerca das condições de produção ou recepção de mensagens. Utilizamos como unidade de registro o “Tema”, que constitui a unidade de significação do texto, podendo ser encontrado numa frase ou num parágrafo.

A análise foi feita em três etapas, a saber:

1. O texto foi lido, relido e assinalados os conteúdos considerados significativos segundo o critério de constância em que apareciam. Com referência aos DF-Es, considerou-se a temática constante nas histórias, a visão de família ideal e não-ideal e a visão da própria família em relação às anteriores;

2. Estes dados foram sintetizados e agrupados em categorias e sub-categorias relacionadas abaixo:

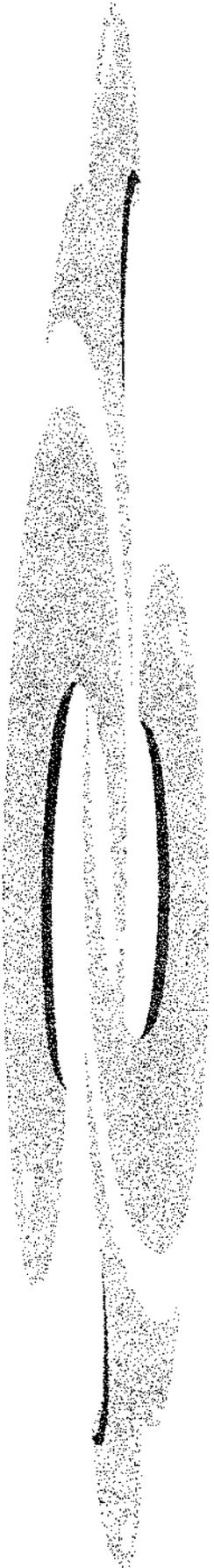
### 3.3.1. Dados pessoais

- **Injunções** – obtidas por informações sobre a auto-imagem, sobre a imagem dos pais e outros adultos com quem o entrevistado conviveu na infância.
- **Compulsores do “script”** – verificados nos relatos de punições e castigos da infância, nos apelidos recebidos e nas expectativas dos pais.
- **Programa** – elogios, críticas e conselhos recebidos dos pais, impressões dos pais sobre a vida e reações dos mesmos quando aborrecidos.
- **Plano de Vida** – crenças sobre a vida na infância, adolescência e na vida adulta; características admiradas e rejeitadas na própria pessoa; histórias infantis preferidas e herói mítico.
- **Desfecho** – pensamentos sobre suicídio, homicídio e loucura. Sentido da vida, perspectivas futuras, previsão sobre a própria morte e epitáfio.
- **Final de vida e válvula de escape** – pensamentos sobre suicídio, homicídio ou loucura.
- **Disfarces** – sentimentos desagradáveis, sintomas físicos e circunstâncias associadas.

- **DF-E – Temática** – percepção sobre a família ideal, não-ideal e a própria família.
- **Relacionamento com os filhos** – comentários sobre como os filhos são percebidos.
- **Experiências positivas com a família de origem** – relatos sobre aspectos considerados agradáveis nos pais.

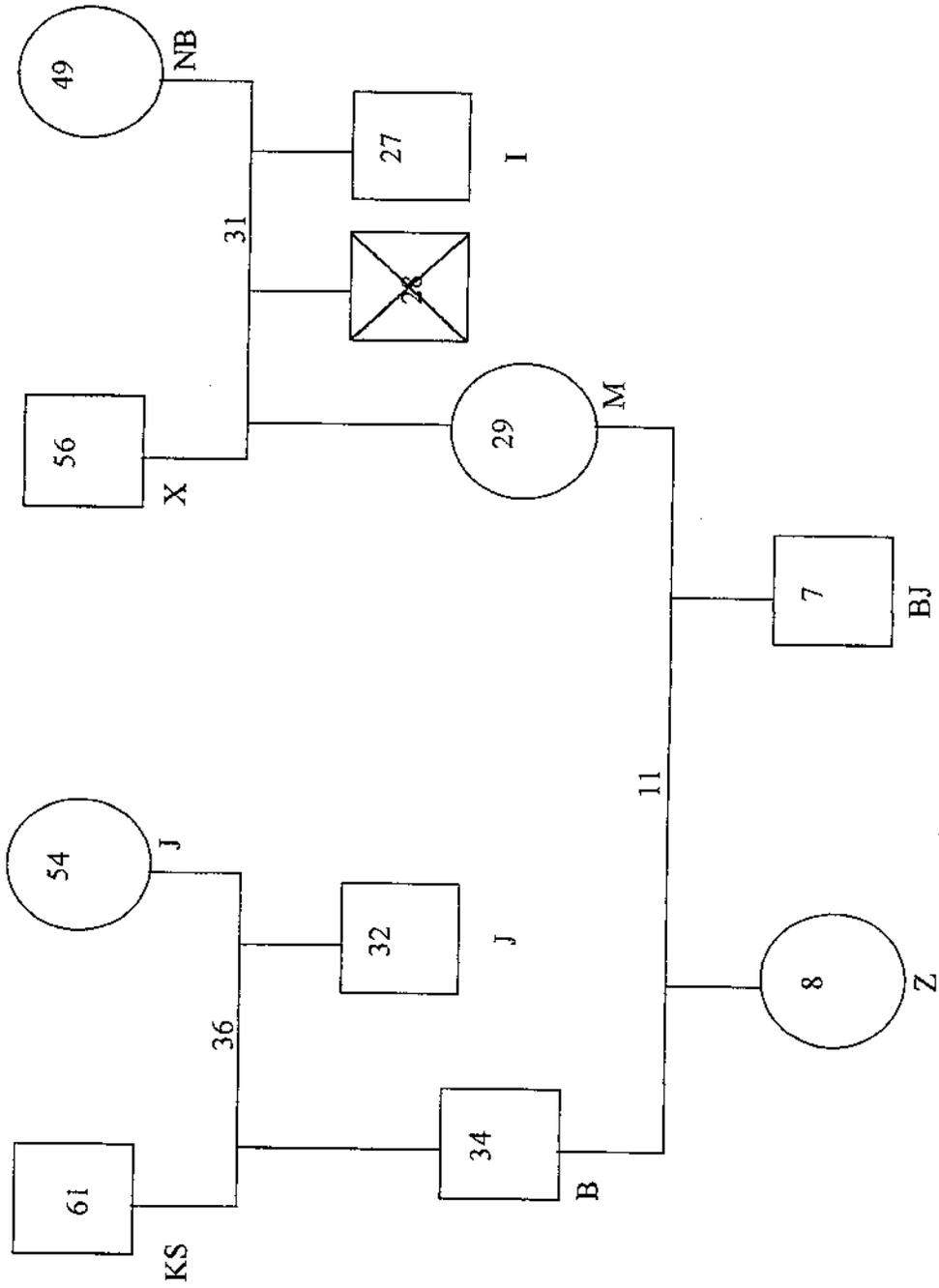
1. Foi realizada uma análise comparativa dos elementos do “script”:

- entre membros da 1<sup>a</sup>. geração;
- entre a 1<sup>a</sup>. geração e a 2<sup>a</sup>. geração;
- entre membros da 2<sup>a</sup>. geração, incluindo o casal e irmãos;
- entre a 2<sup>a</sup>. e a 3<sup>a</sup>. geração;
- entre membros da 3<sup>a</sup>. geração.



## ***4. RESULTADOS***

4.1. CASO I



CATEGORIAS DE ANÁLISE	PRIMEIRA GERAÇÃO FAMÍLIA DE "B"	SEGUNDA GERAÇÃO "B"
Dados Pessoais	<u>Pai:</u> É o filho mais velho, 61 anos, tem o segundo grau completo, aposentado, descendente de portugueses e indígenas.	É o filho mais velho, 34 anos, possui curso universitário incompleto em Administração de Empresas, Trabalha como comerciante.
1. Injunções	<u>Mãe:</u> É a segunda filha, 54 anos, tem o segundo grau completo (Magistério), funcionária pública, descendente de portugueses. <u>Pai:</u> Não cresça, não seja bem sucedido, não se aproxime, não faça.	Não confie, não se aproxime, não dê carícias positivas, não desfrute.
2. Compulsões do "script"	<u>Mãe:</u> Não seja criança, não se aproxime, não expresse o que sente. <u>Pai:</u> Seja agradável, seja esforçado.	Seja forte, seja apressado, trabalhe duro.
3. Programa	<u>Mãe:</u> Seja agradável, seja perfeita, seja forte. <u>Pai:</u> Ser especial, bom, esperar ajuda divina, não fazer nada, desistir, fugir da responsabilidade, beber e fazer farra. Desejo da adolescência não realizado: ser jogador de futebol.	Ser o contrário do pai, ganhar dinheiro até os 45 anos de idade. Resgatar as perdas materiais que o pai causou. Desfrutar da vida somente mais tarde. Desejo da adolescência não realizado: ser jogador de futebol.

#### 4. Plano de Vida

Pai: Baseado em crenças: "Eu não sou capaz, não se pode esperar nada de mim, eu quase consigo, me contento em estar à sombra. Eu sou menos e os outros são mais." Herói mítico: secretário do Robson Cruzóe. Baseado em crenças: "Eu sou bom, a vida é que dá rasteira, eu quero ter o que os outros também tem. Eu sou determinado e ansioso. O prazo é curto, não há tempo a perder. Não sou viver para os outros, os outros são mais importantes, uma coisa compensa a outra." Herói mítico: A Bela Adormecida, pela força de querer vencer.

Mãe: Baseado em crenças: "Eu sou capaz de vencer no trabalho, sou desprotegida, a vida é curta, não há tempo a perder. Não sou viver para os outros, os outros são mais importantes, uma coisa compensa a outra." Herói mítico: A Bela Adormecida, pela força de querer vencer.

#### 5. Desfecho

Pai: Aberto, esperando. "Se as coisas forem muito mal, posso me suicidar bebendo muito ou com doença decorrente da bebida". Agressão ou doença

Mãe: Aberto, viver para os filhos, solidão.

#### 6. Disfarces

Pai: Alcoolismo substitui expressão de tristeza e raiva.

Gastrite, dores no peito, Raiva substitui tristeza

Mãe: Alegria substitui expressão de tristeza e raiva. Sintomas físicos: úlcera no estômago.

7. DF-E – Temática Pai: A figura paterna é vista como precisando de ajuda – “sozinho não consegue” - ele erra e os outros consertam. Na família atual existe união e respeito. Os filhos são a esperança de realização como pai e profissional.

Mãe: A família é organizada com enfoque nos filhos. O que não é realizado é compensado. É mais fácil lidar com a figura feminina do que com a masculina.

Há uma separação dentro da família atual que, para unir-se, precisa se fechar. A família ideal ultrapassa todos os obstáculos e não possui nenhum aspecto negativo. O chefe da família encontra-se afastado, precisando de apoio, mas recusa-se a aceitar. Tem que se virar sozinho e ser forte, o que faz com que a família separe-se novamente. A meta desta família é ser o contrário da família de origem.

Pai: Destaca o relacionamento positivo com a mãe, sentia-se protegido por ela.

8. Experiências positivas com a família de origem

Mãe: Relacionamento positivo com o avô, no sentido de tê-la incentivado a estudar.

Pai: Projeta nos filhos a esperança de realização profissional, porém, não através dos estudos. O primeiro, “B”, está bem como está, o segundo deve chegar ao primeiro lugar no trabalho.

9. Relacionamento com os filhos

Mãe: Busca proteção no filho mais novo. Envia mensagens para que não a abandone. Vê o filho mais velho, “B”, como batalhador e aquele que corre atrás dos objetivos. Sente-se frustrada por não terem estudado.

Pai: Destaca o relacionamento positivo com a mãe, sentia-se protegido por ela.

Mãe: Busca proteção no filho mais novo. Envia mensagens para que não a abandone. Vê o filho mais velho, “B”, como batalhador e aquele que corre atrás dos objetivos. Sente-se frustrada por não terem estudado.

CATEGORIAS DE ANÁLISE	PRIMEIRA GERAÇÃO FAMÍLIA DE "M"	SEGUNDA GERAÇÃO "M"
Dados Pessoais	<u>Pai:</u> É o mais velho de sete irmãos, 56 anos, possui o segundo grau incompleto, aposentado como bancário, descendente de sírios.	<u>É</u> a mais velha, 28 anos, possui curso de segundo grau completo. Trabalha como professora primária.
1. Injunções	<u>Mãe:</u> 49 anos, segundo grau completo (Magistério), do lar, descendente de italianos.	<u>Não</u> cresça, não seja você, não desfrute, não confie nos homens, não expresse raiva, não pense.
2. Compulsões do "script"	<u>Mãe:</u> Não peça carícias positivas diretamente, não desfrute, não seja você, não expresse sentimentos negativos. <u>Pai:</u> Seja forte, seja o oposto de seu pai.	Agrade
3. Programa	<u>Mãe:</u> Agrade.	<u>Pai:</u> Ser padre, ser fiel, ser o oposto de seu pai. Desejo da adolescência não realizado: ser músico, instrumentista. <u>Mãe:</u> Ser útil, casar-se com homem rico, ser dona de casa, conviver com pessoas, ser diferente da mãe, casar com quem goste. Desejo realizado: ser
		Desvalorizar a beleza. Trabalhar, casar para ser independente, ter iniciativa, não ter medo. Desejo da adolescência não realizado: ser manequim. casar-se.

4. Plano de Vida
- Pai: Baseado em crenças: "Até que eu faça o que devo, não poderei desfrutar, a vida não tem sentido, eu não agradeo." Herói mítico: O Príncipe que salva a princesa pura do monstro e a ganha para si. Baseado em crenças: "Eu sou inseguro, não posso me sentir bonita. É preferível apanhar do que bater Amizade entre homem e mulher não existe. Estou presa. No trabalho não como meu pai, os outros são mais importantes." Herói mítico: Marcelino, Pão e Vinho, tem tristeza". Herói mítico: Cinderela e A Bonequinha Preta, porque não tinha medo, buscava o objetivo e tinha iniciativa.
- Mãe: Baseado em crenças: "Sou alegre e útil, me realizarei no casamento, prefiro ser feliz e não triste." Herói mítico: Alice no País das Maravilhas, pela alegria.
5. Desfecho
- Pai: agredir, lutar, fugir, celibato e solidão. Loucura ou depressão.
- Mãe: Perspectiva positiva, ser amiga sempre.
6. Disfarces
- Pai: Alcoolismo como substituição de tristeza. Raiva substituindo tristeza. Tristeza reprime a raiva.
- Mãe: Docilidade substitui tristeza.
7. DF-E - Temática
- Pai: Há distanciamento entre as pessoas da família, a figura feminina é vista como mais importante, embora não tenha voz ativa. O chefe da família é autocrático e quer ser valorizado. Não se permite pedir ajuda ou expressar o que sente. Seu poder está no aspecto financeiro. entre os pais repercute nos filhos.
- Mãe: O enfoque sobre a família de origem é positivo. A figura materna é vista como o elo que faz a família funcionar. A figura materna é o elo, o alicerce, a união. Um por todos e todos por um. Existe rejeição a alicerce, a união. Um por todos e todos por um.

8. Experiência positiva com a família de origem Pai: Destaca algumas qualidades do pai por ser honesto e trabalhador. A mãe era adorada e o pai é forte, embora seja repressor, é visto como ídolo. trabalhadora.

Mãe: Destaca o relacionamento positivo com os irmãos e com o pai, que era fiel, educado e gostava de servir.

9. Relacionamento com os filhos Pai: Possui ligação mais próxima com a filha. Reprimiu a valorização de sua beleza e sexualidade. Identifica-se com ela pelo gênio. Expressa-se: "Mulher não pensa, é burra". O filho é visto como mais frágil, tímido, porém, inteligente. Escolheu para o filho o nome de um gênio da música clássica.

Mãe: Vê o filho mais novo como responsável e a filha como aquela que só trouxe alegria.

## SEGUNDA GERAÇÃO

### CATEGORIAS DE ANÁLISE

"B"

"M"

Dados Pessoais	É o mais velho, 34 anos, possui curso universitário incompleto em Administração de Empresas. É comerciante.	É a mais velha, 28 anos, possui curso de segundo grau completo. É professora.
1. Injunções	Não confie, não se aproxime, não dê carícias positivas, não desfrute.	Não cresça, não seja você, não desfrute, não confie nos homens.
2. Compulsões do "script"	Seja forte, seja apressado, trabalhe duro.	Agrade, não expresse raiva, não pense.
3. Programa	Enfrentar, ir atrás de seus objetivos. Ser o contrário do pai, ganhar dinheiro até os 45 anos de idade. Resgatar as perdas materiais que o pai causou. Desfrutar da vida somente mais tarde. Desejo da vida: ser jogador de futebol.	Desvalorizar a beleza. Trabalhar, casar para ser independente, ter iniciativa, não ter medo. Desejo da vida: ser jogador de da adolescência não realizado; ser manequim.
4. Plano de Vida	Baseado em crenças: "Eu sou bom, a vida é que dá rasteira, eu quero ter o que os outros também tem. Eu sou determinado e ansioso. O prazo é curto, não há tempo a perder. Não sou aceito de cara. Depois de casar, a vida é sofrida. Só posso desfrutar da vida depois que conseguir o que eu quero. Eu sou incapaz de tolerante, determinado, confiante, de ser existo. Estou preso. No trabalho romano ou de bang-bang.	Baseado em crenças: "Eu sou insegura, não há tempo para sentir bonita. É preferível apanhar do que bater. Amizade entre homem e mulher não existe. Estou presa. No trabalho não tem filme tristeza". Herói mítico: Bonequinha Preta, por não ter medo, buscar seu objetivo e ter iniciativa.
5. Desfecho	Agressão ou doença.	Loucura ou depressão.
6. Disfarces	Gastrite, dores no peito. Raiva substitui a tristeza.	Tristeza reprime a raiva.

7. DF-E - Temática Há uma separação dentro da família seguida de união e fechamento. A família Família ideal é brincar, se divertir, ter carinho, ideal ultrapassa todos os obstáculos e não possui nenhum aspecto negativo. O dar conta dos obstáculos, enfrentar e se defender. chefe da família encontra-se afastado, precisando de apoio, mas recusa-se a A distância entre os pais repercute nos filhos. aceitar. Tem que se virar sozinho e ser forte, o que faz com que a família se Incoerência entre o que o pai fala e faz. A figura separe novamente. A meta desta família é ser o contrário da família de origem. materna é o elo, o alicerce, a união. Um por todos e todos por um.
8. Experiência positiva A mãe é vista como batalhadora e atuante. O pai é forte, embora seja repressor, é visto como idolo.
- com a família de origem

TERCEIRA GERAÇÃO

FILHOS DE "B" E "M"

CATEGORIAS DE

ANÁLISE

Dados Pessoais

1. Plano de Vida

É a mais velha, tem 8 anos, está na 3ª série do 1º grau.

Quero crescer logo, casar e ter filhos. Crenças: "Eu sou bonita". Quero ser jogador de futebol, crescer logo para se estudar. Herói mítico: Nina, que tomava conta dos bichinhos, e livrar da escola. Possui crenças do tipo: "Sou Bruxonilda, que era convencida de que era bonita."

2. DF-E - Temática

Na família existe trabalho e divertimento, passeio e união. Cada um tem o seu papel diferente, suas obrigações. Há uma proximidade maior com o pai. Fantasia negativa: perda, morte envolvendo ela mesma e o pai.

"Z"

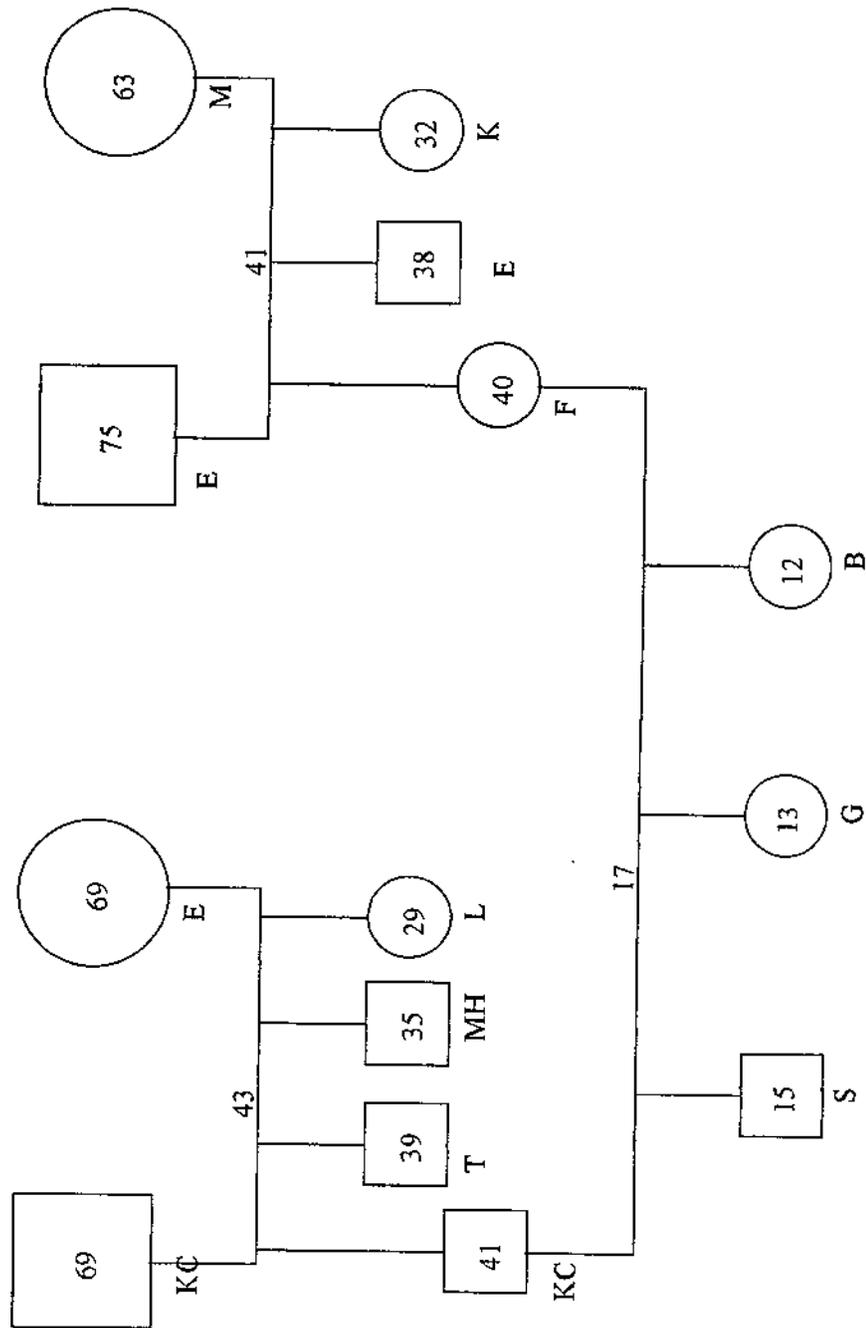
"B JR."

É o caçula, com 7 anos, está na pré-escola.

Quer ser jogador de futebol, crescer logo para se especializar na escola. Possui crenças do tipo: "Sou especial, danado, ninguém me aguenta. Gosto de namorar e ser esperto". Herói Mítico: monstro de histórias de terror.

O pai é visto como bravo, briguento e perigoso. "B Jr." se vê seguindo o pai, sendo briguento e esperto. Destaca a família briguenta. Fantasia negativa: Perda ou morte da figura materna, com quem tem mais proximidade.

## 4.2. CASO II



CATEGORIAS DE ANÁLISE	PRIMEIRA GERAÇÃO FAMÍLIA DE "KC"	SEGUNDA GERAÇÃO FILHOS: "KC" e "L"
Dados Pessoais	<p><u>Pai:</u> É o segundo de cinco filhos, 69 anos, possui curso superior completo em Ciências Jurídicas, aposentado como Coronel da Reserva da Polícia Militar. Descendente de portugueses e indígenas.</p> <p><u>Mãe:</u> Possui 69 anos, seis irmãs, curso superior em Serviço Social e Pedagogia, aposentada como professora. Descendente de portugueses e indígenas.</p>	<p>KC: É o mais velho de quatro filhos, 41 anos, casado, quatro filhos, trabalha como Engenheiro Civil.</p> <p>L: É a caçula e a única do sexo feminino, 29 anos, solteira, sem filhos. É graduada como Enfermeira e Psicóloga. Trabalha como Psicóloga Clínica.</p>
1. Injunções	<p><u>Pai:</u> Não seja criança, não desfrute, não sinta.</p> <p><u>Mãe:</u> Não cresça, não se aproxime, não demonstre o que sente, não dê carícias positivas, não pense.</p>	<p>KC: Não se aproxime, não expresse o que sente.</p> <p>L: Não cresça, não pertença, não mostre tristeza, raiva ou medo.</p>
2. Compulsões do "script"	<p><u>Pai:</u> Seja forte, seja perfeito.</p> <p><u>Mãe:</u> Seja forte, agrade, seja perfeita</p>	<p>KC: Seja forte, agrade.</p> <p>L: Seja esforçada, seja perfeita, agrade.</p>
3. Programa	<p><u>Pai:</u> Ser o melhor da família, ser honesto, vencer profissionalmente, ser fiel. Desejo não realizado: queria ser padre.</p> <p><u>Mãe:</u> Ser professora, casar-se.</p>	<p>KC: Se virar sozinho, ajudar a mãe na ausência do pai. Estudar para ser alguém na vida, crescer profissionalmente, ter uma casa. Cumprir os deveres e ser honesto.</p> <p>L: Estudar, vencer na vida, ser uma boa filha, ser certinha.</p>

4. Plano de Vida	<p><u>Pai:</u> Baseado em crenças: "O que será que vou enfrentar pela frente? A vida é muito importante de viver. Devo controlar a raiva e ter disciplina." Herói mítico: Charles Chaplin.</p> <p><u>Mãe:</u> Baseado em crenças: "A vida é muito difícil, tem mistérios, não queria ser igual minha mãe, não dá muito carinho. Minha infância foi pura". Herói mítico: Branca de Neve.</p>	<p><u>Pai:</u> Final aberto, viver o mais possível.</p> <p><u>Mãe:</u> Final aberto, curtir a vida.</p> <p><u>Pai:</u> Mau humor reprime os outros sentimentos.</p> <p><u>Mãe:</u> Tristeza reprime os demais sentimentos.</p>	<p><u>KC:</u> Baseado em crenças: "Eu não consigo colocar o jogo de cintura para me relacionar com pessoas. Não sei perder. Se mostrar quem sou realmente posso não ser aceito. É bom ser esperto, conseguir se fazer passar por outro." Herói mítico: O lobo da Chapeuzinho Vermelho, por ser esperto.</p> <p><u>L:</u> Baseado em crenças: "A vida é difícil, batalhar para receber a recompensa no final. Sou dependente, deficiente" Herói mítico: Cinderela, porque depois de tudo o que passou, conseguiu ser feliz.</p>
5. Desfecho			<p><u>KC:</u> Viver muito tempo. Válvula de escape: Agredir.</p> <p><u>L:</u> Válvula de escape: loucura.</p>
6. Disfarces			<p><u>KC:</u> Desânimo reprime a expressão de sentimentos.</p> <p><u>L:</u> Tristeza e ansiedade.</p>
7. DF-E – Temática	<p><u>Pai:</u> Nascimento de filha foi um marco importante, realização de um sonho importante: ter rendimento. Cita um filho desempregado e uma filha que é estar unido, sem estar amarrado. O diálogo na família "psicóloga falida", não acredita que terá um bom casamento. Tinha planos atual é melhor do que na família de origem. O pai não de cinco filhos e hoje tem cinco netos. Projeta no neto mais velho seu desejo de que alguém siga sua profissão. Relação conjugal considerada boa.</p> <p><u>Mãe:</u> Há ajuda e participação na família. O foco principal é sobre um filho que os pais procuram ajudar pelas próprias ideias destes e ele não atende ou não quer essa ajuda.</p>	<p><u>KC:</u> Destaca a união é falta de colaboração dos filhos. Valor Há pressão para sair da acomodação. O importante é estar unido, sem estar amarrado. O diálogo na família atual é melhor do que na família de origem. O pai não está bem, falta colaboração dos filhos. É importante se virar, atribuir responsabilidade para impedir a acomodação e a dependência.</p> <p><u>L:</u> Destaca a família futura desejada. Ser importante profissionalmente, passear e divertir-se com os filhos. A ausência do pai leva a família a unir-se mais.</p>	

<p>8. Relacionamento com os filhos</p>	<p><u>Pai:</u> Fala mais da preocupação com o futuro do segundo filho, que está desempregado, e com a filha, com relação ao seu namoro e profissão.</p> <p><u>Mãe:</u> O KC não deu trabalho, o E era briguento, o M. ciumento e L não tinha com quem brincar, era alegre.</p>	<p>KC: B é vista como mais doente, porém mais carinhosa, mais próxima do pai. G é mais moça e infantil ao mesmo tempo. S tem cabeça, quer estudar e</p>
<p>9. Experiências positivas com a família de origem</p>	<p><u>Pai:</u> O papel da mãe era educar e mostrar sentimentos. Era uma santa.</p> <p><u>Mãe:</u> A mãe cuidava da sobrevivência, mas não dava carinho. O pai era mais carinhoso, embora mais ausente.</p>	<p>KC: A mãe transmitiu força para enfrentar os obstáculos, aprendeu com ela a se virar sozinho.</p> <p>L: Aprendeu com os pais a honestidade, perseverança e cumprir os deveres.</p> <p>L: A mãe era carinhosa, enérgica, porém transmitia segurança, era decidida. O pai "papricava".</p>

**CATEGORIAS DE ANÁLISE**

**FAMÍLIA DE "F"**

"F"

**Dados Pessoais**

Pai: É o filho mais velho de quatro irmãos, 75 anos, possui o segundo grau completo, aposentado como chefe de laboratório da Casa de Agricultura Descendente de espanhóis. Trabalha como professora.

Mãe: É a quarta filha de seis, 63 anos, sendo que quatro irmãos faleceram durante a infância, provavelmente por problemas genéticos. Possui curso superior completo em Pedagogia, é aposentada como diretora de escola. Descendente de portugueses e alemães.

**1. Injunções**

Pai: Não cresça, não pense.

Não cresça, não me supere, não seja você, não expresse raiva ou tristeza.

Mãe: Não seja saudável, não seja você.

Pai: Agrade.

Agrade, seja esforçada.

"script"

Mãe: Agrade, trabalhe duro, expresse raiva, seja esforçada, seja apressada.

**3. Programa**  
Pai: Cumprir os deveres, não casar. Desejo não realizado: queria seguir carreira no Exército.

Ser a "belezinha", fazer Magistério, não dar trabalho, ser a "lindinha", ser alegre, casar e passear.

Mãe: Ser honesta, ser boa profissional, ser professora, ser boazinha. Desejo não realizado: queria ser costureira.

**4. Plano de Vida**

Pai: Baseado em crenças: "Tem que conformar-se, não adianta reclamar, não posso me queixar da vida, é importante fazer caridade e justiça." Herói Mítico: O Cavaleiro da Noite, porque era um justiceiro

Baseado em crenças: "Mulher tem que sair de casa para ganhar dinheiro e não pegar no pé do marido e filhos. Se eu emagrecer, perco a graça. A vida é uma aventura e uma brincadeira." Herói mítico: não gostava de histórias

Mãe: Baseado em crenças: "Primeiro a obrigação, depois a devoção. Quando se é boa de coração, se consegue tudo. Eu sou nervosa, meu nome é de uma santa. Eu me sinto incapaz diante de situações novas." Herói Mítico: Branca de Neve, por ser sofrida, meiga e boa.

5. Desfecho	<p><u>Pai:</u> Final aberto, evitando encenação.</p> <p><u>Mãe:</u> Se as coisas forem muito mal, a saída é ficar louca.</p> <p><u>Pai:</u> Tristeza reprime raiva.</p> <p><u>Mãe:</u> Claustrofobia, o medo reprime os demais sentimentos.</p>	<p>Válvula: suicídio.</p> <p>Alegria disfarça a tristeza e raiva.</p>
6. Disfarce	<p><u>Pai:</u> Enfoca o desejo de isolamento, se destacar, possuir nobreza real, manifesta gosto pela família atual, fala de um pai esforçado, porém sem sorte.</p> <p><u>Mãe:</u> Enfoca uma família triste, desunida. Quando se tem mais filhos pode ser sinal de que existe amor entre o casal. A figura materna é vista como megera e a figura paterna como omisso, bobão. A mãe precisa ser tratada, é nervosa, mandona. Um tem que morrer pelo outro, um por todos, todos por um. Não é permitido um abandonar o outro. Falta tolerância. Filho ter o nome do pai é ruim porque vive à sombra dele.”</p>	<p>Utiliza muitos diminutivos e várias vezes o adjetivo “lindo”. Fala de uma casa só para sua família atual, onde viverão felizes para sempre. As pessoas são ligadas e preocupadas uns com os outros. “Um por todos, todos por um”. Existe diálogo, passeios, diversão, sempre juntos. O carinho entre o casal é demonstrado pela grande quantidade de filhos. “Unidos venceremos, roupa suja se lava em casa”</p>
7. DF-E - Temática	<p><u>Pai:</u> A F é brincalhona, não leva nada a sério, O E gosta de dar as coisas para os outros, tem dó. A M é advogada e enfermeira, é mais brava, não manda dizer.</p> <p><u>Mãe:</u> Preocupa-se mais que M e o E Jr. arranjam um emprego melhor. Considera a M de bom coração.</p>	<p>O S será Coronel de Polícia, a G, vai ser professora e artista e B será artista e enfermeira.</p>
8. Relacionamento com os filhos.	<p><u>Pai:</u> Fala da mãe como uma pessoa boa de coração, o pai pacato, sossegado, ambos eram compreensivos, embora a mãe fosse um pouco brava.</p> <p><u>Mãe:</u> Relata que, embora não houvesse carinho físico, sempre ganhou todos os brinquedos que queria na infância. Destaca que deve a honestidade ao pai e à mãe. O pai era muito bravo, embora amoroso. Destaca que era muito “agradada” por todos, incluindo a avó alemã e a madrinha. Os erros da mãe sempre eram justificáveis.</p>	<p>Considera a mãe excelente, melhor do que ela mesma como mãe. “Deixava recortar coisas.. dava panela e tesoura para brincar”. O pai a levava para passear em parque e circo.</p>
9. Experiência positiva com a família de origem		

SEGUNDA GERAÇÃO

CATEGORIAS DE ANÁLISE	"KC"	"F"
Dados Pessoais	É o mais velho de quatro filhos, 41 anos. Trabalha como engenheiro civil.	É a mais velha de três filhos, 40 anos. Possui curso superior em Pedagogia. Trabalha como professora.
1. Injunções	Não se aproxime, não expresse o que sente.	Não cresça, não me supere, não seja você, não expresse raiva ou tristeza.
2. Compulsões	Seja forte, agrade.	Agrade, seja esforçada.
3. Programa	Se virar sozinho, ajudar a mãe na ausência do pai. Estudar para ser alguém na vida, crescer profissionalmente, ter uma casa. Cumprir os deveres e ser honesto.	Ser a "belezinha", fazer Magistério, não dar trabalho, ser a "lindinha", ser alegre, casar e passear.
4. Plano de Vida	Baseado em crenças: "Eu não consigo colocar o que sinto, tenho jogo de cintura para me relacionar com pessoas. Não sei perder. Se mostrar quem sou realmente, posso não ser aceito. É bom ser esperto, conseguir se fazer passar por outro."	Baseado em crenças: "Mulher tem que sair de casa para ganhar dinheiro e não pegar no pé do marido e filhos. Se eu emagrecer, perco a graça. A vida é uma aventura e uma brincadeira."
5. Desfecho	Válvula: Agredir. Viver muito tempo.	Válvula: suicídio
6. Disfarce	Desânimo reprime a expressão de sentimentos.	Alegria disfarça a tristeza e raiva.

7. DF-E - Temática

Destaca a união e falta de colaboração dos filhos. Há Utiliza muitos diminutivos e várias vezes o adjetivo "jindo" pressão para sair da acomodação. O importante é estar Fala de uma casa só para sua família atual, onde viverão unido, sem estar amarrado. O diálogo na família atual é felizes para sempre. As pessoas são ligadas e preocupadas uns melhor do que na família de origem. O pai não está bem, com os outros. "Um por todos, todos por um" Existe diálogo, falta colaboração dos filhos. É importante se virar, atribuir passeios, diversão, sempre juntos. O carinho entre o casal é responsabilidade para impedir a acomodação e a demonstrado pela grande quantidade de filhos. "Unidos dependência. venceremos, roupa suja se lava em casa"

8. Relacionamento com os

B é vista como mais doente, porém, mais carinhosa, mais O S será Coronel de Polícia, a G vai ser professora e artista e filhos. próxima do pai. G é mais moça e infantil ao mesmo tempo. B será artista e enfermeira.

S "tem cabeça", quer estudar e ser militar.

9. Experiência positiva com a

A mãe transmitiu força para enfrentar, aprendeu a se virar Considera a mãe excelente, melhor do que ela mesma como família de origem sozinho. Aprendeu com os pais a ter honestidade, mãe "Deixava recortar coisas, dava panela e tesoura para perseverança e cumprir os deveres. brincar". O pai a levava para passear em parque e circo.

**TERCEIRA GERAÇÃO**

**FILHOS DE "KC" E "F"**

**CATEGORIAS DE ANÁLISE**

"S"

"G"

"B"

**Dados Pessoais**

É o mais velho dos três filhos, sexo É a segunda, sexo feminino, 13 anos É a mais nova, sexo feminino, 12 anos, estudante do 2º. estudante da 8ª. Série. masculino, 15 anos, estudante da 6ª. Série. grau.

1. Injunções Não seja você mesmo, não seja criança.

Não seja criança, não sinta medo, não seja você. Não cresça, não seja saudável.

2. Compulsões

Seja apressado, agrade ao pai e avô, seja bem sucedido profissionalmente. Seja forte, agrade.

Agrade.

3. Programa

Seguir a carreira militar como o avô, ser bem sucedido na escola.

Ser aeronauta, piloto, ser alcançar condição financeira melhor que o pai, ser agradar ao avô, artista.

4. Plano de Vida

Baseado na crença: "Eu feuiho que ter sucesso financeiro, ser importante, para menos, sou má, bagunceira e explosiva. não fracassar. Queria ser como Peter Pan, Não sou submissa. Gosto de aventura. sinto-me cobrado."

Baseado nas crenças: "A vida é mais ou Baseado nas crenças: "Sou alegre, chorota, amorosa. Sou feia e burra. A vida vai ser curta. Eu doente, tudo acontece comigo. Mito: Rapunzel."

Ulisses".

5. DF-E - Temática	Destaca o dinheiro como falta e ideal. Como falta, leva a perdas e união da família. A família ideal é vista como tendo o casamento e o dinheiro. Enfoca a família atual como unida, saudável, porém, com falta de dinheiro.	Destaca a si como aventureira e como motivo de preocupação dos pais. Manifesta incerteza sobre a aceitação de si pela figura paterna. Identificação, disputa e rivalidade que necessita de amizades e depende da família. Manifesta predileção por histórias de terror.
6. Relacionamento com os pais	Os pais precisam de dinheiro. O pai é amigo e trabalhador. Cumprimentam quando obtém sucesso. O pai é mais atuante.	Preocupa-se com a falta de dinheiro e a necessidade de casa para os pais. O pai é brincalhona. O pai é triste por falta de dinheiro. A mãe, mais omissa.

### 4.3. CASO III

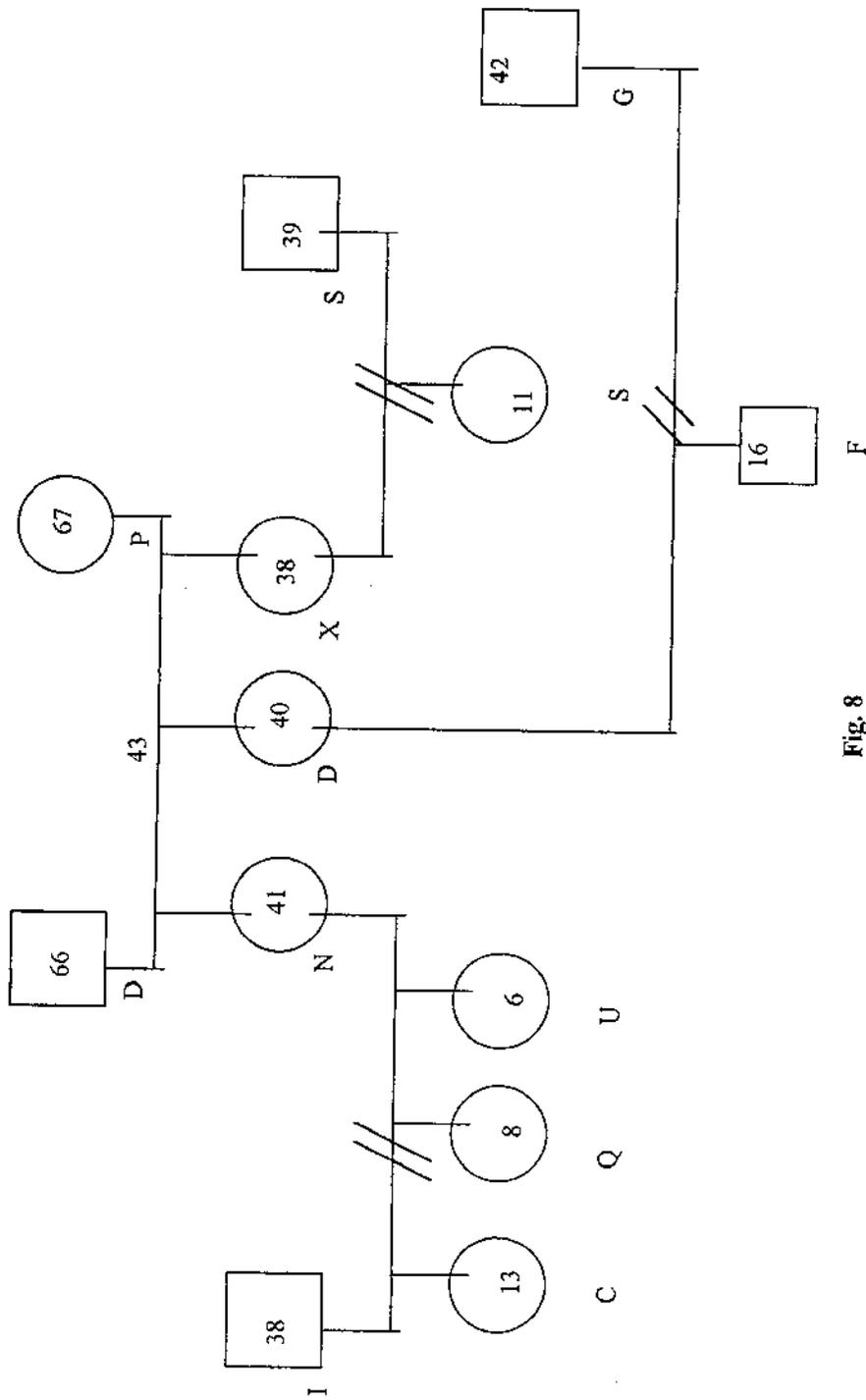


Fig. 8

**CATEGORIAS DE**

**PRIMEIRA GERAÇÃO**

**SEGUNDA GERAÇÃO**

**ANÁLISE**

**Dados Pessoais**

Pai: Filho único, 66 anos, Promotor Público aposentado, N: É a mais velha de três filhas, 41 anos, separada há 7 anos, descendente de italianos e gregos ou árabes, não tem certeza. Psicóloga.

Mãe: É a terceira de cinco filhos, 67 anos, professora primária professora de Ioga.

apostada, graduada em Ciências Jurídicas e Sociais, X: É a caçula, 38 anos, separada há 3 anos, mãe de uma filha, descendente de português e suíço.

**1. Injunções**

Pai: Não expresse o que sente, não se aproxime, não pertença.

graduada em Publicidade e Jornalismo, trabalha como bancária.  
N: Não me supere (recebida do pai sobre os estudos e da mãe sobre ser "dona de casa"), não seja você, não cresça, não expresse o que sente.

Mãe: Não seja você.

D: Não cresça, não faça, não seja você.

X: Não pense, não faça.

N: Seja esforçada.

D: Agrade.

X: Agrade.

**2. Compulsões**

Pai: Agrade, seja perfeito, seja forte.

Mãe: Agrade, seja perfeita, seja apressada.

**3. Programa**

Pai: Estudar, aprender, ser importante pelo estudo, cursar N: Estudar, fazer Direito, ser bem sucedida.

Direito, salvar a família, ser o melhor.

D: Ser rica, ter sucesso profissional, casar-se e ter filhos.

X: Casar-se e ter filhos.

Mãe: Estudar, fazer coisas boas, fazer tarefas domésticas.

4. Plano de Vida
- Pai: Baseado nas crenças: "Sou limitado, bem comportado". N: Baseado em crenças: "Ser independente, sair de casa. Sou Heróis míticos: Dartanhan, de O príncipe Valente e Sherlock retraída, levada à depressão, disponível para cuidar de crianças. Holmes.
- Herói mítico: fadas de A Bela Adormecida, pelo poder que possuíam. As mulheres são mais fortes"
- Mãe: Baseado em crenças: "Sou conformada com as coisas, D: Baseada em crenças: "Não sou aceita, quero ser bem tenho sonhos simples, vou levando. Sou tensa, exigente, sucedida, descrença e desilusão na adolescência. Sou agitada. Herói mítico: Branca de Neve, por ser órfã e boa."
- espiritualista, a vida é para aprender os erros e acertos. Herói mítico: Branca de Neve, devido à sua bondade."
- X: Baseado em crenças: "Sou medrosa, insegura, alienada, me sinto amarrada. Herói mítico: a pequena órfã de O Jardim Secreto, devido à personagem se sentir sufocada e sua luta pela liberdade."
5. Desfecho
- Pai: Limitado, quase consegue. Morte entre os 65 e 70 anos de infarto. Válvula de escape: suicídio.
- D: Válvula de escape: pensou em suicídio na adolescência. Pessimismo, apego ao lado espiritual.
- Mãe: Viver bem e esperar a recompensa divina. Vida longa.
- X: Válvula de escape: loucura. Morrer na meia idade
6. Disfarces
- Pai: Depressão e medo reprimem raiva.
- N: Irritação reprime tristeza. Sintoma físico: garganta.
- Mãe: Ansiedade e tensão acompanhadas de gastrite.
- D: Medo e vazio reprimem sentimentos de raiva, alegria.
- X: Tristeza e raiva.

7. DF-E- Temática

Pai: O tema enfocado é a família de origem. As figuras maternas e paternas estão distantes e o filho sem expressar o que sente. O infarto é tido como tradição de família. O filho tem que assumir a responsabilidade de cuidar da mãe na ausência do pai. Na família atual, as pessoas estão "amontoadas", não havendo espaço para cada um. Os bens materiais refletem o sucesso da família. Há união e pessimismo.

Mãe: Enfoca doença, tragédia e luta para vencer dificuldades. O lema da família é: "Unidos venceremos". A depressão é a doença que preocupa e incomoda. A família atual é vista em reunião, festa e amizade, porém, faltando um elo, que são os maridos das filhas.

D: Enfoca a família desejada. pais bem sucedidos profissionalmente e filhos planejados. Os problemas acontecem quando a figura paterna é fraca, precisando ser tratado, a mãe arca com tudo e a filha se sente injustiçada. Na família atual existe domínio dos pais sobre os filhos, proteção gerando dependência e o desejo de independência.

X: A família ideal é vista como possuindo união entre os membros, apoio e colaboração. Cada um fazendo seu compromisso. Na família indesejável, a figura paterna não quer saber de compromisso e a figura materna assume tudo e mantém um vínculo estreito com a filha. O vínculo é abordado como exacerbado, tolhendo a liberdade.

8. Relacionamento com os filhos

Pai: A N é considerada meio termo e estudiosa. D é agressiva e possui facilidade de aprendizagem. X é mais dócil e estudiosa.

N: C é criança, gosta de matemática, Q quer ser veterinária, U tem jeito para dançar. Considera que as duas menores, Q e U darão mais trabalho na adolescência.

Mãe: Considera N perfeccionista, D tensa e X alegre e agitada.

D: não aborda.

X: não aborda.

9. Experiência positiva com a família de origem

Pai: Os pais o estimularam e se esforçaram para que fizesse Direito.

N: O pai brincava, satisfazia os desejos. Identificava-se com ele no aspecto intelectual. Era seu ídolo, embora menos atuante.

D: A mãe era protetora, às vezes até demais. O pai trazia para casa o dinheiro, dava segurança material.

Mãe: A mãe era carinhosa, alegre e comunicativa.

X: O pai superprotegia, mas impulsionava. A mãe fez o melhor que podia dentro de seus conceitos.

CATEGORIAS DE ANÁLISE	SEGUNDA GERAÇÃO "N"	TERCEIRA GERAÇÃO FILHOS DE "N"
Dados pessoais	N: É a mais velha de três filhas, 41 anos, separada há 7 anos, C: É a mais velha das três filhas, tem 13 anos, estudante da 7ª Série. Psicóloga.	Q: É a segunda, tem 8 anos, estudante da 2ª Série. U: É a caçula, tem 6 anos, estudante da 1ª Série.
1. Injunções	N: Não me supere (recebida do pai sobre os estudos e da mãe sobre ser "dona de casa"), não seja você, não cresça, não expresse o que sente.	C: Não cresça, mensagem enviada pelo pai, e não seja criança, mensagem enviada pela mãe. Q: Não seja criança.
2. Compulsões	N: Seja esforçada.	Não foi possível identificar.
3. Programa	N: Estudar, fazer Direito, ser bem sucedida.	C: Casar, morar numa casa grande. Ser arquiteta.
4. Plano de Vida	N: Baseado em crenças: "Ser independente, sair de casa, levada à depressão, disponível para cuidar de crianças. Herói mítico: fadas de A Bela Adormecida pelo poder que possuíam. As mulheres são mais fortes".	Q: Ser professora ou veterinária. C: Baseada em crenças: "Sou esperta, gorda e bem inteligente em cálculos matemáticos. Sou lerda em outras coisas. Sou brincalhona como meu pai, não levo as coisas muito a sério. Herói mítico: A Fadinha Azul, por ser nervosinha. Se fosse uma fada poderia realizar os sonhos dos pais, irmãs e prima." Q: "Sou elegante e bagunceira. Herói mítico: O Simba, de O Rei Leão, por ele lutar contra o mau e vencer."
5. Defeito	N: Válvula de escape: loucura e depressão. Nada vai mudar.	Não foi possível identificar.
6. Disfarces	N: Irritação reprime tristeza. Sintoma físico: garganta.	Não foi possível identificar.

#### 7. DF-E- Temática

N: Enfoca a família atual, em que existe a ausência do pai e da mãe, devido ao trabalho. Há conflito entre dependência e independência, pois estar sempre junto atrapalha. A figura materna é vista como ideal e aquela que não chega aos 40 anos, em que há união e o distanciamento ideal. Manifesta o desejo dos filhos crescerem rápido.

Q: Os filhos são vistos como "levados", a figura paterna é vista como impotente para trazer segurança à família. Os filhos se preocupam em "salvar" o pai. Enfoca a família que se ajuda.

U: Enfoca a situação atual, em que pai e mãe se separaram, há falta de dinheiro e o pai está "cheio de problemas". Em compensação possui outras pessoas na família que apoiam, o que alivia a angústia.

8. Relacionamento com os filhos N: C é criança, gosta de matemática, Q quer ser Veterinária, U tem jeito para dançar. Considera que as duas menores, Q e U darão mais trabalho na adolescência.

9. Experiência positiva com a família de origem N: O pai brincava, satisfazia os desejos. Identificava-se com ele no aspecto intelectual. Era seu ídolo, embora menos atuante.

Q: O pai é pouco citado, tendo aparentemente um relacionamento mais distante. É valorizada pela mãe em sua beleza.

U: Não foi possível identificar.

## 4.4. SÍNTESE DOS RESULTADOS

### 4.4.1. Caso I

#### 4.4.1.1. Primeira geração

Família de origem de B - KS, o marido, vive um “script” de perdedor, isto pode ser constatado pelas crenças que tem de ser incapaz, pelo estilo de vida (sempre conseguindo e perdendo algo) e pela válvula de escape, que é o alcoolismo. Apresenta ainda dados de que os homens de sua família de origem (pai e tios) nunca conseguiram algo na vida. É como se ele desse continuidade a este processo. A mãe de KS, segundo ele mesmo, o superprotegeu, colaborando, então, para que não crescesse, porém, é com ela que o relacionamento afetivo foi melhor.

J, a esposa, procurou superar a perda dos pais com o avô e uma irmã mais velha, seguiu um curso de vida determinada a casar-se e ter filhos, sempre procurando compensar, com o trabalho e com os filhos, a insatisfação conjugal e um possível desfecho de solidão. Relacionou-se melhor com o avô, pelo incentivo deste a que ela estudasse.

Os “scripts” são complementares, no aspecto de que o marido possui mensagens de não-crescimento e sentimentos de incapacidade, não proporcionando segurança à família. Esta lacuna é preenchida pela esposa, que passa a assumir o papel não desempenhado pelo marido e a viver em função dos outros. O casamento não se complementa, já que J sempre se sentiu desprotegida e o marido não lhe oferece proteção. Para ambos, marido e esposa, os filhos são a esperança de realização profissional. Para a esposa, o primeiro filho, B, é escolhido para trabalhar e conseguir objetivos e o segundo, para cuidar dela.

Família de origem de M - X, o marido, planejou ser o oposto do pai, com quem sofreu muitos traumas advindos de críticas e castigos. Construiu a vida no sentido de provar que era capaz de conseguir ser alguém. Para isso, fez escolhas que não queria ter feito, como trabalhar como bancário e casar-se. Afirma que queria ter ido para o seminário,

porém, sugere que isto seria uma fuga da convivência com o pai. Nunca se sentiu capaz de atrair alguém. Lutou para não sucumbir ao desejo do pai para que fosse alfaiate. Sua válvula de escape, durante algum tempo, foi a bebida alcoólica, mas procurou ajuda, parou de beber e perdoou o pai. Parece que, quando conseguiu “ser alguém na vida” e parou de beber, liberou-se de ter que provar algo para os outros. Repetiu algumas atitudes do pai com os próprios filhos, de forma mais atenuada. Atualmente, permite-se voltar a estudar e ainda pensa em ser padre. O relacionamento afetivo era melhor com a mãe.

NB, a esposa, resolveu seguir o “script” dando atenção às mensagens do pai, que lhe dizia para casar-se com quem gostasse. Sente-se satisfeita com suas escolhas, não tinha outras expectativas além do casamento e dos filhos. O relacionamento afetivo era melhor com o pai.

A atitude submissa da esposa em não pedir ou expressar afeto, coerente com o que era esperado pela cultura da época em que se casou, complementa a atitude do marido, que se mantém mais forte, afastado afetivamente e autocentrado. O marido detém a responsabilidade financeira e a esposa, a de manutenção da união familiar.

#### **4.4.1.2. Segunda geração**

B - Constrói uma trajetória de vida baseada na recuperação dos bens materiais e do *status* perdidos pelo pai, atendendo, assim, às expectativas da mãe. Cumpre o “episcript”. Mantém padrões repetitivos do pai, no que se refere a manter um distanciamento afetivo da esposa e dos filhos. Prioriza vencer obstáculos, a meta é ser o oposto do pai. A permissão para desfrutar a vida só virá depois de conseguir o que quer. A fase de vida atual é considerada sofrida, por tudo que ainda tem por conseguir. Aparentemente vive no contra-“script”.

M - Constrói um “script” no sentido de provar que é capaz de ser independente profissionalmente, apesar da descrença do pai sobre a inteligência dela, e espera que ele a reconheça. Desistiu de seguir uma profissão que dependesse de seus atributos físicos,

porque o pai reprovava esta escolha. A superproteção da mãe pode ter completado a insegurança. Repete a idéia da mãe: “a figura materna é o elo da família”. Mantém um distanciamento afetivo do pai e do marido. O “script” é competitivo com o do marido no aspecto independência, também é complementar no aspecto união da família, pois é M quem faz este papel. B complementa o script de M, no que diz respeito à insegurança desta e aos traços de personalidade semelhantes aos do pai de M.

B e M possuem como ídolo a mãe e o pai, respectivamente.

#### **4.4.1.3. Terceira geração**

Z sonha em seguir o modelo tradicional de casar e ter filhos. Os relatos sugerem o desejo de cuidar dos outros, a permissão para admirar a própria beleza, cumprindo, assim, a expectativa não realizada da mãe em achar-se bonita. O pai é o ídolo afetivo.

BJR sonha em ser jogador de futebol, o que agrada ao avô paterno e ao pai. Cumpre um desejo não realizado dos mesmos. Possui o pai como modelo de atuação, no sentido de ser briguento, e a mãe, como ídolo afetivo. Aparentemente, BJR recebe mensagens para não expressar medo.

#### **4.4.2. Caso II**

##### **4.4.2.1. Primeira geração**

Família de origem de KC - O marido aparenta ter um “script” de vencedor, propôs-se ser o melhor profissionalmente e conseguiu o que queria. Canalizou todas as energias no sentido de ser disciplinado, controlado nas suas emoções, por isto não teve muito tempo para ser criança. Construiu uma família, conseguiu ter a filha que desejava, proporcionou segurança familiar. Dá importância ao fato de ter uma boa renda financeira.

Possui uma forte relação afetiva com a filha, porém, não acredita no sucesso profissional e afetivo desta.

A esposa seguiu um “script” determinado tradicionalmente: crescer, fazer Magistério, casar-se e ter filhos. Procurou ser melhor que a própria mãe, no que se refere a dar carinho e informações sobre sexo aos filhos. A permissão para estudar e fazer uma faculdade veio mais tarde, quando estava grávida da terceira filha.

Há complementação de “scripts” dos cônjuges, no aspecto demonstrar sentimento: o marido não possui permissão para sentir e a esposa não tem permissão para demonstrar qualquer sentimento, a não ser tristeza. Por outro lado, o marido construiu um projeto de vida para cuidar de alguém, a esposa foi criada para ser cuidada e não pensar qualquer coisa sobre sexo. Há dependência do marido, entretanto, na ausência deste, a esposa assume a família, dividindo responsabilidades com o filho mais velho. O marido declara ter tido mais experiências positivas com a mãe, e a esposa declara ter recebido mais carinho do pai, embora este fosse mais ausente.

Família de origem de F - A esposa foi criada como uma “boneca de porcelana” e para ser perfeita por ter sido a única filha que “vingou”. Ser perfeita é uma forma de atender às expectativas parentais. Foi-lhe dado o nome de uma santa, por ter conseguido sobreviver. Casou-se e teve uma vida profissional, sendo extremamente exigente consigo e com os outros.

O marido foi criado para não crescer e ser agradável a todos. Sonha, porém, não realiza. Possui um “script” em que não ganha, nem perde. Desobedeceu a uma ordem da mãe, que não queria que ele se casasse.

Os scripts complementam-se, na medida em que a esposa é controladora, toma iniciativas, expressando ansiedade, raiva e fobias, enquanto que o marido permite-se ser controlado, permanece acomodado e conformado com os obstáculos, expressando calma e tranquilidade. Ambos possuem sentimentos de incapacidade, ela, por sentir-se má e nervosa, ele, por não ter “sorte”. Ambos relatam experiências positivas com a família de origem.

#### 4.4.2.2. Segunda geração

KC - Construiu uma história no sentido de “se virar sozinho”, cuidar das pessoas e não expressar sentimentos, tais como raiva e tristeza, repetindo o padrão do pai. Procura corrigir, na família atual, falhas da família anterior, buscando maior diálogo entre pais e filhos. Sente a responsabilidade pela família como uma carga, que está centralizada nele. Traz aspectos positivos dos pais, porém enfatiza a influência materna, por tê-lo ensinado a ser auto-suficiente e mais independente.

L - Irmã de KC, foi criada para ser dependente, não ser importante e agradar ao pai como retribuição à superproteção deste. Quer ser importante e obter sucesso, para provar sua capacidade e ser valorizada, mas não se sente segura, porque não atendeu às expectativas profissionais do pai em relação a ela. A mãe transmite segurança, mas parece ser insuperável na perfeição. A relação afetiva maior é com o pai. Repete o padrão relacional da mãe, no sentido de buscar um relacionamento afetivo no qual seja cuidada.

F - Esposa de KC, construiu a vida de forma a agradar sempre à mãe, não tentar superá-la e não ser importante, ou seja, conformar-se em estar em desvantagem nos papéis de mãe e profissional. F não é a melhor e não faz questão de ser. Foi estimulada a não expressar emoções, tais como medo, tristeza e raiva, devendo expressar sempre a alegria. Possui uma atitude conformada diante dos problemas, semelhante ao pai. Enfatiza aspectos positivos dos pais.

KC e F- Os “scripts” complementam-se, já que ele assume a resolução dos problemas e cuida da família, enquanto que ela permite ser cuidada. F não demonstra insatisfações, nem compete com a autoridade do marido. A alegria dela complementa o desânimo e a não-expressão de sentimentos dele. F repete o padrão de pensamento da mãe, no que se refere à união familiar. KC e F possuem dificuldade em afastar-se das famílias de origem.

#### **4.4.2.3. Terceira geração**

Filhos de KC e F - Os três filhos destacam que o pai é mais atuante do que a mãe, ambos preocupam-se em resolver o problema financeiro da família. As impressões que os filhos possuem de si próprios são coerentes com a imagem que o pai tem deles.

S constrói uma trajetória de vida com o objetivo de crescer rápido, ter sucesso profissional e financeiro, seguir a carreira militar e, assim, cumprir as expectativas do avô paterno e da família em geral.

G possui como objetivo de vida, no momento, crescer logo, agradar ao avô e ser tão boa quanto o irmão. Possui espírito aventureiro, o desejo de enfrentar tudo e ser reconhecida pelo pai.

B possui objetivos de vida limitados, pelo medo de não conseguir, e não deseja crescer. Sente-se incapaz física e intelectualmente. Projeta a própria tristeza no pai.

#### **4.4.3. Caso III**

##### **4.4.3.1. Primeira geração**

Família de origem de N, D e X - O marido cumpriu totalmente as expectativas parentais, no que se refere aos objetivos profissionais e familiares. Considerava-se limitado quanto a relacionamentos, expressão de pensamentos e sentimentos. Traçou uma trajetória no sentido de estudar, conseguir sucesso material e assumir o lugar do pai. Profissionalmente não chegou ao ponto que almejava.

P, a esposa, não fez muitas escolhas na vida, conseguiu realizar os sonhos: ter uma profissão, casar-se e ter filhos. A aproximação era maior com a mãe, o pai era enérgico e pouco atuante.

Os “scripts” do marido e da esposa complementam-se, no que se refere à divisão de tarefas: ele trazendo a segurança material para casa e ela atuando com as filhas, colocando limites às mesmas. Ambos são semelhantes por buscarem a perfeição e por sentirem-se conformados. Possuem pensamentos pessimistas diante da vida e da situação de vida das filhas. A esposa ocupou-se em lutar para vencer dificuldades, expressar ansiedade, agitação e insegurança diante dos problemas, fazendo isso ela manteve preservada a imagem do marido, que se eximia de expressar tais sentimentos considerados negativos pelos filhos. O pai estimulou nas filhas o aspecto profissional, principalmente na mais velha, enquanto que a mãe dedicou-se a ensinar as tarefas domésticas.

#### **4.4.3.2. Segunda geração**

N - Construiu uma vida no sentido de conseguir ser independente e ser bem sucedida profissionalmente, agradar ao pai e ser a dona de casa perfeita, como a mãe. Manteve-se num conflito entre crescer e ser ela mesma, ou continuar dependente e agradar ao pai. Repete o padrão de pessimismo dos pais. O pai era o ídolo intelectual, embora menos atuante. Casou-se com uma pessoa que não lhe trouxe a segurança proporcionada pelo pai, separou-se e teve que assumir as responsabilidades de criar os filhos sozinha, isto também é considerado um peso.

D - Construiu uma trajetória baseada na descrença e na fuga. Sente necessidade de ser independente, porém, continua dependendo materialmente dos pais, pelo menos em parte. Não escolheu a profissão desejada. Rompeu um relacionamento afetivo, porque o parceiro não assumiu a gravidez dela. Possui consciência de que não atingiu as expectativas parentais e não seguiu uma meta própria. Preferiu não se arriscar e dirigiu as atenções para o aspecto espiritual da vida.

X - Construiu uma vida no sentido de aceitar a proteção recebida, não se arriscar, não pensar. Decidiu aceitar o que viesse. Casou-se e separou-se, com a queixa de que o parceiro não assumia as responsabilidades que lhe cabiam. Acabou assumindo, sozinha, a responsabilidade pela filha.

N, D e X descrevem a adolescência como o período mais difícil, que deveria ser refeito. Todas afirmam possuir maior facilidade de relacionamento com o pai, dizem que a superproteção dada por ambos, o pai e a mãe, tirou delas a liberdade de escolha.

O pai destinou a N o sucesso profissional, onde ela deveria seguir a mesma profissão que ele. A mãe, professora, aconselhou a todas a não seguirem esta profissão. D foi destinada a casar-se com um homem bem sucedido e ter filhos. À X não coube nenhum destino específico. Todas as três relatam a dificuldade de adaptação, quando tiveram que se mudar para uma cidade maior, por volta dos 10 anos.

#### **4.4.3.3. Terceira geração**

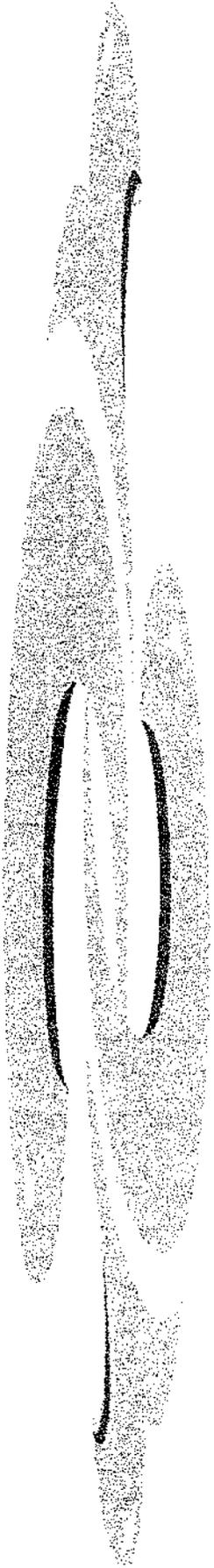
As três filhas de N percebem a dificuldade financeira da mãe e do pai, sentem segurança e proteção com os avós maternos.

C recebe mensagens contraditórias, para não crescer e para crescer rápido, motivadas pela ansiedade da mãe. É comparada ao pai, que é visto por ela como companheiro de brincadeiras, porém é esperto e enganador.

Q preocupa-se em salvar o pai, já que o considera impotente para oferecer segurança material e emocional.

U já manifesta a angústia da insegurança material e da desproteção por parte do pai.

De forma geral, nesta família, os sentimentos de pessimismo e depressão são verificados da primeira à terceira geração.



## ***5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS***

Os resultados obtidos mostram que é possível fazer-se uma construção retrospectiva do “script”, pela utilização cruzada dos instrumentos de investigação com pessoas de uma mesma família.

Apesar da construção retrospectiva estar sujeita à projeções e falhas de memória, o importante é como as pessoas vivenciam e percebem sua história de vida. Neste sentido, constatamos que existem semelhanças entre a percepção que os pais tem de si e como eles são vistos pelos filhos. A recíproca também é verdadeira. A mesma situação ocorre entre avós e netos.

A análise das três gerações forneceu um panorama psicológico e sociológico dos valores vigentes em cada geração, permitindo a generalização de alguns aspectos para o cada grupo familiar especificamente.

Os resultados mostram a ocorrência de uma variabilidade na construção do “script”, não sendo possível manter a idéia reducionista de um único modelo.

A primeira geração recebeu mensagens mais objetivas ou mais definidas sobre o que era esperado do filho e da filha, bem como os limites em que poderiam chegar. Como resultado, não existiam muitas variações nos papéis masculino e feminino.

A partir da segunda geração as mensagens são mais confusas, por vezes existe contradição entre o que o pai e mãe dizem, levando à insegurança dos filhos e às dúvidas nas escolhas. Isto ocorre, provavelmente, devido às mudanças sociais na expressão de sentimentos, na ampliação do horizonte profissional e na inserção cada vez maior da mulher no mercado de trabalho.

Além disto, constatamos que os pais procuram corrigir, na educação dos filhos, as falhas que julgam ter sido cometidas pela família de origem. Apesar desta percepção, é interessante notar que os pais não corrigem em si próprios estas falhas.

A primeira geração, quando chega na terceira idade, permite-se avaliar os próprios erros e acertos, algumas pessoas procuram retomar oportunidades perdidas, outras esperam que o filho ou o neto realizem o que elas próprias não conseguiram. Portanto, o que não aparece na primeira geração pode aparecer na terceira, confirmando a influência dos avós sobre os netos e a existência do “episcript”.

A geração posterior mostra uma tendência de procurar amenizar, melhorar ou suprir as faltas da geração anterior, de acordo com o referencial de cada um. Isto nos dá uma visão positiva do ser humano. Neste sentido, os padrões repetitivos, quando ocorrem, são considerados positivos, ou a repetição não está consciente e possui um caráter compulsivo. Isto ocorre, principalmente, quando se prioriza uma área do “script”, como, por exemplo, tem-se como meta principal o desenvolvimento a vida profissional e, na vida familiar, repetem-se atitudes parentais.

Quando os filhos aceitam seguir fielmente o que é esperado deles, a trajetória de vida possui um sentido contínuo e previsível, sem muitas mudanças. Por outro lado, quando não aceitam, aparecem descontinuidades, segue-se ora para um lado, ora para outro. Cabe lembrar o ‘medo de improvisar’, descrito por BYNG-HALL (1995).

Os filhos não seguem exatamente modelos, mas estão atentos às expectativas parentais. Entretanto, imitam algumas atitudes parentais, como recurso para levarem um objetivo adiante.

Para alguns, o “script” é construído com o objetivo de salvar a família de origem, recriando, na família atual uma forma mais positiva de atuação ou de resgatar perdas, o que pode ser observado nos casos I e II. Quanto à necessidade de salvar a família, encontramos esta preocupação já nos relatos de crianças da terceira geração, entre seis e oito anos de idade (caso III). Outras pessoas propõem-se a ser o contrário do progenitor do mesmo sexo em algum ou em todos os aspectos. Não encontramos pessoas que manifestassem intenção de ter atitudes contrárias às do progenitor do sexo oposto.

Para a maioria dos entrevistados o progenitor do sexo oposto é referido como o “mais carinhoso” e os “scripts” parecem ser construídos de forma a atender às expectativas do mesmo ou ter a aprovação deste. Há, portanto, diferenças significativas na recepção e interpretação das mensagens parentais pelos filhos do sexo feminino e masculino.

Os progenitores do mesmo sexo são objetos de maior rivalidade, competição e referidos como os responsáveis pelas falhas próprias ou pela repetição de padrões de comportamentos indesejáveis.

Os filhos do sexo masculino referiram-se à mãe como superprotetora ou a que oferece segurança e ensina a “se virar sozinho” (Casos I e II). Elaboramos então, a hipótese de que o progenitor do sexo oposto possa influenciar na dependência ou independência financeira e emocional do filho.

Já os filhos do sexo feminino referiram-se ao pai como mais carinhosos e protetores, mesmo que mais ausentes, como temos nos exemplos dos casos I, II e III.

Em reciprocidade, os pais demonstram maior preocupação com os filhos do sexo oposto. Alguns dos pais entrevistados referiram-se ao nascimento das filhas como um marco (casos I e II). Ao mesmo tempo, manifestam ciúme, competição afetiva e, por vezes, intelectual com a filha. Mesmo na segunda geração, a mulher ainda é considerada pelos pais como menos capaz de assumir a vida profissional.

Existem mensagens estereotipadas, transmitidas de acordo com o sexo. A raiva, por exemplo, é estimulada nos filhos do sexo masculino, enquanto que as expressões de amor, tristeza, alegria e medo são suprimidas, e mais estimuladas nos filhos do sexo feminino.

Outra informação interessante é a de que o “script” é construído mediante uma seleção de necessidades. A meta a ser atingida pode priorizar o tema família ou profissão. Algumas pessoas parecem não possuir metas definidas, os acontecimentos são aceitos da forma que vêm. Elas expressam-se da seguinte forma: “vou levando”, “tem que se conformar”.

Não foi possível avaliar ‘quando’ as decisões de “script” são tomadas. Nas entrevistas com as crianças, já pudemos observar a existência de algumas injunções e crenças a respeito de si e da vida. Entretanto, foi constatado que a adolescência é uma época crucial, quando são concluídas algumas experiências e, a partir daí, o “script” entra em ação. Alguns adultos caracterizaram a adolescência como uma fase difícil, de inseguranças, complexos, desilusões, que deveria ser refeita. Outros alegaram que não tiveram adolescência.

Observa-se que cada filho recebe mensagens diferentes, as quais dependem dos interesses, temperamento e aceitação de cada pessoa. Algumas fazem interpretações decorrentes não das mensagens, mas dos eventos de vida e de como os pais lidam com os mesmos. Assim, filhos dos mesmos pais possuem crenças diferentes sobre si e sobre a vida, isto decorre de mensagens e eventos de vida diferentes. Podemos dizer, então, que as influências são circulares, ou seja, a personalidade da criança estimula os pais a lhe atribuírem papéis, que, por sua vez, são reforçados ou não pela aceitação da criança.

O “script” possui um caráter comum e familiar, sendo, ao mesmo tempo, único e particular.

Alguns mitos podem ser observados como pertencentes ao grupo familiar como um todo, sendo verificados nas três gerações e podendo ser expressos em “slogans” tais como: “a família depressiva”, “um por todos, todos por um”, “unidos venceremos”, “a mulher é o elo da família”.

Pudemos observar os efeitos destes mitos nas famílias entrevistadas, através das crenças e atitudes diante da vida: pessimismo, no caso da “família depressiva” (caso III), e dificuldade de separação, na família “um por todos, todos por um” (caso II).

No relacionamento conjugal, as lacunas deixadas por um dos parceiros são preenchidas pelo outro. As pessoas não escolhem os parceiros buscando alguém parecido com a mãe ou o com o pai, mas, sim, alguém que as complete, atenda às necessidades ou que dê continuidade a uma situação que lhes pareça confortável. Como exemplo, citamos o

caso de um dos casais da segunda geração, em que a esposa adaptou-se facilmente às mensagens parentais, adquirindo uma atitude mais passiva diante da vida e dizendo-se feliz. Dando continuidade a este processo, o marido dela é uma pessoa aparentemente forte, que satisfaz os desejos da esposa e atua quando necessário, complementando assim o “script”.

Quando o “script” não é complementar em alguns aspectos, gera conflitos, o que podemos constatar em um dos casais do caso I.

Confirmando a idéia de alguns autores citados anteriormente, nem todos os aspectos do script são “destrutivos”. A falta de um modelo e de diretivas parentais podem causar insegurança e medo, segundo informação de alguns entrevistados. Há necessidade de se possuir um parâmetro, mesmo que seja para se fazer o contrário deste.

As injunções podem atingir a vida da pessoa como um todo ou somente em algumas áreas. A abrangência parece depender do tipo de injunção transmitida, das permissões e das mensagens de contra-“script”. Constatamos casos de pessoas que receberam injunções para não demonstrarem ou pedirem afeto fisicamente e conseguiram demonstrar isto de outra forma. Outras receberam injunções para não se socializarem, mesmo assim, conseguiram obter sucesso profissional.

Uma informação interessante refere-se ao motivo pelo qual as pessoas escolhem trabalhar ou casar. A meta pode ser a mesma, mas os motivos são diferentes, como ADLER (1963) afirmou. Num dos casais da segunda geração (caso II), a esposa escolheu trabalhar fora porque, conforme aprendeu com a mãe, “mulher que fica em casa pega no pé do marido”. Uma outra (caso I) afirmou ter se casado precocemente para se libertar da família. Uma das entrevistadas (caso III) foi estudar em outra cidade para deixar de ser “ingênua e caipira”.

Concordamos com ERSKINE & MOURSUND (1988), quando afirmam sobre a construção do “script” baseada em introjeções de modelos ou decisões da criança frente às necessidades não atendidas.

Constatamos que realmente existe um caráter transferencial, no que se refere à busca da realização das necessidades não atendidas na infância, através da projeção na vida atual.

Entretanto, discordamos da afirmação de ERSKINE (1980) de que o “script” seja um plano de vida restritivo e inibidor em sua totalidade. Existem aspectos também positivos, transmitidos ao longo das gerações calcados em valores como honestidade, cooperação, crescimento profissional e pessoal.

Como comentaram MATZE (1988), CORNELL (1988) e CERVENY (1994) de que existem influências recíprocas no relacionamento familiar e na construção do “script”, como nos mostraram os dados coletados nas entrevistas. Cada indivíduo possui um temperamento peculiar que estimula determinadas reações no outro e vice-versa.

Concordamos com ALLEN & ALLEN (1988) sobre a dificuldade de predição no “script” de vida, já que existem mudanças principalmente durante a fase da adolescência. Os próprios pais fazem previsões acerca do futuro dos filhos que não se cumprem. Isto comprova que as mensagens transmitidas não são aceitas fielmente como tinha afirmado BERNE (1972).

Algumas pessoas, entretanto, possuem um funcionamento mais rígido e menos permeável à mudanças, como salientou VILHENA (1991). Temos exemplo disto no caso II. Neste caso as condutas parecem ser mais uniformes e contínuas, sendo transmitidas do mesmo modo.

Alguns aspectos do “script” permanecem intactos através das gerações e expressos pelos mitos, porém concordamos com LORIA (1995) quando afirma que a criança valoriza mais alguns fatos do que outros. Neste sentido há um tema central que predomina como meta de vida e subtemas secundários.

Discordamos deste autor quanto a não existência de decisões. Constatamos que as decisões existem, porém não são fixadas na infância, podendo ser refeitas. Estas decisões baseiam-se em como cada um vivencia sua realidade privada e nas crenças que possui, porém nem sempre conscientes.

Acreditamos que quando o “script” encontra-se em ação, isto é, após a adolescência, possamos falar em tendências futuras positivas ou negativas, se não ocorrerem mudanças promovidas pelo próprio indivíduo.

## ***6. CONCLUSÃO***

*“Eu tenho meus pensamentos.”*

*Juliana (1998)<sup>1</sup>*

Com base na discussão dos resultados, apresentamos conclusões que respondem aos objetivos propostos.

- a) O “script” de vida é construído com base em expectativas e influências parentais, incluindo os avós, e em situações vivenciadas pela criança, das quais ela tira conclusões sobre si, sobre os outros e sobre a vida.

Algumas influências transmitidas possuem um caráter comum e pertencem ao grupo familiar como um todo, enquanto que outras têm um caráter específico e individual.

As influências transmitidas e percebidas são diferentes para irmãos do mesmo sexo ou de sexo diferentes e possuem aspectos positivos e negativos.

O modelo do progenitor não é repetido totalmente, são repetidos alguns padrões de crenças ou comportamentos. Os padrões repetitivos ocorrem porque são considerados positivos ou estão inconscientes.

Algumas influências permanecem intactas através das gerações, outras ‘saltam’ uma geração e atingem a seguinte.

As decisões do “script” são concluídas durante a adolescência e a finalidade dele é a satisfação das necessidades individuais.

- b) O “script” pode ser planejado de forma a atender às expectativas parentais, ser o contrário do progenitor do mesmo sexo, resgatar perdas da família de origem ou manter uma situação confortável. Assim, estilos de vida semelhantes possuem motivações diferentes para cada um, isto é coerente com as crenças do indivíduo sobre si e sobre a vida.

---

<sup>1</sup> Resposta de uma criança de 9 anos, quando inquirida sobre a procedência de uma afirmação.

O caráter positivo ou negativo do “script” só pode ser considerado pela pessoa que possui.

- c) Os “scripts” dos parceiros conjugais têm, em geral, aspectos complementares e a função de continuidade.

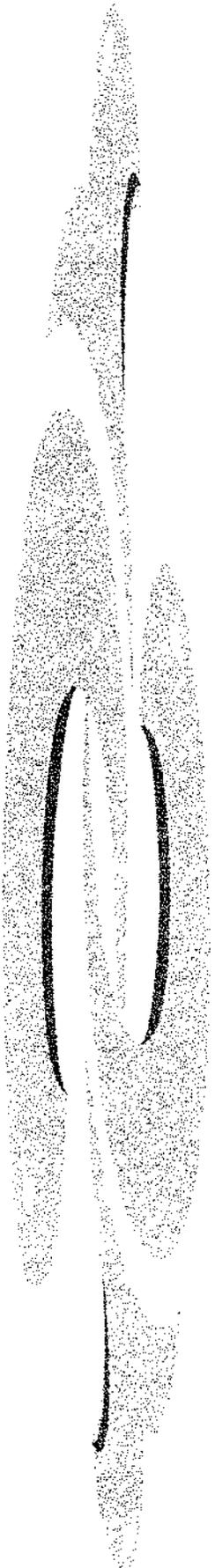
Sugerimos a realização de estudos comparativos para a análise de “scripts”, abrangendo casos específicos de adoção, famílias que fogem ao modelo tradicional, e casos em que existam psicopatologias severas.

Acreditamos que as conclusões obtidas permitem a utilização desta análise como instrumento de compreensão no diagnóstico precoce das dificuldades psicológicas em adultos e crianças, possibilitando intervenções preventivas na família e objetivando a saúde mental e a qualidade de vida.

Deixamos como propostas o trabalho do psicólogo como de conscientização do “script” de cada um e a avaliação conjunta dos aspectos facilitadores e inibidores de uma possível mudança.

Deixamos para futuros estudos duas questões:

- Os progenitores do sexo oposto, que são considerados mais carinhosos, protetores e fonte de segurança, mesmo que mais ausentes, seriam também mais responsáveis pelos transtornos psicopatológicos?
- Quando há ausência física deste progenitor, ou de um outro que o substitua, o progenitor do mesmo sexo acumularia funções na formação do “script”, ou este lugar ficaria permanentemente vago, influenciando na construção do “script” no sentido de buscar um substituto que aceite a projeção?



## ***7. SUMMARY***

This paper intends to study the building of the life's script focusing three generations, based on the presupposed theoretical of the transactional analysis and some points of the systemic theory.

Considering the script as a established plan for the child under parent's influence and the one determines the life's way, we intend to analyze:

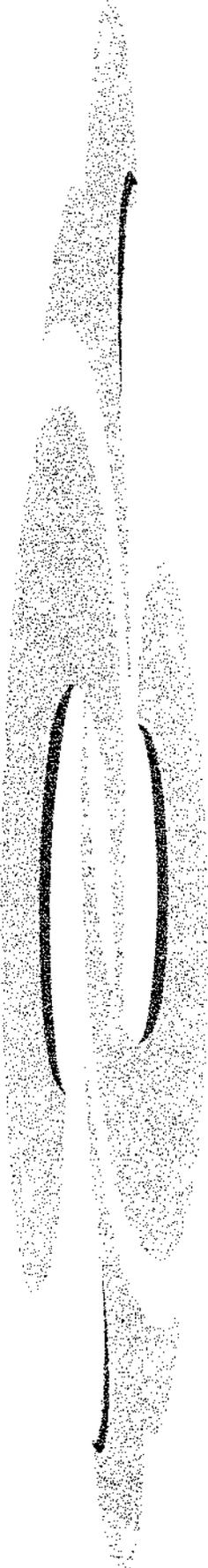
- how family influences ar transmitted and noticed;
- how the life style adopted relates to the premature influences;
- what the role of the script is in the conjugal relationship.

It was used the study of cases, enclosing a sample of three generations. As auxiliary tools were used a semi structured interview and the Family Drawing with Story Procedure.

The analysis of the results shows:

- The family influences are transmitted and noticed in a mutual interaction among grandparents, parents and children, through hopes, models and attributions with common and specific aspects for each person.
- The life style adopted relates to the premature influences in the proportion that is used to attend the family hopes, supply the individual non attended needs, repair the failures of the origin's family and keep interaction models considered positive.
- The individual scripts act in a complementary way to the conjugal relationship.

This paper shows contributions to increase the diagnosis process and intends preventive interventions in the family ambit.



***8. REFERÊNCIAS  
BIBLIOGRÁFICAS***

- ADLER, A. – The style of life. In: \_\_\_\_\_ - **Individual psychology of Alfred Adler**. New York, Ed. G.B. Levitas, George Brazillier, 1963. p. 173-203.
- ALLEN, J. & ALLEN, B. - Scripts and permissions: Some unexamined assumptions and connotations. **Trans. Anal. J.**, 18 (Suppl. 4): 283-93, 1988.
- BARDIN, L. - **Análise de conteúdo**. Lisboa, Ed. 70, 1977. 223p.
- BERNE, E. (1961) – **Análise transacional em psicoterapia**. São Paulo, Summus Ed., 1984. 243p.
- BERNE, E. (1972) – **O que você diz depois de dizer olá?: a psicologia do destino**. São Paulo, Nobel Ed., 1988. 357p.
- BOWLBY, J. – **Base segura: aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989. 170 p.
- BYNG-HALL, J. – **Rewriting family scripts: improvisation and systems change**. New York, The Guilford Express, 1995. 288p.
- BUCHER, J.S.N.F. – Mitos, segredos e ritos na família II: Uma perspectiva intergeracional. **Psicol., Teoria e Pesq.**, 2 (Supl. 1): 14-22, 1986.
- CAMPOS, L.P. (1986) – Dando poder à criança: Prevenção primária na formação do script. **Rev. Bras. Anal. Trans.**, 1: 25-34, 1989.
- CAMPBELL, J. (1949) – **O herói de mil faces**. São Paulo, Cultrix/Pensamento, 4ª. Edição, 1996, 414 p.
- CAVALERA, M. – Entrevista com um roqueiro. **Rev. Veja**, 30 (Supl. 16), s/no. p., 1997.
- CERVENY, C.M.O. – **A família como modelo : Desconstruindo a patologia**. Campinas, Ed. Psy II, 1994. 139p.

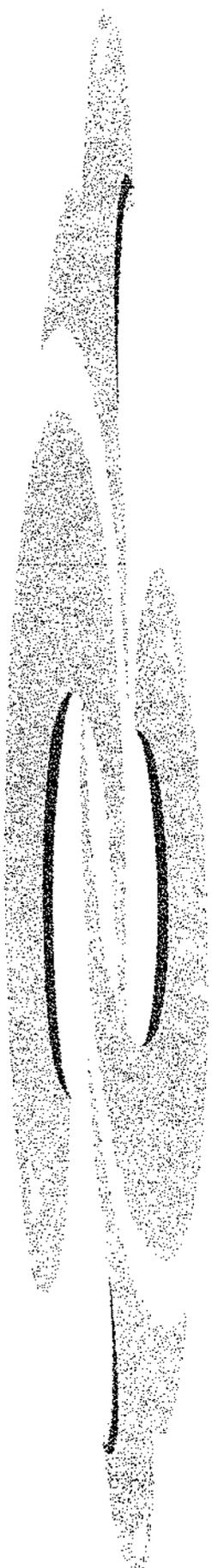
- CERVENY, C.M.O. - **A família como modelo: Influência da repetição de padrões interacionais das gerações anteriores nos problemas da família atual.** São Paulo, 1992. [Tese - Doutorado – Pontifícia Universidade Católica]
- COPIT, M.S. & HIRCHZON, C.M. - **Psicanálise: uma ciência pós-moderna?** In: SILVA, M.E.L. (coord.) – **Investigação e psicanálise.** Campinas, Ed. Papirus, 1993. p.91-102.
- CORNELL, W. - **Life script theory: A critical review from a developmental perspective.** **Trans. Anal. J., 18,** (Suppl 4): 270-82, 1988.
- ENGLISH, F. – **Episcript and the hot potato game.** **Trans. Anal. Bull., 8:** 77-82, 1969.
- ENGLISH, F. - **What shall I do tomorrow? Reconceptualizing transactional analysis.** In: BARNES, G. (ed.) - **Transacional analysis after Eric Berne: Teachings and practices of three TA schools.** New York, Harper College Press, 1977. p. 287-347.
- ENGLISH, F. – **Wither scripts.** **Trans. Anal. J., 18** (Suppl.4): 294-303, 1988.
- ERSKINE, R.G. - **Script cure: Behavioral, intrapsychic and physiological.** **Trans. Anal. J., 10** (Suppl. 2): 102-06, 1980.
- ERSKINE, R.G. & MOURSUND, J. – **Introduction.** In: \_\_\_\_\_ - **Integrative psychotherapy in action.** Newbury Park, CA, Sage Publications, 1988. p. 29-40.
- FREUD, S. (1920) – **Além do princípio do prazer.** Rio de Janeiro, Imago Ed., 1975. Cap. V, Vol. 18. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.
- GOULDING, M. & GOULDING, R. (1979) – **Ajuda-te pela análise transacional.** São Paulo, Ibrasa Ed., 1985. 201p.

- GOULDING, R. – Decision in script formation. **Trans. Anal. J.**, 2 (Suppl.2): p. 62-63, 1972.
- HERRMANN, F. – Uma aventura: a tese psicanalítica. In: SILVA, M.E.L. (coord.) – **Investigação e psicanálise**. Campinas, Ed. Papirus, 1993. p. 133-158.
- HOLLOWAY, W.H. – **Shut the escape hatch**. Medina, Midwest Institute for human understanding, Inc., 1973. p.15-18 (The Monograph Series, 4).
- HOLLOWAY, W.H. – Transactional analysis : an integrative view. In: BARNES, G. (ed.) – **Transactional Analysis after Eric Berne: Teachings and practices of three TA schools**. New York, Harper College Press, 1977. p. 169-221.
- KAHLER, T. (1977) – História do mini-argumento. In: ERSKINE, R. G. (org.) – **Prêmios Eric BERNE**. Brasília, UNA-AT, 1983. p. 67-92.
- KEEN, S. & VALLEY-FOX, A. – **A jornada mítica de cada um**. São Paulo, Ed. Cultrix, 1989. 210 p.
- JAMES, M. & JONGEWARD, D. (1975) – **Nascido para vencer**. 12ª. ed. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984. 277p.
- JUNG, C.G. – General description of the types. In: \_\_\_\_\_ - **Psychological types**. New York, Harcourt, Brace Company, 1946. p. 330-33.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. - **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1967.
- LEITÃO, G.C.M. – **Crenças argumentais de mulheres que sofreram agressão de seus maridos ou companheiros. Estudo comparativo no campo da Análise Transacional, realizado com populações atendidas na 2ª. Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher, e no Centro de Saúde Rubens Monteiro Arruda**. São Paulo, 1991. [Tese de Doutorado – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo].

- LORIA, B.R. – Structure, determinism and script analysis: a bringing forth alternative realities. **Trans. Anal. J.**, **25** (Suppl. 2) : 156-68, 1995.
- MARX, M.B.; BARNES, G.; SOMES, G.W.; GARRITY, T.F. - The health script: its relationship to illness in a college population. **Trans. Anal. J.**, **8** (Suppl. 4): 339-344, 1978.
- MASSEY, R.F.; COMEY, S.; JUST, R.L. - Integrating genograms and script matrices. **Trans. Anal. J.**, **18** (suppl.4): 325-35, 1988.
- MASSEY, R.F. – Script theory synthesized systemically. **Trans. Anal. J.**, **19** - (Suppl. 1): 14-25, 1989.
- MATZE, M.G. - Reciprocity in script formation: A revision of the concept of symbiosis. **Trans. Anal. J.** **18** (Suppl. 4) : 204-08, 1988.
- MUNHOZ, M.L.P. - **Implicações da família de origem na formação do casal: modelos e padrões.** São Paulo, 1996. [Tese – Doutorado – Pontifícia Universidade Católica].
- PAPP, P. & IMBER-BLACK, E. – Family themes: transmission and transformation. **Fam. Proc.**, **35**: 5-20, 1996.
- PENFIELD, W. – Memory mechanisms. **Arch. Neurol. & Psychiat.**, **67**: 178-198, 152, 1952.
- PIAGET, J. (1964) – Conclusões: os estágios gerais da atividade representativa. In: \_\_\_\_\_ - **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978. p. 345-70.
- POZZATTI, J.M.C. – A mulher e o trabalho : uma análise psico-sociológica da opressão. **Rev. Bras. de Anal. Trans.**, **2** (Suppl. 1) : 74-75, 1993.

- PRADO, L.C. – Metáforas, segredos e mitos ao longo do ciclo vital: uma reflexão clínica.  
In: \_\_\_\_\_ - **Famílias e terapeutas: construindo caminhos**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1996. p. 199-212.
- PRADO, M.C.C.A – Destino e mito familiar. in: VILHENA, J. (org.) – **Escutando a família : uma abordagem psicanalítica**. Rio de Janeiro, Ed. Relume Dumará, 1991. p. 81-92.
- QUEIROZ, M.I.P. - Relatos orais, do 'indizível ao dizível'- **Cienc. e Cult.**, 39 (Suppl. 3) : 272-286, 1987.
- REZENDE, A.M. – A investigação em psicanálise: exegese, hermenêutica e interpretação.  
In: SILVA, M.E.L. (coord.) – **Investigação e psicanálise**. Campinas, Ed. Papirus, 1993. p.103-118.
- SAFRA, G. – O uso de material clínico na pesquisa psicanalítica. In: SILVA, M.E.L. (coord.) – **Investigação e psicanálise**. Campinas, Ed. Papirus, 1993. p.119-132.
- SOIFER, R. – Conceito de família, critérios de indicação: fundamentação teórica. In: - **Psicodinamismos da família com crianças**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1989. p.21-46.
- STEINER, C. (1971) – Matriz argumento e contra-argumento. In: ERSKINE, R.G. (org.) – **Prêmios Eric Berne**. Brasília, UNA-AT, 1983. p. 25-28
- STEINER, C. (1974) - **Os papéis que vivemos na vida**. Rio de Janeiro, Ed. Artenova, 1976. 298p.
- STEINER, C. – Scripts revisited. **Trans. Anal. J.**, 2 (Suppl. 2): 83-86, 1972.
- TRINCA, W. - O Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) na investigação da personalidade de crianças e adolescentes. **Bol. Psicol.**, 39 (90,91): 45-54, 1989.

- TRINCA, W.; BRAUN, E; SOUZA, M.T.S.; ROSSI, S. - O Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) no diagnóstico familiar: utilização cruzada com a criança e os pais. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 20, Ribeirão Preto, 1990. Anais. Ribeirão Preto, 1990. p. 104 -1990.
- VILHENA, J. - Mito e fantasia : conjunções e disjunções no grupo familiar. In: \_\_\_\_\_ (org) - **Escutando a família : uma abordagem psicanalítica.** Rio de Janeiro, Ed. Relume Dumará, 1991. p.93-98.
- WEISS, E. - **Fundamentos de la psicodinâmica.** Buenos Aires, Psique, 1957. 429p.



## **9. ANEXOS**

THE CAMP  
BASIC INFORMATION CENTRAL

Valores e crenças dos pais sobre si, sobre as outras pessoas, sobre casamento, família e a vida.

Emoções permitidas e reprimidas na família.

Reações dos pais a problemas e maneira de resolvê-los.

Conclusões que tirou a respeito de si próprio, dos outros e da vida.

5. Histórias fictícias preferidas e personagens preferidos.

6. Sentimentos e maneira de expressar emoções e resolver os problemas. Sintomas físicos.

7. Relação com parceir(a) (o):

Motivos que levaram à escolha.

Expectativas e frustrações.

8. Escolha profissional:

Motivos que levaram à escolha . Crença sobre si com respeito ao papel profissional.

9. Filhos:

Porque os teve.

Como se sente em relação a cada um deles.

Aspectos positivos e negativos dos mesmos e como se relaciona com isso.

Autoconceito como pai/mãe.

Expectativas com relação aos filhos.

10. O que mudaria na família de origem e/ou atual.

11. Pensamentos sobre homicídio, suicídio ou loucura.

12. Expectativas sobre ao tempo de vida.

13. Epitáfio.

**Roteiro Geral para Verificação de “Script” – Criança**

1. Dados de Identificação

Nome

Idade

Escolaridade

2. Apelidos recebidos.

3. O que mais gosta e menos gosta em você?

4. O que faz você sentir bem e mal?

5. O que você quer ser quando crescer?

6. Se por uma mágica pudesse ser o que deseja, o que seria?

7. Você prefere ir à escola ou ficar em casa? Porque?

8. Você prefere continuar pequeno ou crescer logo? Porque?

9. Quando você era bem pequeno, do que se lembra bem?

10. O que sua família conta ou contou sobre seu nascimento?

11. Qual a melhor coisa que seu pai disse que você é? E a pior?

12. O que o seu pai quer que você seja? E sua mãe?

13. Qual a melhor coisa que sua mãe disse que você é? E a pior?

14. Quando seu pai fica bravo com você o que diz? E sua mãe?

15. Quanto tempo acha que vai viver?

16. Qual sua estória ou conto favorito?

17. Qual seu personagem preferido? Porque?

18. O que você tem que fazer para que seus pais sorriam?

19. Conte-me seus sonhos e fantasias, bons e maus.

**CASO I  
AVÔ PATERNO**

*Dados da Entrevista*

K.S. – 61 anos

Escolaridade: 2º grau incompleto

Ocupação atual: aposentado

Descendência: portuguesa e indígena

1- Fale sobre você.

R: Não me sinto frustrado. Fui um pouco irresponsável, mau, impetuoso. Usei bebida, farra, nunca dei valor para dinheiro. Poderia ter rendido mais. Considero que tenho um QI bom. Falta responsabilidade. Enrola com uma coisa, larga, pega outra, larga. Procuro não dar vexame, ser um avô idôneo, nunca dei prejuízo, levo, mas não dou. Sou muito católico.

2- Como era sua mãe?

R- Galinha choca, dava muita mordomia, preocupada, mantém os filhos debaixo da asa. Não deixava faltar nada. Talvez não seja o ideal. Se eu viajava tinha dificuldade até com o travesseiro. Fica muita coisa. Parece que sou um menino. Qualquer problema vou atrás dela.

3- Como era seu pai?

R- Era um tirano, muito pintão, levado, não culpo porque foi criado assim. Tenho uma frustração: não deu liberdade para os filhos. Punha no gelo. Pai era um covarde, batia muito. Era fotógrafo. Eram sete filhos, a avó morava junto. Tinha luxo comigo. A vida da mãe era um rolo. Sou neto e filho mais velho. A avó era analfabeta. Galinha choca.

4- Frase favorita dos pais sobre a vida:

R- Mãe: Dizia que eu sou muito bom, que Deus vai me ajudar. Minha mãe tá sempre implicando, sempre com raiva. Pai e mãe nunca combinaram.

Pai: Dizia “o único que tem direito de ficar bravo sou eu”. Eu entendia que ele era mais forte.

5- Elogios recebidos dos pais:

R- Mãe: Me achava mais elegante, melhor jogador, a coisa mais linda do mundo.

Pai: Quando eu jogava futebol falava para os outros, não para mim. Eu também sou assim.

6- Críticas recebidas dos pais:

R- Mãe: Nunca criticou. Tinha certa predileção por mim.

Pai: Não tinha como agradá-lo. Nunca fui aluno CDF. Se deixasse eu arrebentava. Dizia: “esse menino não tem jeito”. Roubava jabuticaba. Tinha coisas que eu fazia escondido do pai e a mãe sabia.

7- Como os pais mostravam aborrecimento:

R- Mãe: Emburrava.

Pai: Pelos gestos, cara, atitude, “faiscando”.

8- Reação diante da situação de aborrecimento.

R- Com a mãe: Não fazia nada, não tá em mim.

Com o pai: Ajudei ele só em fotografia (ele era fotógrafo). Ele era acomodado.

9- Conselhos recebidos dos pais:

R- Mãe: Não lembro.

Pai: Obrigava a fazer, não dava conselho.

10- Tipo de punição recebida:

R- Apanhava de correia ou tapa, ou ficava de castigo, sem sair de casa.

#### 11- Apelidos

R- Galibé ou mister. Não significava nada.

#### 12- Expectativas dos pais quanto à vida adulta do filho

R- Mãe: Nunca transpareceu.

Pai: Nunca tentou ver, obrigou-me a ajudar em foto. Eu não gostava. A esposa era de família rica. Ela tinha mais fama de ter porque tinha. Noventa por cento da educação dos filhos é dela. Acho que superei o que eles (os pai) esperavam de mim. Tenho dois filhos, netos. Gostam da gente. Acho que os pais não esperavam nada. Não tinha escola, não tinham condição de dar nada.

#### 13- Sentimentos, atitudes e pensamentos não revelados na infância

R- Não tenho remorso. Farras, cabaré. Pegava uma pratinha do avô.

#### 14- Crenças sobre a vida atual

R- Corre-corre tremendo. A vida é nascer, crescer e morrer, não se perder, deixar alguma coisa boa. Não sei se dinheiro demais é bom, se pouco é ruim. Às vezes tem muito dinheiro e tem problemas. Se o sogro não tivesse dinheiro não teria morrido como foi.

#### 15- Crenças sobre a vida na adolescência

R- Idealista, achando que ia melhorar. Passei dezoito anos em frigorífico. Meu ideal era progredir na vida, mas não batalhei, acomodado, falta de responsabilidade.

#### 16- Crenças sobre a vida na infância

R- Não sabia o que esperar. Ser um aviador ou jogador de futebol.

#### 17- Autoconceito

R- Narcisismo. Falam: "Se seu gênio fosse outro sua vida seria outra". Tenho conhecimento da vida, fui vereador. Sempre ajudei minha família. Cheio de erros, não tem o que gostar ou desgostar. Foi burrada minha não ter aproveitado a chance. Se aproximando mais, poderia ter se encaixado com a família da esposa. Tem grandes beberrões na minha família, mas é honesta, jogadores de futebol. Meu pai fugia das

responsabilidades, sobrava para mim. Não gosto da autenticidade. Me prejudicou. Mas agora tá meio tarde. Tenho uma dívida dizendo: "Porque você não produziu?" O descauso é completo. Me afastei.

18- Identificação com personagens de histórias infantis

R- Os três porquinhos, Robson Cruzoé. Gostei mais do Cruzoé ou o secretário. Enfrentava a situação, construía as coisas, enfrentava os índios, se saía bem. Tinha vontade de estar junto sob a tutela dele sendo o secretário.

19- Reação diante de atitudes contrárias do outro

R- Argumento e fico bravo, principalmente se entendo.

20- Sentido da vida

R- A vida é um come dorme. Tô esperando morrer meu pai e minha mãe a qualquer hora. Minha mãe falou que eu bebia porque meu pai me batia.

21- Pensamentos suicidas

R- Já pensei, mas não com intenção. Pensei o que seria. Se eu fosse médico praticaria a eutanásia.

22- Desejos homicidas

R- Não me lembro, pode até ser, mas me arrependi.

23- Expectativas futuras

R- Tenho que fazer algo para modificar. Minha mulher não tem temperamento de ficar em casa. Não concordo dela trabalhar e eu ficar em casa. Antes me chamavam de gigolô.

24- Previsão sobre a própria morte

R- Partindo do meu pai que está com 84. Achei que podia morrer velho. Estou com pancreatite. A família não sabe, às vezes bebo um pouco. Superei a bebida. O que me ajudou mais foi ver meus netos e nora. Tenho problemas de próstata. A morte, mais ou menos com 80 anos. Talvez de acidente violento ou morte natural.

25- Epitáfio

R- "Aqui jaz..." simples. Sinto que poderia ter feito alguma coisa e não fiz. Os outros poderiam falar no túmulo que fui mesmo meio farrista.

26- Sintomas físicos

R- Pancreatite, acho que tenho colite ou gastrite. Acho que não é pancreatite. Problema da próstata.

27- Sentimentos desconfortáveis

R- Revolta, raiva, não deixo transparecer. Bebia para colocar para fora.

28- Como gostaria que os pais fossem

R- Não posso exigir nada de minha mãe. Ela tinha um problema. Acho que não era muito honesta com meu pai. Ele era indolente. Meu avô conseguiu fazer patrimônio. Os filhos e os netos não valem uma merda. Os filhos não criaram nada e os netos também. Bundão.

29- Expectativas com relação aos filhos

R- Percebi de cara que não iam dar para escola. Nora criada como bibelô, a sogra interfere e muito. Quero que o D chegue no cargo de gerente de primeiro grau e que o B continue no que está. O B é acanhado, mas diplomata. Tem vista alta. O D é mais simples, mas amoroso e humilde.

30- O que mudaria na própria vida

R- Tiraria meu defeito de beber, fumar, franqueza.

31- O que mais quer na vida

R- Quero o progresso espiritual, material e familiar dos filhos. Minha finalidade é meus filhos.

## ***DADOS DOS DESENHOS DA FAMÍLIA COM ESTÓRIA***

### **1° DF-E – Uma família qualquer**

Uma casa que pertence à família, uma garagem, mãe e pai em casa e os filhos chegando do trabalho, numa hora de lazer.

Tem que ter em primeiro lugar saúde, em segundo, casa para morar e em terceiro, paz e amor.

Inquérito: O que fazem?

R- A mãe é dona de casa, o pai aposentado, têm dois filhos homens. Um é comerciante e outro é bancário, com 32 e 31 anos.

Título: “Como eu queria uma família”

### **2° DF-E – Uma família ideal**

Os filhos com os netos, colegas dos meninos, o avô vai para a roça matar um carneiro, leitão, para fazer reunião de família. Mineiro é hospitaleiro e gosta de reunião.

Inquérito: Porque esta família é ideal?

R: Onde reina o amor. Estou doido para o filho chegar. Caçar, montar cavalo, com lazer, sem problemas. Reinam todos com saúde, alegre, juntos, com solidariedade.

Título: “Eu e minha família”

### **3° DF-E - Uma família onde tem alguém que não está bem**

Uma vez que essa pessoa não estivesse bem, ia chamar os outros, para ver o que podemos fazer para resolver. Aí chamaria ela para falar e convencer a pessoa a fazer o que precisa. Por exemplo: se precisa de dinheiro, levantaria o dinheiro, fazer o que precisasse.

Inquérito: Qual é o problema desta pessoa?

R: O problema está em torno do dinheiro. Fez um empréstimo e a casa está empenhada, não tem como pagar.

E como ia fazer?

R: A gente ia resolver.

Quem é esta pessoa?

R: É homem, tem família, tem filhos, são pessoas conhecidas. Negócio mau feito por confiança excessiva. Hoje em dia, quanto mais velhaco melhor.

O que esta pessoa precisa?

R: Precisa confiar na gente. Devia ter falado antes. Sozinho não vai conseguir.

Como vai acabar?

R: Vai acabar bem. Vai conseguir protelar, fazer um rateio. Vai criar alma nova.

Título: "O problema de um amigo"

#### 4° DF-E – A própria família

No Natal, todos juntos, inclusive meu pai e minha mãe, árvore de Natal, com presente para todos os meus netos, 5 ou 4 colegas deles. Quis dizer mais ou menos isso.

Inquérito: O que esta família tem de positivo e negativo?

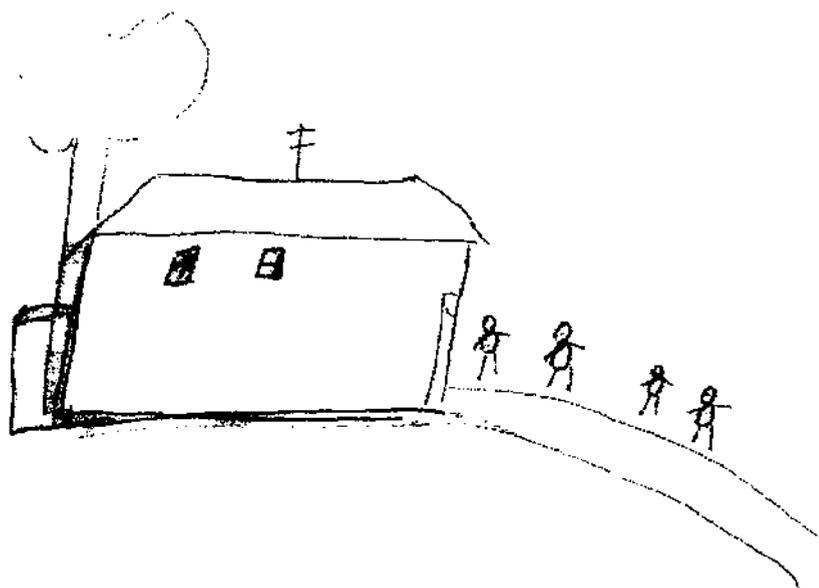
R: De positivo a união e de negativo o gênio, todos são um pouco explosivos, os filhos e eu.

O que é permitido nesta família?

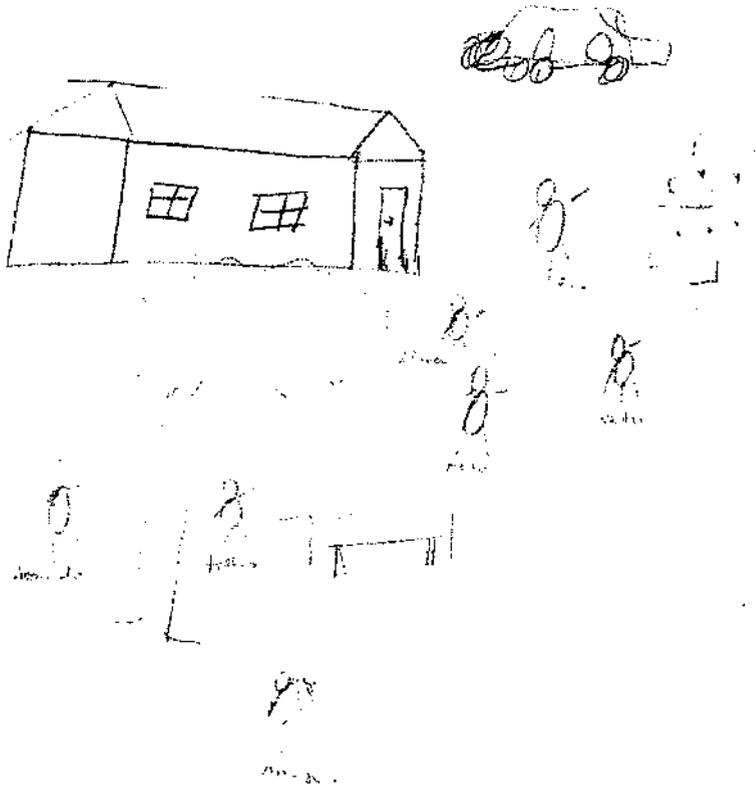
R: Tudo baseado no respeito, hierarquia, falta um pouco de respeito entre os filhos e o pai.

Título: "A família que tinha vontade de reunir"

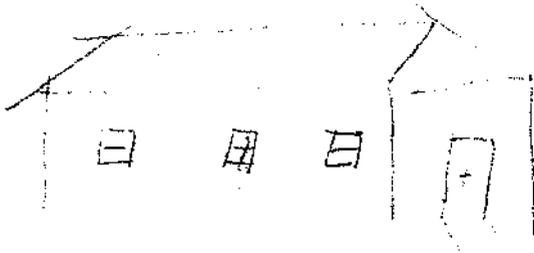
1° DFE  
"KS" - Caso I



2° DFE  
"KS" - Caso I



3° DFE  
"KS" - Caso I



338  
000

5

4° DFE  
"KS" - Caso I



## AVÓ PATERNA

### *Dados da entrevista*

I – 54 anos

Escolaridade: 2º grau completo – Magistério

Ocupação atual: funcionária pública

Descendência: portuguesa

### 1- Fale sobre você

R- Extrovertida no trabalho. Alegre, não levo problemas de casa para o trabalho e vice-versa. Nervosa, operada de duas úlceras. Converso muito, mas não queixo muito. As úlceras é consequência disso. No ambiente de trabalho não me admitem séria. Meu filho mais novo era o amparo. Foi transferido, me senti desprotegida. Sistemática, comodista, gosto de ficar em casa, sozinha às vezes.

### 2- Fale sobre a mãe

R- Conheci pouco. Morreu quando eu tinha 9 anos. Não me lembro do rosto. Meu avô paterno me criou. Não conheci a avó. Minha mãe e meu pai morreram de acidente de avião.

### 3- Fale sobre o pai

R- Não me lembro. Lembro de uma surra porque permiti que minha irmã namorasse. Não tivemos tempo de apanhar. Morávamos 6 meses em Campo Belo e 6 meses em Araxá. Não fixavam num lugar. Meu pai trabalhava com frigorífico. A infância foi boa, não foi ruim. A casa do avô era cheia, moravam pessoas de graça. Ele tentou suprir o máximo a falta dos meus pais. Depois da 4ª. série mandou estudar fora, como interna. Achei horrível. Hoje dou valor. Regime severo de internato, senão, não ia formar. Fiz até o 2º grau magistério. Minha tia que morava junto participou em parte. Logo que me formei,

casei seis meses depois. Meu avô achava que tinha que substituir meus pais. Sou a mais nova de dois irmãos e uma irmã.

Minha mãe era extremamente apaixonada pelo marido. Ele era sem-vergonha. Meu pai era bonito. Comentou-se que a morte dos dois foi acertada porque ela não ia agüentar.

#### 4- Críticas e elogios recebidos

Eu era o dodói, a caçula, eu não apanhava. Acho que passei para os filhos. O menor é tímido e irritante e o mais velho, o que tem que fazer, faz. O maior apanhava mais. O menor nunca apanhava.

#### 5- Conselhos recebidos

Lembro-me só para minha irmã. Ela era mais revoltada. Eu era mais acomodada. Eu sempre fui boa na escola. Gosto das coisas arrumadas. A mãe era habilidosa. O B é mais organizado. O outro filho...

O meu pai morreu novo, com 33 anos, situação financeira boa, tino comercial. Não estudou muito. Situação financeira boa.

#### 6- Apelidos

“Vó”. Comecei a usar óculos com dois anos, por estrabismo. Por isso o apelido. Os mais chegados chamavam o nome pelo diminutivo.

#### 7- Expectativas dos pais

Se o pai fosse vivo, eu não tinha casado com quem casei. Não moraria tanto nesta cidade. O ideal é ver os filhos formados, nem sempre acontece. O B largou da faculdade. Fez até o terceiro ano. O outro fez até a oitava série. Eu queria fazer contabilidade, meu avô não deixou por ser serviço de homem. Uma frustração: Tinha 29 anos, era casada, casei com 18, quis fazer um concurso para a Caixa Econômica Federal. Meu marido não deixou. Gosto de Contabilidade.

Pelo meu pai teria casado sim. Minha mãe já fazia o enxoval. A moça que não casasse era beata ou sem-vergonha. Casei com 18 anos. Comecei a trabalhar fora com 6 anos de casada.

Acho que cumpri a expectativa dos dois. Eu acho que fui bem criada. Era amiga das freiras. Minha mãe criava uma moça dez anos mais velha que eu e um rapaz escuro. Senti mais a morte dela. Aprendi a fazer as coisas depois que ela morreu. Ela fez o papel de mãe. Eu respeito minha irmã também. É minha madrinha. Aprendi ter bondade, ser carinhosa, direita. Minha irmã é disponível, carinhosa, atenciosa, caprichosa, organizada, é tímida. Difícil de se relacionar. Puxei mais minha mãe, tenho facilidade de conviver.

Sou vaidosa, ela não. Adoro vestir hobe. Se não trabalhasse fora, não me arrumaria. Minha irmã não é vaidosa. Com o irmão tenho pouco contato.

8- Sentimentos, atitudes e pensamentos não revelados na infância

R- Praticamente não tive muita infância. Para o internato fui com 11 anos. Sempre fui muito adulta.

9- Crenças sobre a vida atual

R- Acho que nada vem fora de hora. Tomei consciência disso agora.

10- Crenças sobre a vida na adolescência

R- Nem pensava nisso. Não tive adolescência. Saí do internato para casar. Não tive crise. Na minha formatura do internato meu irmão não pode participar por ser homem. Casei com 18 anos sem saber nada. Comecei a namorar com 14 anos. Namorava duas vezes por ano e só nas férias e uma vez por mês. Namorei durante três anos e noivei um ano. O que me atraiu nele foi a beleza, educado. A mulher é que segura o casamento. Era amoroso. Foi alcoólatra. Trouxe transtornos na adolescência do B. Ele tem alcoólatras na família.

11- Autoconceito

R- Gosto de ser alegre. O que não gosto em mim é que emburro à toa. O B também é assim.

12- Histórias infantis prediletas

R- Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho e Bela Adormecida. O personagem preferido era a Bela Adormecida pela força de vontade dela de querer vencer.

13- Sentido da Vida

R- Hoje o sentido é neto.

14- Perspectivas futuras

R- Só pretendo parar de trabalhar quando não puder.

15- Previsão sobre a própria morte

R- Com 20 e poucos anos cismeiei que morreria com 30 anos, idade da mãe quando morreu.

16- Epitáfio

R- "Passou pela vida muito feliz". Os outros escreveriam: "Saudade".

17- Sintomas Físicos

R- Hipertensão. Operei de úlcera em 1983.

18- Sentimentos desconfortáveis e circunstâncias relacionadas

R- Quando tenho dor de cabeça a pressão sobe, fico triste, amuada. Não tolero dor. Ou quando acontece algo que me aborrece.

19- Em que gostaria que os pais fossem diferentes

R- Não gostaria que eles fossem diferentes.

20- O que mudaria em sua vida e/ou família

R- Meu objetivo é os filhos. O B comprar uma casa, ter saúde. Para mim nada.

21- O que mais quer na vida

R- Tinha uma expectativa anterior que era os filhos formados. Não aconteceu, mas não sou revoltada. Os filhos nunca deram trabalho, não foram farristas. Uma coisa que compensa.

## 1° DF-E – Uma família qualquer

Era um casal que já tinha um certo tempo de casados, dois filhos, dá a impressão de serem gêmeos, mas não, dois homens, parece na faixa de 5, 6 anos. Parece que um é mais sério, o semblante de um é mais fechado, do outro, mais descontraído.

Pai sorridente, mãe normal, nem A, nem B.

Inquérito: O que estão fazendo?

R: Estão passeando num local . Os filhos na frente e os pais tomando conta.

O que é importante para esta família?

R: União. É uma família organizada, unida. É sábado, é folga.

O que fazem os pais?

R: O pai é bancário e a mãe professora.

Título: “Uma família feliz”

## 2° DF-E – Uma família ideal

Eles estão num jardim de casa, num domingo à tarde, onde os pais vêem os filhos brincar, o mais velho tem no máximo 5 anos, 3 anos e 2.

Estão à tarde, brincando no jardim e o pai tem cara de dentista e a mãe não trabalha fora, trabalha em obras assistenciais e cuida das crianças.

Inquérito: O que tem de ideal nessa família?

R: O número de filhos. Eu sempre quis três. Para compensar. O desejo de toda mulher é ter menina. Fiz enxoval de mulher. Acho que tenho mais afinidade com menino. Meu pai não queria filha mulher. Ele queria outro homem. Comentava-se quando eu era mocinha. Meu avô não gostava de homem. Para o segundo não tive interesse de escolher homem.

O que essa família tem de positivo?

R: Ela passa que é estruturada, organizada.

O que essa família tem de ideal?

R: Saúde, amizade, união. O casal é muito tranquilo e passa para os filhos.

Título: “Será que a sua família é assim?”

### 3° DF-E- Uma família onde tem alguém que não está bem

Um casal tem um casal de filhos, a moça é mais velha, na faixa de 19, 20 anos, estudiosa, aplicada, fazendo faculdade, enquanto que o rapaz com 16 anos dá muito trabalho, mexe com droga, não quer estudar, o pai tá triste, a mãe chorando em consequência da situação que enfrentam com o caçula de 16 anos.

O pai e a mãe são tenso, o pai tá prá baixo, não está sorrindo. Enfrenta problemas no dia a dia.

Inquérito: O que o pai e a mãe fazem?

R: O pai é funcionário público federal e a mãe psicóloga. Ela está numa situação problema, a profissão ajuda, mas está sem saber o que fazer.

O que esta família tem de positivo e de negativo?

R: De positivo a filha que é muito boa. Os pais vivem bem. De negativo o filho com o problema que ele tem .

Porque aconteceu isto com ele?

R: Ambiente, companheiros, falta de estrutura, excesso de mimo, filhinho de papai.

O que este filho precisa?

R: Ele tem carinho da família. Ele precisa de um tratamento que não seja com a mãe, de pessoa desconhecida, estranha, precisa de ajuda.

Como isto vai terminar?

R: O final vai depender dele. Se ele não quiser, ninguém vai fazer por ele. Se não quiser se ajudar, não adianta.

Título: “A família que eu não gostaria de ter”

#### 4° DF-E – Sua própria família

Nós com dois filhos, duas noras, casados com diferença de dois meses, 4 netos, 3 homens e uma menina. Do mais velho para a segunda são dois anos e a diferença dos dois últimos, de 4 meses.

Me sinto muito feliz com a família que tenho.

Irmãos sempre brigam. Depois que casaram se dão muito bem. O B vai para São Lourenço, saem juntos. São amigos. As noras se dão bem. O neto quer ir para a casa do tio.

Eu estou preocupada com doença. Eu me sinto realizada. A doença do B. Tem 34 anos, é perigoso, vida muito corrida.

Inquérito: O que é permitido nesta família?

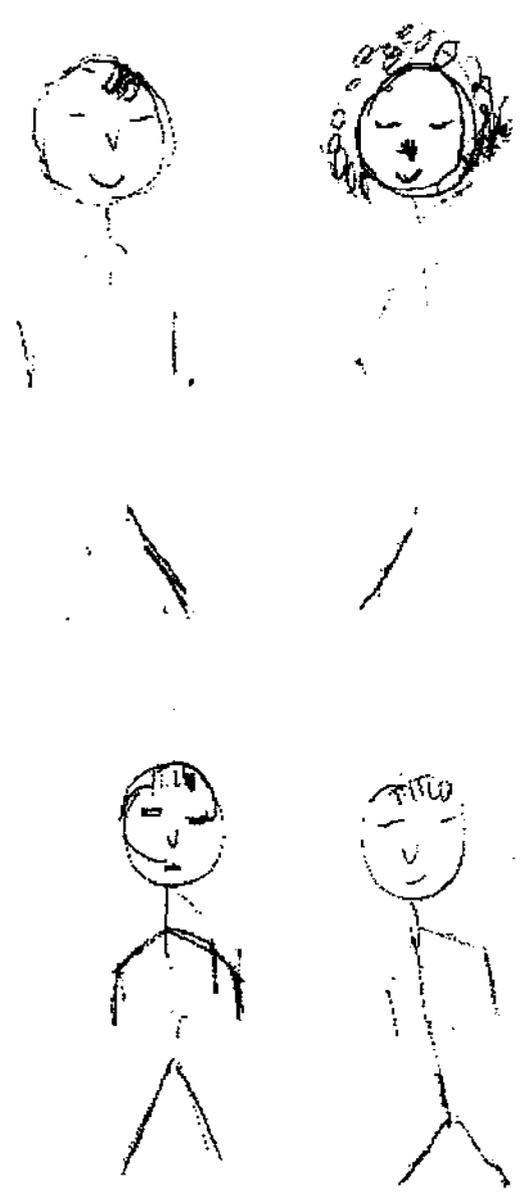
R: Nós nos relacionamos bem, principalmente como sogra. Faço o que minha sogra fez comigo. Sempre foi uma visita de cerimônia. Na minha presença sempre foi do meu lado. Vai pouquíssimo na casa das noras.

O que não é permitido nesta família?

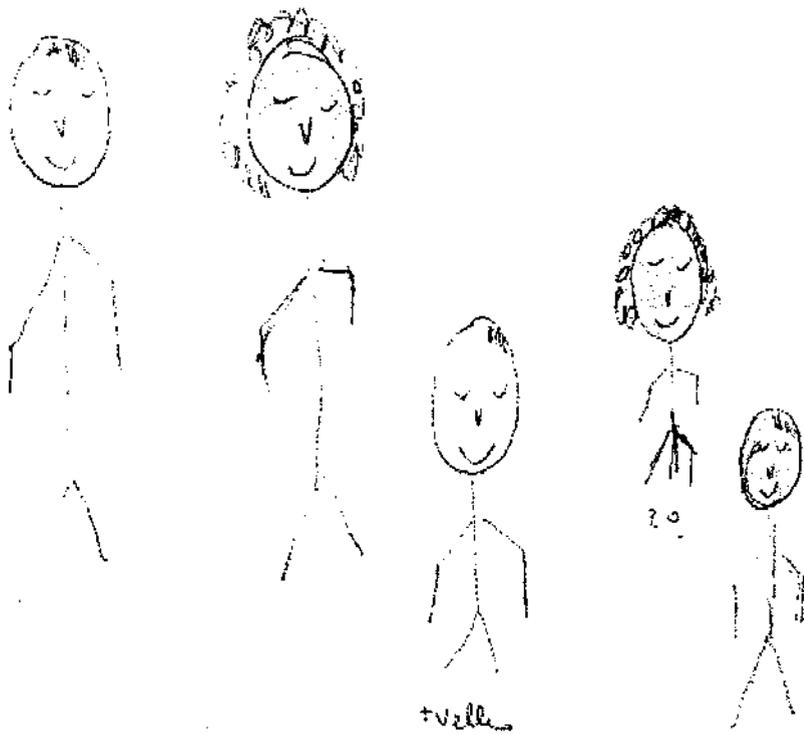
R: Eu detesto a palavra bebida. Na minha casa não é permitida a bebida alcoólica.

Título: “Estou feliz com a família que tenho”

1º DFE  
"J" - Caso I



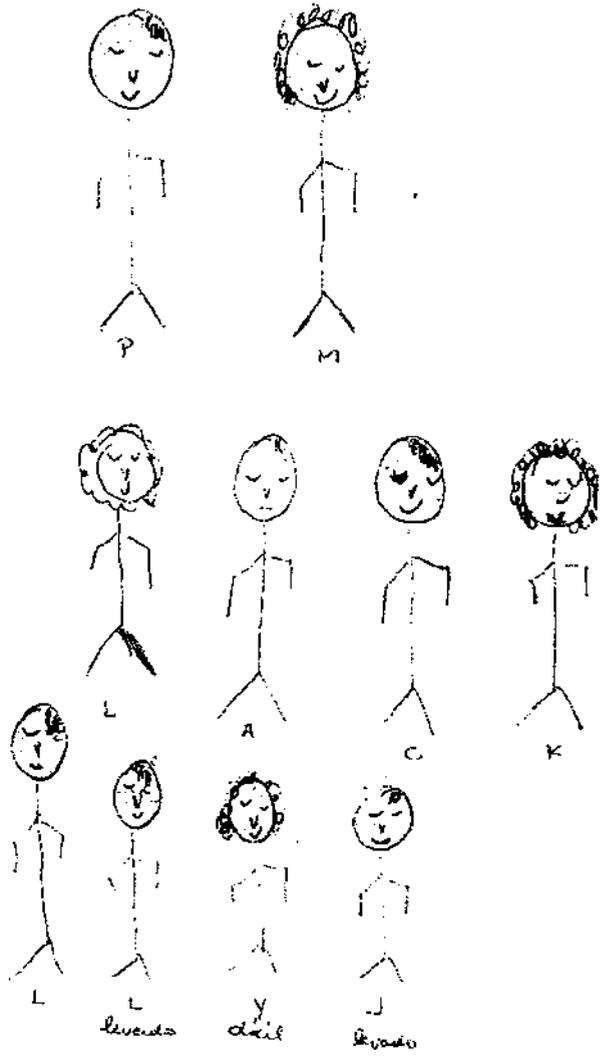
2º DFE  
"J" - Caso I



3° DFE  
"J" - Caso I



4° DFE  
"J" - Caso I



## AVÔ MATERNO

### *Dados da entrevista*

X – 56 anos

Escolaridade: 2º grau incompleto

Ocupação atual: aposentado e estudante do 2º grau

Ocupação anterior: bancário

Descendência: sírios

### 1- Fale sobre você

R- Sou diferente do que era. Somos em sete irmãos. Perdemos um. O pai era ignorante. Tinha mágoa. Meu pai morreu com 83 anos. Sou o mais velho. O pai não dava liberdade. Batia muito. Quando eu era pequeno ele batia à toa. Uma vez fez a gente beber urina quando estávamos alegres. Batia na minha mãe. Foi alcoólatra durante mais ou menos 5 anos. Saiu com a faca atrás da mãe. A mãe era trabalhadora. Eu adorava a mãe.

O pai era trabalhador, honesto. Tinha medo dele. Agressivo.

### 2- Aspectos positivos e negativos do pai

R- De bom ele levava no cinema, contava histórias. De ruim, fui para o seminário com 11 anos para fugir do pai. Fiquei durante dois anos. Com 17 anos fugi de casa. Tinha pavor de trabalhar de alfaiate.

Minha mãe morreu aos 46 anos. Meu pai casou pela segunda vez.

Hoje eu trabalho com movimento de jovens. Até 5 anos atrás eu tinha um gênio terrível.

Nunca queria ser igual meu pai, nem bater, nem beber.

Eu e a N.B. namoramos durante 4 anos sem pegar na mão. Era a família que eu queria, idealizada. A situação financeira da N.B era melhor, eu era alfaiate. Fiz concurso para o Banco. Eu era fiel, o contrário do pai.

Casei com dificuldades financeiras. Minha esposa queria outras coisas. Teve problemas na primeira gravidez. Ela queria ficar com a família dela. Durante 5 anos mais ou menos não gostava da cidade onde morávamos. Até 72 eu era terrível. Ela tinha ciúmes. No ambiente estranho sou fechado. Quando conheço a pessoa sou extrovertido.

Com mais ou menos 18 anos de casado pensei em separar. Não me casaria de novo. Acho que deveria ser padre. Gosto da vida contemplativa, mais espiritual.

Em 84 entrei para o "Alcoólatras Anônimos". Tomava uma cerveja todo dia. Ia chegar no alcoolismo. Fiquei lá por sete anos. Tive stress, taquicardia. Achava que com 42 anos eu ia morrer. Meu avô morreu de taquicardia. Tive problemas de coluna. Larguei a Supervisão no Banco. Quando parei de beber consegui perdoar meu pai.

### 3- Filhos

Quando a M nasceu eu tinha uma situação complicada financeiramente. Criei para ser virgem, pura imaculada. Ela era muito grande de tamanho. Eu tomava conta.

Sempre fui desconfiado. Dava em cima dela quando tinha namorado. Não acreditava nela. O gênio dela é mais o menos igual o meu. Tinha ciúmes dela. Falo o que tenho que falar. Fazia tabuada para ela. Eu achava ela burra. O filho é mais inteligente, mas é menos atirado. Ele é mais dócil, ele é mais a B. Meu filho era muito medroso. Teve uma psicóloga. Minha esposa não deixava os filhos participarem da situação financeira.

Eu tinha qualidades: sempre fui honesto, fiel, por obrigação e autêntico. Me coloquei como Super-Homem, do jeito que não poderia. Sou fraco. Nunca quis ser gerente. Era comodista, egoísta. Há algum tempo não dava nada meu. Antes não conseguia me ver. Era uma escuridão. Cumpri minha obrigação. Sou mais realista. Dei um tapa no rosto da M. Me vejo muito na M.

Aposentei, voltei a estudar. Estou no primeiro colegial. Tento superar. Não me realizei no Banco. Gosto de conviver com pessoas.

3- Como os pais mostravam aborrecimento

R- Não me lembro.

4- Conselhos recebidos dos pais

R- Não tinha.

5- Punições recebidas

R- O castigo era ser ridicularizado, ficar com os joelhos no milho. Meu pai é quem dava.

6- Apelidos

R- Por parte das minhas tias era "Lulu". Não sei porque. O nome "X" foi escolhido por ser o nome de um padre.

7- Expectativas dos pais

R- Meu pai queria que eu fosse alfaiate. Desde pequeno eu queria ir para o Seminário. Meu pai queria que continuasse quando eu fui. Minha mãe não expressou sua vontade.

8- Elogios e críticas recebidas

R- Meu pai me elogiava para os outros. Para mim falava que eu era burro.

9- Crenças sobre a vida atual

R- A vida foi de sacrifícios até 24 anos. Não vejo muito sentido. Não foi bem o que eu queria. O Banco tolheu. Tenho preocupação em não me apegar muito para não sofrer. Eu assumo que não concretizei o ideal.

10- Crenças sobre a vida na adolescência

R- Não tive adolescência. Não podia sair. O Natal era pobre. Quando namorava achava a vida difícil. Achava meio sem perspectiva. As namoradas sempre me deram o fora. Ninguém nunca me cantou. Não achava que eu era um tipo físico que agradasse. Tinha complexo de corpo.

11-Aspectos positivos e negativos de si mesmo

R- Gosto do meu modo de ser: viver sem dar satisfação. Ser o que sou. Não gosto de não ter conseguido praticar esporte. Não consegui aprender música. Meu pai cantava bem, tocava violão.

12- Histórias infantis prediletas

R- Histórias de fada quando o príncipe pobre encontrava com a princesa. O rei oferecia a princesa para quem a salvasse e matasse o monstro. Os Contos de Grimm. Gostava mais da princesa pela sua pureza e candura.

13- Reações às atitudes contrárias do outro

R- Às vezes me altero. Tento impor.

14- Pensamentos suicidas

R- Brincava com suicídio, mas nunca fiz.

15- Pensamentos homicidas

R- Com a primeira namorada. Era um problema por ela ser tão vulgar. Fui para o exército para ficar livre dela. Arranjei um pretexto.

16- Perspectivas futuras

R- Ter terminado o segundo grau. Tentar Faculdade. Acho que vou conseguir ser padre. Talvez goste de me autopromover passando algo para os outros.

17- Previsões sobre a morte

R- Iria morrer com 42 anos de parada cardíaca.

18- Epitáfio

R- "Combate, um bom combate, guardei a fé"

19- Sintomas físicos

R- Hipertensão

20- Sentimentos desconfortáveis e circunstâncias associadas

R- Tristeza quando há falta de consideração.

21- O que mudaria na própria vida e/ou família

R- Seria um instrumentista (músico) e jogador de futebol. Com o filho, eliminaria o problema dele, é mais tímido e mais baixo. Dava mais dinamismo. Com a filha, mudaria o marido, daria um mais dócil, faria ela mais carinhosa, mais mãe, que assumisse mais as responsabilidades.

22- O que mais quer na vida

R- Que os filhos fossem felizes, a mulher também. Acho que a N.B. não é feliz. Carrega muitos problemas. Ela gostaria que eu fosse mais carinhoso. O que me atraiu nela foi a delicadeza. Gostaria de conviver mais com os irmãos depois de casado, a mulher podou. Os irmãos me achavam antipático. Não tive convivência. Tinha um irmão que era forte, bonitão, mas irresponsável.

1º DF-E – Uma família qualquer

Uma família em que as mulheres são maiores que os homens. Um casal de filhos todos alegres. A última não ficou muito alegre, presa em alguma coisa. parece que os quatro se dão muito bem. Pescoço fino. Vestidos mais social. O menino que poderia estar mais esporte está com calção e blusa de malha. O nariz é mais ou menos igual.

Inquérito: O que estão fazendo?

R: Estão indo para a igreja ou um casamento, festa social, encontro. Cada um tá na sua.

Qual a idade dos filhos?

O filho tem 12 e a filha 17 anos. Ela está com o cabelo desalinhado, talvez não esteja satisfeita com a roupa. Parece que vai meio na marra. O menino não tá nem aí.

Título: "Um encontro social"

## 2º DF-E – Uma família ideal

Uma família que se reunisse à hora das refeições e houvesse um diálogo tranquilo, que transcorresse num ritmo de harmonia, sem agressividade, que pudessem ter uma certa fartura, principalmente harmonia do casal e irmãos se entenderem.

Uma família que compartilha da vida do outro, os problemas de um afetam todos. De vez em quando dá umas briguinhas, não é perfeita.

Título: “Um almoço de família”

## 3º DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem

O chefe da família não tá legal fisicamente, psicologicamente. Todos ficam distantes, preocupados, não há diálogo, meninos ficam com medo, mulher não tem voz ativa e o chefe se fecha no ego dele, se abre só com os de fora. Fica um suplício, ninguém quer ficar dentro de casa, o clima não é legal, transmite mal estar para os demais.

Inquérito: O que esta família precisa?

R: O chefe precisa ter mais humildade, aceitação da situação, status social. Colocar os pés no chão, ter mais confiança, ser mais autêntico. Fica tudo instável, não há confiança das pessoas com ele. Não é transparente, há um afastamento. Às vezes ele precisaria que os outros se aproximassem, mas não permite por intransigência. Não há permissão para ajuda. Se acha auto-suficiente, mesmo interiormente precisa de ajuda. É superficial. Sua gastrite, taquicardia, os psíquicos afetam os físicos. Como se fosse alguém se afogando e não quer levantar a mão. Os outros acham que ele não está se afogando nada, tá fingindo. Se continuar assim vai haver uma desintegração ou todos vão ficar baratinados. Se não houver dependência financeira vai cada um para o seu lado. Vai ficar sozinho.

Qual é o final da história?

R: Se continuar assim vai ter infarto, morte. Se não descer, ser mais tolerante, vão pirar ou vai haver separação. Ele cerceia a liberdade dos outros.

Título: “Auto-suficiência do chefe da família”

#### 4° DF-E – Sua própria família

Minha família é uma família feliz, eu sou o centro, há uma ligação dos filhos comigo.

O genro mais arredio, não tá aberto, sem diálogo. Não dou palpite na vida deles.

Procuro conviver da melhor maneira possível sou aberto à eles hoje. Eles tem bastante confiança em mim.

Meu genro é meio fechado, não é muito transparente.

Não gosto de mentira, gosto de escutar, com alguns senões.

Título: “Uma família feliz”

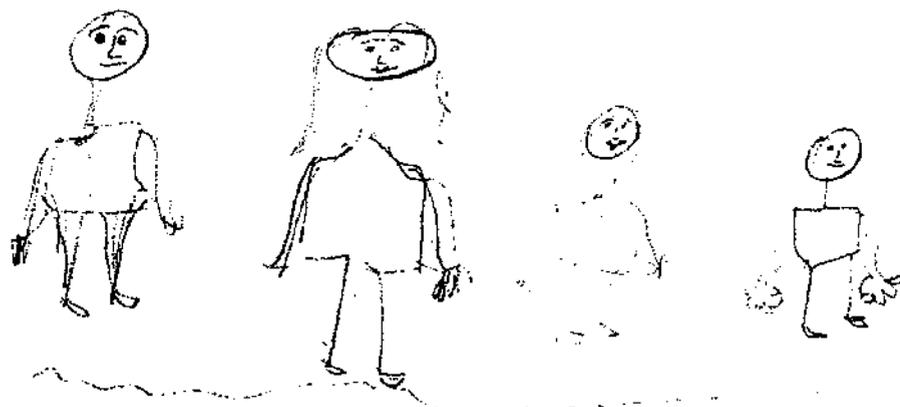
1º DFE  
23/10/96  
"X" - Caso I



2º DFE  
23/10/96  
"X" - Caso I



3º DFE  
23/10/96  
"X" - Caso I



4° DFE  
23/10/96  
"X" - Caso I



## AVÓ MATERNA

### *Dados da entrevista*

N.B.- 49 anos

Escolaridade: 2º grau incompleto

Ocupação atual: Do lar, estudante do 1º colegial

Descendência: italiana

### 1- Fale sobre você

R- Sinto-me plenamente realizada. Casei com 18 anos com o primeiro namorado. Comecei a namorar com 14 anos. Abri mão da vida profissional. Sou muito protetora, abafa. Quero tudo para os filhos. Gosto de servir. Trabalho com igreja, grupo de jovens, casais. Gosto de estar em grupo. Não gosto de estar sozinha. Gosto de ser útil. Estou estudando de manhã, fazendo o primeiro ano do colégio. Quero fazer Psicologia. Sou inconstante. Mudo de atividade, não consigo ficar com uma coisa durante muito tempo.

### 2- Fale sobre sua mãe

R- Tenho o temperamento do meu pai. Minha mãe era autoritária, possessiva. Sempre foi a cabeça do casal. Dedicada. Quer ser atendida por todos. Gosto mais de dar do que de receber. Ela é feliz, curte a vida, nosso temperamento é diferente.

### 3- Fale sobre seu pai

R- Me identifico com meu pai. Mais tranquilo e submisso, gostava de servir, fiel, educado. Morreu com 47 anos. Era funcionário de Banco. Teve derrame. Gostava de procurar as pessoas.

### 4- Irmãos

R- O relacionamento sempre foi bom. Nunca brigamos. Valorizamos a família. Não temos um irmão desquitado. Me realizei com o casamento.

#### 5- Declarações dos pais sobre a vida

R- Mãe: Ela ama a vida. Vaidosa. Ela cobrava o amor que dava, cobrava o trabalho dela. Nunca teve lazer. Domina. Nunca teve vida, por causa dos filhos.

Pai: Era confidente. Queixava-se da possessividade da minha mãe. Ela era ciumenta. Passou insegurança, fazia chantagem comigo com problema de saúde. Usava a pressão alta para obter carinho. Passou amor de pai para filho e a fidelidade. O vínculo do casamento eram os filhos.

#### 6- Elogios e críticas recebidos dos pais

R- Mãe: Ela me protegia porque eu deixava que os outros me fizessem de boba. Me acha carinhosa, que ajuda os outros. Dizia: “Você é boba, dá suas coisas todas!”. Ninguém servia para eu namorar. Não podia casar com moço pobre. Se preocupava com o nível social. Criticava por eu não gostar de serviço de casa. Me dou liberdade de escolher o que eu quero fazer. Dizia: “Se eu te esperar, estou perdida. Relapsa. Você é muito humilde”. Ela era religiosa. Tive que vestir azul e branco até os 7 anos. Criticava minha postura, careta, o cabelo. Hoje não gosto de azul.

Pai: Talvez eu tentei imitar meu pai. Dizia que eu era uma pessoa perfeita. Não o vi colocar críticas.

#### 7- Atitudes de aborrecimento dos pais e como reagia a isto

R- Mãe: Quando estava aborrecida xingava, punha tudo para fora. Fala muito. Eu tentava dialogar, mas era pior.

Pai: Ele ficava no canto, triste, calado. Era como se ele gostasse do autoritarismo da minha mãe. Eu conversava com ele, passava a mão na cabeça dele. Tentava apaziguar.

#### 8- Conselhos recebidos dos pais

R- Mãe: Era tão exigente, que não deixava conviver com os outros da rua. Dizia que não precisávamos de amigo. Era uma família fechada. Hoje se tenho raiva não extravaso, calo.

Pai: Me aconselhava a ser dócil. Não ser igual minha mãe. Dizia: “Não fique agredindo”.

#### 9 - Punições recebidas

R- Falação, xingamentos, não apanhei. Mas a mãe batia nos outros com vara.

#### 10- Apelidos

R- Não gosto do meu nome. A família do meu pai me chamava pelo diminutivo.

#### 11- Tratamento recebido pelos adultos enquanto criança

R- Quando minha mãe queria provocar a sogra, me impedia de ir lá. Escondia da mãe quando ia. A mãe tinha ciúme. Minha professora me dava um tratamento bom. Eu amava estar na escola. Tinha necessidade de ter amigos.

#### 12- Expectativas dos pais

R- Não queriam que eu interrompesse os estudos. Eu queria casar. Queriam que eu fizesse o Curso Normal. Nunca fui boa aluna. Minha mãe queria que eu tivesse um namorado rico. O pai dizia: "Case com quem você ama". Minha mãe me acha feliz. Meu pai também achava. Quando casei minha mãe não queria.

#### 13- Sentimentos, atitudes e pensamentos não expressados na infância

R- Eu não consigo pensar e não expressar. Tenho que falar. Eu escrevia muito e depois rasgava quando estava triste. Raiva leva à tristeza.

#### 14- Crenças sobre a vida atual

R- Sou extremamente feliz. Sou muito diferente do marido. Será que voltei para a escola por mim e por ele? Ele quer que eu fique. Por mim não gosto de fazer. Estou presa, meio violentada. Meus filhos corresponderam à tudo que quis na vida. O filho de 27 anos é responsável. A moça só nos deu alegria. O do meio era menino, nasceu e morreu com 4 meses.

#### 15- Crenças sobre a vida na adolescência

R- Pensava em ser feliz. Não sonhava em crescer profissionalmente. Queria ser mãe, esposa. O que eu queria era o que eu tenho.

16- Crenças sobre a vida na infância

R- Tive uma vida fácil.

17- Autoconceito – aspectos positivos e negativos

R- Gosto de conviver. Me acho muito tolerante, consigo perdoar. Não me mago fácil. Dificilmente guardo. Sofro menos. Não gosto de ser protetora. Não gosto de viver tanto para a família. Não gosto de ter essa inconstância. Tenho preocupação com os filhos de não serem felizes. Com o filho fico querendo que se realize. Não quero opinar. É independente sabe contornar a situação, ouvir. Tem temperamento tranquilo. Concorde e depois consegue o que quer. Com a M me preocupo com o relacionamento entre o marido e ela. A infidelidade do marido que tem princípios diferentes.

18- Histórias infantis prediletas

R- Bambi, Alice no País das Maravilhas e Marcelino Pão e Vinho. Os personagens que mais gostava eram o coelho apressado e o Marcelino. Gostava da alegria do coelho, do carinho e preocupação de levar o pão do Marcelino.

19- Reações diante de atitudes contrária do outro

R- Argumento, não espero a história ser explicada.

20- Pensamentos homicidas

R – Desejei que o genro morresse.

21- Perspectivas futuras

R – Acho que vai estar melhor. Acho que vai acabar minha incerteza quando meu genro se resolver. O medo vai piorar. Medo da morte da mãe.

22- Previsões sobre a própria morte

R – Eu prefiro que eu vá primeiro que ele (marido).

23- Epitáfio

R – “Amigos para sempre” da música ou algo que pensasse em Deus e na vida. “Com Deus, eternidade...”.

24 - Sintomas físicos

R – Hipotireoidismo, fiz duas cirurgias para tirar cálculo renal. Problemas de hipertensão.  
O emocional atinge o físico.

25- O que gostaria que fosse diferente nos pais

R – Gostaria que tivessem discutido menos, que ela tivesse agredido menos.

26- O que mudaria na vida e/ou família

R – O marido gostaria que fosse mais carinhoso em expressões, não é dócil. Não é de falar sentimentos, elogiar, gostaria de ser mais valorizada, que isso fosse expressado.  
Quanto à M gostaria de mudar o marido, torná-lo mais dócil.

27- O que espera da vida

R – Acho que não sei quem sou eu. Vivo em função dos outros. Sinto o ninho vazio.  
Gosto da noite, e o marido do dia. Ele deita 7:30, 8:00 horas.

28- O que a atraiu no marido

R- Principalmente a alegria, segurança. Há pouco tempo ele se declarou inseguro. Atraiu sua inteligência, caráter. Eu queria namorar com ele. É um companheiro. Dá proteção.  
Tudo o que não consigo fazer, vejo nele.

1° DF-E – Uma família qualquer

Me lembrei da nossa infância feliz, convivência boa, unidos, tendo a mãe como muito forte, pai mais companheiro. Diferença pequena de idade.

Vivíamos uns para os outros.

A impressão que tenho é como se o pai tivesse fugido, é o único que falta, os outros estão vivos, vivem bem e todos estão na mesma faixa de idade. Lembrei da mãe com taieir, saia longa, muito elegante.

Do pai não consegui me lembrar bem.

Me vi com 9 ou 10 anos, lembro de brincar muito, não me lembro de ter magoado varriamos o terreiro, principalmente com meu irmão abaixo de mim.

A P. eu pajeei mais, eu a vi como um bebê, era uma boneca para mim, cheia de dengo, engatinhando.

Me espantei com o tamanho da família.

Título: “Éramos felizes e não sabíamos. Uma vida feliz”

## 2° DF-E – A família ideal

Lembrando de meus sonhos de adolescente, que poderia ter sido até melhor, mas no fundo nós fomos felizes até demais. Não quis colocar maiores, porque este tamanho é quando sentia-me tremendamente feliz.

Não consegui desenhar o que morreu. Desde que morreu procurei não reviver o tempo que viveu. Não tem retrato.

Somos muito felizes quando temos chances de estar juntos. Quando a M morava em casa... Nós seis, não consigo dizer nós sete.

Tento perdoar meu genro, que ele fez com que a gente sofresse, quando ele está perto, não tenho a sensação de paz, dá incerteza.

O que ele faz de bom é como se não fosse duradouro.

Título: “Meu sonho realizado”

## 3° DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem

Família da M. B, nestes doze anos só o vi rir por deboche, rir de felicidade se já o vi duas vezes foi muito. Nunca o vi cantar. Uma professora dele disse que ele sempre foi assim, foi alvo de uma reunião de pais. Tristeza, revolta.

Veio de um berço de ouro e jogou tudo fora. O pai bebeu. Ele não se conforma de ter uma situação menos do que os parentes. Hoje a mãe trabalha para sobreviver.

O marido se aposentou com um salário, dorme o dia todo.

A vida dele desde que nasceu foi precária.

Ele não gosta do sobrenome. Ele esconde a família do pai.

Tem necessidade de aparência, de viver com quem tem dinheiro.

Título: “Seria muito fácil ser mais feliz”

“Falta de carinho”

#### 4º DF-E – Sua própria família

Nos momentos mais felizes e tristes estamos todos juntos, aniversário, telefona, cumprimenta, se alguém está passando trabalho, ajuda.

Sente-se que ama e é muito amado. Nos sentimos muito amados por todos.

Todos tem o X como da família também. Com a família do marido convivi pouco.

A minha mãe é a cabeça, é fonte de elo entre todos nós.

A mãe convida o B para que leve a M porque gosta muito. Tem diplomacia. Eu não consigo, se estou com mágoa, jogo indireta, minha mãe não.

Ela não magoa para que não magoe a filha. Meu marido diz que eu demonstro quando estou chateada. Ela ficou viúva com 46 anos.

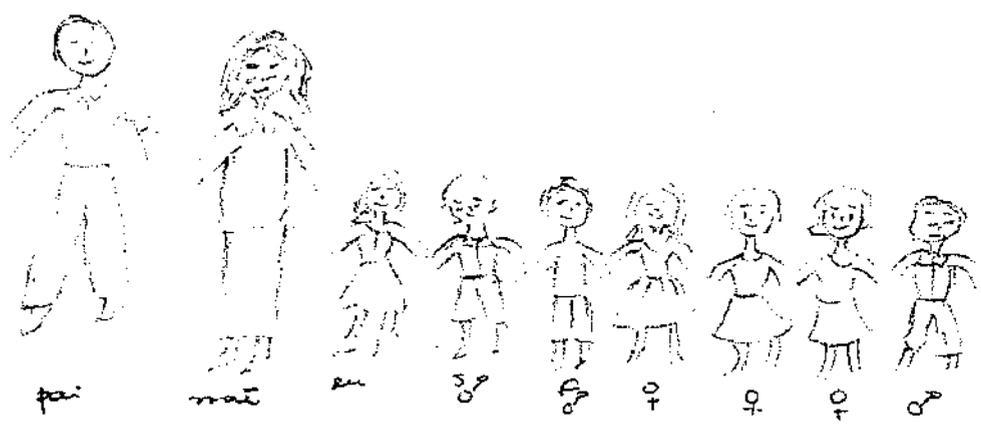
Meu irmão achou que se B viesse embora, melhorasse sua auto-estima, melhoraria.

Os que estão melhores ajudam os outros.

Há partilha.

Título: “Há 50 anos atrás”

1° DFE  
23/10/96  
"NB" - Caso I



2º DFE  
23/10/96  
"NB" - Caso I

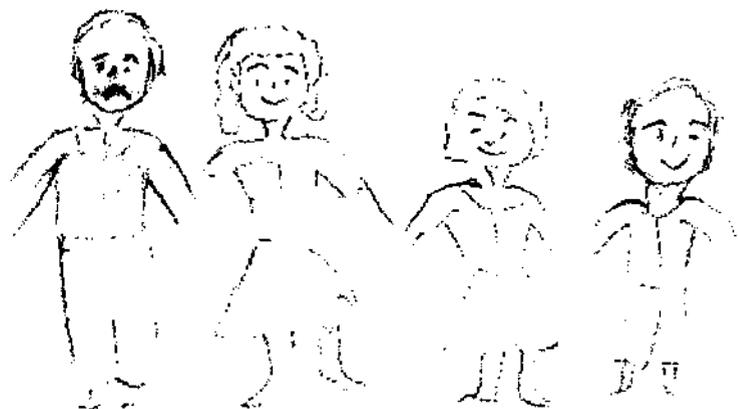
*Familia ideal*



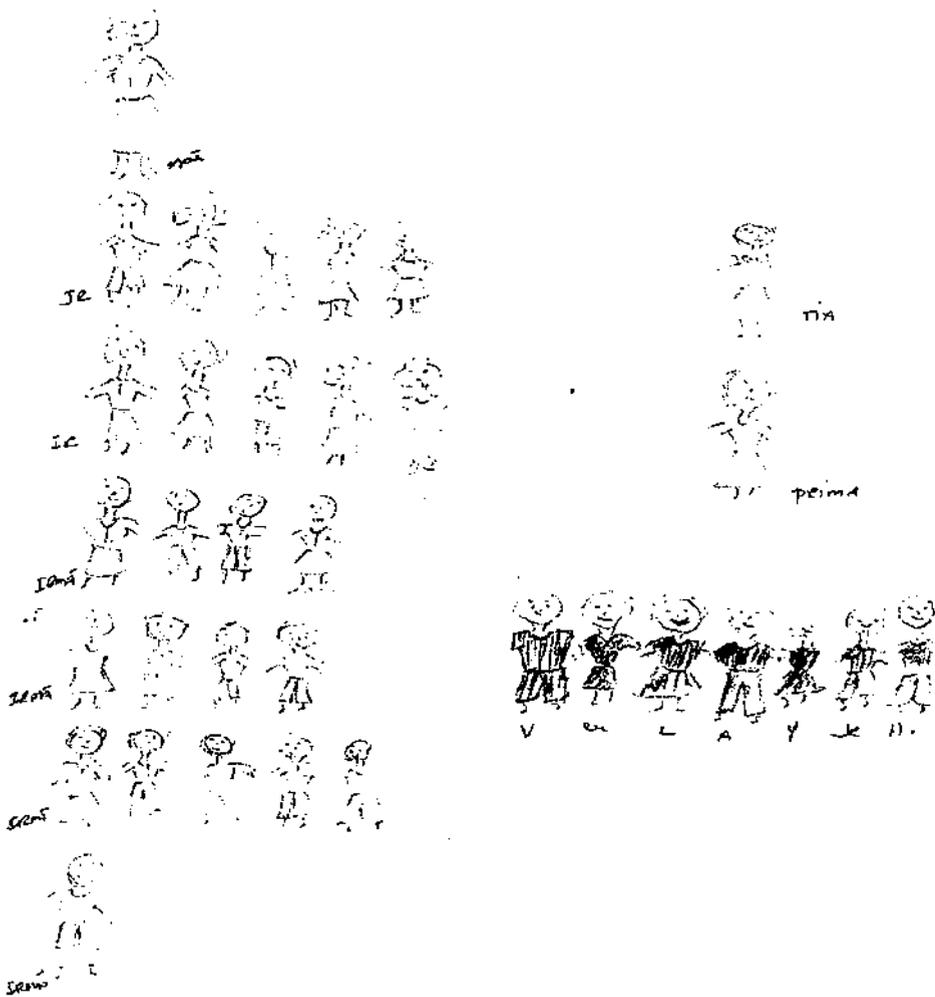
3° DFE

23/10/96

"NB" - Caso I



4º DFE  
23/10/96  
"NB" - Caso I



## CASAL: MARIDO

### *Dados da Entrevista*

B- 34 anos

Escolaridade: Superior incompleto – Administração de Empresas

Ocupação atual: Comerciante

Descendência: bisavó índia, mãe descendente de italianos

#### 1- Fale sobre você

R- No início sou mais introvertido, me solto depois. Sou desconfiado. Obcecado por um objetivo. Independente. Saí de casa cedo para estudar. Organizado, ambicioso. Preocupado, ansioso.

#### 2- Fale sobre sua mãe

R- Fez papel de pai e mãe. Comandante da casa. Organizada, batalhadora, sofreu muito. Ficou órfã aos 8 anos. Tinha um padrão de vida bom. Perdeu tudo por causa do meu pai. Eram vencedores, ricos.

#### 3- Fale sobre seu pai

R- Era ausente, alcoólatra, jogava, perdeu tudo o que era da minha mãe. É pessoa boa, de pouco diálogo na infância e adolescência. Ruim para ele mesmo. Se autodestruía, as pessoas se aproveitavam dele. Podia ter se dado bem, perdeu tudo. Acomodado, passivo. Trabalhava com comércio. Aposentou. Passou pelo AA. Tem gênio bom, mais tranquilo que eu.

#### 4- Declarações dos pais sobre a vida

R - Mãe: Não conseguia ficar parada. Dava exemplo de batalhar.

Pai: Aventureiro, sem responsabilidade, para ele todos eram honestos, amigos, era ingênuo.

5- Elogios e críticas recebidos dos pais

R- Não tinha muito elogio. Elogiavam para as pessoas. Eu era determinado. Diziam: “quando quer algo vai atrás”. Era responsável, danado. As críticas feitas pelo pai e a mãe era que eu era encrenqueiro, moleque, orgulhoso, individualista, gênio difícil, birrento.

6- Expressões dos pais quando aborrecidos

R- Mãe: Calada, falava pouco. Eu perguntava, ela demonstrava que queria ficar sozinha.

Pai: Mais nervoso, explodia fácil. Eu ficava de fora.

7- Conselhos recebidos dos pais

R- Mãe: Dizia para estudar, que sem estudar não seria nada.

Pai: Era ausente.

8- Punições recebidas

R- Apanhei e mereci. A mãe era mais rígida. O pai batia mais duro. Ou então o castigo era ficar sem futebol.

9- Apelidos

R- Peru, não sei o significado.

10- Expectativas dos pais

R- Nunca disseram. Saí com 17 anos. Para jogar futebol e estudar. Fui fazer Cursinho para Administração. Quando entrei, não gostava do curso. Trabalhei em escritório, Banco. Casei com 23 anos. Queria montar algo de representação. Trabalho com comércio. Distribuição. Gosto de vender, gosto de animais, de gado. Acho que estou de acordo com a expectativa dos dois: pai e mãe.

11- Sentimentos, atitudes e pensamentos não expressos na infância

R- Sempre fui de guardar mágoa, raiva, passava rápido. Tudo o que se faz, se paga aqui mesmo. Sempre fui mais aventureiro com namoradas.

12- Crenças sobre a vida atual

R- A barra tá ficando pesada. Trabalha e te derrubam. 60% do que eu queria, já consegui.

13- Crenças sobre a vida na adolescência

R- Tinha revolta pelos amigos terem carro.

14- Crenças sobre a vida na infância

R- Sempre achei que ia me dar bem. Era supersticioso.

15- Autoconceito – Aspectos positivos e negativos

R- Gosto de minha força de vontade. Não gosto de ser ambicioso demais. Fico querendo alcançar algo que é impossível, fico frustrado. Fui normal, aluno médio, esforçado.

16- Histórias infantis prediletas

R- Filme romano, bang-bang, de herói, mocinho. Gostava mais do mocinho, pela luta, batalha, obstáculo que passava, a determinação. O que gostava no mocinho era a coragem. Minha vida se fosse um filme seria um drama, aventura, só um pouco de comédia. A responsabilidade de buscar meu pai na rua era minha. Era bonito morar fora. Tinha a idéia de seguir o futebol, mas era difícil por causa da namorada.

17- Pensamentos sobre perda de juízo

R- Sim, já pensei, em casos de provocação.

18- Reações diante de atitudes contrária do outro

R- Encurto o assunto e evito discussão. Interrompo a discussão. Se continuar eu me exalto.

19- Sentido da vida

R- Nascer, crescer, casar e começar a sofrer. Muita responsabilidade, sacrifício, problemas, eternas complicações. Poderia ser mais simples.

20- Expectativas futuras

R- Que eu esteja progredindo bastante.

21- Previsões sobre a morte

R- A faixa dos 30 a 40 anos é perigosa. Meu avô morreu de acidente com 33 anos. Muita responsabilidade, falta de lazer, relacionamento desgastado, muito trabalho, filhos, críticas. É uma fase de definição. Você tem que ganhar dinheiro até os 45 anos. Isso causa stress. Sou ansioso.

22- Epitáfio

R- Aqui jaz B que tentou ser alguém na vida. Os outros escreveriam só o nome. Tinha gente que não gostava de mim antes de me conhecer. A imagem que passo é diferente. Tento ser autêntico. Meu jeito de andar, falar, vestir dá impressão de metido.

23- Sintomas físicos

R- Problemas de estômago. Minha mãe tinha. Dor no peito. Ansiedade.

24- Sentimentos desconfortáveis e circunstâncias relacionadas

R- Raiva. Está principalmente ligada à vida afetiva e profissional. Tento resolver o problema. Tenho dificuldade de descarregar. Na adolescência já acontecia. No futebol brigava muito. Exigia muito dos outros.

25- Em que gostaria que os pais fossem diferentes

R- Mãe: Não tinha muito para mudar. Deveria ter exigido mais do pai. Exigiu mais de mim. Com o pai lavou as mãos.

Pai: Gostaria que fosse totalmente diferente. Não tinha diálogo, presença, nunca foi carinhoso, em tudo.

26- O que mudaria na vida e/ou família

R- Me daria mais tolerância, determinação, autoconfiança, mais sensibilidade.

27- O que mais quer na vida

R- Ter um fim de vida bom, tranquilo, poder aproveitar o que consegui construir na fase de trabalho. Poder usufruir.

28- O que o atraiu na esposa

R- A beleza, era vistosa, chamava atenção. Não olhava o interior. Depois vi o interior. Começou por aí. Ela se casou porque eu era um cara mais ou menos popular, envolvido no mesmo meio. Trocava confidências.

29- Relacionamento com irmão

R- Ele é mais tranquilo, cabeça avoadada, não esquenta a cabeça, menos ambicioso, mais acomodado. É gerente de Banco. O relacionamento é bom. Algumas brigas, inveja. Ele acha que eu sou melhor que ele. Temos círculos de amigos diferentes. É mais novo que eu. Tem 32 anos.

1° DF-E – Uma família qualquer

Era uma família que não era família. Tinha pai, mãe e filhos, mas não tinha sentido de família por problemas de trabalho, coincidência de horários.

Depois de uns cinco anos ela conseguiu adaptar isso, realizar o sentido de família.

Começaram a entender que família era pai, mãe e filhos, não precisava de outras pessoas que interferiam nesta família, e que com isso, no início ficavam muito tempo separados. Com o tempo estão conseguindo montar esse sentido de família que o pai e a mãe espera.

Inquérito: Qual é este sentido?

R: Pai, mãe e filhos. O resto é parente. Essas quatro pessoas teriam que se envolver.

Que tipo de interferências?

R: Parentes que querem dar palpites e querem ajudar acabam atrapalhando.

Título: "Família"

## 2° DF-E – Uma família ideal

Uma família unida através do casamento, juntas conseguem puxar obstáculos que estão na frente, passar por cima dos obstáculos.

Inquérito: O que esta família tem de positivo?

R: Alegria, união, carinho, muito amor entre eles, fé, saúde, compreensão.

O que esta família tem de negativo, ou que possa aperfeiçoar?

R: Não tem.

Que obstáculos são estes?

R: Obstáculos do dia a dia: trabalho, escola, amizades, ser humano de maneira geral.

Título: “A superfamília”

## 3° DF-E – Uma família onde alguém não está bem

Uma família que o pai mantém a casa, a mulher e os filhos vivem normalmente, sem problemas. O pai por ser o chefe da casa, o único que trabalha tem vários problemas. Não consegue repartir com a família e acaba se afastando, não querendo envolver a família.

Acha que a família não vai ajudar e acaba envolvendo de outra maneira: preocupações, acaba transferindo para a esposa e filhos e eles não acham espaço para ajudar.

Inquérito: Que tipo problemas o marido tem?

R: Problemas com negócios, expectativas de vendas, expectativas de realização. Fica complicado: o marido quer resolver sozinho. A família não sabe porque está mau humorado, é cabeça dura, introvertido.

Do que o marido precisa?

R: O problema é ele. Precisa ter uma luz do que pode acontecer. Ele mesmo tem que se dedicar mais e arregañar as mangas. Está meio devagar, por decepções, com o pé atrás. Quando teve outros problemas a família não o apoiou. A família só pode apoiar.

Qual vai ser o final da história?

R: Ele sempre foi esperançoso. Mais cedo ou mais tarde vai ser resolvido.

Título: “Problemas de família”

#### 4º DF-E – Sua própria família

Minha família. Meio dispersiva. No início as crianças eram ligadas comigo, eu dava banho, levantava de madrugada, eu que tinha que fazer mamadeira.

Hoje pelo ritmo de trabalho, paciência que diminuiu, não estão muito próximos. Sentimos a falta da mãe junto. Ela não tem tanta disponibilidade para os filhos e marido.

Coisas ligadas ao interesse particular dela. É mais feliz do que era, longe de ser uma família ideal.

Inquérito: Do que esta família precisa?

R: Precisa mais integração entre eles. Mais convivência íntima entre eles, deixar um pouco o povo de fora.

As funções do pai e mãe serem feitas proporcional. Pai papel de pai. O pai para ser assumido tem que ter a mãe o papel de mãe. O pai está com a imagem mais desgastada. Está perdendo o controle, está mais agressivo. A mãe continua na dela.

O que é permitido nesta família?

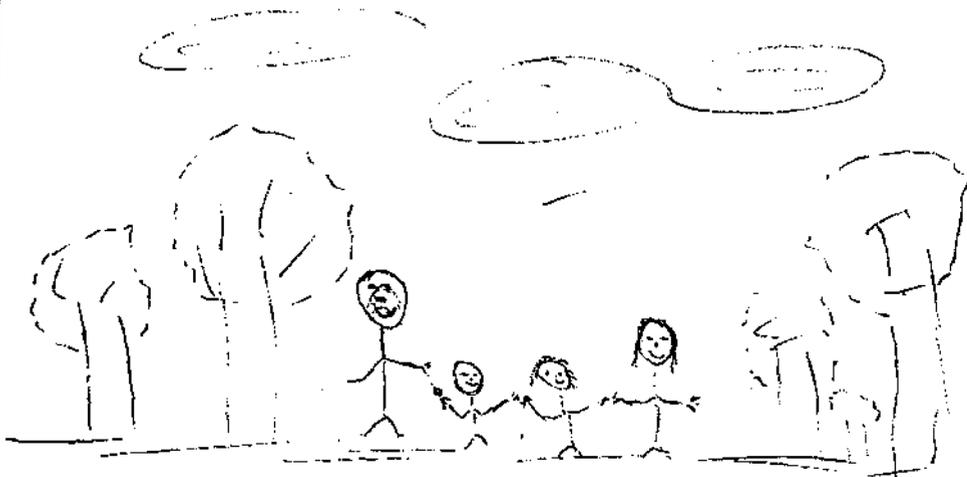
R: Quase tudo. lazer das crianças, viajar, passear. Marido e mulher têm quase tudo. Mais ganhos do que perdas.

O que não é permitido?

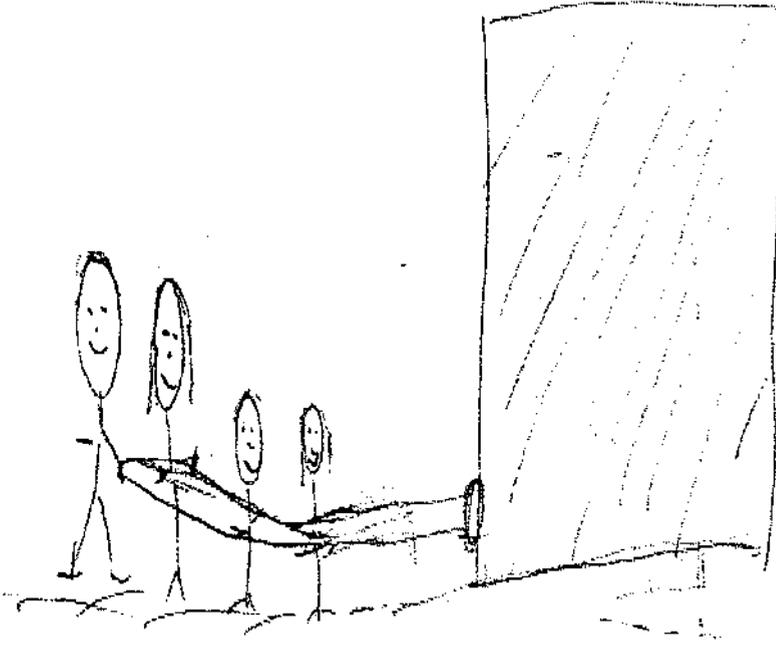
R: Eles terem as características negativas que o pai e a mãe tem: hábitos de desorganização, irresponsabilidade, algumas coisas, tentar evitar um caráter vegetativo.

Título: “ A família que vai ser feliz”

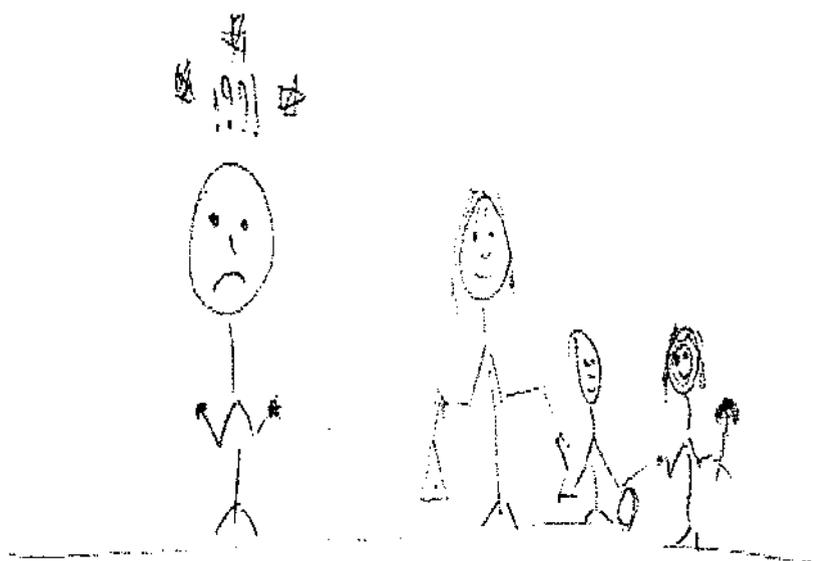
1º DFE  
23/10/96  
"B" - Caso I



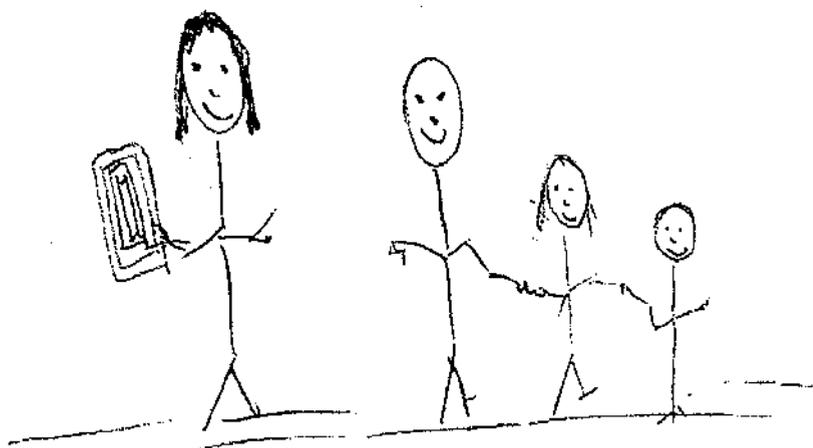
2º DFE  
23/10/96  
"B" - Caso I



3° DFE  
23/10/96  
"B" - Caso I



4º DFE  
23/10/96  
"B" - Caso I



## CASAL: ESPOSA

### *Dados da Entrevista*

M – 29 anos

Escolaridade: 2º grau completo – Magistério

Profissão: Professora

#### 1- Fale sobre você

R- Uma pessoa extrovertida e tímida, sincera, gosto de rir, brincar, gosto das coisas certas, exigente, insegura, conflitos sobre que roupa colocar, sou indecisa. Emotiva, carinhosa, sonhadora, romântica. Adapto-me a qualquer ambiente. Tenho dificuldade em entrar no ambiente, em me expor, observo antes.

#### 2- Fale sobre sua mãe

R- Superprotetora, sufocante. Meu irmão depois de mim, faleceu. Não me deixou escolher as roupas, passou ansiedade. Era supermãe , fazia as tarefas. Tenho distância dela quando adulta para não guiar meus passos. É uma pessoa boa, tímida, mais medrosa, insegura. Me tirava das dificuldades.

#### 3- Fale sobre seu pai

R- Extrovertido e tímido, personalidade forte, estudioso, íntegro, temperamento forte, gosta das coisas muito certas, rigoroso. Sou fã dele, é aberto, mais real. Ciumento comigo. No namoro não permitia sair, prendia muito no horário. Nossa família era uma redoma. Ele não gostava que a gente assistisse novela, jogava buraco, passeávamos juntos.

#### 4- Outras pessoas que conviveram com a família

R- Uma tia-avó solteira. Meu irmão sempre teve insuficiência renal, ela veio para ajudar. Não gostava de menina. Me punha de castigo, era ranzinza. Falava que menina era enjoada, chorona. Gostava de menino.

#### 5- Expressões dos pais sobre a vida

R- Mãe – A gente tinha que aprender a se distanciar de droga e sexo, se entrasse seria difícil sair. Falava sobre prostituição e drogas.

Pai – Falava dos valores: “beleza e físico não são importantes, as atitudes sim”. Falava de horário, pontualidade, cobrava atrasos, responsabilidade. “A família é essencial”.

#### 6- Elogios e críticas recebidos dos pais

R- Mãe: Dizia que eu era responsável, mais madura e precoce. Me punha apelidos de jamanta, jamantona porque era muito grande e gorda. Dizia quando queria me agredir. Fazia críticas porque não era muito caprichosa na escola e quando brigava com meu irmão. Também, pela falta de organização com roupa. Fez poucas críticas negativas.

Pai: Não me lembro de elogios. Eu não gostava de ler e ele criticava. Eu nunca dei valor a elogio, gosto de crítica, saber para melhorar. Não aceito muito elogio ao físico. Pelo trabalho, sim.

#### 7- Reações dos pais diante de situações desconfortáveis

R- Mãe: Quando estava aborrecida ficava em silêncio. Eu não irritava, ficava mais quieta. Ela se desgastou muito pela gente. Sempre foi muito amiga.

Pai: Quando estava aborrecido não falava com a gente, respondia mal. Eu sempre conversei muito, eu discordava dele e ele não aceitava.

#### 8- Conselhos recebidos dos pais

R- Mãe: Dizia para não brigar na rua. “É preferível apanhar, do que bater. Tem a hora certa para dar o troco”. Eu nunca soube me defender. Até hoje, quando eu reajo, é sofrido. Eu ganhei em ter me humilhado, nada se ganha no grito. Sou humilde.

Pai: Dizia: “Amizade entre homem e mulher não existe, é só interesse”.

Meu pai diminuía o valor das carícias que eu recebia pela beleza. Não permitiu que eu visse minha própria beleza. Na época doeu. Nunca reforçou a minha beleza. Nunca deixou ser um valor. Tentava colocar os valores na realidade. Conviver com o pouco e com o muito. Ter o necessário para viver e ter controle. Meu sonho era ter sido

manequim. Ele mostrava o lado negativo. Minha mãe me pôs num concurso de Rainha das Bonecas. Ela gostava mas não incentivou. Nunca contradisse meu pai.

#### 9- Punições recebidas

R- Eram severas. Tinha castigo. Eu não merecia, tentei ser uma filha muito boa. Meu pai era injusto. Tirava os passeios.

#### 10- Expectativas dos pais

R- Queriam que eu fosse professora. Nunca ambicionaram faculdade para eu não sair de perto. Eu também não saí de perto por medo de enfrentar a vida. Hoje me faz falta. Casei para buscar independência, liberdade, com 19 anos e cabeça de 15. Falharam comigo. Eles não mostraram o horizonte. Nunca incentivaram a casar. Sempre senti muita segurança com meu pai. Acho que atingi 90% da meta deles.

#### 11- Sentimentos, atitudes e pensamentos não revelados na infância

R- Eu pensava “ser grande demais” . A maneira como falavam comigo dava a impressão que eu era culpada pelo problema do meu irmão.

#### 12- Crenças sobre a vida durante a adolescência

R- Nunca vivi conflito. Sempre fui muito alienada. Pensava em crescer, amadurecer, formar e casar.

#### 13- Crenças sobre a vida atual

R- Poderia ter feito mais do que eu fiz, mas me sinto realizada porque tenho tudo o que almejei. Tenho Deus na minha vida. Religiosidade. Casei muito cedo, poderia ter aproveitado mais, mas sou feliz. Meu marido era ciumento com uma forma de amor igual ao meu pai. Era mais vivido. Possessivo. Estamos casados há dez anos.

#### 14- Auto-imagem – Aspectos positivos e negativos

R- Sinceridade, alegria, personalidade forte. Insegurança, querer falar algo e não ter coragem, comodista.

15- História infantil predileta

R- Cinderela e Bonequinha Preta. Na Bonequinha Preta tinha uma menina que tinha uma amiga que era a bonequinha, o gato a empurrou, ela caiu e se perderam. No fim se encontraram. Eu gostava mais da bonequinha, porque ela era despachada, não tinha medo, buscava o objetivo, tinha iniciativa. Eu gosto de coisas irreais, vivo as histórias. Tive um namorado com 10 anos. Durou oito anos e foi o grande amor de minha vida.

16- Pensamentos sobre perda do juízo

R- Já aconteceu, logo que me casei, deparei com decepções, achei que não ia dar conta. Não tinha coragem de me separar. Quando tive a "Z", ela estava com quatro meses, fiquei grávida do "B". Achei que ia enlouquecer com os dois pequenos, apesar da minha mãe ajudar.

17- Atitudes diante da discordância do outro

R- Eu concordo. Sou covarde.

18- Sentido da vida

R- Vivia muito em função do futuro. Apanhei muito. Espero viver cada momento hoje. Fazer uma faculdade, ser uma boa esposa e mãe. Tenho vontade de ter um filho temporão, porque não vivenciei os meus. Quero defender mais meu espaço.

19- Pensamentos suicidas

R- Estive separada por traição. Mais ou menos em 92 vi ele com outra. Não pensei em suicídio. Queria dormir vinte e quatro horas. Não queria viver. Não conseguia me ver sozinha.

20- Pensamentos homicidas

R- Já pensei em querer que o "B" morresse. Vivemos mal no início do casamento. Ele viajava, ia facilitar minha vida, por causa do ciúme, desconfiança, agressividade.

21- Perspectivas futuras

R- Daqui a cinco anos minha vida vai estar como está hoje: trabalho, vida agitada, preocupação com filhos adolescentes, casa nova.

22- Pensamentos sobre a própria morte

R- Achava que não chegaria aos 20 anos. Achava distante. Queria casar antes dos 18, fazer tudo. Tenho pavor de viagem de carro. Eu ia morrer de acidente. Hoje penso depois dos 80, de velhice.

23- Epitáfio

R- “Aqui jaz uma pessoa legal”

24- Sintomas físicos

R- Nariz entupido, cálculo no rim, tireóide, hipotireoidismo, inchaço, pele seca, cansaço, às vezes dor de cabeça.

25- Sentimentos desconfortáveis e circunstâncias relacionadas

R- Tristeza, angústia, exceto quando vou trabalhar. Sinto isso quando acontecem discussões familiares, quando meu marido se altera e desmente a “Z”. Para mim tudo tem que ter um porque. Sinto também quando vejo injustiça.

26- Como gostaria que os pais fossem diferentes

R- Mãe: Gostaria que fosse mais independente, saber ouvir, ser amiga e mais imparcial.

Pai: Tivesse sido mais amigo e liberal. Hoje é meu amigo, não quero que mude.

27- Como mudaria sua família

R- Egoisticamente, abriria a cabeça do “B” sobre o que é uma família: Iria sair mais, nós quatro para a piscina, hotel. Faria os filhos saberem se defender dos perigos da vida. Livraria minha família das drogas e câncer.

28- O que mais quer na vida

R- Olhar para trás e ver que valeu a pena a educação e a renúncia. Chegar com o “B” ao fim da vida, me mudar e a ele também. Conseguir ter uma família normal.

## 1º DF-E – Uma família qualquer

Em uma cidade existia um rapaz e uma moça que se conheceram. Depois de muito tempo de convivência feliz resolveram se unir pelo matrimônio. Desse relacionamento surgiram dois filhos. Esta família feliz sempre que podia, levava os filhos para brincarem e se divertirem.

Num belo domingo resolveram ir fazer um piquenique num belo lugar. Lá as crianças se divertiram jogando bola, nadando e brincando de outras coisas. O casal ficava perto namorando e observando os filhos brincarem.

Inquérito: O que era importante para esta família?

R: União

O que era permitido nesta família?

R: Brincar, conversar, ter amizade entre eles.

O que não era permitido?

R: Falta de respeito, desobediência, egoísmo.

Título: “Uma família feliz”

## 2º DF-E – Uma família ideal

Conheci, certa vez, uma família ideal onde os pais trabalhavam, os filhos estudavam mas sempre tinham tempo para conversar, brincar e se divertir. A mãe tinha que dar conta de tudo. Arrumava os filhos para irem à escola, despedia-se deles com carinho e também tinha que arrumar as coisas do marido e com o mesmo carinho despedia-se dele.

Depois de tudo organizado saía para seu trabalho. O pai por sua vez, com muito carinho, levava os filhos à escola e despedia-se da esposa com carinho.

Sempre que precisava discutir algo jamais havia gritaria ou espancadaria. Sempre antes de qualquer atitude sentavam e conversavam, pois mesmo sendo uma família ideal, era uma família normal com seus conflitos e diferenças.

Normalmente nos fins de semana saíam juntos os quatro para se divertirem e fazerem brincadeiras onde os quatro pudessem participar.

Lembro-me uma vez em que eles, os quatro, jogavam futebol. A filha fez um gol na mãe que era goleira. O irmão muito bravo xingou e disse que a mãe havia deixado. Na mesma hora o jogo foi parado e a regra lembrada: que o objetivo do jogo não era causar brigas nem diferenças entre eles, mas sim saberem compartilhar da mesma coisa. O pai pediu para que o filho sentasse e esperasse até que o mesmo chegasse à conclusão da regra. Passado algum tempo o filho pediu para retornar ao jogo, mas antes pediu desculpas para a mãe, irmã e o pai, pois entendeu que estava errado e entendeu também o que o pai quis dizer e tiveram um fim de semana maravilhoso.

Inquérito: O que esta família tem de positivo?

R: União, diálogo, bom senso entre si, na conclusão e na decisão de correção dos filhos, e o carinho que o pai e a mãe passavam para os filhos.

O que esta família tem de negativo ou que precise aperfeiçoar?

R: Não ensinaram os filhos a lidarem com as diferenças da vida, que existiam pessoas ruins e boas. Não ensinaram a se defender e que nem todas as famílias eram iguais à deles. Famílias que não passeavam, não conversavam, nem por isso eles eram mais certos. Cada um tinha sua maneira de viver.

Título: "A família ideal"

3° DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem

Existia uma família onde poucos sabiam compartilhar. Eram individualistas: os pais.

Com isto, com anos de convivência todas estas atitudes foram se agravando, pois eles agiam uns com o outro na base da troca. A mulher, esposa, pedia carinho e a presença não só de corpo, mas também de pessoa. O marido preocupado com dinheiro que tinha que conseguir, pouco lhe dava atenção. Depois os filhos vieram e sofreram toda esta agressividade dos pais, pois os pais tentavam ensinar-lhes a partilhar, mas não faziam o mesmo. Viam o pai falar bruscamente com a mãe e a mãe infeliz saía chorando.

Com isso as crianças começaram a brigar entre si e a individualizar todas as suas coisas. O pai queria mostrar através de seu autoritarismo que quem mandava ali naquela família era ele, que todos precisavam dele e ele não precisava de ninguém. A mãe por sua vez tentava mostrar que daquele jeito que o pai fazia ele jamais teria os filhos como amigos. Que os filhos sofreriam. Mas o pai só ouvia o que queria e interessava.

Com tudo isto quem mais sofria eram os filhos que por sua vez não sabiam como agir diante de tanta incoerência.

Título: "Família incoerente"

#### 4º DF-E – Sua própria família

Existia uma família muito feliz na qual somente a filha mais velha era casada e era uma família de sete irmãos. Certa vez o pai faleceu e a mãe ficou com os seis filhos solteiros tendo o caçula 12 anos. Ela formou laço de união muito forte entre eles, pois precisavam uns dos outros para vencer, pois todos estavam se formando e ainda um estava no primário, e eles cresceram com este objetivo: todos por um e um por todos.

Da filha mais velha surgiram duas crianças, só que ela morava em outra cidade. Mas mesmo assim todos os finais de semana eles se encontravam em Fama, onde era a cidade da mãe, e lá não fazia diferença entre os filhos, netos, pois eram todos uma só família.

E os netos foram crescendo e participando desta união e percebendo também a importância da família.

Quando juntavam todos era uma festa, sobretudo muita alegria. Passados alguns anos todos já estavam formados e com sua profissão, inclusive o mais novo era dentista e bem conceituado.

Tudo isso foi exemplo de vida, pois os netos cresceram participando desta luta, desta união. Aos 19 anos a neta mais velha se casou e construiu sua família e tentou levar para ela tudo o que aprendeu e conviveu dentro de sua família e de sua avó. Só que foi difícil, pois ela casara com uma pessoa que nunca havia vivenciado o que ela vivenciou, como diálogo e

união, mas tudo o que ela havia aprendido servira para sustentar e de alicerce para seu casamento.

Depois de dois anos nasceu a quarta geração desta família. Foi novamente uma enorme alegria e a mãe percebeu que havia valido a pena pois seu marido se mostrava um excelente pai. Depois de um ano nasceu mais um filho. Uma outra alegria.

Esta família tem crescido com muito sacrifício, muita dificuldade pois até hoje há brigas e discussões por falta de diálogo, pois a mãe quer passar para seus filhos a importância do diálogo, confiança e responsabilidade. Porém, o pai também querendo passar tudo isso não age ativamente dialogando ou participando de jogos e brincadeira entre eles.

Apesar de tudo é uma família feliz pois tem noção de seus erros e tenta aperfeiçoá-los através do amor e da união que existe entre eles.

Inquérito: Como é o pai?

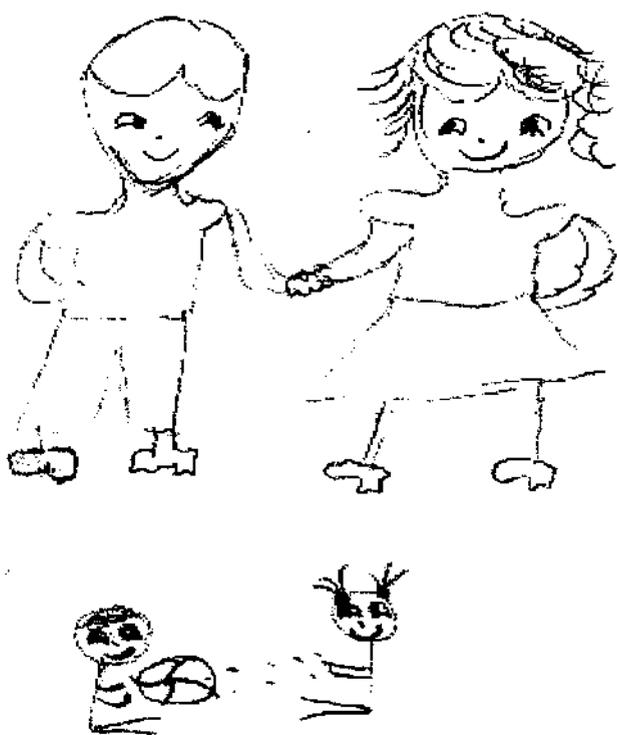
R: Fala mas não age. Grita, tem dificuldade em se dividir.

O que este pai traz da família de origem?

R: Do pai dele a insegurança e da mãe a garra, vontade de lutar, e a desconfiança. Tem medo de sofrer, medo de amar. Cobra as pessoas não acreditando nelas. Diz: "tá mentindo, mentirosa". Faz coisas boas e depois machuca.

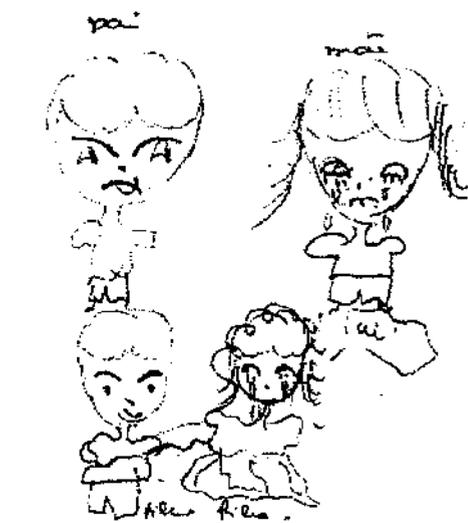
Título: "Exemplo de vida"

1º DFE  
02/10/96  
"M" - Caso I



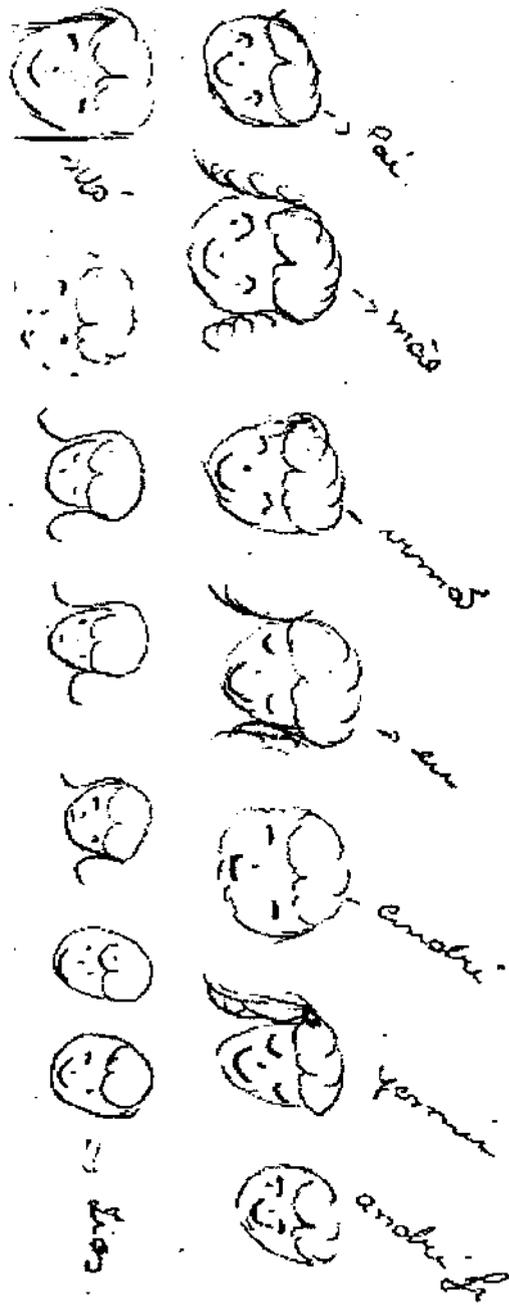


3º DFE  
02/10/96  
"M" - Caso I



meu no lado da menina

4° DFE  
09/10/96  
"M" - Caso I



## FILHOS DO CASAL

1: Z

### *Dados da Entrevista*

Z – 8 anos

Escolaridade : 3ª série do 1º grau

1- Melhor coisa que ouviu dos pais sobre você

R- Pai: “Parabéns, ótimo”. Quando eu tiro dez na prova ou quando tiro menos de dez.

Mãe: Quando vou bem na prova.

2- O que mais gosta e o que menos gosta em você

R- Gosto mais do olho. Não tem nada que não gosto.

3- O que mudaria em sua vida?

R- Não mudaria nada.

4- Prefere ir à escola ou ficar em casa?

R- Prefiro ir à escola. Se ficar em casa e não souber nada, não tem jeito.

5- Prefere continuar pequena ou crescer logo?

R- Quero crescer logo. Porque vai se mudando, ficar criança é chato.

6- O que sua família contou sobre seu nascimento?

R- Como eu nasci, eu era bonita, gordinha, muito bonita.

7- O que os seus pais querem que você seja quando crescer?

R- não sei.

8- Apelidos

R- Meu irmão me chama de “Mim”. Meus colegas me chamam de “Ia” ou “Ias”.

9- História infantil predileta

R- “O susto de Nina” e a “Bruxonilda”. A Nina tinha um ursinho bagunceiro. Ela tomava conta dos brinquedos, mandava consertar na enfermaria. A Bruxonilda era uma velha convencida que era bonita. Casou com um mágico. Ficou viúva. Era uma bruxa legal, mas era feia. Tinha uma coruja.

10- Sonhos e fantasias bons e maus

R- Vou ter filhos, um casal. De ruim, fico pensando que vem a bruxa e roube os filhos.

11- Quanto tempo acha que vai viver

R- Noventa anos ou mais.

1º DF-E – Uma família qualquer

Era uma vez uma família muito feliz. A mãe trabalhava muito para sustentar a família e o pai também.

A filha e o filho deles estudavam muito. A filha estudava de manhã e o filho à tarde e eles eram uma família muito feliz.

Os quatro saíam muito, passeavam, saíam, a filha fazia muito esporte.

A filha fazia natação, jazz e só e o filho fazia dois esportes: natação e futebol.

A filha fazia catequese. O pai trabalhava com biscoito e a mãe trabalhava dando aula e eles eram uma família muito feliz.

Inquérito: O que podia nesta família?

R: Chicletes, balas, doces só sábado e domingo. E refrigerante também. Podia ir na casa de colega só sexta, sábado e domingo.

O que não podia?

R: Não podia ficar sem tomar banho.

O que estão fazendo nesta cena?

R: Brincando de roda.

O que esta família tem de melhor?

R: Felicidade.

Título: "A família feliz"

## 2º DF-E – Uma família ideal

Era uma vez um pai, mamãe e dois filhos. Essa era uma família ideal. Eles não tinham nenhum erro. Eles só viviam feliz. Todos gostavam muito um do outro. Eles passeavam para lá e para cá. Todo tempo só ficavam juntos. O tempo que não ficavam juntos é quando a mãe ou pai estavam trabalhando ou os filhos estudando.

Mas quando chega à noite todos ficam felizes juntos porque não tem nada para fazer. Isso que se chama de família ideal.

Inquérito: O que você chama de erro?

R: Alguns filhos desobedecem o pai e a mãe, brigas entre o pai e a mãe. Se falta amor, felicidade e paz.

Título: "A família ideal"

## 3º DF-E - Uma família onde tem alguém que não está bem

O pai sofreu um acidente de carro e a filha foi assaltada e foi morta.

Quando a família ficou infeliz quando o pai e a filha morreu e eles assim nunca mais ficaram felizes com a morte da filha e do pai.

Só o filho e a mãe sobreviveram. Eles ficaram muito tristes por causa da morte da filha e do pai e eles ficaram assim muito infeliz.

Inquérito: Como foi que aconteceu o acidente e o assalto?

R: O pai tava indo trabalhar e morreu. Ela, a filha, foi na escola, tava sozinha, chegou ladrão e assaltou.

Porque foram os dois que morreram e não a mãe e o filho?

R: Porque ia morrer os mais velhos. O pai é mais velho que a mãe, e a menina é mais velha que o irmão.

Do que esta família precisa agora?

R: Precisa de homem para ajudar. Precisa de uma alegria.

Título: “A família infeliz”

#### 4º DF-E -- Sua própria família

Era uma vez a minha família. Meu pai, meu irmão, minha mãe e eu. Era uma família. A minha mãe dava aula na 3ª série. Meu irmão estudava de tarde.

Meu pai trabalhava vendendo biscoito e à noite eu, minha mãe, meu irmão e meu pai ficávamos juntos.

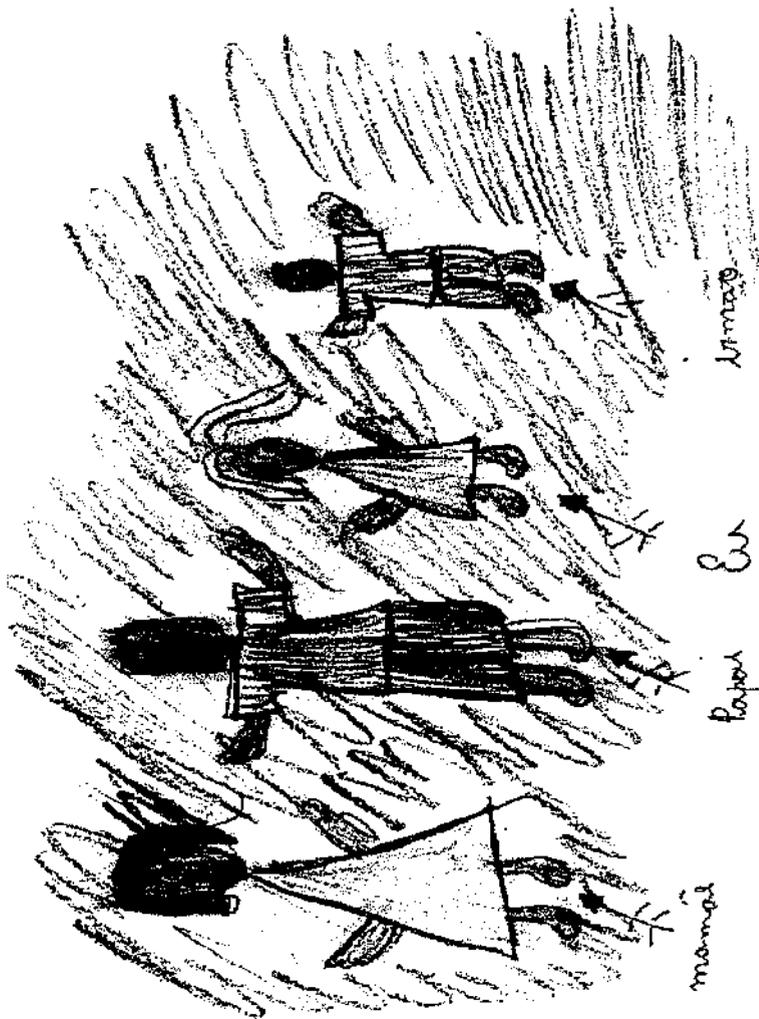
Segunda e quarta eu fazia jazz à noite e quarta eu tinha catecismo e jazz.

Terça e quinta eu tinha natação. Terça, quinta meu irmão tinha natação e sexta e sábado meu irmão tinha futebol e todo dia, menos fim de semana, meu pai e minha mãe trabalhavam e eu estudava. Terça e quinta também à noite eu tinha inglês. Era das sete às oito.

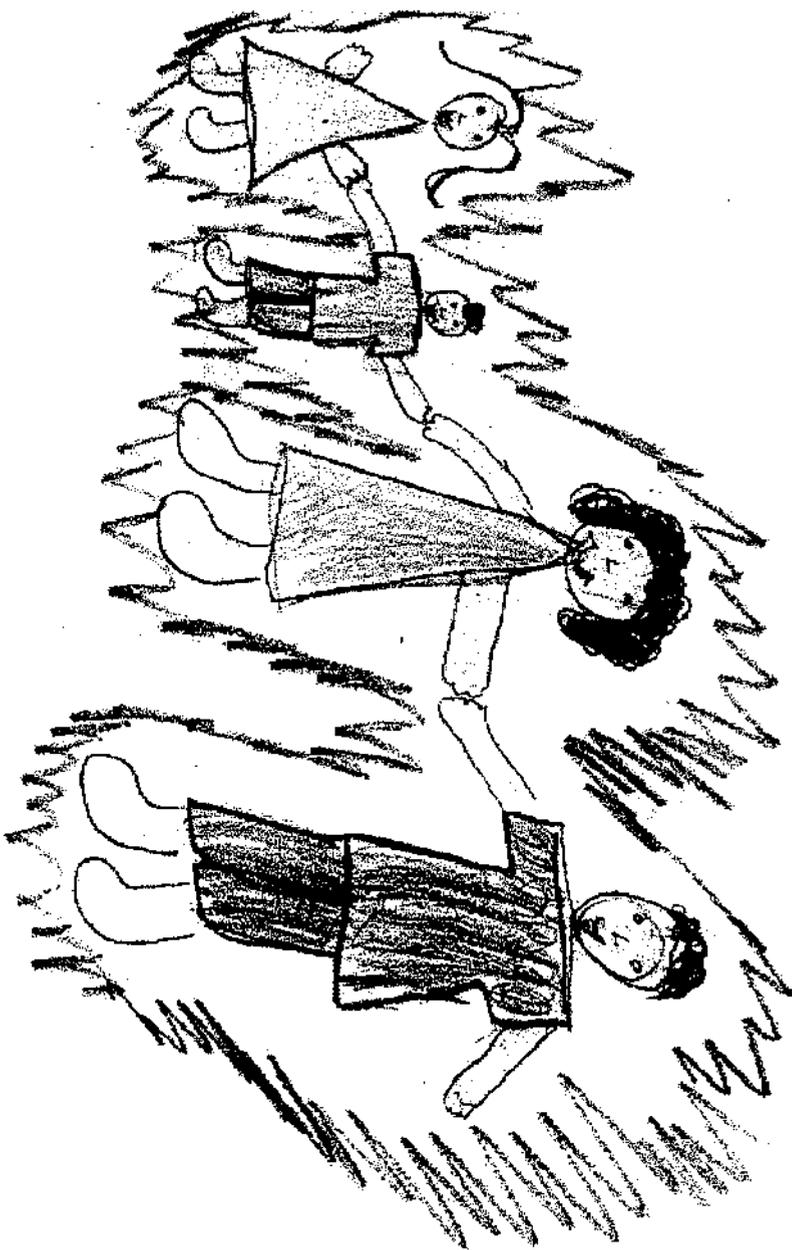
Fim de semana, às vezes, meu pai fazia churrasco ou a gente ia almoçar no restaurante e nós é uma família muito feliz.

Título: “A minha família”

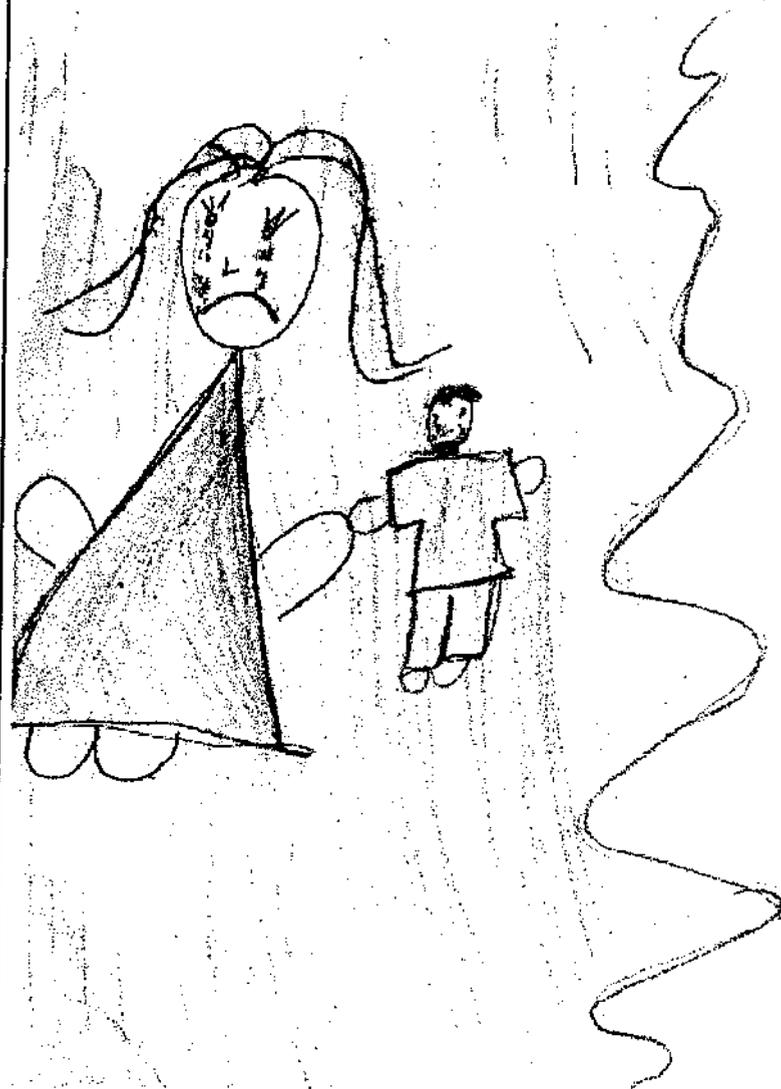
1° DFE  
17/09/96  
"Z" - Caso I



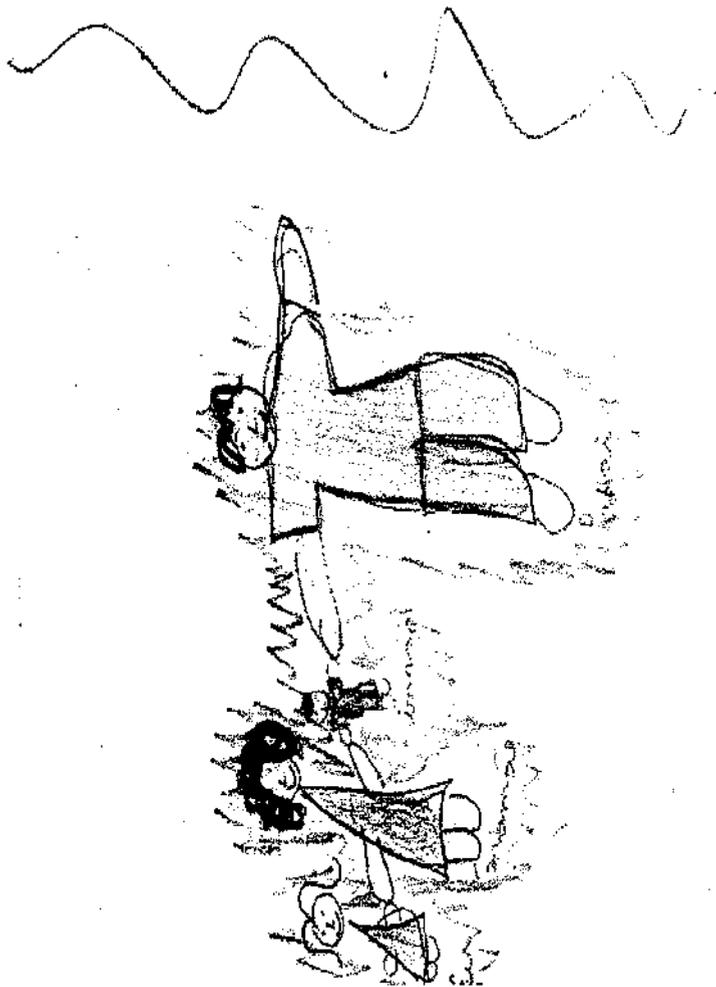
2º DFE  
17/09/96  
"Z" - Caso I



3° DFE  
17/09/96  
"Z" - Caso I



4° DFE  
24/09/96  
"Z" - Caso I



*Dados da Entrevista*

B - 7 anos

Escolaridade: Pré – Escola

1- O que mais gosta em si

R- Da bolinha do peru.

2- O que menos gosta em si

R- O cocô é fedorento. O peido eu gosto, para desmaiar as pessoas.

3- Como se sente quando está bem e o que acontece

R- Fico feliz, namorar e jogar futebol.

4- Como se sente quando está mal e o que acontece

R- Fico triste quando brigo com alguém.

5- O que quer ser quando crescer

R- Jogador de futebol e morar em São Paulo.

6- O que os pais querem que você seja

R- A mesma coisa. A mãe quer que eu seja jogador de basquete.

7- Se pudesse fazer uma mágica o que desejaria?

R- Fazer para chegar muita mulher e revista de mulher pelada.

8- Você gostaria de ser menino ou menina?

R- Menino, porque tem mais força no pé.

9- Prefere ficar em casa ou ir à escola

R- Prefiro ficar em casa para dormir. Nem fiz a tarefa!

10- Você quer crescer logo ou ficar pequeno por mais tempo?

R- Quero crescer logo para acabar a escola, a tia fica brava, e para jogar futebol.

11- Quando seus pais ficam bravos o que dizem?

R- O pai fala palavrão, bate com chinelo. A mãe xinga, bate com tapa.

12- Quanto tempo acha que vai viver?

R- Até ficar velho.

13- Qual foi a melhor coisa que seu pai disse para você?

R- Para não brigar.

14- E a pior?

R- Para brigar, eu obedeci.

15- Qual a melhor coisa que sua mãe disse para você?

R- Aprender coisas.

16- E a pior?

R- Aprender a apanhar. Eu apanho todo dia do pai e da minha irmã. Ontem o pai tava chato. Tem que obedecer ele. Ninguém me agüenta.

## 17- Histórias prediletas

R- De terror. Eu caio, cai perna, cabeça. Eu vi um monstro na fazenda do meu bisavô. Eu gostei da cabeça com verruga e bunda com verruga.

Obs. Quanto às outras perguntas, respondia “Não sei” ou que tinha preguiça de responder.

### 1° DF-E – Uma família qualquer

Era brincalhona, o segundo era danado, a terceira era mais manhosa. O pai batia neles todos. Eles nunca mais brincaram enchendo o saco dos outros.

Inquérito: Como estas pessoas são?

R: Eu sou o mais tarado lá de casa. Gosto de mulher pelada. Adoro. Tenho uma namorada. Silvana. Ela entrou no banheiro, tirou a roupa e eu vi ela pelada. A mãe briga com meu pai. Ele não chora, ela chora. O pai é o maior de todos, mais gorducho. O mais briguento. Eu minto prá xuxu, todos, todos acreditam. O pai é o mais bravo .

O que esta família tem de bom?

R: Brinquedos.

E de ruim?

R: Bater. Meu pai disse que eu sou o mais chato.

Título: “A família”

## 2º DF-E – Uma família ideal

Eles não saíam, ficavam brincando com o cachorro deles. A irmã ficava dormindo, o pai, a mãe e o filho jogavam pau pro cachorro pegar. Aí, quando o filho não queria mais brincar, trancava a porta e ia balançar. Subia pelo elevador, subia lá em cima e ficava vendo a chaminé.

Inquérito: Porque esta era uma família ideal?

R: Não brigavam mais. Ficavam brincando com o cachorro.

O que podia e o que não podia?

R: Não podia brigar, podia brincar. Chamava...

Título: "...A família"

## 3º DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem

Ela não saía da cama, ela quase morria, enquanto os quatro cachorros latiam.

Ela tinha muitas árvores: maçã, laranja, maracujá. Ela não gostava do vapor que saía da chaminé e entrava dentro da casa dela.

Ela só saía da cama para almoçar. Quando meu avô chegava não deixava entrar porque ela estava quase morrendo. Um dia ele entrou, ela morreu e acabou.

Inquérito: Quem mais morava nesta casa?

R: Tinha oito empregados.

Do que ela precisava para sarar?

R: Faltava remédio. Tomava bastante remédio. Tomou sete remédios e viveu de novo.

Título: "A doente"

#### 4º DF-E – Sua própria família

Eu só jogava basquete quando eu não tinha nada para fazer. Meu pai e minha mãe dormiam.

Eu joguei uma bola, bateu na cabeça do pai. A mãe deu um soco na bunda do meu pai. A bola bateu na cabeça da irmã. O Falcão (cachorro) batia e acabou.

Inquérito: O que esta família tem de melhor?

R: O cachorro, a quadra de basquete, o pula-pula e a cama da mãe e do pai.

O que tem de ruim?

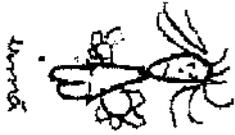
R: Levar tapa do pai e da mãe. Do pai é mais perigoso.

Do que esta família precisa?

R: Precisa não brigar muito. Meu pai e minha mãe às vezes brigam.

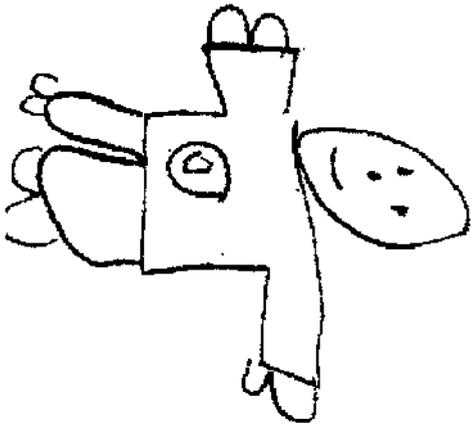
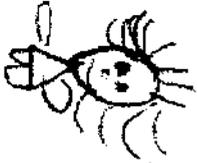
Título: “A casa briguenta”

1° DFE  
18/09/96  
"BJR" - Caso I

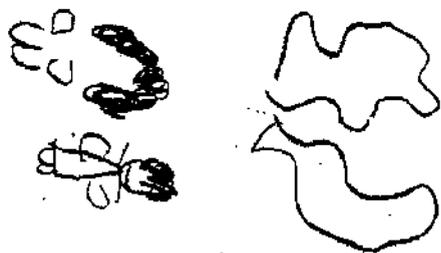


papa

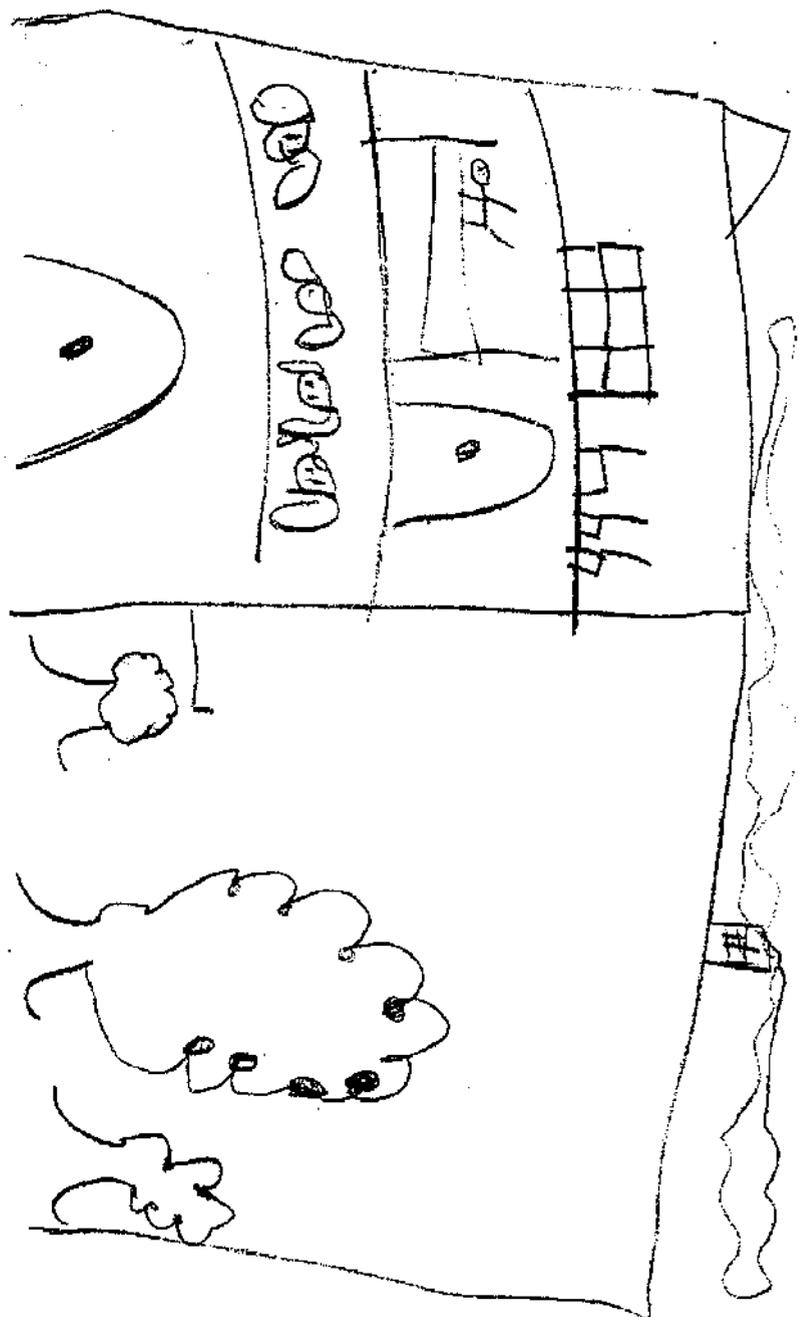
mãe



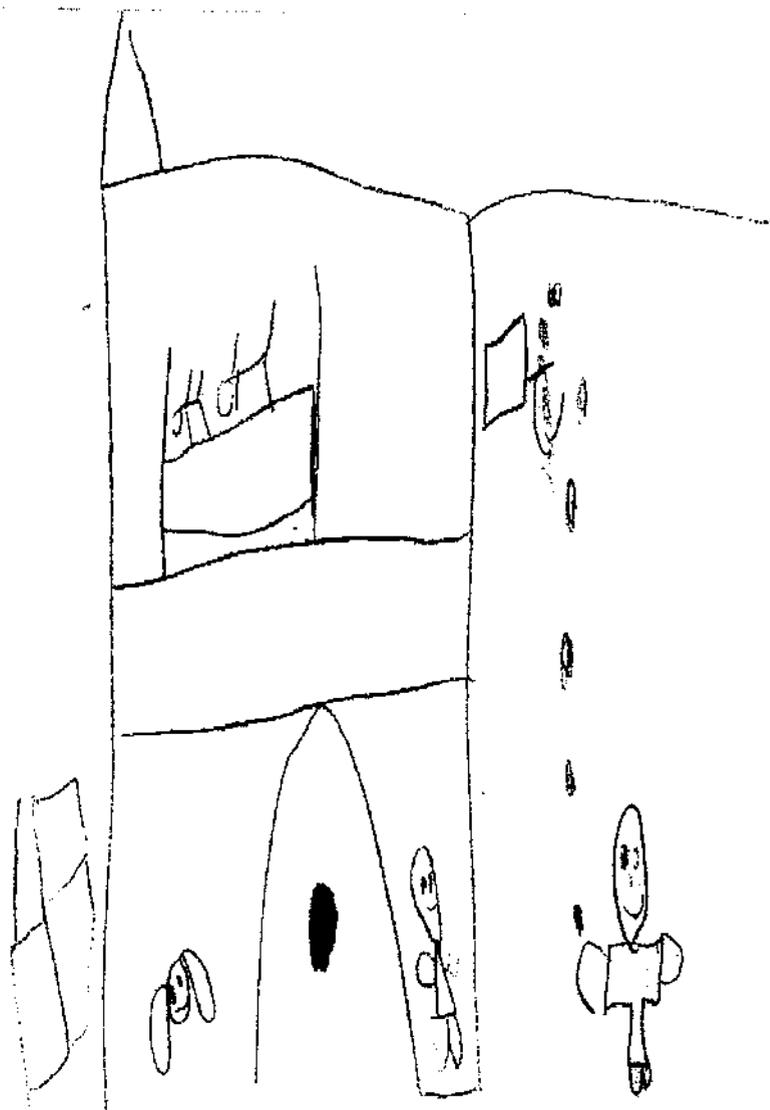
2° DFE  
18/09/96  
"BJR" - Caso I



3° DFE  
25/09/96  
"BJR" - Caso I



4º DFE  
25/09/96  
"BJR" - Caso I



## CASO II AVÔ PATERNO

### *Dados da entrevista*

K.C – 69 anos

Escolaridade: Superior completo – Direito

Profissão: Advogado

Ocupação atual: Coronel da Reserva da Polícia Militar

Descendência: Portuguesa por parte dos pais e índio por parte da mãe

### 1- Fale sobre você

R- Levo a vida muito a sério. Comecei meu estudo no S. J. e fiz o Seminário S.A. Troquei a cruz pela espada. Entrei na escola de Oficiais. Casei em P., procurei pautar por uma vida sedentária, caseira, não sou dado a frequentar clubes. Me formei em Direito. Os militares não podiam advogar. Advoguei depois de dois anos, mas resolvi parar. Na P.M. fui até o último posto. Agregado à família. Dar educação para os filhos sadia. Meus pais me deram educação muito rígida. Meu pai era Administrador de Fazenda, depois Tabelião. Era uma pessoa maravilhosa. Muito apegado aos filhos, não era de bater. Assobiava. Lutou muito na vida.

### 2- Fale sobre sua mãe

R- Sempre foi sentimental, chora à toa. Batia com chinelo. O pai não batia. Tinha cinco filhos. Sou o segundo. Minha mãe criou mais quatro filhos de criação.

### 3- Expressões dos pais sobre a vida

R- Mãe – Nunca ouvi falar nada.

Pai – Era um homem fechado. Não comentava.

#### 4- Elogios e críticas recebidos dos pais

R- Mãe – Elogiava nas questões de estudo. Entrei no Seminário com 11 anos. Era Coroinha. Os padres aconselharam a sair porque acharam que eu não tinha vocação. Eu gostava de jogar bola. Fiquei decepcionado com a decisão. Antes no Colégio S.J. eu tinha o pendor para marcha. Fiz o Tiro de Guerra e o Sargento achou que eu tinha o pendor para a vida militar. Fui conversar com o Capelão da P.M.. Entrei para a reserva com 51 anos. Aconteceu um fato desagradável. A mim a mãe não fez críticas. Achava que o irmão mais velho deu mais trabalho e minha irmã era desleixada.

Pai – Não fazia elogios. Crítica também não. A mãe é que era responsável pela educação.

#### 5- Atitudes dos pais quando se sentiam aborrecidos

R- Mãe – Chorava e eu não fazia nada.

Pai – Ficava muito quieto. Eu não fazia pergunta. Tinha medo.

#### 6- Conselhos recebidos dos pais

R- Mãe – “Seja sempre honesto no trabalho, não roube”. Era muito católica.

Pai – “Tenha por lema: Hei de Vencer. Você não vai ficar soldado”. Ele não queria que eu entrasse na P.M.

#### 7- Apelidos recebidos

R- Pingüim, porque eu não tinha frio. Foi dado na escola do Exército.

#### 8- Expectativas dos pais

R- Mãe – Ela queria que eu fosse padre.

Pai – Ele queria que eu fosse Médico, mas acho que atendi às expectativas dele porque cheguei a Coronel.

#### 9- Crenças sobre a vida na infância

R- Pensava em nada.

10- Crenças sobre a vida na adolescência

R- O que vou enfrentar pela frente? Ficava preocupado.

11- Crenças sobre a vida atual

R- A vida é uma coisa maravilhosa, quanto mais viver, melhor. Não tem preço. Cuido muito. Tive hepatite C, tratei durante 14 anos. Faço controle. A vida é muito importante viver.

12- Auto-imagem – Aspectos positivos e negativos

R- Gosto como eu sou. Sério. Não sou introvertido. Sou meio termo. Às vezes sou extrovertido. Não gosto quando fico nervoso. Fico meio chato e violento. Não gosto de magoar esposa, filhos, falo antes. A causa são as preocupações. Por exemplo: tenho um filho desempregado. Ai fico nervoso. Com a doença gastei muito. Quando fico chato, fico magoado comigo mesmo.

13- História infantil predileta

R- Não sou dado a histórias. Só livros. Um filme gostei: “Culpa dos Pais” que é um romance, ou Charles Chaplin. Gosto de tudo dele. Às vezes joga buraco. Deito cedo, mais ou menos às dez horas. Acordo às seis e meia. Gosto de cozinhar. Vou em Banco. Assisto TV.

14- Reações diante de atitudes contrárias do outro

R- Quando discordam geralmente eu argumento.

15- Sentido da vida

R- Acho a vida muito importante. Me cuido, não bebo, não fumo. Minha vida é muito caseira. Enquanto tiver força para viver, vou vivendo.

16- Perspectivas futuras

R- Nunca pensei. Quanto mais puder viver, melhor.

17- Pensamentos sobre a morte

R- Nunca passou pela cabeça.

18- Epitáfio

R- Não escreveria nada. Já está escrito, Família D. P.

19- Sentimentos desconfortáveis e circunstâncias relacionadas

R- Quando estou chateado, fico em silêncio, quieto.

20- Como gostaria que os pais fossem diferentes

R- Mãe – É uma santa. Queria que ela não sofresse tanto como sofre. Tem problema de coluna, osteoporose. Que tivesse um fim de vida mais tranqüilo. Sofreu tanto!

Pai – Meu pai morreu muito jovem. Não era muito de conversar com a gente. Foi muito reservado com os filhos. Gostaria que fosse mais aberto, comunicativo. Não era muito de conversar, elogiar.

21- Sobre o casamento

R- Casei com 26 anos. O que me atraiu foi a beleza, gosto demais dela. Tinha vidinha regrada, ordeira. Nunca traí minha mulher.

22- O que mais quer na vida

R- Queria que os filhos todos tivessem uma vida tranqüila. Principalmente o segundo, que está desempregado.

### *DF-Es*

1° DF-E – Uma família qualquer

Um sonho que eu sempre tive era ter uma filha, desde o primeiro, queria , talvez por causa disso eu fiz uma filha. O primeiro homem, o segundo homem. Quando eu fui para S. Paulo em 61 eu levei minha esposa para dar à luz no Pró – Matre, lá foi feita a ligação de trompa, mas rezei e pedi para N. S. de Lourdes. A mulher se engravidou e nasceu esta filha que tanto queria. Eu pus o nome de Maria de Lourdes. Por isso, tenho verdadeira loucura por minha filha. Gostaria que ela arranjasse uma pessoa que a fizesse feliz por toda a vida. Não vejo muito isso.

O namorado é muito bom, mas é muito acomodado, vive mais às custas da mãe. É caprichoso, lida com computação, mas não tem rendimento. Gostaria que ele arrumasse um emprego, mas acho que nem procura.

Inquérito: O que esta família tem de positivo?

R- União, amor. Graças à Deus que meus filhos são muito unidos. Dou para meu filho R\$1.300,00 todo mês. Ajudo a L., os outros também. A união é muito bonita, o carinho que têm pela gente.

Título: “Um sonho que se tornou realidade”

## 2° DF-E – Uma família ideal

O ideal hoje seria um casal de filhos apenas. Não dá para ter muito filho mais não. Uma família que fosse unida, que fosse carinhosa, desprendida de muitas coisas. Uma família que fosse como uma espécie de uma empresa, que um ajudasse o outro, procurando um lucro final espiritual. Que fosse uma cooperativa. Aquela assistência necessária no momento exato.

Inquérito: Qual a profissão dos pais?

R- Dificil dizer. Eu segui a carreira militar, nenhum seguiu. Uma profissão rendosa, mas não excessivamente. Pegar uma profissão que não tenha campo de trabalho... Cada um segue aquilo que realmente tá dentro do interior. Fiz concurso para Magistratura, passei, mas não fui, não tinha vocação. Meus filhos, dois são Engenheiros, um fez Análise de Sistemas, a L. é Enfermeira e Psicóloga falida.

Título: “Família Ideal”

## 3° DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem

Uma família infeliz. O pai tá desempregado há dois anos, vivendo na base do emprego da mulher, o que ganha é pouco e os filhos reclamam muito porque querem uma coisa, e outra.

Esta idade, 11 e 15 anos é problemática, uma família que os filhos se queixam muito. A mulher também se queixa, inclusive, há um ano atrás quase se separaram por causa disso.

O marido procura emprego, mas não aparece. A gente teve uma conversa séria para que eles se entendessem. Emprego não é aquilo que a gente quer, é o que aparece. Para evitar outros problemas, a gente ajuda.

É a história do meu filho. Acredito que vai sair dessa.

Inquirito: o que essa família tem de positivo?

R: Apesar de todos esses atritos são muito carinhosos, principalmente o menor. Chora porque vê o sofrimento dos pais. Minha nora, a casa dela é um brinco, tem um zêlo.

Ele não quer separar, perdeu o emprego por causa do ciúme da mulher. Ela achava que ele tinha caso com uma secretária do serviço. Ele trabalhava numa empresa em outra cidade, então pediu demissão.

Título: "Os problemas da família"

#### 4° DF-E -- Sua própria família

É um romance. Conheci minha esposa em 1941 quando a gente morava em Londrina. Nunca tive intenção de namorar. Estava no Seminário. Em abril de 48 comecei a namorar até 54. Nos casamos. Nosso filho nasceu em maio de 55. Depois em outubro de 57 nasceu o T., setembro de 61 nasceu M. H.. Em setembro de 67 nasceu K. C. casou-se, teve três filhos: S., G., B., e o T. casou-se e tem dois filhos: U. e M..

É uma família feliz, com exceção desse problema. Hoje vivem muito bem. Nosso ideal eram cinco filhos. Minha mulher precisou fazer ligação de trompas, devido à três cesáreas. Depois desamarrou as trompas, minha mulher teve a L.. Nossos planos eram cinco filhos.

Tenho cinco netos maravilhosos, a gente não gosta e fazer exceção, mas tenho predileção pelo S.. Ele conversa muito comigo. Às vezes os pais saem, ele fica em casa comigo. Sai para passear, gosta de ler romance e eu pago para ele a "Agatha Christie".

Eu não sei explicar.

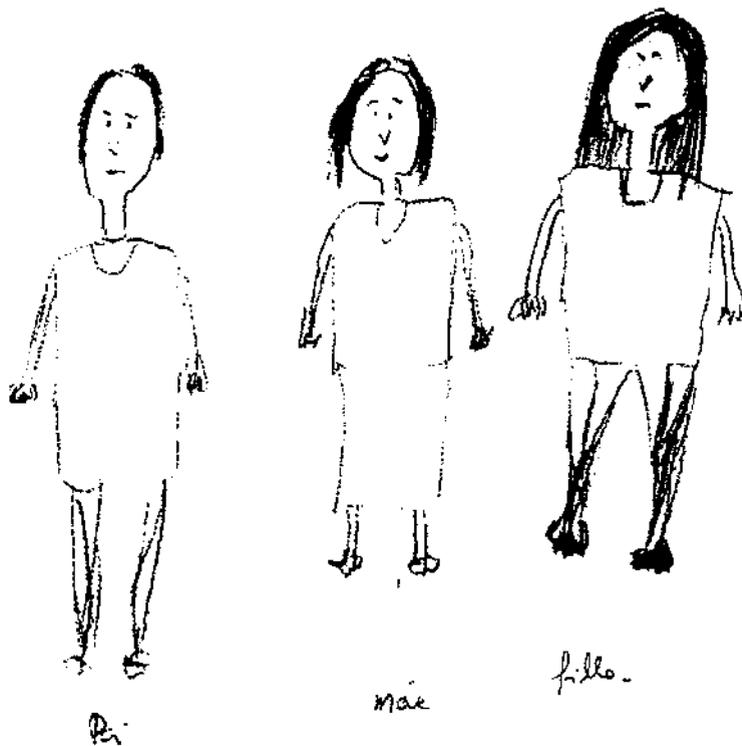
Quem mais gosta de mim é o U.

A vida de militar é muito sacrificada. Dei guarda na casa de detenção. Acho que meus filhos são pessoas fabulosas. Agradeço à Deus pelos filhos que tenho. O T. me criou problemas com 16 anos, andou com tóxico. Vim de São Paulo, tive uma conversa com ele.

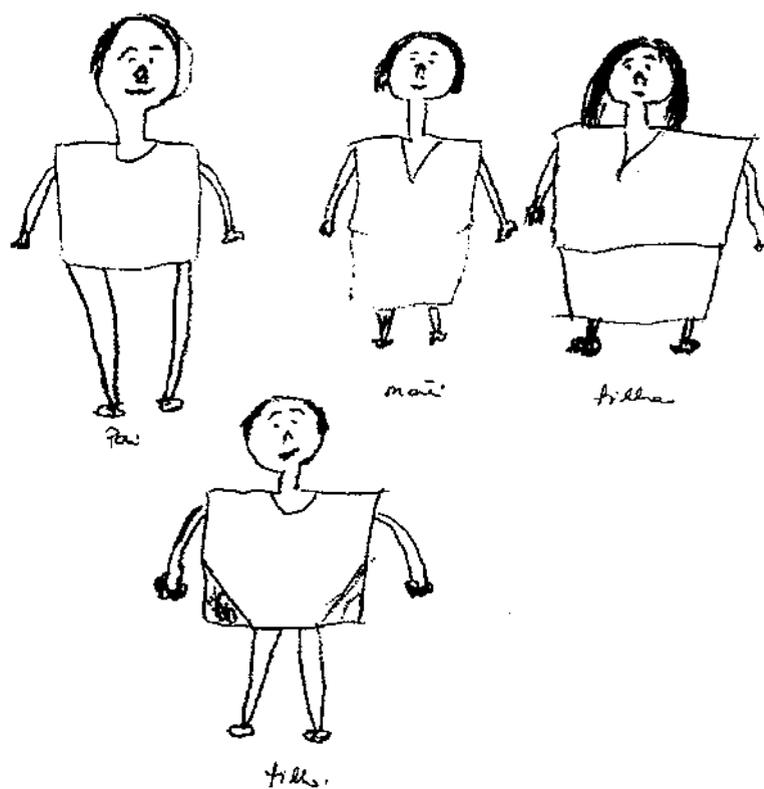
Minha mulher é maravilhosa, se morrer, morro junto. Uma escolha que eu fiz e que deu certo. Uma companheira que está ao meu lado e um anjo da guarda. Não tenho palavras para falar, é fantástica.

Título: "Família unida, feliz"

1° DFE  
18/03/97  
"KC" - Caso II



2° DFE  
18/03/97  
"KC" - Caso II



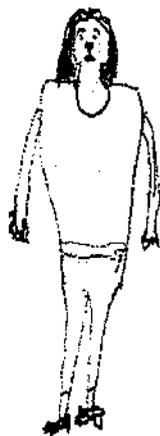
3° DFE  
18/03/97  
"KC" - Caso II



P



M

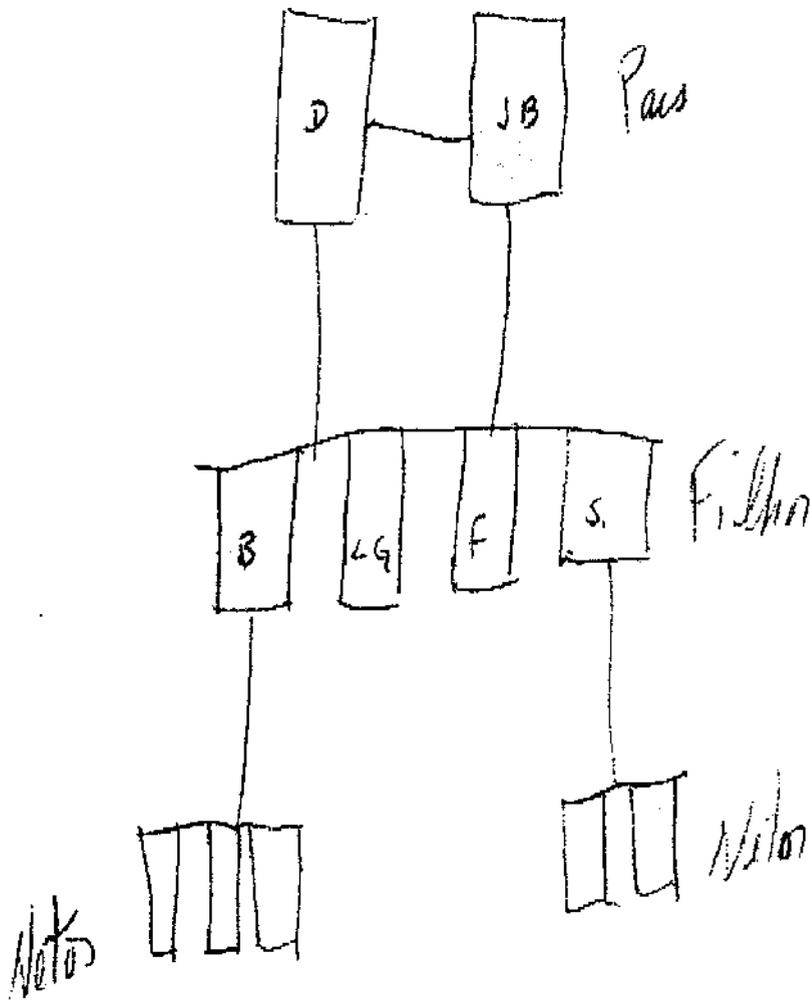


Filho



Filho

4° DFE  
25/03/97  
"KC" - Caso II



## AVÓ PATERNA

### *Dados da entrevista*

E – 69 anos

Escolaridade: Superior completo – Serviço Social e Pedagogia

Ocupação Atual: Aposentada como Professora

Descendência: indígena por parte materna e portuguesa por parte paterna

### 1- Fale sobre você

R- Pessoa alegre, extrovertida, não sou saliente, enfrento as coisas com muita coragem. Me dou bem com os filhos e noras, criei os filhos com muito carinho.

Meu pai tinha gênio forte, éramos em onze irmãos. Minha mãe trabalhava para cuidar de todos. Havia uma certa discussão entre eles.

Eu jurei: “Quando me casar minha vida vai ser completamente diferente”.

Tomei a benção da mãe quando fui para o Colégio Interno. A mãe cuidava da saúde, mas não tinha carinho. Fomos criados meio sem carinho. Queria dar para os filhos aquilo que não recebi. A gente pode ter falhado. Não é perfeita.

Éramos presos em casa. Não podia ir na rua. A casa tinha o apelido de “Convento Sete Mulheres”. A mãe se preocupava de cair, machucar. Era raro sair.

Quando ia visita em casa, a ordem era não ir na sala.

Quando eu fiquei menstruada pensei que estava tuberculosa por causa de uma conversa que ouvi sobre sangue e tuberculose.

Apanhava bastante. Não havia entrosamento entre os dois (os pais), mas não ouvíamos nada.

O castigo era ir para a sala de mala. Se não chorasse diziam que era porque não tinha vergonha na cara.

Eu não era de bater nos meus filhos.

Meu pai era carinhoso. Quando fui para o Colégio interno, com doze anos, foram todas as filhas, quando vinha visitar, meu pai chorava para ir embora. As visitas eram só uma vez por mês.

Meu pai era comerciante, tinha um armazém.

Fiquei quatro anos no Colégio interno. Fiz Magistério. Gostei do Colégio porque tinha bastante criança. Éramos presas. Eu era muito inocente em tudo. Não fui preparada para o casamento. Fui completamente por fora. Quando nasceu o primeiro filho, não sabia como ia nascer.

## 2- Expressões dos pais a respeito da vida

R- Mãe – Só falava em Deus, de rezar, ir no catecismo.

Pai – Só encontrava com meu pai no domingo na hora do almoço porque ele trabalhava muito. Os horários não batiam. Não me lembro o que dizia.

## 3- Elogios e críticas recebidos dos pais

R- Mãe – Não era de elogiar. Fazia críticas quando fazia algo errado. Ela falava.

Pai – Quase não encontrava. Não era de elogiar. Demonstrava mais carinho. A mãe, mais os cuidados pessoais.

## 4- Atitudes dos pais quando estavam aborrecidos

R- Mãe – Não falava muito. Era sempre a mesma coisa

Pai – Quase não via meu pai.

## 5- Conselhos recebidos dos pais

R- Mãe – Para prestar atenção na escola e procurar boas colegas.

Pai – Meu pai falava pouco. Não saía. Mandava levar e buscar a gente de charrete em qualquer lugar.

6- Apelidos

R- Gugu. Era chamada pelos pequenos, mas não permaneceu.

7- Expectativas profissionais dos pais

R- Meu pai não perguntou. Fez a matrícula para o Magistério. Depois fiz Serviço Social e Pedagogia.

8- Sentimentos, atitudes e pensamentos não revelados na infância

R- Nenhum. Era criada presa, tinha vida de criança.

9- Crenças sobre a vida atual

R- Acho que a vida tá muito difícil. Graças à Deus já criei meus filhos, tá tudo muito aberto. Antes tudo era inocente.

Não tinha noção do corpo. Certas coisas assustam. Hoje as coisas tão muito abertas, à mostra, acho mais bonita a descoberta. Não sabia de nada sobre sexo, nunca me preocupei com isso. Tive uma infância tão pura! Quando descobri não fiquei assombrada. Quando fui no Ginecologista não assustei, não me preocupei em saber, nem pensava. Não tinha curiosidade.

10- Auto-imagem – Aspectos positivos e negativos

R- Gosto do meu rosto. Gosto de estar bem vestida, cuidado da saúde. Faço tratamento para osteoporose e colesterol. Não tem nada que eu não goste. Só tenho complexo de altura.

11- Histórias infantis prediletas

R- Branca de Neve. Todas as histórias. Li muito Monteiro Lobato. Sempre li. Gosto da Agatha Cristie, romances policiais. Comprei livros sobre sexo católicos. Dei para meus filhos lerem. Preparei a L. Quando menstruei achava que estava com tuberculose. O que eu pude fazer eu fiz.

12- Pensamentos suicidas

R- Não. Quando tive o segundo filho tive desequilíbrio nervoso. Não tive depressão.

### 13- Reações diante de atitudes contrárias do outro

R- Eu argumento.

### 14- Sentido da vida

R- A vida é para a gente viver, gozar de tudo o que tem na terra e se voltar para Deus. Uma vida muito materialista não é o ideal. Usufruir de tudo. Adoro passear. Gosto de cinema. Gostei de baile. Sempre viajei muito. Gosto da vida. Tomo muita iniciativa para resolver problemas.

### 15- Pensamentos sobre a morte

R- Não pensei, mas não quero morrer muito velha.

### 16- Epitáfio

R- Nunca pensei. "Família D. P.". Os outros escreveriam: "Eu fui muito alegre, gostava da vida". Sou muito amiga dos filhos, a gente sabe que existe amizade, amor.

### 17- Sentimentos desconfortáveis e circunstâncias relacionadas

R- Tristeza. No caso de me deixarem de lado, eu me sentir de escanteio, esquecida.

### 18- Como gostaria que os pais fossem diferentes

R- Mãe – Eu sei que ela era amorosa, mas não dava carinho físico. Eu comecei a fazer isso para ela, quando ela estava doente.

Pai – Meu pai era muito severo, se fosse mais acessível, mas era mais severo com os meninos. Quase não encontrava porque trabalhava muito, mas eu tinha muito respeito por ele.

### 19- O que mudaria em sua vida/família

R- Parece que está tudo tão bom... Tenho tudo. Seria no sentido de mais oportunidade de... Queria muito um carro. Ele (o marido) me deu, na idade que a gente tem não tem mais ilusão. Meu marido é muito caseiro.

20- O que mais quer na vida

R- Felicidade para meus filhos, porque eu já sou muito feliz com o marido. Eu sou muito carinhosa, ele não era muito. Aprendeu a ser.

21- Sobre o casamento e filhos

R- Meu marido eu conhecia desde criança. Ele estava no Seminário. Começou Teologia. Namoramos durante seis anos. Ele foi para a Escola Militar. Iniciei o namoro com 19 anos e casei com 26. O que me atraiu nele é que era calmo, fiel, caseiro, amigo. É bom pai, excelente marido. No início era severo com as crianças.

O K.C. não deu trabalho. E. era o mais briguento. O M. tinha ciúmes da L. A L. é alegre, expansiva, brincava sozinha, não tinha com quem brincasse.

### *DF-Es*

1° DF-E – Uma família qualquer

É uma família muito feliz que sai junto. O marido vai para o trabalho. A mulher foi comprar flores com a menina e deu uma para ela levar, e o menino aproveitou levar a pipa para soltar. Foram juntos.

Inquérito: O que fazem os pais?

R- A mãe é professora aposentada. O pai Coronel da Polícia Militar. Os filhos são estudantes.

O que esta família tem de bom e o que poderia melhorar?

R- De bom o relacionamento entre eles, senão o resto não adianta nada. O que poderia melhorar? União existe. Um tá sempre ajudando o outro, fé todos tem.

Título: “Uma família feliz”

## 2º DF-E – Uma família ideal

Minha família é muito alegre com harmonia. Se há algo que alguém fala, que alguém não gosta, não leva adiante. Não existe rancor, raiva, revolta, já criei eles assim. Os irmãos devem ser unidos. Na vida vai contar com quem?

Eles discutem, mas não usam palavras ofensivas. Fora, na rua, os homens têm palavras mais pesadas. Em casa não gosto. Não humilham, não criticam. Acabou a discussão por causa de futebol, não tem mais problema.

Tenho um filho que está há um ano parado. Teve stress, todos ficaram preocupados. Todos se preocupam com todo mundo, não há egoísmo. A gente pode contar com qualquer um. Quando fui acidentada, tava todo mundo lá.

Há muita união, participação.

Compramos um apartamento em S. Paulo. Todos ajudaram. Todos querem participar, colaborar. Acho muito boa minha família.

Não é perfeição, falhas todos têm, mas no geral é muito boa e feliz. Todos estão voltados para todos.

Quando saem de férias, todos combinam e descem juntos para Ubatuba.

Às vezes saem todos juntos. É uma família feliz dentro do normal.

Perto do tanto que tenho visto, que já vi... Eu sinto isso.

Título: "Uma família feliz"

## 3º DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem

Quem não está bem é o filho. Tá parado. Trabalhou como Engenheiro Civil. A nora não queria que trabalhasse fora. Veio para perto, abriu a firma e faliu. Montou um escritório, mas ele fazia tudo e o sócio não fazia nada. Então acabou desfazendo a sociedade.

Queríamos que fizesse Arquitetura. Ele fez Civil. Queríamos que fizesse outra faculdade, mas não quer.

Está chateado, cai em depressão, a gente fica preocupada.

Temos um terreno em Tremembé, queremos que ele monte uma fábrica de tijolos diferentes. Ele faz a parte da planta e ao mesmo tempo pode vender material. Fomos para conversar, mas ele não estava. Queremos ver o que podemos fazer para dar um impulso. Ele vai cair em depressão. Esse problema aflige. Os irmãos ajudam na despesa da casa.

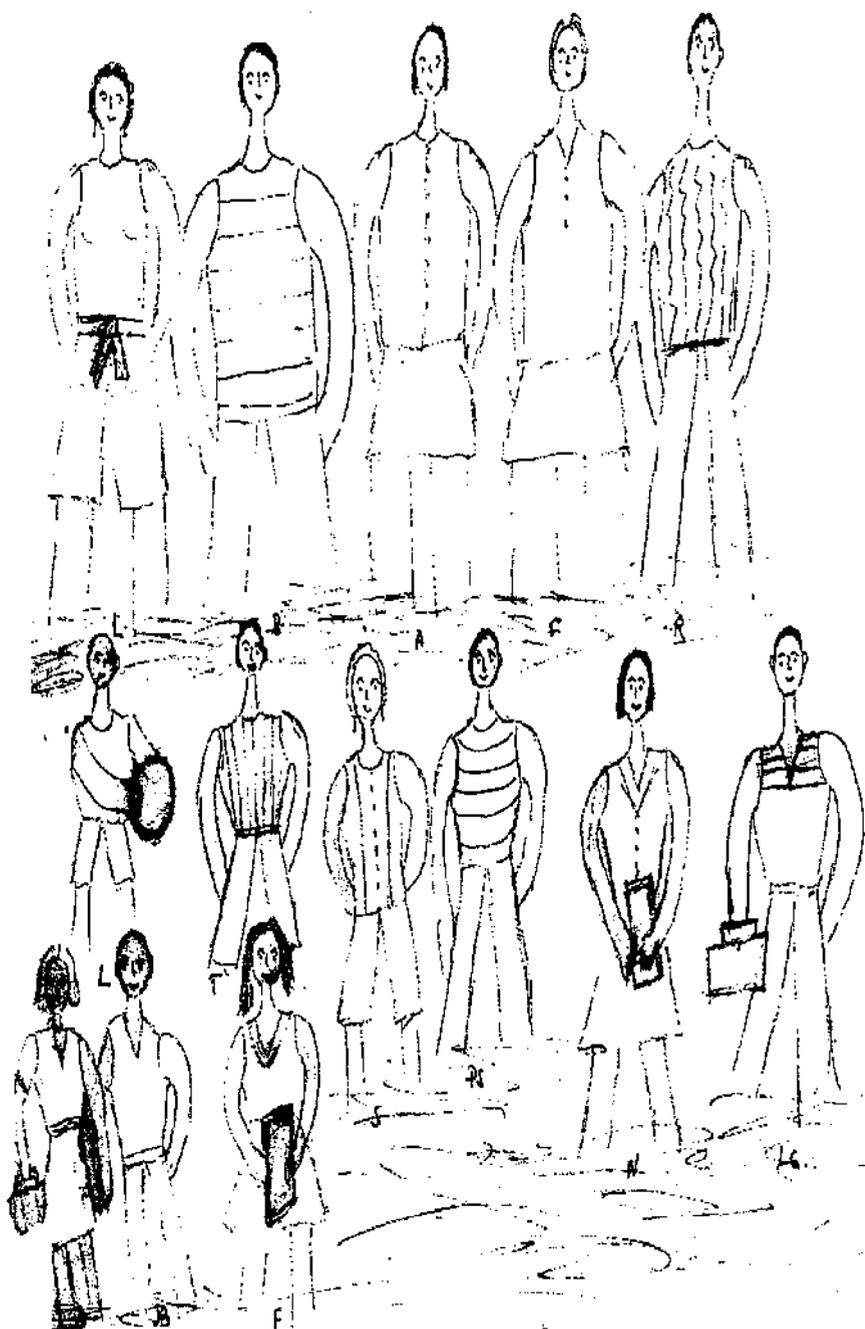
As crianças estudam em colégio particular. A esposa trabalha na Prefeitura. Ele tem que fazer uma coisa, mas se foge do que ele é (Engenheiro Civil), ele não quer.

Título: "Uma família em dificuldade"

1º DFE  
18/03/97  
"E" - Caso II

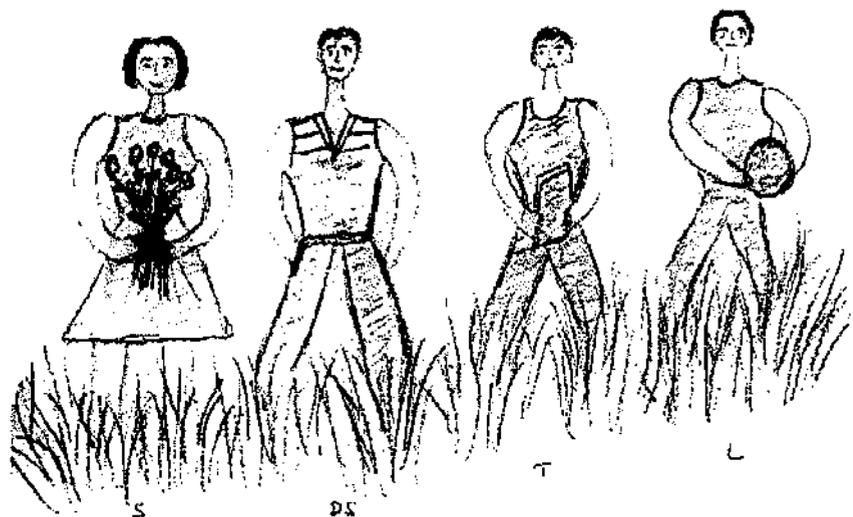


2º DFE  
"E" - Caso II



' r e la A

3º DFE  
"E" - Caso II



## AVÔ MATERNO

### *Dados da entrevista*

E - 75 anos

Escolaridade: 2º Grau completo – Escola de Comércio

Ocupação atual: Aposentado do Estado como Chefe de Laboratório

Descendência: Espanhola por parte materna

### 1- Fale sobre você

R- Somos de Bananal. Viemos para cá por causa da Revolução de 32. Morava entre Cruzeiro e Cachoeira. Viemos porque as forças vinham para onde estávamos. Fui militar, ex-combatente do Exército. Eu sou meio chorão. Quando vejo histórias na TV, choro. Quero fazer o bem para todo mundo. Sou até meio bobo. Hoje em dia não se deve acreditar quase em ninguém. Tenho vontade de ajudar Deus e todo mundo. Tenho pena das pessoas, ajudei no que eu pude. Tenho dó de todo mundo. Sou incapaz de bater em alguém.

### 2- Fale sobre sua mãe

R- Não tinha estudo, meu avô morava em fazenda. Ela era cozinheira. Era boa de coração, mas era um pouquinho brava.

### 3- Fale sobre seu pai

R- Era mais pacato, sossegadão. Nunca bateram, eu não fazia para merecer. Eram compreensivos. A mãe meio bravona. Tenho mais quatro irmãos.

### 4- Expressões dos pais sobre a vida

R- Mãe – Não reclamava. Acho que ela pensava que nem eu. Não adianta reclamar o que não posso fazer.

Pai – Era muito brincalhão.

5- Elogios e críticas recebidos dos pais

R- Mãe – Me elogiava como cumpridor dos deveres. F. (a filha) é sossegada igual a eu. A outra é bravinha, mas é boa. Eu ajudava a família, era o mais velho. Eu tinha a obrigação de ajudar meus pais. Não lembro de crítica, não criticava.

Pai – Era a mesma coisa que a mãe. Não tenho lembrança de crítica.

6- Atitudes dos pais quando estavam aborrecidos

R- Mãe – Guardava para ela. Eu procurava agradar para evitar maiores aborrecimentos, procurava falar com ela.

Pai – Dificilmente ficava aborrecido. Eu não percebia. Ele ficava mais fora.

7- Conselhos recebidos dos pais

R- Ela e meu pai, a única coisa que queriam, é que eu fosse como ele foi. Ele (o pai) tinha um segredo que ele pediu para eu levar para o túmulo. Queriam que eu fosse sempre cumpridor de seus deveres como ele foi.

8- Punições recebidas

R- O pai só falava. A mãe dava chineladinha. Não tinha castigo. Só às vezes, não ia em algum lugar. Eu sempre concordava com tudo.

9- Expectativas dos pais

R- Mãe – Não queria que saíssemos de perto dela. Queria seguir carreira, mas não segui por causa deles.

Pai – Nunca falou nada. Só não queria o Exército. Fiz escola do Comércio após o Exército. Trabalhei em laboratório durante 40 anos.

Acho que atingi a expectativa de ambos. Só dava a impressão que não queriam que casasse. Isso mais da mãe.

10- Sentimentos, atitudes e pensamentos não revelados na infância

R- Não tinha. Só pensamentos bons, que eu não guardava.

1- Crenças sobre a vida na infância

R- Com cinco anos não acreditava em nada, não conhecia banana. Não pensava em nada. Agora a gente já pensa.

2- Crenças sobre a vida atual

R- Não posso me queixar. Tenho tudo o que eu quero. Desfruto de uma vida relativamente boa. Meus filhos têm saúde.

3- Auto-imagem – aspectos positivos e negativos

R- Gosto do ato de caridade que faço para as pessoas. Faço com prazer. Não gosto que às vezes fico meio nervoso e irritado. Respondo mal.

4- Histórias infantis prediletas

R- Nunca se teve tempo disso. Gostava de Machado de Assis. Hoje não gosto de ler, são hipocrisias, tudo errado neste mundo. Se tiver política, pior. Gostava de um personagem mexicano de “O Cavaleiro da Noite”. Gostava da ação do personagem. Era herói, justiceiro. Cheguei a representar D. Pedro numa peça.

5- Reações diante de atitudes discordantes do outro

R- Argumento no início, depois concordo para parar a conversa. Evito discussão.

6- Sentido da vida

R- É muito bom. Estou de passagem. Deve ter finalidade, não sei qual é.

7- Pensamentos sobre a morte

R- Tenho mais ou menos o gênio da mãe, só que ela era brava. Tenho o pensamento dela. Acho que não vou morrer tão já.

8- Epitáfio

R- Poria o retrato e escreveria “Saudades dos entes queridos”. Os outros escreveriam “A primeira lágrima que derramei”.

9- Sintomas físicos

R- Fiz sete cirurgias: apêndice, quatro vezes a bexiga, vesícula e hérnia.

10- Sentimentos desconfortáveis e circunstâncias relacionadas

R- Sou muito sentimental pelo sofrimento alheio, fico triste. Sempre foi assim. Quando dou conselho e não seguem, fico aborrecido.

11- Como gostaria que os pais fossem diferentes

R- Mãe – Eu gostaria que ela soubesse ler.

Pai - Sempre foi alma boa. Nunca teve sorte, principalmente em emprego. Era esforçado.

12- O que mudaria na vida

R- Acabaria com a guerra, discussão, faria os Presidentes lutarem entre si.

13- O que mais quer na vida

R- Saúde. Não me arrepender de nada.

14- Sobre a esposa, filhos e netos

R- Casei com 34 anos. Sou 12 anos mais velho que a esposa. O que me atraiu nela foi a simpatia, beleza. Filhos: A F. é brincalhona, não leva nada a sério. O E. é engenheiro civil, deixa prá lá, gosta de dar coisas para os outros. Tem dó. A M. é advogada e enfermeira. É mais brava, não manda dizer. Netos: O S. é moleque, quer ser militar. A G. é bravinha. A B. é a mais brava e mais meiga de todos.

*DF-Es*

1° DF-E – Uma família qualquer

Queria fazer uma casa diferente. Viver numa cidade do jeito desta aqui. É Redenção da Serra. A vida deles é no cultivo de milho, feijão, mandioca, soja. Eles têm para uso charrete. Pai, mãe, filhinho de 9 anos. O lugar é afastado da cidade. Gostariam de viver na cidade, trabalhar em fábrica. Não é bom para eles, são prejudicados pela saúde.

Vivem bem, não sendo a vontade de ir para a cidade. Na roça é tudo à vontade, anda descalço, eles não ligam para andar calçados. Pela ignorância, em parte são felizes. Acho que o ar da roça é puro.

Título: “Uma família feliz”

## 2° DF-E – Uma família ideal

Eu fiz um castelo e aumentou um nenê. É uma família ideal, que vive num castelo. Parece que é uma família feliz. Castelo dá impressão que vem de reinado. Tem riqueza financeira. Não precisa ser rica, pode ser média. Precisa ter harmonia entre a família.

Conheço uma família péssima. Um é maconheiro.

Inquérito: O que essa família tem de bom?

R- Tem de bom é a união. Gostaria de morar num castelo, é bonito, é diferente. Gostaria de uma casa em cima do morro. É bonito, por vaidade. O ar é puro.

Título: “Família Ideal”

## 3° DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem

Era uma vez uma família de quatro membros e havia nesta casa uma criança de cama, doente. Essa criança estava aguardando o médico que foi chamado.

Inquérito: O que aconteceu antes?

R- A criança tinha tido uma convulsão e estava em estado bastante precário, e, com a demora do médico a família estava muito preocupada. O estado da criança inspira cuidado.

O que aconteceu depois?

R- Com a presença do médico foi medicada e depois de uns dois ou três dias a criança voltou, recuperou-se do estado em que estava.

Qual a idade da criança?

R- 10 anos, é menina.

Qual a causa da doença?

R- A família não sabe a causa. O médico não disse nada a ninguém. O pai e a mãe são agricultores.

Título: “A família feliz”

#### 4° DF-E – Sua própria família

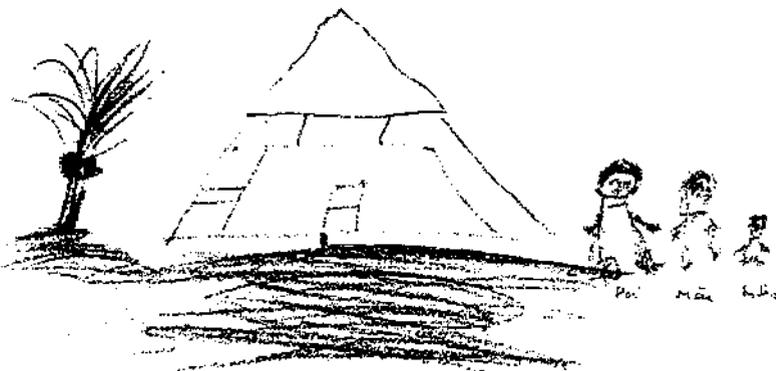
Era uma vez. Essa é uma família adorável. Meus filhos são trabalhadores, minha senhora é também exigente demais não só com os filhos, como comigo também. Eu aceito que ela fale e ela aceita que eu fale. Nunca brigamos de ficar de mal. Uma discussãozinha acontece. O que a gente faz agora , arrepende daqui a pouco.

Inquérito: O que esta família tem de positivo e negativo?

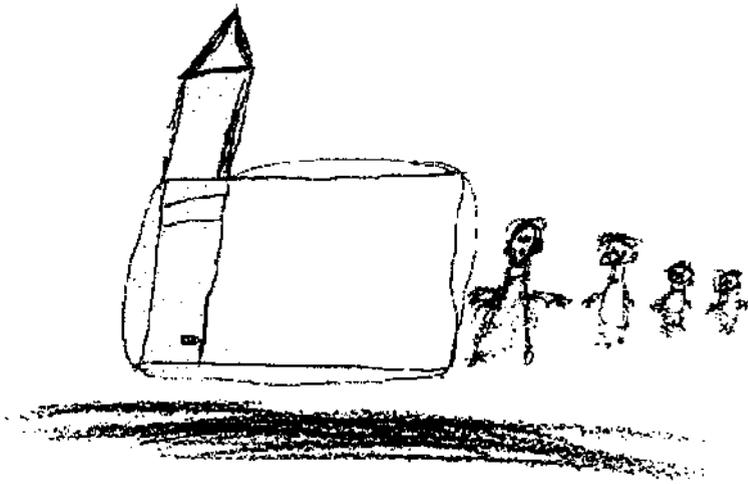
R: De positivo a saúde, a gente espera que continue. O que tem de ruim é que a M. (esposa) tem que operar a hérnia. Os filhos estão bem.

Lema e Título: “Sempre olhar para frente”

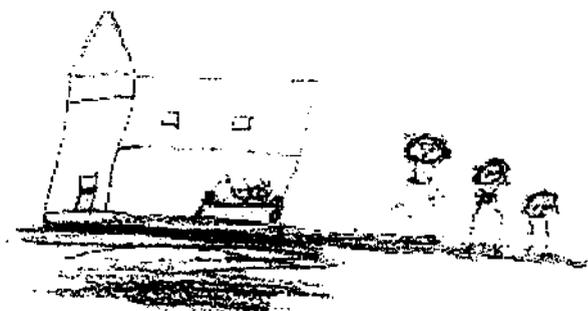
1º DFE  
21/02/97  
"E" - Caso II



2º DFE  
21/02/97  
"E" - Caso II



3º DFE  
25/02/97  
"E" - Caso II



4° DFE  
25/02/97  
"E" - Caso II



## AVÓ MATERNA

### *Dados da entrevista*

M - 63 anos

Escolaridade: Superior completo - Pedagogia

Ocupação Atual: Aposentada como Diretora Escolar

Descendência: portuguesa e alemã

### 1- Fale sobre você

R- Tenho mania de perfeição. Gosto de tudo organizado, limpo. Detesto gente preguiçosa, com a idade, acho que estou melhorando. Acharam no curso que eu fiz, que era um defeito. Gosto de mim, sempre me achei capaz, inteligente, trabalhadeira, caridosa, bondosa, gosto de servir, sou pontual, assídua, nunca fui relapsa. Me orgulho de ter sido elogiada. Sou boa mãe, boa esposa, falo quando as coisas estão erradas. Tenho três filhos: uma moça de 40, um rapaz de 38, e outra de 32. Os dois últimos são solteiros. Até hoje acho ruim quando algo está errado. O marido é calmo e omissivo. Eu não me omito com nada. Falava com cuidado, gostava de coisa bem feita. Fui Diretora por 22 anos. Gosto de tudo direito.

### 2- Fale sobre sua mãe

R- Era muito boa. Tenho lembrança muito boa. Não era de beijar e abraçar. Tive uma infância muito feliz, cheia de brinquedo e roupa. Fui muito agradada. Minha mãe era professora e meu pai português. Fui criada por avó alemã. Ela era uma finura. Minha mãe teve dois filhos que morreram ao mesmo tempo. Teve mais um que morreu com seis meses. Eu sou a quarta filha que vinguei. Nunca pisei no chão, andava vestida com coisas mais chiques. Fui criada como se fosse um ovo mole. Boneca alemã, chique. Mamãe me agradava muito. Depois tive uma irmã e outra que nasceu aleijada. Morreu com 19 dias. Eu e minha irmã fomos criadas assim. Quando eu ficava doente meu pai chorava.

### 3- Fale sobre seu pai

R- Meu pai era bravo, meu avô era uma fera com meu pai. Meu pai era amoroso, mas às vezes batia. Naquele tempo a criança não dava palpite em conversa. Uma vez ele deu um tapa na minha orelha. Minha mãe beliscava.

Adoro meu pai, as surras não feriram, não tenho sentimentos de mágoa. Fui moça boa, não dei trabalho, casei e sempre morei perto deles. Eu me lembro da infância com saudades. Tive tudo quanto é roupa e sapato. Sempre fui feliz. Meu pai é português, não tem papa na língua. Se tinha raiva ficava bravo, mas não guardava raiva. Minha mãe era mais rancorosa, não se exaltava. Era honesta. Eu sou honesta, devo aos dois.

### 4- Outras pessoas com quem conviveu

R- Tive uma madrinha, a Zilda, me dava banho, passava perfume, fazia cacho. Eu morava em fazenda até os nove anos. Meu pai trabalhava na fazenda e minha madrinha me agradava muito.

### 5- Expressões dos pais sobre a vida

R- Mãe – Era muito dedicada ao trabalho doméstico. Dizia “primeiro a obrigação, depois a devoção”. Eu também faço isso. Quem não é um bom profissional, não é bom em lugar nenhum.

Pai – Ele não gostava que a gente fosse puxa-saco. Queria a gente direita, honesta. Dizia “não ligo que o mundo fique com raiva de mim”. Nada era escondido do pai, a mãe não escondia.

### 6- Elogios e críticas recebidos dos pais

R- Mãe – Tenho a impressão de que não elogiava. Ela me ensinava muito. Eu não sabia dar aula. Ela me ensinava a ensinar. Eu puxei a facilidade de escrever que minha mãe tinha. Deixa eu ver... não me lembro não. Falava que eu era inteligente. Dizia: “Eu tenho certeza que você vai conseguir fazer”. Eu não gostava de estudar no Ginásio, mas aprendia com facilidade. Ela achava que eu cozinhava muito bem. Ela não me xingava por causa de algum defeito.

Pai – Ele dizia: “Você nunca vai tirar carta, você é nervosa”. Ele desencorajava, mas eu não era nervosa como sou hoje, nem medrosa como sou agora. Medo de lugares fechados, pavor de elevador. Quando era criança não tinha. Agora tenho medo de carro, bicicleta. Surgiram há mais ou menos dez anos. Medo de ficar trancada na sepultura. Medo de ser enterrada viva. Me foi indicada terapia por medo. Meu pai não comprava nada que fosse à prestação. Era teimoso. Dizia: “Esse cara não é prá você”. Elogio eu não lembro.

#### 7- Reações dos pais quando estavam aborrecidos

R- Mãe – Até chorava quando tava muito triste. Meu pai era muito chorão. Eu também sou. A gente agravada muito a mamãe. Eu e minha irmã. Não tenho remorso nenhum. Acho que podia ter agradado mais. Sou muito sincera também, tipo do meu pai.

Pai – Era bravo, xingava, gritava, herdou do pai dele. O avô dele também já era bravo, morava em Portugal. Meu avô veio como imigrante. Eu herdei esse nervosismo deles. Tínhamos tudo o que queria. Quando ele reagia assim, eu ficava quieta. Quando meu pai morreu, senti mais do que minha mãe. Ele morreu do coração e o pai dele também.

#### 8- Conselhos recebidos dos pais

R- Mãe – Queria muito que a gente estudasse. Eu dizia: “Não quero estudar, quero ser costureira”. Ela dizia: “Você vai ser costureira, mas vai pendurar seu diploma na frente da máquina”.

Pai – Dizia para andar direito, ser honesta, trabalhar muito.

#### 9- Punições recebidas

R- Mãe – Beliscava.

Pai – Batia e dizia : “Não vai sair”.

#### 10- Apelidos

R- M...inha – significava coisa menorzinha, carinhosa. O nome foi dado em promessa para Nossa Senhora.

#### 11- Expectativas dos pais

R- Mãe – Queria que eu fosse professora.

Pai – Nunca falou, mas gostava de professora. Meu pai e minha mãe se amavam demais. Eu satisfiz a expectativa dos dois. Dei um aparelho de som para o meu pai.

#### 12- Sentimentos, pensamentos e atitudes não revelados na infância

R- Às vezes mentia para meu pai sobre sair. A mãe sabia tudo o que eu fazia. Sou saudosista, tenho saudade das coisas antigas.

#### 13- Crenças sobre a vida na adolescência

R- Que a vida era muito boa, gostava de viver e passear, da minha casa, gostava de estudar. Queria ser costureira, a mãe não deixou. Se tivesse deixado, não saberia costurar. Não tenho jeito para trabalhos manuais. Só escrever, cozinhar e estudar.

#### 14- Crenças sobre a vida atual

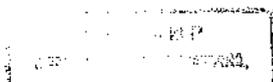
R- Tenho um pouco de tristeza de estar envelhecendo, sei que sou muito forte, tenho medo da velhice. Faço força para acostumar com coisas de namorados, costumes, morar sem casar, ter filho como produção independente. Não aceito isto.

#### 15- Auto-imagem – Aspectos positivos e negativos

R- Gosto de mim, não acho ruim ser gorda. Não me atrapalha, só na saúde. Nunca fui discriminada. Acho que gosto de tudo. não gosto de ter medo, gostaria de ser menos nervosa e menos tensa. Às vezes chego a gritar com quem tiver na frente. Falo alto. Quero resolver tudo muito rápido. Sou tensa, nervosa, apressada. Remôo as coisas de quarenta anos atrás. Guardo mágoa.

#### 16- Histórias infantis prediletas

R- Jeca Tatu, li o almanaque. Meus pais não contavam histórias. O personagem era muito preguiçoso, não gosto de gente preguiçosa. Gostava da Branca de Neve, é branca, corada, loura. Gosto de gente loura. Ela era sofrida, boazinha, meiga.



17- Pensamentos sobre perda do juízo

R- Penso quando tenho muito medo das coisas. Medo de ficar amarrada, presa, roupa apertada não gosto.

18- Pensamentos suicidas

R- Já tive vontade de morrer, não em me matar. Sou covarde. Ajudamos os filhos.

19- Pensamentos homicidas

R- Não. Às vezes penso: “fulano se morrer, não vai fazer falta”.

20- Sentido da vida

R- Meus filhos. Rezo pela profissão deles. O meu neto quer ser militar. Acho lindo! Acho que vou me realizar neles.

21- Pensamentos sobre a morte

R- Acho que vou viver mais uns dez anos. Tenho medo de morrer e ficar enterrada.

22- Epitáfio

R- Só o nome.

23- Reações diante de atitudes discordantes do outro

R- Defendo meu ponto de vista.

24- Sintomas físicos

R- Diabetes, pressão alta e obesidade. Se eu ficar magra, sará completamente. Minha doença se chama obesidade. Já fiz todos os tipos de tratamento.

25- Sentimentos desconfortáveis e circunstâncias relacionadas

R- Claustrofobia e medo de carro em alta velocidade.

26- Como gostaria que os pais fossem diferentes

R- A única coisa foi minha prima. Gostaria que ela não tivesse existido entre eu e minha mãe. Meu pai de vez em quando bebia um pouco, gostaria que não tivesse bebido. Talvez um pouco de braveza fosse de bebida.

27- O que mudaria em sua vida/família

R- Mudaria o E. (marido). Faria com que ficasse mais são, mais esperto. Voltar a ser como era antigamente. Faria minha filha trabalhar como advogada. O Junior arranjava um emprego melhor.

28- O que mais quer na vida

R- Que minha filha passe no concurso porque é boa de coração. Ia ajudar os irmãos dela. Não queria morrer sem a ver realizada.

Obs.: Ficou nervosa quando foram solicitados os desenhos. Lembrou-se quando estava no Ginásio e chorava quando tinha que fazer algum desenho.

### ***DFE-S***

1° DF-E – Uma família qualquer

Eu acho essa família desunida, não se dão bem. O pai e a mãe não ligam para o menino, não se dão muito bem. Têm só um filho. Brigam por questão de gênio. Tem que haver muita paciência.

A família do E. era a mais esquisita que já vi. Eu me dava bem com eles por ele.

Casamento tem que ter muito amor senão não dá certo. A família dele me aborreceu.

Inquérito: Como o menino se sente?

R- Se sente mal, desprezado.

Título: "Tristeza"

2° DF-E – Uma família ideal

Família ideal é família unida. São irmãos, uma mulher e dois homens e são irmãos que gosto mais. Peço que sejam unidos, o que os irmãos do E. não são.

De mão dada, brincando. Tão sorrindo.

Inquérito: Onde estão?

R- Estão no quintal. Faltou o chão. São crianças. Desde crianças estão aprendendo com os pais a serem unidos. O pais são unidos, se amam. Nasceu mais filhos porque se dão bem.

Título: “Uma família feliz”

3º DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem

O menino tá chorando e a mãe tá querendo bater nele. O menino fez algo que ela não gostou. O pai não tá fazendo nada, só escutando. Eu acho que ele não fez muita coisa. A mãe é que é implicante, brava, cara de megera. O pai não toma partido senão é capaz de apanhar junto.

Inquérito: Qual a idade do menino?

R- Nove anos, tá grandão, uns doze acho.

A mãe é muito brava, intolerante. Ele já deve ter apanhado.

O que vai acontecer depois?

R- O menino vai parar de chorar, a mãe de gritar, e cada um vai para o seu lado.

Que final feliz voce daria?

R- Ela agradando o menino no fim. Quando a gente fica muito brava com o filho a gente se arrepende.

O que esta família precisa?

R- Tá precisando a mãe se acalmar, precisa de um tratamento. Uma mãe que pega o relho para dar no filho não tá bem. Muito serviço e falta de dinheiro.

E o pai?

O pai é bobão. Ela é que manda. Ele também tá triste.

Título: “Um ato impensado”

#### 4° DF-E – Sua própria família

Essa família foi feliz graças à Deus, cada um foi para seu lado, a F. saiu, casou, o Junior trabalha bastante, a M. tem dois empregos, estuda Computação.

São unidos. Um ama o outro. Ela trouxe pastilhas ontem, foi em S. J., trouxe biscoitos. A F. telefona, um gosta do outro.

Felicidade completa não acredito, não existe. Existem momentos bons, outros mais tristes. Os felizes ganham.

Inquérito: O que esta família tem de positivo e negativo?

R- De positivo um ama o outro. Eu me bati muito para todos serem unidos. Um tem que morrer pelo outro.

De negativo, todos são meio nervosos. Poderiam ser mais tolerantes.

Um por todos, todos por um.

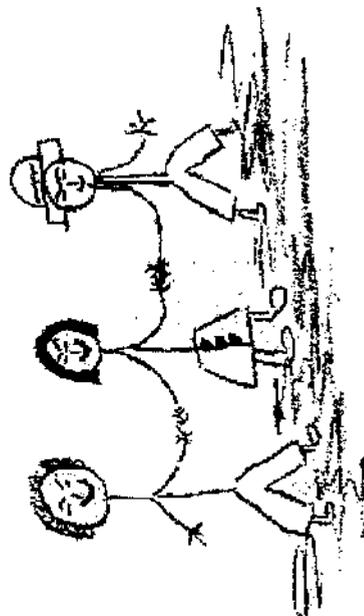
Acho errado o filho ter o nome do pai. Um não pode viver à sombra do outro.

Título: “Uma família feliz”

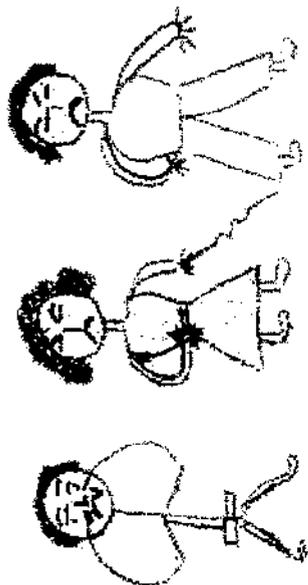
1° DFE  
24/02/97  
"M" - Caso II



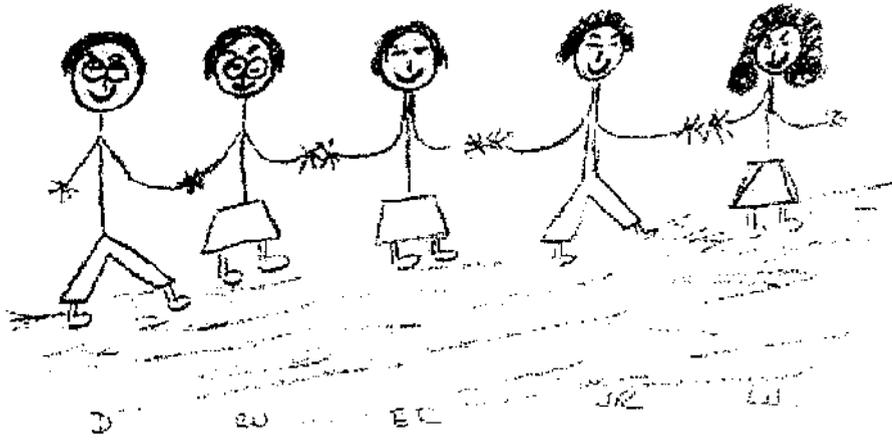
2º DFE  
24/02/97  
"M" - Caso II



3º DFE  
24/02/97  
"M" - Caso II



4° DFE  
24/02/97  
"M" - Caso II



## CASAL: MARIDO

### *Dados das entrevistas*

K C – 41 anos

Escolaridade: Superior completo

Profissão: Engenheiro Civil

Ocupação Atual: Engenheiro Civil de empresa estatal

### 1- Fale sobre você

R- Eu sou uma pessoa introvertida, já fui mais. Não costumo misturar profissão com coisas fora do serviço. No serviço procuro ser mais introvertido. Não gosto de facilitar brincadeiras, sou bastante caseiro, bastante família, não costumo sair com amigos para beber, jogar bola. Gosto de viajar. Gosto de sair e andar à toa em lugar de movimento. Não me acostumaria com solidão, silêncio. Gosto de barulho, movimento, apesar de não participar. Sou fechado. Procuro segurar os problemas, preocupações. Só que quando estouro, sou complicado. Já aconteceu de estourar na hora errada. Em compensação me sinto à vontade de lidar com pessoas. Consigo ter jogo de cintura.

### 2- Fale sobre sua mãe

R- Meu pai era militar, minha mãe professora. Ela trabalhava das dez às quinze horas, um negócio esquisito, dava aula para várias séries. Era muito severa. Era terrível, não sei. Tenho uma irmã que nasceu quando eu tinha 12 anos. Sempre exigente (a mãe), para meu pai ser militar. Por causa da revolução, minha mãe fez a gente ficar unido, procurou suprir a falta dele. Somos em três homens e uma mulher. Ela não era de brincar e fazer agradinho. Não deixava de dar o carinho de um jeito mais afastado. Transmitia força e responsabilidade. Era de enfrentar qualquer problema. É formada em Serviço Social e Filosofia. O pai trabalhava fora. Atualmente ela mudou. Depois que aposentou, relaxou. Hoje brinca mais do que quando a gente era pequeno.

### 3- Fale sobre seu pai

R- Foi seminarista, saiu antes de ser diácono, foi ser militar. Até 12 anos era bravíssimo, não tinha conversa. Apanhava com o que tivesse na mão. Depois fez o cursilho (encontro religioso), voltou outra pessoa. Não era muito de conversar. Tinha hora para tudo. Depois do cursilho, mudou. Passou a participar com a gente. Gostava de jogar futebol de botão. Cobrava muita responsabilidade. Queria ver resultados. Ensinou a ter respeito. Fazia questão de pontualidade, e eu sou assim, quando alguém combina e falha comigo. Transmitiu muita segurança e nos passou muita responsabilidade. Depois que se aposentou passou por depressão, chegou num cargo maior da P.M. e passou a não fazer nada. Não se preparou para aposentar. Não se tratou, buscou refúgio em reza. É fechado. Não me lembro do meu pai doente, só problema por fumar. Depois da aposentadoria passou um tempo doente. Meu filho de 16 anos quer ser militar e faz meu pai de gato e sapato. Ele é bastante metódico.

### 4- Expressões dos pais sobre a vida

R- Mãe – Não era de reclamar da vida. Falava que era difícil, mas não desanimava.

Pai – Era fechado, raramente o vi reclamar da vida. Eu lembro que ele começou a reformar a casa e o cara que tomava conta roubou material dele. Ficou bastante aborrecido. Moramos três anos na casa da vó enquanto reformava a casa. Foi horrível, meu avô era bastante severo.

### 5- Elogios e críticas recebidos dos pais

R- Mãe – Elogiava por escola, eu ajudar em serviço de Banco, fazer compras, aprendi a cozinhar, arrumar a casa. Ajudei a cuidar da minha irmã. Fui uma pessoa que nunca a decepcionou, dei muita força. Como críticas ela me acha gordo. Lembro desde pequeno. Ela me fez fazer regime num médico em S. Paulo. Até doze anos meu irmão era mais gordo que eu.

Pai – Elogiava pela escola, por alguma coisa que eu fazia em casa. Como crítica, não lembro. Quando estava com 13 anos compramos um maço de cigarro, meu pai me fez fumar o maço inteiro.

6- Reações dos pais quando estavam aborrecidos

R- Mãe – Ela falava meio áspero. Eu evitava falar com ela.

Pai – Não falava nada e eu nem perto passava.

8- Conselhos recebidos dos pais

R- Mãe – Honestidade, caridade, ser perseverante e ter fé.

Pai – Honestidade e respeito, cumprir os deveres.

9- Punições recebidas

R- O castigo era sentar no quarto, o que era pior, mais a mãe que punha. O pai batia até uns doze ou treze anos.

10- Apelidos

R- C.....inho. O mesmo nome do pai. Já disseram que puxei para meu pai, sou sério.

11- Expectativas dos pais

R- Nunca falaram. Quando resolvi fazer Engenharia deram apoio. Meu filho quer ser militar e o avô fica eufórico, leva o neto em solenidade militar. Acho que cumpri a expectativa de ambos. Comigo tem uma coisa que incomoda, não ter minha própria casa. Isso incomoda. Me preocupo muito com o futuro.

12- Pensamentos, sentimentos e atitudes não revelados na infância

R- Não me lembro, porque talvez eu fosse muito bobão, de dentro de casa.

13- Crenças sobre a vida na infância

R- A preocupação maior era não tirar nota baixa.

14- Crenças sobre a vida na adolescência

R- Acreditava que a gente tinha que estudar bastante para ser alguém na vida. Aos poucos aprendemos que não é isso. É saber aplicar o que você aprendeu.

15-Crenças sobre a vida atual

R- A gente deve ser perseverante, temos que lutar para conseguir, mas sei que às vezes é preciso ter ajuda de alguém que não cause mal estar. Acredito também que temos que ter fê em Deus.

16- Auto-imagem – Aspectos positivos e negativos

R- Sou amigo. Gosto do fato de eu ter facilidade de me relacionar com as pessoas. Tenho um jogo de cintura excelente. De ruim, é não conseguir botar para fora o que deveria e acabo estourando quando não devo e com quem não deveria.

17- Histórias infantis prediletas

R- “Chapeuzinho Vermelho”. Li “As mil e uma noites”. Eu gostava do lobo, ele era muito esperto, principalmente quando conseguiu se passar por outro. Gostava do Simbad. Era uma pessoa que procurava conhecer as pessoas, os costumes. Quando tenho algum interesse, consigo chegar no caminho.

18- Pensamentos sobre perda do juízo

R- Na atividade profissional passei por momentos bem difíceis, cheguei a ficar desesperado, mas não pensei em ficar louco ou me matar.

19- Pensamentos homicidas

R- Já desejei que alguém morresse.

20- Atitudes diante da discordância do outro

R- Não adianta discordar só. Tem que ter um ponto de vista. Não gosto de perder. Eu argumento.

21- Sentido da vida

R- A finalidade é o crescimento interno. Aprender a cada dia. Conhecer coisas, pessoas, ter um certo discernimento do que é certo, errado, bom e ruim. Saber os limites. Uma dificuldade que tenho é que me meto em problemas de pessoas que não me pedem ajuda.

1- Pensamentos sobre a morte

R- Vou morrer bem mais velho. Gosto de viver.

2- Epitáfio

R- Nunca pensei, não penso muito na morte, não faço idéia.

3- Sintomas físicos

R- Câimbra, problemas de coluna, hipertensão.

4- Sentimentos desconfortáveis e circunstâncias relacionadas

R- Desânimo, quando estou assim não gosto de conversar, fico quieto. Quando eu era criança chorava. Geralmente acontece quando meus planos não dão certo. Quando estou programado para fazer e não dá certo.

5- Como gostaria que os pais fossem diferentes

R- Mãe – Mais liberdade de expressão. Hoje tem, não sei.

Pai – Podia ser mais aberto.

6- O que mudaria na sua vida e/ou família

R- Eu tinha uma casa e me arrependo de ter vendido. Talvez não tivesse vendido. Já defendi pessoas que não mereceram e talvez tivesse continuado a morar em Santa Catarina.

7- O que mais quer na vida

R- Estou procurando crescer profissionalmente dentro da empresa. É algo novo. Não gosto de coisa que não conheço. O novo me deixa resabiado. No campo familiar, conseguir uma casa. Encaminhar meus filhos para serem o que querem.

8- Sobre a esposa

R- Quando estudava eu gostei dela. Ela é diferente de mim. Alegre, brincalhona. Não esconde as coisas dela, uma pessoa que topa acompanhar, principalmente em ser alegre, brincalhona, se enturma bem.

## *DFE-s*

### 1° DF-E – Uma família qualquer

Esta família é uma família que é unida. É uma família que procura participar suas vontades e seu anseio entre eles. É uma família que procura dar força um para o outro, gosta de passear.

Inquérito: O que esta família tem de positivo e de negativo?

R – De positivo a união. De negativo, poderia colaborar mais sem precisar pedir, mais voluntariamente nas atividades domésticas e nos deveres escolares, nesse caso os filhos poderiam colaborar mais.

Título: “Família Pereira”

### 2° DF-E – Uma Família Ideal

A mesma da anterior, com a única diferença que essa ligação que eu fiz não quer dizer que tem que estar amarrado, seja uma maneira de se amparar um no outro, no sentido da ajuda mútua sem pressão. Na outra família há pressão: a empregada faltou, os três filhos estão assistindo TV, sem colaborar nas tarefas domésticas. Os filhos estão meio acomodados, às vezes eu também.

Título: “Unidade e compreensão”

### 3° DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem.

O pai ou marido está desempregado. Por outro lado, apesar de estar, não tem procurado se esforçar para arrumar emprego, ou não tem se esforçado o suficiente. A mulher trabalha o dia inteiro, reclama bastante da vida, do marido, dos filhos, mas não incentiva como deveria o marido a procurar emprego, porque apesar de tudo, prefere que ele fique em casa para saber onde está.

O filho pequeno não entende o problema, o mais velho está mais preocupado com namoradas do que com o pai. Esta família não acredita em nada, não tem crença ou religião,

analisa, discute, acha que o mundo é ruim e o que é pior se comparando com outras famílias acha que não tem sorte como os outros tem.

Inquérito: Do que esta família precisa?

R- Não sei, porque já procurei ajudar, já passei do meu limite. A família tá acomodada porque tem muita gente ajudando.

O que vai acontecer?

R- Vai haver um conflito, mas o pai e a mãe estão até gostando. Talvez quem acabe se revoltando seja o filho mais velho.

Que final feliz daria para esta história?

R- Arrumaria um emprego para o marido.

Título: "Família do lado"

#### 4° DF-E- Sua própria família

Essa família começou longe daqui. Eu, quando me formei, fui trabalhar em Santa Catarina, já namorava há quatro anos. Depois que arrumei o emprego, casamos, ela deixou o emprego e moramos lá até nove anos. Fomos morar longe de todas as pessoas que conhecíamos, cultura diferente da nossa, passamos por dificuldades. Tinha vontade de largar tudo e vir embora. Nasceu o S. Conseguimos comprar uma casa, depois nasceu a G. Fui transferido, tive que mudar de cidade. Fomos para um apartamento.

Enfrentamos uma enchente grande, ficamos ilhados. Depois nasceu a B. Ela era tão miudinha, a gente não podia imaginar do jeito que é hoje. A gravidez foi preocupante, porque ela ficou grávida um mês depois que nasceu a G.

Tive que fazer uma adaptação boa. Uma coisa boa foi aprender a me virar sozinho. Recebemos muita ajuda dos amigos que fizemos. Depois viemos para cá. Consegui entrar nesta empresa, graças à Deus tenho conseguido viver bem, eu, F, e os filhos.

Gosto muito da família, temos conseguido contornar. Lógico que a juventude de hoje é diferente. Não trocaria ninguém, apesar da dificuldade que a gente teve, eu cresci bastante.

Meus filhos se viram bem. Procuramos dar à eles responsabilidade, cobramos as coisas que têm que fazer, escola, arrumar as coisas dentro da casa. A pessoa cresce na medida em que damos responsabilidade. Procuramos nos manter sempre unidos. Temos um diálogo melhor do que no tempo do meu pai e minha mãe.

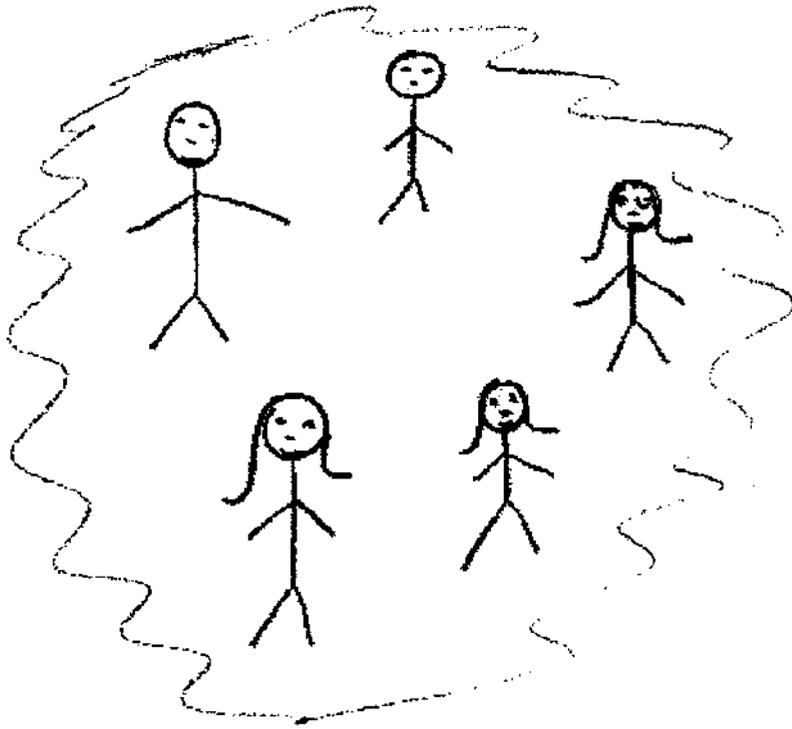
Eles tem mais liberdade com a F. Contam para ela primeiro. A atitude dela com eles é diferente da minha. Ela aceita mais certas coisas. Às vezes eu engulo. No caso da namorada o S. falou para mim, e achou que a pela mãe ser brincalhona, vai gozar. Quem tem mais liberdade comigo é a B., G. e S. já são mais chegados à mãe. A B. tem a infantilidade de criança. É a que mais se preocupa com todos. Quando ganha algo, divide. É a mais carinhosa. A G está na fase de ser moça e infantil. O S. tem outra preocupação, cabeça, estudar e tentar ser militar.

A F. teve problemas de saúde, teve nódulo no seio. A B. sempre teve problemas de saúde, infecção urinária constante, chegou a ter convulsão. Tinha refluxo na bexiga. Operou. A G. caiu da árvore, desmaiou, teve convulsão. S. nunca teve problema.

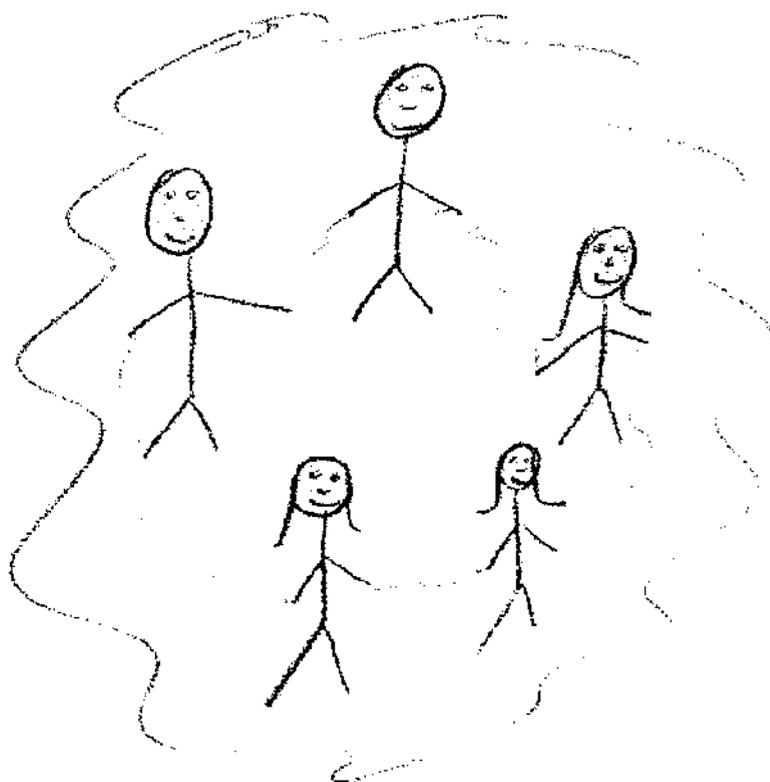
Espero que eu possa manter a família assim. Poder encaminhar meus três filhos para um futuro bom, junto com F. também.

Título: "Família Pereira"

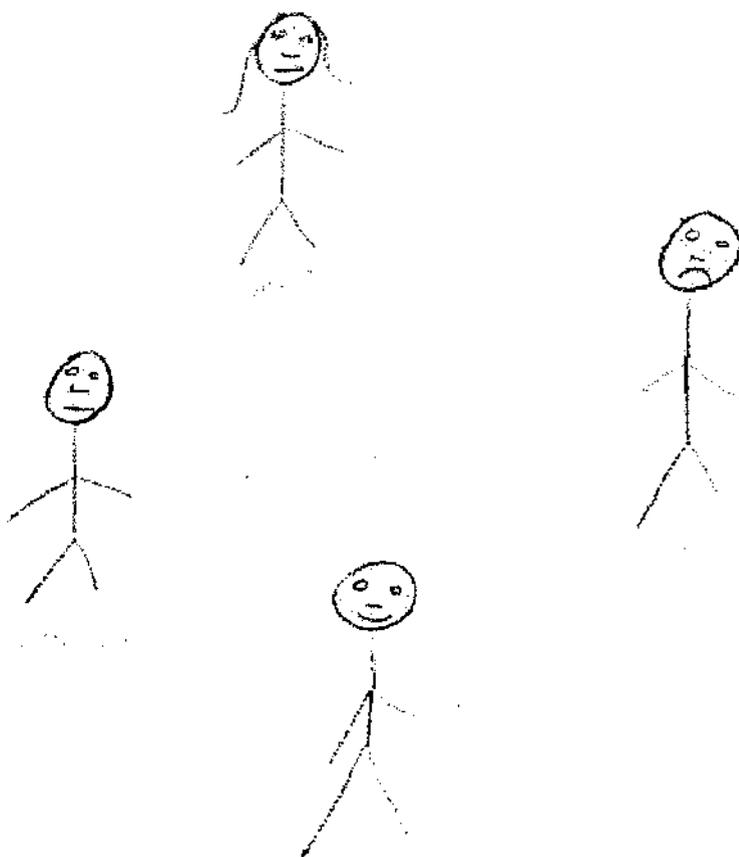
1º DFE  
17/02/97  
"KC" - Caso II



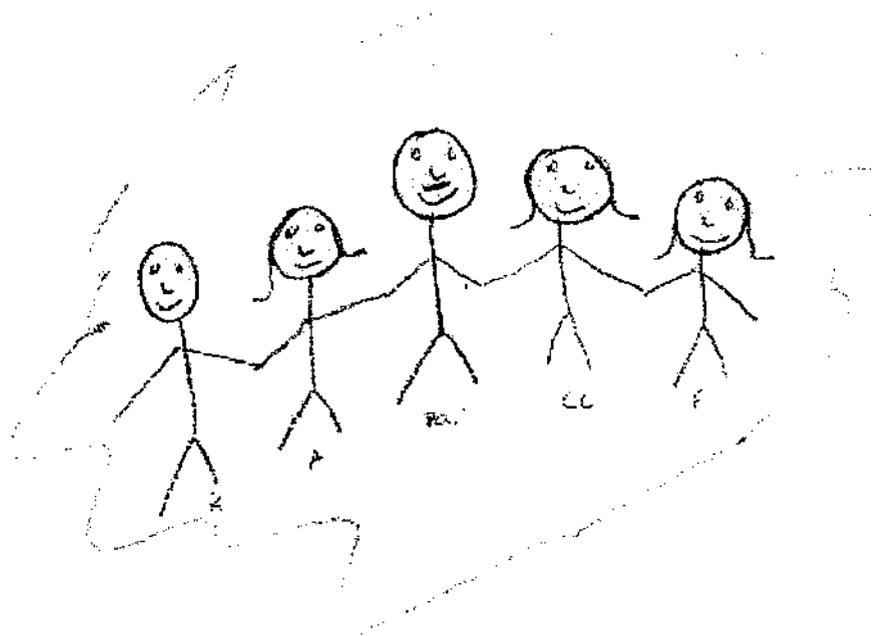
2° DFE  
17/02/97  
"KC" - Caso II



3° DFE  
17/02/97  
"KC" - Caso II



4° DFE  
24/02/97  
"KC" - Caso II



## CASAL – ESPOSA

### *Dados das entrevistas*

F- 40 anos

Escolaridade: Superior completo – Pedagogia

Ocupação Atual – Professora

#### 1- Fale sobre você

R- Brincalhona, expansiva, de vez em quando tenho raiva, quando brigam comigo desconto nos filhos. De vez em quando digo não. Sou mais alegre, não tenho ressentimento, não gosto de briga, quando vejo briga eu saio, não sei dizer não para ninguém, só quando me encham muito. Não gosto de desagradar, ver ninguém triste. Até trepam no meu pescoço.

#### 2- Fale sobre sua mãe

R- É excelente, melhor do que sou com meus filhos. Deixava eu recortar coisas, meu pai passeava comigo, trabalhavam o dia todo. Dava panela, tesoura para brincar.

#### 3- Fale sobre seu pai

R- Do meu pai nunca apanhei. Alguns castiguinhos só. Não deixava ir no clube, andar de bicicleta muito pouco. Meu pai saía comigo em parque, circo. Tenho mais dois irmãos, um irmão e uma irmã mais novos.

#### 4- Outras pessoas com quem conviveu

R- Minha avó por parte de mãe era ótima, uma glória, não morava junto, mas influenciou um pouco.

#### 5- Expressões dos pais sobre a vida

R- Reclamavam o que todos reclamam sobre dinheiro. “Não tem dinheiro”. Não brigavam na nossa frente.

#### 6- Elogios e críticas recebidos dos pais

R- Mãe – Elogiava sempre, só na gordura que não. Diz que eu sou muito boa, que tudo eu ajudo, que eu não brigo, que para ela não sei dizer não. Falava para os outros: “Belezinha da mãe”. Critica só na gordura. Diz: “Precisa fazer regime, tá muito gorda!”.

Pai – Não lembro, acho que ele não teve muito agrado. É mais fechado.

#### 7- Reações dos pais quando estavam aborrecidos

R- Mãe – Eu percebia pelo olhar. Minha mãe era tão excelente! Quando estava com a gente era só para elogiar. Era Professora e Diretora. Quando ela estava aborrecida acho que eu agradava a ela, é o que eu faço hoje. Eu brinco.

Pai – Quando morria alguém ele ficava quieto. Eu sempre fazia para agradar. Eu era mais introvertida, hoje sou mais extrovertida. Fiquei mais extrovertida quando comecei a namorar.

#### 8- Conselhos recebidos dos pais

R- Mãe – Para não judiar dos mais velhos, dar bom dia, ter educação, ser estudiosa, falava das drogas. Bater para entrar, beijar quando chega, agradar. Sobre sexo não falou. Pegou no pé quando eu namorava.

Pai – Falava o mesmo da mãe. A mãe é que brigava mais. Ele é mais calmo.

#### 9- Apelidos

R- “Mimi”. Veio da escola. Minha mãe não gosta, veio do Magistério. É carinhoso. Aceitei porque fiquei com medo que me chamassem de gorda, baleia.

#### 10- Expectativas dos pais

R- Queria ser um monte de coisa. Enfermeira, só que só tinha em Guará. Eu também não quis ir de medo e ela não deixou. Eu fiquei insegura. Se fosse hoje eu brigaria. Ela falou: “Você faz o Magistério porque se você não quiser ser professora, você faz o Cursinho. Fiz Biologia, fiz um ano, saí, passei para Engenharia e não fui. Aí fiz Estudos Sociais. Casei, fui para Santa Catarina, quando voltei fiz Pedagogia. Meu pai não dava opinião.

Com todos as decepções que eu tive, preferia ter ficado com os filhos. Trabalhei por dinheiro e para não pegar no pé de filho. Acho que o que fiz agradou meu pai e minha mãe. Mulher não pode ficar em casa senão pega no pé do marido. Adoro meus alunos. Eu escolheria a mesma profissão. A única coisa que eu ia mudar, era comprar uma casa antes de casar. Minha infância e minha adolescência foram maravilhosas. Passei muito. Meu marido e filhos são maravilhosos.

11- Sentimentos, Pensamentos e Atitudes não revelados na infância

R- Eu contava tudo para todo mundo.

12- Crenças sobre a vida na infância

R- Acho que não pensava nada, só brincava.

13- Crenças sobre a vida na adolescência

R- Eu adorava a vida, jogava vôlei. Passeava de monte, ia no Carnaval. Vivia na casa das amigas.

14- Crenças sobre a vida atual

R- Eu adoro a vida. Tem que saber viver, não procurar espinho. A vida é bela, você é que complica. Dinheiro não é problema, é solução. Duro de ter filho é a educação.

15- Auto-imagem – Aspectos positivos e negativos

R- Ia dizer que o que eu gostava era de ser boba. Eu agrado, agrado, você me xinga e eu fico quieta. Se precisar de novo eu ajudo. Gosto da minha bondade. O que não gosto é esse pneu de caminhão, gordura na barriga. Se eu emagrecer, eu perco a graça. Não gosto de ser boba dos outros. Me magoa muito alguém comparar eu com os outros.

16- Histórias infantis prediletas

R- Não gostava de história, não me lembro. Gosto da Gata e o Rato. São heróis que nunca morrem. Gosto mais de aventura. Gosto de fazer papel de ruim e de poucas frases. É difícil fazer o papel de boa.

17- Pensamento sobre perda do juízo

R- Lá em Santa Catarina eu não tinha filho, não tinha família e ficava sozinha. Eu ia para a rua fazer compras, para conversar. Ninguém falava comigo.

18- Pensamentos suicidas

R- Uma vez em Santa Catarina, mas não tenho coragem.

19- Reações diante de atitudes contrárias do outro

R- Depende do assunto e da pessoa, se for religião e futebol não adianta. Se for minha mãe eu deixo ela ganhar.

20- Sentido da vida

R- Adoro a vida, gosto de passear, conversar, ir à festas, viver, não ficar lamentando.

21- Pensamentos sobre a morte

R- Não quero viver muito, a não ser que não dê trabalho, não tenha que usar fralda, cadeira de roda. Se eu parar de fumar acho que vou viver mais um pouquinho.

22- Epitáfio

R- "Aqui jaz a lindinha Mimi. Os outros escreveriam o mesmo. Seguiriam modelos.

1- Sintomas físicos

R- Cólica menstrual, inchaço. Fiz uma cirurgia no seio por causa de um nódulo.

2- Sentimentos desconfortáveis

R- Quando fico triste fico quieta, choro escondido. Na escola eu ficava triste de comparar-me. Tenho medo de injeção.

3- Como gostaria que os pais fossem diferentes

R- Não sei. Acho que se for diferente não vai ter graça. Meu pai, uma coisa que poderia ser diferente é o que minha mãe diz: "O pai não defende a mãe perante a família, ela é que defende ele".

4- O que mudaria na vida e/ou família

R- A única coisa seria ter uma casa para ficar mais à vontade.

5- O que mais quer na vida

R- Passear.

6- Sobre o marido e filhos

R- Namorei durante quatro anos. É excelente (o marido), bonzinho, agrada, faz tudo para agradar. O S. é o mais bonzinho, é estudioso, carinhoso, não sabe dividir. A G. e a B. são amigas. A G. não gosta de estudar, é boazinha, ajuda em tudo. A B. divide demais, é explosiva, não gosta de estudar, foge do serviço. Todos eles são carinhosos.

### *DF-Es*

1° DF-E – Uma família qualquer

Era uma vez uma moça que estudava no Idesa e esse moço corria atrás dela. Aí ela não quis. Depois de anos eles se encontraram em uma festa na Casa do Menor. Começaram a namorar depois de uma semana. Este namoro durou anos e aos poucos foi crescendo cada vez mais até que um dia eles se casaram sonhando sempre em ter um lindo lar.

Nasceu em Santa Catarina o S., um menino lindo cujo nome foi escolhido por ambos. Era um menino forte e carequinha. Ele cresceu, e depois de dois anos fez parte desse lar uma pequenininha, gordinha e engraçadinha menina chamada G.. Quase um ano depois nasceu a terceirinha. Não era muito bonita, porém suas gracinhas enfeitavam nosso lar. Hoje os três unidos querem o mesmo fim que é crescer na união e na paz e numa casa que se Deus quiser será só deles. E assim vão viver felizes para sempre.

Inquérito: O que essa família tem de positivo?

R- A união.

E de negativo?

R- Não sei, brigar é negativo. Eu quero tudo certinho.

Título: "Uma família feliz"

## 2º DF-E – Uma família ideal

Era uma vez K.C., F., S., G. e B. Cinco pessoas que gostam muito de passear e se divertir. Sempre juntos. Participam sempre das mesmas coisas, da parte alegre, da triste, nos desesperos. Estas cinco pessoas tão ligadas umas às outras, sempre preocupadas com todos da família, formam uma família feliz.

Inquérito: Qual o lema desta família?

R- Um por todos e todos por um.

Porque essa família é ideal?

R- Por causa do diálogo.

Qual a profissão deles?

R- O filho é Coronel da Polícia, a G. é Professora e Artista, a B. é Artista, gosta de velhinho, poderia ser Enfermeira. O pai é Advogado se não fosse Engenheiro. A mãe é Psicóloga, se não fosse Professora. Ou seria Diretora e dona de Creche.

Título: “Uma família feliz”

## 3º DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem

Era uma vez uma família numerosa sem muita harmonia, mesa vazia, todos tristes que não tinham o que comer, trazendo assim brigas e desunião. Não tinham o que comer porque são pobres, os filhos estudam em creche, o pai está desempregado, a mãe é empregada doméstica.

Inquérito: O que vai acontecer com esta família?

R- Vão procurar ajuda. Vão encontrar, principalmente aconselhando a não ter tanto filho.

O que esta família tem de positivo?

R- Para mim, eu gosto da quantidade de gente que eu gostaria de ter quando casei. Estão todos unidos.

E de negativo?

R- Brigas entre todos.

Do que esta família precisa?

R- Precisa de apoio em tudo, amor, dinheiro, atenção, carinho, apesar que deve ter, para nascer essa filharada...

Como chegaram nessa situação?

R- Chegaram pela quantidade de filhos, pela família que nasceu e muitos não querem trabalhar.

Será que vão conseguir ter um final feliz?

R- Acho que vão conseguir porque penso positivo.

Título: "Um futuro feliz"

#### 4° DF-E- Sua própria família

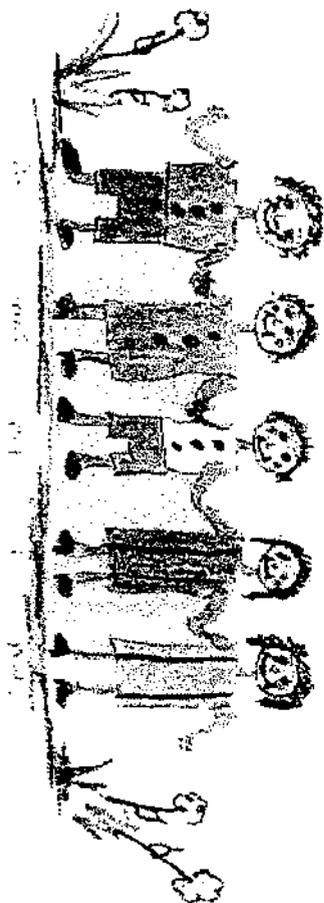
Era uma vez um casal que sempre se amou, casaram e tiveram três filhos lindos. Desde esse início que os dois até o dia de hoje são felizes, alegres, adoram participar de todas as atividades juntos. Dialogar, brincar, passear, estudam na medida do possível, fazem tudo juntos. Espero que eles continuem sempre assim: uma família feliz.

Inquérito: Qual o lema desta família?

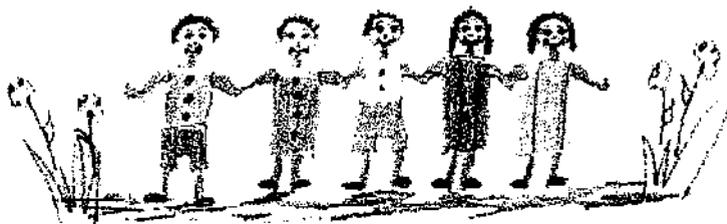
R- "Um por todos, todos por um". "Unidos venceremos". "Roupa suja se lava em casa".

Título: "Família feliz"

1º DFE  
17/02/97  
"F" - Caso II



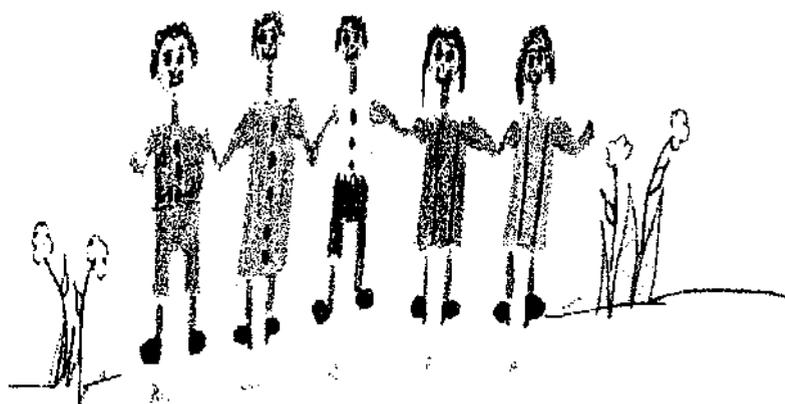
2º DFE  
17/02/97  
"F" - Caso II



3° DFE  
24/02/97  
"F" - Caso II



4º DFE  
24/02/97  
"F" - Caso II



## IRMÃ DO MARIDO

### *Dados da entrevista*

L - 29 anos

Escolaridade: Superior completo: Psicologia

Profissão e ocupação atual: Psicóloga Clínica

Estado Civil: Solteira

### 1- Fale sobre você

R- É difícil falar da gente. Uma coisa: eu sou dependente. Estou começando a conseguir meu espaço. Se eu acho que algo tá certo, defendo, brigo. Sou justa. Se errei, assumo que errei, aponto os erros de quem quer que seja. Não defendo. Se acontecer, vou dizer. Acho errado quem não faz. Gosto muito de criança. Quanto mais pequena, mais eu gosto. Sou muito romântica, carinhosa. Gosto muito de rir, choro muito fácil. Penso muito para falar. Às vezes sou muito possessiva, egoísta em não dividir as pessoas, não todas, algumas. Em questão de namoro não admitido que faça qualquer coisa errada, quero fidelidade.

### 2- Fale sobre sua mãe

R- Era uma pessoa muito carinhosa, era enérgica quando precisava. Meu pai trabalhava fora. Ela dava castigo. Levei um tapa na bunda. Tinha castigo de ficar sentada no lugar atrás da porta. Tinha bastante castigo. Eu não podia brincar na rua, na casa do vizinho. O vizinho podia vir em casa. Eu não podia sair. Ela queria saber o que estava acontecendo. Podia armar o maior brinquedo, desde que dentro de casa. Não podia ir com meu irmão empinar pipa. Dizia: "Eles são homens, meninos, você é menina". Ela era muito esforçada, trabalhava, estudava, fez duas faculdades. Que eu me lembre era muito segura, tinha que ser, não tinha ninguém para dividir, muito organizada.

### 3- Fale sobre seu pai

R- Fica mais difícil por ele trabalhar fora. Comigo sempre foi muito carinhoso. Muito estudioso. Acho que eu era mais paparicada por ele, sempre quis ter uma filha. Nunca apanhei do meu pai, fiz coisas, não lembro de ter apanhado. Com meu pai eu sabia quando era “não”. Sei quando não tenho chance de conseguir. Teve uma época que foi internado. Era uma pessoa que podia conversar. Carinhoso, escutava. Não tive muitos atritos. Uma coisa que eu achava ruim: se um falava não, o outro também não. Quando era para viajar ele dizia: “Fala com sua mãe” e ela dizia: “Fala com seu pai”. Um jogava para o outro. Geralmente quem decidia era a mãe.

### 4- Expressões dos pais sobre a vida

R- Mãe- Não lembro. Sei como ela via a vida. Era mais com isso: “É difícil, mas...”. Nunca desistia fácil. Sempre incentivou. Nunca falou, sempre empurrou: “Se precisar, ajudo”.

Pai – Dava força, sempre apoiou, nem tanto como a mãe. Não consigo lembrar. Trabalhou anos em São Paulo, no fim de semana eu o via. Nunca vi meu pai dizendo: “Não vai dar certo”.

### 5- Elogios e críticas recebidos dos pais

R- Mãe – Dava parabéns pelo caderno, prova, comentava com as amigas. Dava um abraço. Críticas foi mais pelo comportamento. Ela conta que eu fui birrenta. Tinha dia que eu deitava no chão. Ela ignorava até eu parar. Chamava atenção no modo de responder, dava castigo e dizia porque. Não tirava do castigo por causa de artes, brigas com meu irmão. Eu brigava muito com o M. Ele era ruinzinho comigo. Ele foi o caçula por muito tempo. Eu provocava.

Pai – Ele elogiava bastante em estudo, em algo que eu tivesse feito. Criticava mais em questão de algo: malcriação, reinação.

#### 6- Reações dos pais quando estavam aborrecidos

R- Mãe – Demonstrava pelo rosto, na expressão, jeito de olhar. Eu tentava conversar saber o que ocorria.

Pai – Eu percebia pela expressão, maneira de falar, meio bravo. Eu tentava saber, perguntava. Se eu já sabia, ficava na minha.

#### 7- Conselhos recebidos dos pais

R- Mãe – Sobre estudos e amigos. Era para escolher muito bem os amigos. Que era importante estudar para vencer na vida. Sempre gostei de estudar.

Pai – Que eu me lembre incentivou com relação aos estudos.

#### 8- Punições recebidas

R- Acho que foi o certo. Daria os mesmos para os filhos. Se eu tiver que bater é na bunda.

#### 9- Apelidos

R- Batatinha, tata, porque eu era gordinha, pequena.

#### 10- Expectativas dos pais

R- Mãe – Queria que eu fosse professora.

Pai – Eu acho que ele queria que eu fosse médica. Ele queria ter sido médico. Eu queria ser bailarina. Minha mãe nunca deixou. Achava que tinha coisas mais importantes. Eu quis ser médica, fiz Faculdade de Enfermagem, tentando transferir para a Odonto. Trabalhei num Hotelzinho. Prestei vestibular para Psicologia. O Hotelzinho fechou e eu queria trabalhar com criança. Eu passava mal quando fazia a higiene bucal das criança. Então desisti da Odonto e fui fazer Psicologia. Eu acho que fiquei mais para o lado da minha mãe, por trabalhar com criança com problemas de aprendizagem, acho que é por isso, por minha mãe ter feito Pedagogia e Serviço Social.

11- Sentimentos, pensamentos e atitudes não reveladas na infância

R- A única coisa que ficava... é a questão de não poder brincar fora de casa e não ter muitos amigos, por eu ser muito fechada.

12- Crenças sobre a vida na infância

R- Acho que sempre fui muito feliz, minhas expectativas sempre foram boas.

13- Crenças sobre a vida na adolescência

R- Nunca fui negativa, tinha sonho de trabalhar, ter dinheiro, coisas e família.

14- Crenças sobre a vida atual

R- Eu sei que não é fácil ter que batalhar para conseguir o que quer, ter decepções, fase que não dá nada certo, é difícil, mas a gente pode conseguir. Acho que sou positiva.

1- Auto – imagem – Aspectos positivos e negativos

R- Eu sempre procuro compreender, ajudar o outro. As pessoas falam que eu ponho panos quentes, não gosto de discussão. O que tem de negativo é meu jeito, ainda sou muito dependente, insegura, dependente do pai, mãe, namorado. Queria resolver as coisas sozinhas.

2- Histórias infantis prediletas

R- Cinderela, histórias de príncipe encantado, Branca de Neve. O personagem que mais gosto é a Cinderela. Ela passava por tudo o que passou e conseguiu ser feliz, realizar o sonho dela.

3- Pensamentos sobre perda de juízo

R- Já fiquei meio... por causa desse namorado, quando a gente terminou. Não foi só com ele.

4- Desejos homicidas

R- Já.

5- Reações diante de atitudes contrárias do outro

R- Eu argumento.

6- Sentido da vida

R- Quero ser feliz, conseguir realizar meus sonhos. Ser uma boa profissional, casar, ter família.

7- Pensamentos sobre a morte

R- Não quero morrer moça. Às vezes sinto que algo vai acontecer comigo ou outra pessoa.

8- Epitáfio

R- Algo como “Sorriso – Sorria sempre”. Os outros escreveriam: “Uma boa filha”.

9- Sintomas físicos

R- Em parte é tudo carga emocional. Tinha muita dor de cabeça. Fico nervosa. Tenho uma pequena gastrite. Sou muito feliz, mas choro por qualquer coisa. As pessoas conseguem me atingir fácil. Sou muito sensível. Não estou acostumada com gritos. Não sei como agir. Tenho colesterol. Fiz cirurgia para redução da mama.

10- Sentimentos desconfortáveis e circunstâncias relacionadas

R- Tristeza. Quando discuto com pessoas que conheço sinto ansiedade. Quando vejo que algo injusto sinto raiva, ou quando alguém quer me colocar no meio de um problema.

11- Como gostaria que os pais fossem diferentes

R- Mãe – Que ela fosse mais aberta, ela se preocupa muito com o que os outros pensam. Diz: “O que os vizinhos vão pensar?” Que não fosse tão exigente com ela mesma, muito certinha.

Pai – Tem hora que é muito seco. Ele fala muito duro com todo mundo. Que fosse mais gentil e suave. Eu levo na brincadeira.

12- O que mudaria na vida e/ou família

R- Eu queria ser mais independente, eu ia conseguir muito mais. Peço opinião em qualquer coisa que eu vá fazer pela primeira vez. Minha terapeuta diz que não me permito errar. Ou eu não faço, ou vou procurar meios para saber como. Eles cobram muito sobre o que devo fazer.

13- O que mais quer na vida

R- Quero me realizar profissionalmente, ter família, coisas, filhos, ser feliz, realizar de todas as maneiras.

14- Sobre os irmãos

R- O M.H. é o que mais cobra de mim, mais ciumento, mais crítico. O T. é mais “tudo bem”, mais feliz. O. K.C. é mais sério.

15- Sobre o namorado

R- Namoro há oito anos. O que me atrai é porque entra minha parte deficiente: precisa, ele está lá. Não é só comigo. Ele fica parecendo bobo dos outros. Está sempre ajudando todo mundo. Eles abusam demais dele.

*DF-Es*

1° DF-E - Uma família qualquer

É a família que eu gostaria de ter. Tem N. G., R. e T.. Era um domingo e eles saíram para fazer um piquenique, passear no Zoológico, fazer alguma coisa diferente. Resolveram ir no Zoológico, foram mostrando os bichos lá para as crianças. Um dos bichos que chamaram a atenção foi o leão, pelo tamanho, pelo jeito importante e o urso, que as crianças ficaram entretidas por ser um animal difícil de ver. As crianças ficaram correndo, contando os bichos. Foi caindo a tarde, resolveram fazer um lanche e no fim do dia voltaram para casa. À noite cada um contando o que tinha sido bom e o que gostariam de fazer num próximo dia.

Inquérito: O que esta família tem de positivo?

R- O diálogo.

E de negativo, ou que poderia melhorar?

R- Parece que tem alguma coisa. Poderia tentar compreender um pouco mais o outro.

Qual o lema desta família?

R- Ser feliz.

Título: "Passeio no Zoológico"

## 2° DF-E – Uma família ideal

Um sonho que o casal teve um dia: formar uma família, de como seria para os dois essa família, quantos filhos teriam.

Inquérito: Porque esta família é ideal?

R- Por ter sido pensada. Tanto da parte de um e de outro, querer ter uma família.

O que os pais fazem?

R- A mãe é psicóloga. O pai, trabalha numa indústria, é Técnico.

O que esta família tem de positivo?

R- O amor.

E de negativo?

R- Deveria ter mais compreensão. As pessoas tem que se compreender.

Título: "A família sonhada"

## 3° DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem

Quem não está bem é o pai. Teve um problema circulatório, teve muitas dores, precisou ser internado em outra cidade. Onde estava não tinha recurso. A família teve neste tempo de se virar sem ele. Os filhos ajudavam, a mãe trabalhava fora, precisava da ajuda dos filhos para ajudar na casa, e ele ficou internado mais ou menos um mês. Apesar da família ter sentido a falta dele, uniu mais ainda a família. Ele conseguiu melhorar.

Inquérito: O que esta família tem de positivo?

R- A família ficou mais unida.

O que tem de negativo?

R- Teve que acontecer alguma coisa para demonstrar o que sentiam.

Título: "Ausência do pai"

#### 4° DF-E – Sua própria família

Férias. Foram para uma Colônia em Água Quente. A primeira vez que iam lá conhecer. Era um lugar muito bonito, tinha uma piscina toda de pedras, uma cachoeira. Um chuveirão. Tinha cavalos. A gente ia passar 15 dias. No começo foi tudo bem, fizeram amizades. Aí meus irmãos foram andar à cavalo. Eu não ia porque era pequena e eu ficava brincando. Eles saíram com uma turma e nessa, de repente o cavalo de um dos meus irmãos disparou e o cavalo empinou e derrubou ele no chão. Não machucou. Foi um susto. Todos fizeram gozação.

Aí após alguns dias um deles pegou sarampo e interrompeu as férias.

Foi um lugar que nunca tinha ido. Eu nunca esqueci. Era diferente de qualquer outra Colônia.

Tombo e catapora. Foi engraçado!

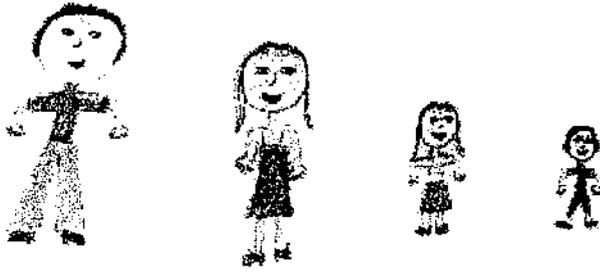
Não esqueci por causa do lugar. Era muito diferente. Eu tinha cinco anos.

Título: "Férias"

1º DFE  
03/03/97  
"L" - Caso II



2º DFE  
11/03/97  
"L" - Caso II



3º DFE  
11/03/97  
"L" - Caso II



4º DFE  
11/03/97  
"L" - Caso II



## PRIMEIRO FILHO DO CASAL: "S"

### *Dados da entrevista*

S - Sexo masculino - 15 anos

Escolaridade: 2º grau incompleto

Ocupação atual: Estudante

Estado Civil: Solteiro

#### 1- Fale sobre você

R- Quero seguir a carreira militar. Vou prestar concurso para Campinas. Quero o Exército. A idéia veio com meu avô. Começou com uma brincadeira: "Vamos ser que nem o vô!". O vô disse: "O primeiro que conseguir se formar, eu dou uma espada".

#### 2- O que atrai nesta profissão

R- A ordem, a disciplina, acho bonito o trabalho. Faço musculação. Desde pequeno estou me preparando.

#### 3- Expectativas dos pais

R- Eles gostam dessa escolha.

#### 4- Auto – imagem – Aspectos positivos e negativos

R- O que mais gosto em mim é a organização. Gosto de estudar, sou extrovertido, evito brigas, falo com todos. O que menos gosto é que de vez em quando encho o saco da família. Eu me meto em coisas das minhas irmãs. Provoco.

#### 5- Apelidos

R- Os amigos me chamam pelo sobrenome.

6- O que o faz se sentir bem ou mal

R- Eu me sinto bem se conseguir sucesso no que faço. Me sinto mal se não conseguir sucesso.

7- Histórias infantis prediletas

R- Peter Pan, eu gostava deste personagem. Gostava por ser livre e não crescer. Não tinha compromisso, por não ser cobrado pela família. Eu sinto uma cobrança mais discreta: “Olha, tá chegando, vamos preparar já, estudando!”

8- Aceitação do próprio sexo

R- Não queria ser menina. Menina tem frescura que não entendo. Fala uma coisa e já muda. Mulher fica menstruada, enrola para trocar de roupa. Eu entro e saio rapidinho.

9- Preferência entre ir à escola ou ficar em casa

R- Se for à escola ou ficar sem fazer nada em casa, prefiro ir à escola. A gente aprende, conversa.

10- Preferência entre continuar deste tamanho ou crescer rapidamente

R- Prefiro crescer normalmente.

11- Lembranças da infância

Lembro da escola lá em Santa Catarina. Tava no Jardim, fazia excursão, brincava com colegas. Vivi em Santa Catarina até sete anos, me agradou. Lá não tinha rotina. Tinha churrasco, festa, boliche.

12- Comentários da família sobre seu nascimento

R- Lembro é que falaram que quando eu estava para nascer foi a família inteira para lá, o que é difícil. Achei legal. Tem vários fatos.

13- A melhor coisa que os pais disseram sobre você

R- Pai – Quando consigo sucesso, vem cumprimentar, dá estímulo para continuar.

Mãe – Quem fala mais é meu pai.

1- A pior coisa que os pais disseram sobre você

R- Pai - Quando ele quis mudar para Itanhaém.

Mãe - Não sei, conversei mais com meu pai.

2- Punições recebidas

R- O pai só chama a atenção. Antes xingava, dava tapas. A mãe dá uns castigos, não deixa sair.

3- Expectativa de tempo de vida

R- Espero até uns oitenta e pouco. Mais que isso não sei se é bom.

4- O que deve fazer para agradar os pais

R- Ir bem na escola. Quando vou em festa, se comportar, ser educado.

5- Sonhos e fantasias positivos e negativos

R- Ter bastante dinheiro, ser bastante importante e viajar, conhecer o mundo.

Fantasias negativas: Brigar com colegas, ir mau na escola, não sair nada certo.

6- Sobre os pais e irmãos

R- A B. é mais carinhosa, apesar de mais nervosa. A G. é mais amiga, igual a mãe. O pai é amigo, trabalhador. A mãe é trabalhadora, sincera, extrovertida.

7- Analogia da história de vida com um filme

R- Seria uma mistura de comédia, dramas, aventura e romance.

### ***DF-Es***

1° DF-E - Uma família qualquer

Uma família que vivia no Nordeste e veio para São Paulo para tentar vida melhor. O pai mudou, não conseguiu nada, foram morar embaixo da ponte. O filho não tem roupa para vestir, tá tudo rasgado. Como não têm dinheiro para se sustentar, vão ser assaltantes.

A expectativa não é grande, o futuro não é bom, vivem na favela com tiroteio. Todos descalços. O futuro não é bom, só se tiverem sorte. Vão vivendo a vida sem saber.

Perderam o que tinham no Nordeste, tinham uma casinha, acharam que S. Paulo era bom, podem acabar virando até “sem terra”.

Eu já ouvi história que tem gente que encontra lugar que abrigue famílias, tem emprego, ganha dinheiro, mas é difícil porque tem muita gente nesta situação.

Inquérito: O que esta família tem de positivo?

R- A união deles, apesar de tudo tão juntos. Vai estar sempre ajudando o filho.

E de negativo?

R- A pobreza deles. O filho maior tá chorando, vê a situação dos pais, não tem esperança. O pai apesar de forte, não consegue trabalho. A mãe fica cuidando dos filhos que choram de fome. A criança não tem noção.

Título: “A triste realidade”

## 2° DF-E – Uma família ideal

É uma família que apesar de todos os problemas tá sempre junta, tem momentos bons e ruins e mesmo nesse momento ficam unidos.

Não é rica, é bem de vida, tem quase tudo o que quer. Família saudável.

Inquérito: O que esta família tem de positivo?

R- De positivo a união.

E de negativo?

R- Discussão entre os irmãos, mas não é briga.

Título: “Felicidade coletiva”

### 3º DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem

Uma família de classe média que o filho teve um acidente, ficou paraplégico, a filhinha deles, por causa dos problemas, tá indo mal na escola. São uma família unida, não perdem a coragem de enfrentar a cada dia os problemas deles.

Inquérito: Do que esta família precisa?

R- De mais sorte.

O que vai acontecer?

R- Vai melhorar. Eles vão conseguir um tratamento, não vai curar, mas vai amenizar.

O pai vai conseguir um emprego melhor, a filhinha vai melhorar e vão passar a ser uma família feliz.

Título: “Trágico acidente”

### 4º DF-E – Sua própria família

É uma família feliz, unida, resolve os problemas juntos, não tem segredos, ativa, bastante trabalhadora, os filhos estudam bastante, feliz, saudável.

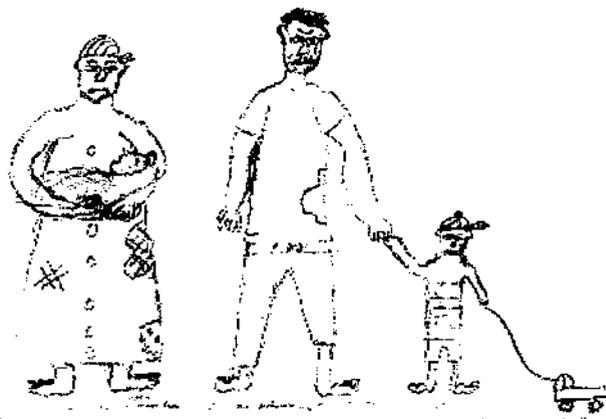
Inquérito: Qual o futuro desta família?

R- A B. vai estar fazendo faculdade de Medicina, mas não vai tá exercendo a profissão. Ela tinha o sonho de ser patinadora. Aí ela iria no show e seria. A G. vai estar na Aeronáutica. As duas estão casadas. Eu estarei no Exército e fazendo Direito. Acho que vou estar casado também.

O pai e a mãe vão estar aposentados meu pai vai ter ganho na loteria, viajando. O trabalho deles também daria algum dinheiro.

Título: “Família ideal”

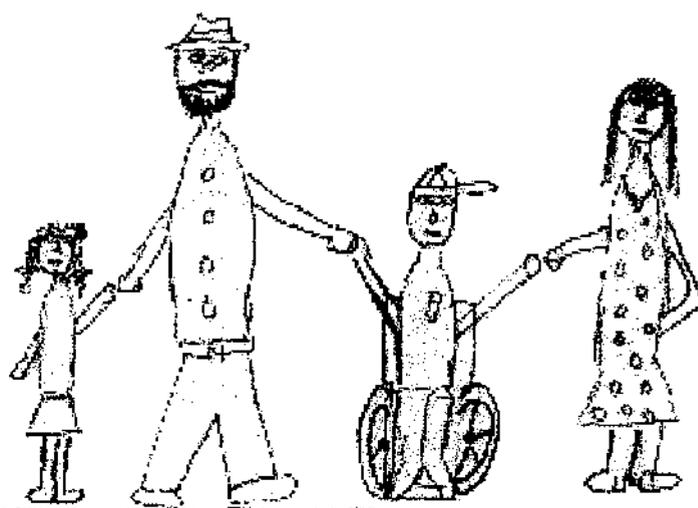
1º DFE  
24/03/97  
"S" - Caso II



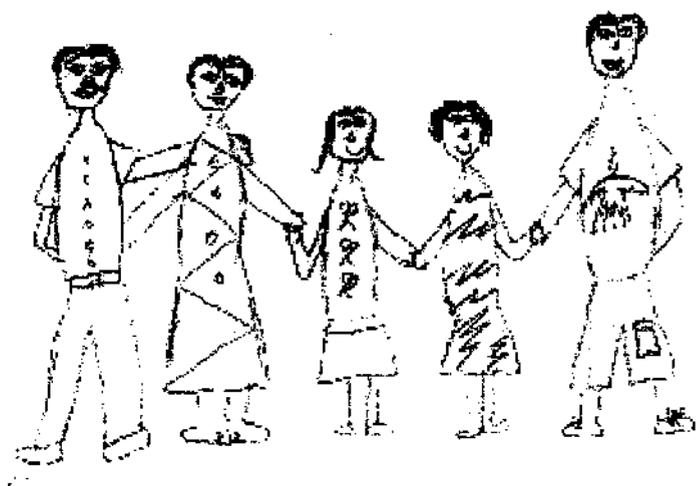
2° DFE  
04/03/97  
"S" - Caso II



3° DFE  
04/03/97  
"S" - Caso II



4° DFE  
04/03/97  
"S" - Caso II



## SEGUNDO FILHO – “G”

### *Dados da entrevista*

G - Sexo Feminino – 13 anos

Escolaridade: 1º grau incompleto

Ocupação atual: Estudante

#### 1- Fale sobre você

R- Eu sou legal, ciumenta, amiga. As amigas ficam brigando. Nervosa na hora de fazer a prova.

#### 2- Auto - imagem - Aspectos positivos e negativos

R- Eu sou bastante amiga dos outros. De negativo eu brigo muito, sou briguenta, explosiva, bato, xingo. Bato às vezes.

#### 3- Apelidos

R- Gi ou Gia.

#### 4- O que faz se sentir bem ou mal

R- O que me faz sentir bem é comer, dormir, ir no clube, nunca na escola. Só a escola atrapalha. Ficar agüentando o professor é chato. Se não tivesse prova... Prefiro ficar em casa. O que me faz sentir mal é ir na escola, não gosto das matérias. Gosto de Educação Artística, Inglês, Educação Física e Religião.

#### 5- Expectativas profissionais

R- Quero ser da Aeronáutica ou Marinha. Quero pilotar avião.

#### 6- O que atrai nesta profissão

R- Pegar avião e sair pilotando mundo afora. Porque o meu avô é do Exército, o irmão quer, eu quero também.

7- Desejos mágicos

R- Ia dar mais dinheiro para os pais para melhorar a vida. Falta nossa casa.

8- Aceitação do próprio sexo

R- Queria ser menina mesmo porque é bom. Só é ruim porque tem menstruação, não pode tirar a camisa.

9- Preferência entre continuar pequena ou crescer rápido

R- Quero crescer logo, se ficar pequena vou ter que passar tudo de novo. Quero ter meu trabalho logo.

10-Lembranças da infância

R- Cai da árvore, fui pegar jaboticaba, caí e bati a cabeça e não aconteceu nada.

11-Comentários da família sobre seu nascimento

R- Que eu não chorava muito, era gordinha, era grande.

12-A melhor coisa que os pais disseram sobre você

R- Pai – Que eu não sou gorda.

Mãe – Não lembro.

13-A pior coisa que os pais disseram sobre você

R- Que sou respondona.

14-Expectativas dos pais

R- Não falaram. Minha mãe fala para eu não ser professora.

15-Punições recebidas

R- Meu pai xinga às vezes, manda sair de perto. Minha mãe dá castigo às vezes porque eu não estudei. Não deixam jogar basquete, futebol, nem ir ao Play Center.

16-Histórias infantis prediletas

R- Sobre Ulisses. Gostava de uma das princesas. Uma que queria ficar com ele. Os animais não faziam nada para os homens. A princesa era ruim. Elas eram más mas faziam bagunça.

17-O que precisa fazer para agradar aos pais

R- Tirar dez em matemática.

18-Expectativa de longevidade

R- Espero viver até noventa anos.

19- Sonhos e fantasias bons e maus

R- Sonhos: Ir para a Disney e pilotar avião. A minha vida é legal, tem partes ruins e boas, eu reclamo mas é bom.

20- Sobre os pais e irmãos

R- Minha irmã não é egoísta, é amiga. Meu irmão é egoísta, divide mas pega o maior. O pai sabe muita matemática. A mãe é amiga e dorminhoca. Eu gosto de sair.

*DF-Es*

1º DF-E -- Uma família qualquer

A gente foi num piquenique. Aí, de repente uma filha sumiu, todos começaram a chorar e de repente a mãe achou, e aí a menina falou que tinha se perdido, caído no buraco, se machucado, que não era para fazer isso, ficaram preocupados. Aí começaram a comer de novo. Aí nunca mais a menina saiu sem avisar ninguém. Ela foi ver como era a floresta e se perdeu. Acho que ela não ia fazer mais isso. Não queria dar preocupação para a mãe dela.

Inquérito: Qual das irmãs se perdeu?

R- Foi a mais nova.

O que esta família tem de bom?

R- Amor, diálogo, tudo fazem junto.

E o que tem que poderia melhorar?

R- A gente parar de brigar entre os irmãos. Que os pais fossem mais liberais.

Título: “Um piquenique atrapalhado”

## 2° DF-E – Uma família ideal

Era um casal, uma mulher e um marido. Aí eles casaram. De repente a mulher ficou grande e ele tinha cabelo. Aí ela ficou grávida. Aí eles prepararam tudo para esperar um menino. Ela fez tudo azul. No dia do parto todo mundo ansioso. Aí veio uma menina. Aí o pai, o homem ficou louco: “Eu queria um filho! Olha o que você me faz!”. Aí ela falou que não era culpa dela. Aí ele foi embora e disse para deixar essa menina crescer aí.

Aí ele casou com outra. Quando a menina tinha uns dois ou três anos ele voltou porque a mulher deu outra filha que nasceu pretinha. Ele preferiu ir lá que ela era branquinha. Então a filha começou a chorar porque ele era careca.

\_ “Mas ele é seu pai, você não pode ter medo”.

\_ “Mas ele me largou porque teve medo de mim porque eu era mulher, eu também agora tenho medo dele”. Aí ele falou:

\_ “Vem cá, acho melhor eu ir embora que ela não vai me aceitar”.

\_ “Não, fica um pouco que ela aceita”. Chamou a menina e disse: “Ele não fez isso por mal”.

\_ “Mas eu não quero ele”.

\_ “Você tem que aceitar que ele é seu pai”.

Aí no fim ela vai lá e dá um abraço no pai dela e eles ficaram felizes para sempre.

Inquérito: Porque ele não queria uma menina?

R- Ele queria homem, ele pensava em jogar bola, coisa de menina é só brincar de boneca.

Título: “Uma vez pai, sempre pai”

3º DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem

Era um filho único, a mãe deixava fazer tudo o que ele queria, deixava ele brigar com todo mundo. Ele tinha mania de chutar as coisas.

A mãe dizia: “Deixa ele, deixa botar força naonde ele quiser”.

Aí ele tava tendo uma discussão com o primo. Aí a mãe começou a dar risada.

Ele deu um chute no primo dele porque ele estava discutindo com o primo dele.

Aí ele deu um grito: “Mãe, que dor!”. Ela chegou e disse: “Olha o que você fez com ele!”

\_ “Mas tia, eu não tive culpa”.

\_ “Mãe, me leva no Pronto Socorro, acho que quebrei meu pé. Aí tinha aquela fila enorme. A mãe insistiu e passou na frente de todo mundo.

Foi fazer raio x, o pé tava quebrado. Ele não tinha medo de nada, só de quebrar alguma coisa.

Aí ele não queria ir lá consertar o pé. Aí o pai falou: “Você não tem medo de nada, vai lá!”

\_ “Pai, eu não quero. Mãe, não deixa (berrou), vai doer!”

O cara foi por anestesia e ele deu um berro. Aí consertou o pé. Aí ele gritou, gritou.

A mãe falou: “Vamos ver se consertou o pé de verdade no médico particular”.

O pai detestava quando começava a fazer esse negócio: nhé, nhé...

O médico chamou só a mãe dele lá. O filho falou para o pai: “E agora, o que vai acontecer comigo?”

O médico disse que tava tudo bem. A mãe disse: “Tá tudo certo!”. O pai: “Viu, vê se aprende a não chutar os outros e as coisas!”

Aí o pai falou: “Você vai pedir desculpas para seu primo”.

Ele nunca mais chutou nada.

Inquérito: O que este menino precisava?

R- Não ser muito mimado, ter outra educação, não o que a mãe dava para ele. A educação que o pai tinha: de amar o filho, de não paparicar.

A mãe precisava parar de fazer isso com o filho.

Título: “Aprendi a lição”

#### 4° DF-E – Sua própria família

Quando eu era pequena, meus pais foram viajar eu tava na casa da bisavó. Aí a gente almoçou e meu pai e minha mãe tinham viajado. Aí a gente ia lá, a gente tava brincando. Eles foram embora. Ficou só eu e meu irmão.

Aí a gente falou: “Vamos lá na árvore pegar jaboticaba”. Subimos com a vassoura. Aí eu me desequilibrei e caí. Meu irmão disse que antes eu dei um grito.

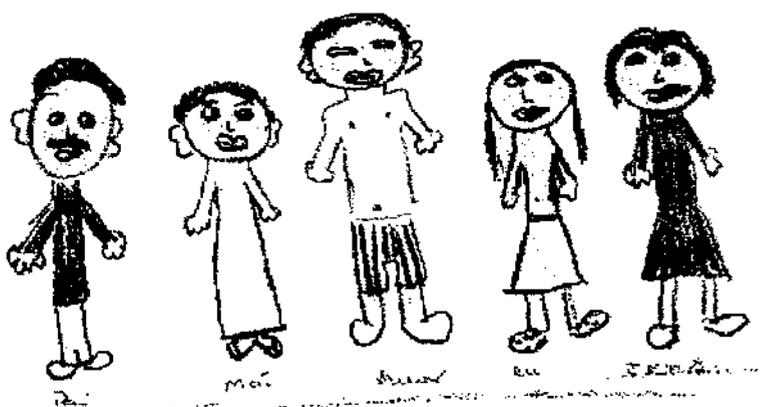
Me viram caída lá. Me levaram no médico, deu remédio e meus pais chegaram e ficaram desesperados. Aí deu tudo bem. Parece que o médico falou que se eu bater aqui de novo, posso até morrer.

Inquérito: Qual era a sua idade quando isso aconteceu?

R- Cinco ou seis anos. Eu ainda sou sapeca, gosto de subir em árvore.

Título: “Era uma vez jaboticaba”

1º DFE  
24/02/97  
"G" - Caso II



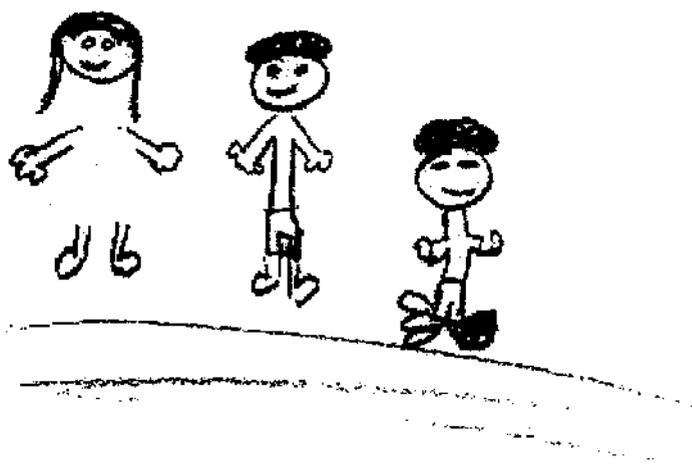
~~ALINHADA~~

~~FAMILIA~~

2º DFE  
"G" - Caso II



3º DFE  
03/03/97  
"G" - Caso II



4° DFE  
03/03/97  
"G" - Caso II



## TERCEIRO FILHO: "B"

### *Dados da entrevista*

B – Sexo Feminino – 12 anos

Escolaridade: 1º grau incompleto

Ocupação atual: Estudante

#### 1- Fale sobre você

R- Sou alegre, chorona, amorosa. Repeti a terceira série. Não gosto muito de escola.  
Prefiro ficar em casa.

#### 2- Auto – imagem – Aspectos positivos e negativos

R- O que mais gosto em mim é de ser amorosa. O que menos gosto é de ser chorona.  
Choro quando meu irmão "dá" em mim e quando a mãe não deixa ir em festa.

#### 3- Apelidos

R- Dri ou Drica

#### 4- Situações que a fazem se sentir bem ou mal

R- Me sinto bem quando não tem prova nem tarefa. Me sinto mal quando acontece algo à família.

#### 5- Expectativas profissionais

R- Ser artista, fazer novela. Já fiz teatro.

#### 6- Desejos mágicos

R- Ter paz entre a família, a vó M. briga com a tia avó. Dinheiro, porque tá precisando, meu pai tá ruim de dinheiro.

7- Aceitação do próprio sexo

R- Menina é muito complicado, tem que ser arrumadinha, tem negócio de menstruação. Gosto de ficar leve. Quero andar de chinelo e não posso.

8- Preferência entre ficar pequena ou crescer rápido

R- Queria ficar pequena porque meus pais falam que quando cresce é ruim porque você tem vontade de fazer o que fazia quando era criança.

9- Lembranças da infância

R- Lembro de meus irmãos, nós pegávamos carambola, comia frutas, na escola tinha um carro para brincar, tinha uns tubos para entrar, caminhar com bonecas em cima.

10- Comentários da família sobre o seu nascimento

R- Que eu era magra, uma finura, uma monstra. Que eu parei de chupar chupeta com três meses. Eu não chupei muito.

11- A melhor coisa que os pais disseram sobre você

R- Pai – Eu falo que eu sou burra, ele fala que eu sou inteligente, eu choro.

Mãe – Não lembro.

12- A pior coisa que os pais disseram sobre você

R- Pai – Quando ele falou que eu repeti de ano.

Mãe – Que eu repeti.

13- Expectativas profissionais dos pais

R- Pai – Ele quer tudo, menos prostituição.

Mãe – Deixa tudo. Falou para não ser professora.

14- Punições recebidas

R- Pai – Fica com uma cara... Às vezes dava no braço. Xinga, grita.

Mãe – Avisa: “Tô ruim hoje”.

15- Expectativas de longevidade

R- Acho que vou viver muito pouco. Até quarenta anos. Eu sonhei que eu vou morrer atropelada.

16- Histórias infantis prediletas

R- Não contavam histórias. Gostava da Cinderela, Branca de Neve e Rapunzel. O personagem preferido é a Rapunzel por causa do jeito romântico dela.

17- O que precisa fazer para agradar os pais

R- Passar de ano. Vou comprar a telesena, se ganhar, vão ficar felizes.

18- Sonhos e fantasias bons e maus

R- Casar com o homem mais bonito do mundo, ter filhos gêmeos, na família tem. Não ser rica e não ser pobre, ser melhor que meu pai. Fantasias ruins: Que às vezes não tenha gêmeos, e mais nada.

19- Sobre os pais e irmãos

R- O pai é meio triste por causa de dinheiro. A mãe é alegre prá caramba. Minha irmã é mais legal, posso contar tudo para ela. É amiga. Meu irmão é meio briguento. Tá na fase que vai namorar, já tem paquera.

*DF-Es*

1° DF-E – Uma família qualquer

Essa família é muito triste porque a mãe deles morreu de acidente, mas agora tão felizes porque tão com a avó e o vô. Gosto de história de terror e tragédia.

Inquérito: O que esta família tem de bom?

R- Estão juntos. Agora o menino tá melhor. Tem dez anos.

O que esta família tem de ruim?

R- Não tem nada de ruim, já estão bem.

Título: Não sei o título. “A tristeza”

## 2° DF-E – Uma família ideal

Essa família era uma vez uma família alegre, muito boa, não tinha problema. O único problema é que a filha não conseguia ter amiga para brincar. Os meninos gostavam dela.

Um dia os pais resolveram ir à escola para ver o que acontecia e descobriram que a filha dela ficava num canto sozinha. As meninas então fizeram amizade com ela e porque a mãe conversou. E ela ficou feliz com as amigas.

Voltou e abraçou os pais e disse: “Papai, mamãe, eu te amo”.

Inquérito: Porque a menina não fazia amizades?

R- Ela tinha medo, vergonha.

Porque esta família é ideal?

R- É ideal porque não tem problema na família, é quase ideal. A minha tem problema de dinheiro e muita gente doente. Eu já fiz vinte e três pontos, operei o rim, meu nariz sai sangue. Fazia xixi na cama, tirava sangue. Operei igual a mãe que tem neném. Fiquei no berçário, quebrei o nariz no toboágua.

Meus avós tem problema. Um tem problema de andar. A avó E. foi atropelada. Vó M. tem hérnia na barriga.

Título: “A família ideal”

## 3° DF-E – Uma família onde tem alguém, que não está bem

É um menino que tinha problema na cabeça, que tem que raspar para fazer cirurgia. A família tava muito triste porque desde pequeno tinha esse problema e teve que operar.

Quando ele tinha uns cinco anos que eles acharam qual era o problema. Aí ele fez a operação e não deu certo. Daí ele vai ter que fazer mais tratamento para ver o que tem, mais ainda que não deu. A boca dele ficou torta porque atingiu a boca dele.

Inquérito? O final da história vai ser feliz?

R- Mais ou menos, ele vai continuar com o problema mas vai tá feliz porque não vai morrer.

Terá alguma consequência?

R- Tem consequência porque pode afetar mais o cérebro. Os amigos não sabem o que ele tem. Ele tem vergonha e não fala.

Como ele se sente com esta situação?

R- Ele chora muito e fica muito triste.

Como isto aconteceu?

R- Ele já nasceu assim. Ele reagia estranho. Queria matar. Aí levaram ele e o médico passou tratamento, operou e não deu certo.

Título: "O problema trágico"

4º DF-E – Sua própria família

É uma família quase ideal, não é ideal porque meu pai é alegre, sorridente, mas com uma cara meio fechada, tá ficando engraçadinho.

Inquérito: E os outros como são?

R- A mãe é brincalhona. O irmão é legal mas briga muito. Minha irmã, cada coisa que faz "dá" na gente. Eu sou chorona, muito doente, muito problema. Cada dia fico com um negócio. Tudo o que acontece é comigo.

Meu irmão não para mais em casa, sai bastante. O pai não tá indo trabalhar porque tá com um negócio no olho.

Família unida. Acontece algo, todo mundo ajuda. Uma família que defende muito. Pai, mãe. É só.

O que esta família tem de bom:

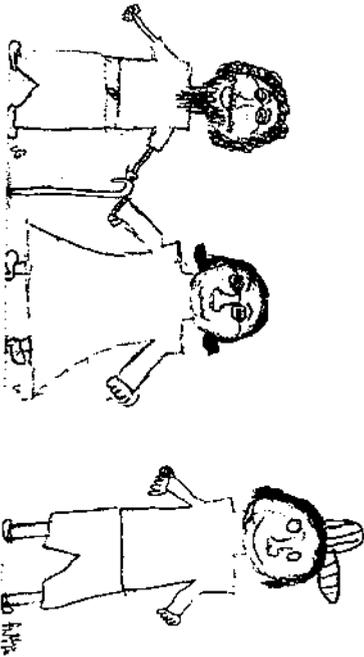
R- O amor entre nós todos.

E o que tem de ruim?

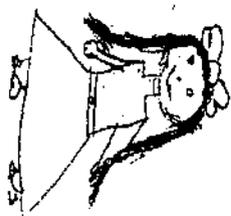
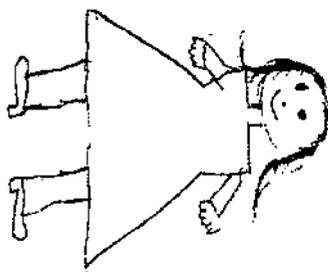
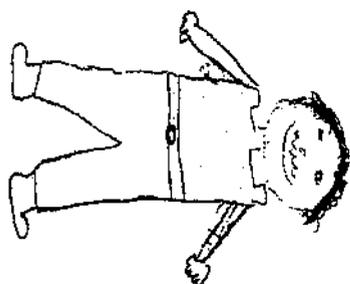
R- Briga muito, entre nós três. O pai e a mãe não brigam, nunca brigaram.

Título: "Minha família"

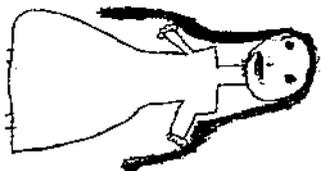
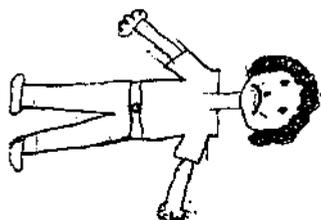
1° DFE  
24/02/97  
"B" - Caso II



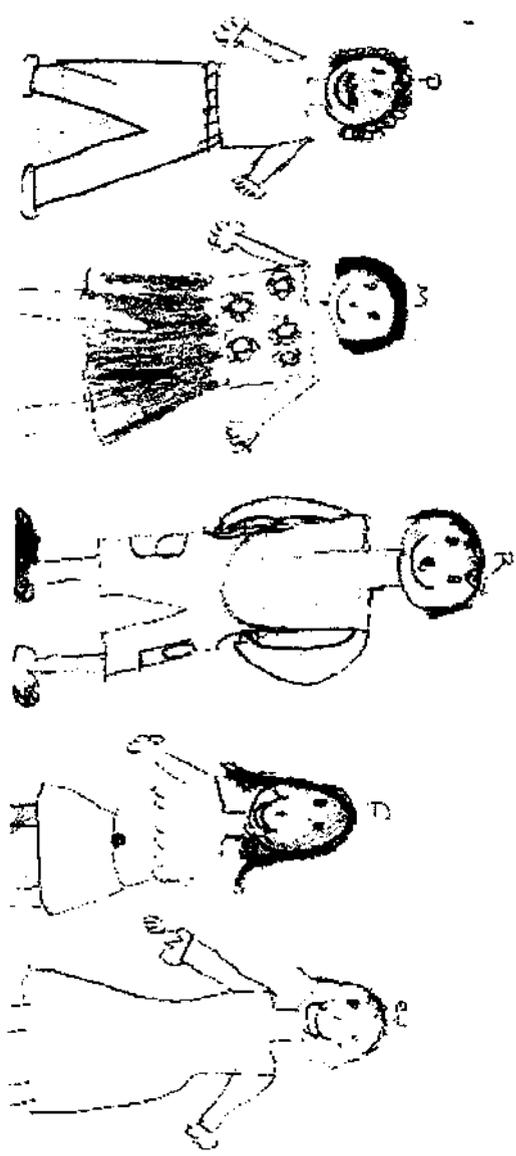
2º DFE  
24/02/97  
"B" - Caso II



3° DFE  
03/03/97  
"B" - Caso II



4º DFE  
03/03/97  
"G" - Caso II



## CASO III AVÔ MATERNO

### *Dados da entrevista*

D – 66 anos

Escolaridade: Superior completo – Ciências Jurídicas e Sociais

Ocupação atual: Aposentado como Promotor Público

Descendência: Italiano e talvez gregos ou árabes.

“Tenho a impressão que meu pai gostaria que eu fosse Advogado. Cheguei a dar aula. Parei porque tive infarto. Fiquei hospitalizado muito tempo. Tinha quase 50 anos. Eu calculava o tempo de vida entre 65 e 70 anos. Pensava em problema cardíaco. Meu pai teve, meu avô também. As causas foram alimentação, gordura. A D grávida e era solteira...”

1- Fale sobre você

R- Acho que sou dedicado ao que faço, acho que sou controlado. Não sou explosivo. É raro quando explodo. Acho que não seja rigoroso em moralismo, aceito como vem, sou mais aberto aos fatos. Sou místico, aceito todas as religiões.

2- Fale sobre sua mãe

R- Era rígida, pensa como pensavam os pais dela. Criança não ouvia, não participava da conversa dos outros. Era explosiva. Sou filho único.

3- Fale sobre o pai

R- Era mais liberal, às vezes era explosivo. Fizeram força para que eu fizesse Direito. Meu pai era sapateiro, minha mãe tinha mais formação rural. Acho que atingi o ideal. Meu pai tinha fases boas e ruins. Faleceu quando eu tinha 33 anos. Casei logo que formei.

4- Expressões dos pais sobre a vida

R- Mãe – Ela reclamava das condições financeiras.

Pai – Reclamava muito de serviço, de falta de serviço. Tinha altos e baixos financeiros.

5- Elogios e críticas recebidos dos pais

R- Mãe – Elogiava talvez pelo estudo e comportamento. Eu era quietinho, meio limitado. Não me lembro de críticas.

Pai – Meu pai gostava que exibisse os conhecimentos que tinha. Não criticava, orientava.

6- Reações dos pais quando estavam aborrecidos

R- Mãe – Fechava a cara. Eu me escondia, tinha medo.

Pai – Ele xingava muito genericamente, falava palavrões. Acho que era um comportamento napolitano. Eu ficava quieto, ficava sentido se alguém me xingasse.

7- Conselhos recebidos dos pais

R- Mãe – Sugeriu sempre estudar.

Pai – Para estudar. Eu queria ser professor. Dizia: “Professor vai ser empregado do Governo”. Eu queria ser rei, estava ligado às histórias.

8- História infantil predileta

R- Gostei muito do Monteiro Lobato na Histórias para Crianças. Gostava do Dartanhan, O príncipe valente, Rei Artur. O que mais gostava era da independência do Dartanhan, era mais livre. Os outros tinham segredos que prendiam. Gostava de detetives cerebrais: Sherlock Holmes. Gostava da investigação.

9- Punições recebidas

R- Mais repreensão, mais verbal. Ficava amuado até passar, ficava ofendido.

10- Apelidos

R- Niro, Negro – era um modo carinhoso. Pio, por causa do Papa. Não sei porque.

#### 11- Sobre a escola e infância

R- Meu aproveitamento era bom. Era uma escola rígida, não gostei. Havia muita injustiça na rigidez. Não gostava de festinha, de cantar e dançar, gostava de cantar, mas acho que houve uma gozação e não consegui mais cantar. Dançar não foi hábito em casa.

#### 12- Expectativas dos pais

R- Atingi a expectativa de todos os dois. Minha mãe é muito fechada. Eu esperava um grau a mais na carreira. Não sei por que motivo fiquei preso nesta cidade. Em termos de profissão era isto que eu queria. Me considero perfeccionista. A qualidade de vida hoje é melhor. Antes eu sentia o peso da responsabilidade.

Com relação à carnaval , um fato que afastou foi que a professora recomendar que não fosse porque aquilo era festa do diabo.

#### 13- Atitudes, pensamentos e sentimentos não revelados na infância

R- Queria resolver os problemas da família. Queria estudar para passar e ajudar a família.

#### 14- Crenças sobre a vida na infância

R- Aceitava o que me diziam , como orientação sobre estudar, aprender e progredir.

#### 15- Crenças sobre a vida na adolescência

R- Acreditava na força de vontade, na minha.

#### 16- Crenças sobre a vida atual

R- Acho complexa ou a gente complica. Acredito que as pessoas têm sua iniciativa, mas tem o destino e a sorte.

#### 17- Auto – imagem – Aspectos positivos e negativos

R- Me esforço para conseguir as coisas. Acabo mais conseguindo do que não conseguindo. Tenho medo de muitas coisas: de não conseguir, de não fazer, de desagradar (isto é antigo), cria indecisão.

18- Pensamentos sobre perda do juízo

R- Não pensei. Tive a sensação de morte quando eu tive o infarto. Antes da cirurgia senti que estava morrendo, marcou bastante.

19- Desejos sobre a morte de alguém

R- Acredito que já pensei, pessoas que eventualmente desagradassem.

20- Pensamentos suicidas

R- Atualmente posso dizer que sei como posso me suicidar. Sei como. Não penso em fazer. O que me dão nas mãos dá para fazer. Sei que alquilo pode causar a morte. Tomo muitos remédios, que dependendo de como forem tomados podem matar.

21- Reações diante de atitudes contrárias do outro

R- Às vezes argumento, às vezes concordo. Depende da minha disposição, depende do que considero, da razão da outra pessoa.

22- Sentido da vida

R- Acho que às vezes a vida tem finalidade. Quando começa a depressão penso que algo poderia dar certo.

23- Expectativas de vida

R- Não tenho uma idéia muito fixa, por causa dessas alterações que podem dar problema cardíaco. Às vezes sou obrigado a deitar. Não posso fazer esforço físico. Tenho uma limitação muito grande. Frequento médico de seis em seis meses.

24- Epitáfio

R- Nunca pensei. Poderia ser "Adeus". Penso na cremação. O que os outros escreveriam nunca me ocorreu.

25- Sentimentos desconfortáveis e circunstâncias relacionadas

R- Tristeza mais raiva. Mais a tristeza. A tristeza sempre apareceu quando não conseguia algo ou tinha um obstáculo intransponível.

26- Como gostaria que os pais fossem diferentes

R- Mãe – Ela e meu pai tinham muito atrito. Gostaria que não tivessem. Ela desconfiava dele. Ele às vezes tinha um comportamento verbal desbocado.

27- O que mudaria em sua vida e/ou família

R- Coisas mais recentes referente talvez ao infarto, à uma promoção na carreira antes do que aconteceu. Revisão do modo que conduzi a carreira num determinado período. Talvez eu tivesse tentado antes. As filhas terem melhor êxito nas atividades delas e mais êxito sentimental.

28- O que mais quer na vida

R- Pessoalmente conseguir o que poderia. Que minhas filhas conseguissem o êxito que consegui. Minha esposa fez curso de Direito. Eu incentivei ela a fazer.

29- Sobre o casamento

R- O que me atraiu nela foi o tipo físico, sorridente, agradável na conversa.

30- Sobre os filhos

R- A N. é mais no meio termo. Estudiosa, gosta de leitura, sempre levou a sério. Adquiriu costumes do ex-marido.

D. é mais agressiva, tem facilidade em aprender, mas não quis continuar os estudos.

X. é aparenta docilidade, é estudiosa. Prestou vestibular em Química. Fez Publicidade e Jornalismo.

### ***DF-Es***

1° DF-E – Uma família qualquer

Pensando em pai e filhos saindo de casa talvez a passeio, num dia de festa, local público. Cada um estava sentindo, gostando do ambiente. Dá impressão que o garoto tá mais a frente e a mãe logo atrás, o pai um pouco mais atrás da mãe, dando uma idéia de proteção, cavalheirismo, acompanhamento.

O menino tá na frente por causa do passo mais rápido, quer ver outras coisas que os grandes não estão vendo. Depois deste passeio eles retornam para casa.

Inquérito: O que esta família tem de positivo e negativo?

De positivo tem um sentido harmonioso, sair, passear. De negativo, coloquei o pai e a mãe muito distantes, pode significar um desentendimento momentâneo. O menino parece com cara de bravo, talvez não esteja gostando de alguma coisa, os pais estão sorridentes.

O que os pais fazem?

R- O pai é comerciante e a mãe é dona de casa. O garoto tem mais ou menos 10 ou 12 anos. Estuda mais ou menos na 8ª série.

Título: "Um passeio"

Corresponde a um fato que ocorreu comigo. Seria o retorno de um passeio, as pessoas estão mais cansadas, o menino achando que estão muito devagar.

## 2º DF-E – Uma família ideal

Outro passeio. Estão de mãos dadas, o garoto no meio, estão com uma roupa mais sofisticada para festa, casamento. Estão satisfeitos. O pai está de gravata, de terno, o menino mais arrumadinho. A mãe de vestido de festa, sapato de salto.

Inquérito: Porque esta família é ideal?

R- Essa era a minha família, o que acontecia comigo. Era de um modo geral um ambiente agradável, esta não está atritando.

Qual o lema desta família?

R- União de família, família unida.

Título: "Família numa festa"

3° DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem

O pai está doente grave. A mãe está com alguma coisa na mão que deve ser medicamento e o filho está no pé da cama preocupado.

Não consegui desenhar a cabeça do pai que correspondesse como eu queria. É fato real. Meu pai ficou doente, teve infarto. É uma tradição de família.

Inquérito: Como termina esta história?

R- O pai faleceu quinze dias depois. O filho ficou bastante chocado, triste, teve que assumir uma série de coisas que eram atribuições de pai. O filho tinha uns trinta e poucos anos e o pai sessenta e um.

Não havia chance do pai se curar. O filho morava longe e quis levar o pai para onde morava e o médico não permitiu porque não ia agüentar a viagem. A mãe ficou bastante sentida se sentiu desamparada e foi morar com o filho.

Título: “A morte de meu pai”

4° DF-E – Sua própria família

É a minha. São as pessoas que com mais freqüência se reúnem em casa. Este quadro se refere a almoço numa época recente. Estão presentes as filhas, os netos, minha mãe, o casal, e o Netinho, o motorista. A mesa não comporta tanta gente e ficam todos amontoados. Na mesa estão os alimentos com mais capricho, refrigerante, bebida, cerveja, vinho. Estão na sala de refeições onde tem um freezer, um armário com louças, copos, utensílios que são usados. Num dos cantos existe uma fruteira, no outro canto um suporte com forno microondas, telefone, e um carinho de bebidas. Eu não bebo, mas o que tem de bebidas é que eu ganho.

Inquérito: O que esta família tem de positivo e negativo?

R- Tem um sentimento de união. Normalmente quando há um feriado maior, todos se reúnem. Ultimamente temos transferido isso para um restaurante. O que tem de

negativo é que às vezes cada um tem um estado de sentir negativamente os fatos em geral. Não é contínuo, é eventual. Este quadro é mais estável.

Qual o lema desta família?

R- União.

Esta família precisa de algo?

R- Talvez os mais novos precisam se firmar na vida profissional. Estão enfrentando dificuldades normais de cada atividade. Cada um a seu modo tentando melhorar.

Título: "Uma família feliz"

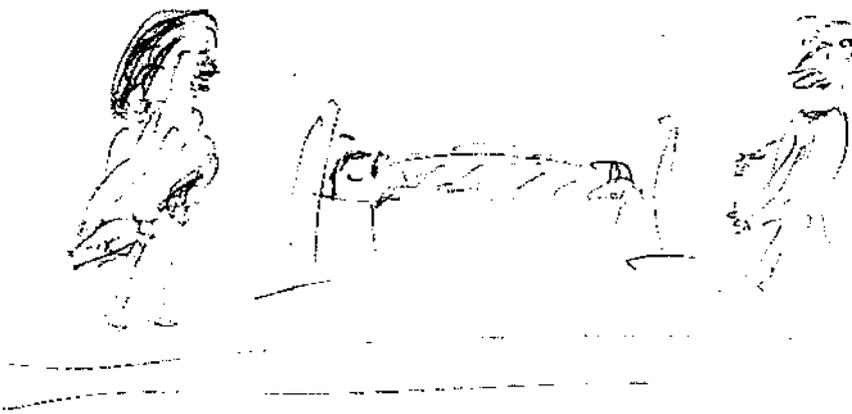
1º DFE  
17/02/96  
"D" - Caso III



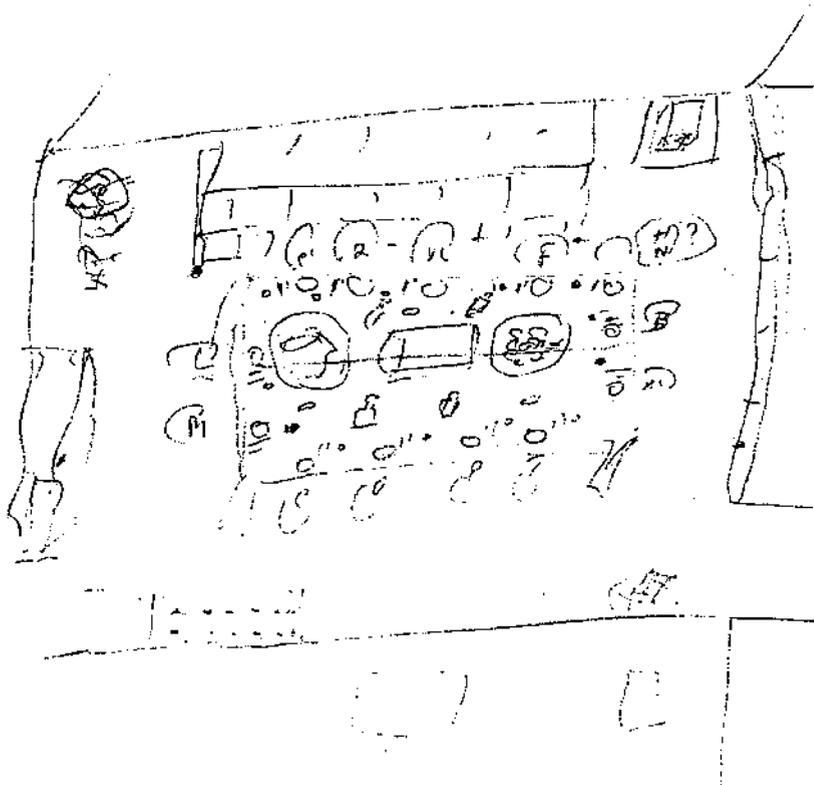
2º DFE  
17/02/97  
"D" - Caso III



3º DFE  
17/02/97  
"D" - Caso III



4° DFE  
19/02/97  
"D" - Caso III



## AVÓ MATERNA

### *Dados da entrevista*

P – 67 anos

Escolaridade: Superior completo- Ciências Jurídicas e Sociais

Ocupação atual: Aposentada como Professora Primária

Descendência: Português e suíço

### 1- Fale sobre você

R- É meio complicado. Dizem que sou explosiva. Na hora da explosão é só aquele momento. Acho que sou paciente, tensa preocupada com os filhos, netos e maridos. Estou passando uma fase de tensão pela sogra estar doente, sobra tudo para mim. Sou muito agitada. Quando falo, converso bastante. Só quando estou apreensiva fico impertinente. Sempre gostei de passear, trabalhar, dar aula. Não escolhi a profissão, mas me dei bem como professora. Sou perfeccionista, bem correta. Sou um pouco exigente nas coisas que eu faço.

### 2- Fale sobre sua mãe

R- Ela era legal, alegre. Sempre se deu bem com meu pai. Ele era mais enérgico. Nunca foi ruim. De bom coração. Eram quatro mulheres e um homem. Meu pai era Funcionário Público Federal, minha mãe costureira.

### 3- Expressões dos pais a respeito da vida

R- Eles conversavam entre eles. Meu pai era nervoso. Baile tinha que ir sem ele saber. Tinha que pedir permissão à mãe. Não tinha muito diálogo. Conversavam mais com as irmãs mais velhas.

4- Elogios e críticas recebidos dos pais

R- Mãe – Não me lembro. Agradava, tinha carinho. Críticas não tinha.

Pai – Eu sempre gostei de cantar. Ele tocava violão. Ele elogiou quando eu cantei.

5- Reações dos pais quando aborrecidos

R- Mãe – Ficava quieta, calada.

Pai – Ele ficava sério.

6- Conselhos recebidos dos pais

R- Mãe – Eram conselhos bons, todos bons. Ensinava a fazermos coisas boas. Gostava de costurar, aprendi com ela.

Pai – Não lembro.

7- Punições recebidas

R- Castigo não havia, não apanhava.

8- Expectativas dos pais

R- Mãe – Queria que eu estudasse.

Pai – Não manifestava. Eu fiz o Normal e acho que gostaram. Minha mãe era muito comunicativa. Os dois iriam concordar com o que fiz. A família do meu marido era conhecida da família do meu pai. Eu fiz Faculdade de Direito, nunca tive problema na faculdade. Não exerci porque não podia trabalhar junto com o marido que era Promotor.

9- Sentimentos, pensamentos e atitudes não revelados na infância

R- Eu era mais inibida. Com as colegas eu conversava.

10- Crenças sobre a vida na infância

R- Tempo de guerra, quando eu estava entrando no grupo. Tinha filas para conseguir alimento. Ia levando... Sempre tive facilidade em aceitar. Me conformava com as coisas.

11- Crenças sobre a vida na adolescência

R- Acreditava que a vida era boa. Tinha sonhos simples e consegui todos eles.

12- Crenças sobre a vida atual

R- Estou desiludida. Tanta coisa errada. A começar dos mandantes. Tive muita facilidade na vida. A N. e a D. tiveram muita dificuldade para começar. Não posso me queixar da vida. Eu achava que com minhas filhas ia acontecer o mesmo. Elas foram estudiosas. A N. lê tudo. A X. até que não. Tenho pessimismo com um pouco de esperança.

13-Auto – imagem – Aspectos positivos e negativos

R- Gosto quando estou alegre e feliz. Não gosto quando fico irritada e cansada. Não precisa muito para eu ficar irritada.

14-História infantil predileta

R- Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho. A que mais gostava era a Branca de Neve porque era boa, era órfã e pela qualidade dela.

15-Reações diante de atitudes contrárias do outro

R- Depende da situação, às vezes eu concordo ou discordo, ou faço de conta que concordo.

16- Sentido da vida

R- Tem sentido essa vivência nossa. Nascer, crescer, vencer os obstáculos. Só casar e ter filhos não. Ir mais além, procurar viver a vida, alcançar os ideais. Não sei dizer. Procuro viver bem, aqui é uma passagem para ter a recompensa divina.

17-Pensamentos sobre a própria morte

R- Não imaginei. Acho que para viver até 91, 100 anos com a sogra é difícil.

18-Epitáfio

R- Nunca pensei. Não sei o que os outros escreveriam.

19- Sintomas físicos

R- Gastrite. Há dois anos tive rompimento de úlcera bacteriana. Já tive duas hemorragias gástricas, a primeira há mais de vinte anos. Quando fico contrariada aperta o estômago.

Há um ano atrás tive outra hemorragia. Sempre tive problema de estômago desde criança. Sentia enjôo.

20- Sentimentos desconfortáveis e circunstâncias relacionadas

R- Sou muito tensa, tenho preocupação com o futuro dos filhos. Sempre fui assim. Às vezes sem motivo aparente. De manhã quando penso nos afazeres, nas coisas que gostaria que fossem de um jeito, fico preocupada, mais agitada.

21- Como gostaria que os pais fossem diferentes

R- Mãe – Sempre achei minha mãe perfeita.

Pai – O mesmo.

22- O que mudaria na vida e/ou família

R- Trazia a N. mais perto, não precisaria se separar do marido. O marido da N. é imaturo e o da X. tinha uns problemas.

23- Sobre o casamento

R- Casei e morei com a sogra. Ela tem mania de doença. Namorei dois anos. Ele é uma pessoa carinhosa, atencioso com todas as pessoas, batalhador. É uma pessoa completa. Era muito bonito. É o contrário de mim, não é agitado, é mais tranqüilo.

24- Sobre os filhos

R- Achava que elas tinham o direito de escolher. Sempre procurei dar uma boa formação. A gente quis que estudasse. A N. é exigente a ponto de tirar a segunda nota e não querer voltar para a escola. É perfeccionista igual à mãe. Eu dizia: “Não queiram ser professora, é mal recompensada e mal reconhecida”. Trato meus filhos do mesmo jeito. A D. tem gênio forte, é mais eu, mais tensa. A N. é mais o pai, mais tranqüila. A X. era alegre, muito agitada, ansiosa como eu. São muito unidas desde criança. Minha casa está sempre com gente.

## *DF-Es*

### 1° DF-E – Uma família qualquer

Essa história é real. É um casal. Eles são primos irmãos, tanto é que o marido teve problema de saúde, sendo superado. As duas filhas mais velhas devido ao relacionamento primos irmãos, nasceram cegas, a primeira e a segunda tinha um olho recuperado, mas numa cirurgia de vista ficou completamente cega. As outras foram normais. O rapaz meio sem juízo, mas boa gente.

Nesta família só teve uma filha casada e o filho também. Com o tempo o pai faleceu de câncer e a mãe ficou tomando conta dos filhos. Os filhos eram moços.

Alguns anos depois a terceira filha que era boa, adoeceu de câncer e era ela que tomava conta da mãe e irmãs, e veio a falecer. Complicou porque a mãe faleceu e as duas irmãs ficaram sozinhas na casa. Elas têm assistência principalmente da irmã casada e do irmão. São moças úteis. A mais velha gosta de fazer bolo, doce, fazem serviço com perfeição. A mais velha é muito vaidosa, gosta de passear. Quando sai a outra é obrigada a sair. Agora a família gira em torno delas. Apesar da dificuldade conseguem vencer. Sempre têm pessoas que são amigos.

Inquérito: O que tem de positivo nesta família?

R- A luta, eram trabalhadores, conseguiram vencer as dificuldades.

O que tem de negativo?

R- A pessoa que está doente, reclama. O pai tinha problema de sífilis e cegueira.

Título: "A família"

### 2° DF-E – Uma família ideal

É ideal porque tem alegria no rosto e está sempre contente, feliz, mesmo com os menores problemas, conseguem resolver tudo, são unidos. Um pelo outro, colaboradores entre si.

Inquérito: O que fazem os pais?

R- O pai é Promotor. A mãe é Advogada, uma profissão que combina com a dele.

Qual o lema desta família?

R- Juntos, unidos, venceremos. Os filhos, tem um rapaz de 18 e uma menina de 14 anos. O pai tem condições de educar os filhos.

Título: "Família ideal"

3° DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem

É um casal e a mãe de um deles. Estão no médico porque a senhora levou um tombo e se machucou, ela ficou muito assustada pelo tombo que levou, e a filha e o genro levaram ela ao médico, para fazer um exame a fim de ver o que tinha acontecido com ela. Ela estava muito deprimida. Já não andava se sentindo bem, e achava que devia ter algo mais grave, a razão pela qual foi ao médico. Sentiu uma tontura, levou um tombo e todo mundo ficou preocupado com a situação.

Inquérito: O aconteceu depois?

R- Sentia umas coisinhas, mas não era nada grave. Tinha problemas de pressão, dava tonturas. Quanto ao tombo não houve fratura. Estava muito deprimida devido à idade. Com isso deixava a família preocupada. Não dava sossego. Quando viu que era um mal natural, que tinha recursos, se sentiu mais aliviada.

Título: "Final feliz"

4° DF-E – Sua própria família

Estão reunidos para comemorar o aniversário da bisavó, uma velhinha de 91 anos. Todos estão alegres, felizes, contentes e ela mais feliz.

Inquérito: O que esta família tem de positivo?

R- É muito unida, todos colaboradores uns com os outros. Existe muito amor, muita amizade. Compreensivos, alegres, festeiros também. E cada um sabe cumprir com seu dever de acordo com suas necessidades, profissões e estudos. São sinceros.

O que esta família tem de negativo?

R- O elo que liga os filhos e os pais. Faltam os maridos, mas não dá para consertar. Embora tenham contato, não estão eternamente juntos. Deixam a desejar.

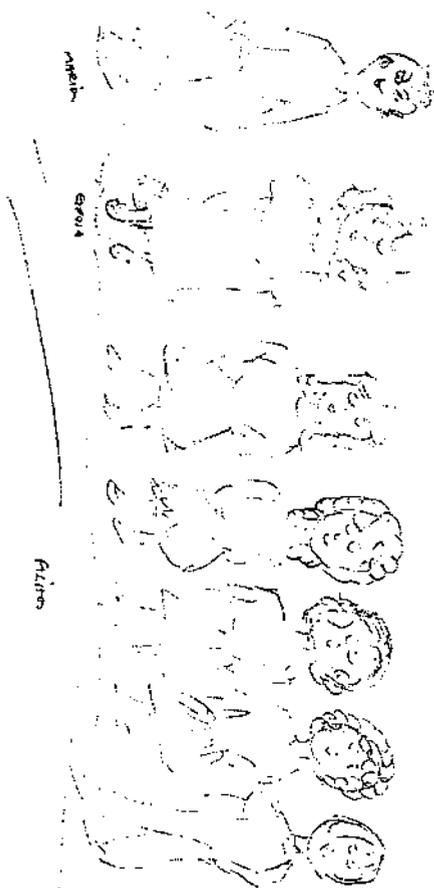
Qual o lema desta família?

R- Luta, trabalhar para vencer. Amor ao próximo, à Deus.

Quando tem que resolver, todos se reúnem para dar opinião. A bisavó entra no meio da tomada de decisões. As filhas procuram muito o pai para resolver certas situações, esclarecimentos. Pedem muita opinião. Todas elas. O pai com a mãe também. Quando têm algo para fazer, trocam idéias se vale a pena ou não. Há uma independência, mas há outro lado para trocar idéias. Procuram sempre fazer o melhor que podem de acordo com a era em que vivemos.

Título: "Feliz Aniversário"

I° DFE  
18/02/97  
"P" - Caso III



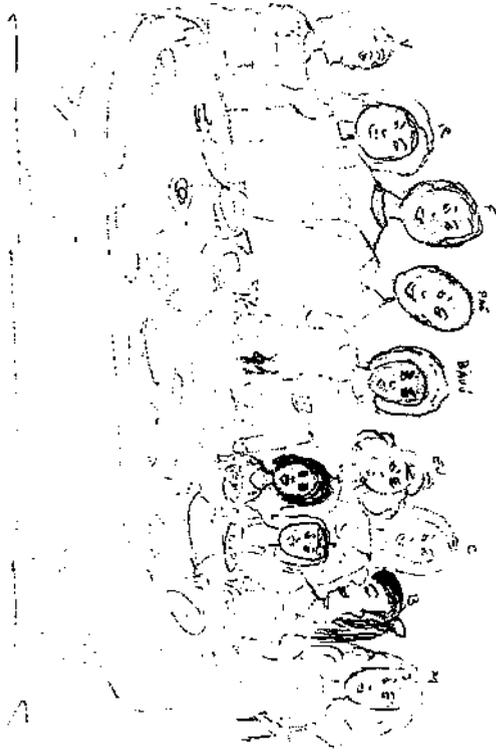
2º DFE  
18/02/96  
"P" - Caso III



3° DFE  
19/02/97  
"P" - Caso III



4º DFE  
19/02/97  
"P" - Caso III



## 1ª FILHA – “N”

### *Dados da entrevista*

N - Sexo feminino – 41 anos

Escolaridade: Superior completo - Psicologia

Ocupação atual: Psicóloga

#### 1- Fale sobre você

R- Não sei, é difícil. Não gosto de me envolver em confusões. Sou mais retraída. Não entro em discussão, eu me calo. Sou mais na minha. Minha mãe diz que sou desligada. Tenho um lado para deprimido e outro que acordo de manhã e faço isso, isso. Tenho que parar e me organizar. Depois que me separei melhorou muito a maneira de lidar com as pessoas. Fiz análise por mais de dez anos. Me senti mais segura e mais tranqüila. Não transformo o fantasma numa coisa maior. Quando me separei tive que passar por cima do medo. Minhas filhas dizem que sou brava. Meus clientes não acham. São crianças. Fiz um curso para trabalhar com gestantes e não vingou. Apareceram crianças, e trabalho com crianças. Sigo a Psicanálise, Melanie Klein e Winnicott.

#### 2- Fale sobre sua mãe

R- Eu reclamava porque achava que ela não dava atenção. Ela dava aula e fazia faculdade à noite. Acho que era legal, me ensinou a ler e escrever. A adolescência foi difícil. Ela é muito exigente, tem que cuidar da casa direitinho. Quando vai na minha casa, critica. Gosta de fazer tudo igual para todo mundo. Somos em três irmãs. Isso me incomodava um pouco, não achava que tinha que ser igual. Não me lembro dela na infância.

#### 3- Fale sobre seu pai

R- Ele também trabalhava muito. Eu me lembro mais brincando com ele do que com ela. Ele muito preocupado com a gente. Pensou, quer logo satisfazer seus desejos. Ele é

muito puxado para o lado intelectual. Eu também lia muito romance, queria saber de todos os assuntos. Minha mãe é mais dia a dia. Bordava. Eu não sei fazer nada disso. Eu gostava de ler.

#### 4- Outras pessoas que conviveram com a família

R- Minha avó paterna. Quando meu avô morreu eu tinha nove anos. Tinha uma ligação muito grande comigo. Vivia doente, agora não. Tem noventa anos. Não podia comer de tudo. Era muito italiana. Neta de italianos. Muito submissa. Sempre esperava as pessoas dizerem o que tinha que fazer. Ela me ensinava crochê, tricô, costurar para boneca.

#### 5- Expressões dos pais sobre a vida

R- Mãe - (Risos). Isso é difícil.

Pai – Incógnita. Quando eu era criança, e na adolescência, eu não sabia o que ele pensava. Mais tarde eu vim a saber que ele buzinava no ouvido da minha mãe e ela é quem atuava. Ele nunca levantava a voz. Achava ele o máximo.

#### 6- Elogios e críticas recebidos dos pais

R- Mãe - Cê tá querendo tirar uma coisa difícil de lembrar. Ela gostava de me mostrar para as pessoas. Tirou nota tal, mais em função da escola. Eu era uma aluna “cdf”. Eu era muito bagunceira, desorganizada, critica até hoje para eu não ser como ela. Eu escolhia uma roupa e bagunçava. Hoje ela me elogia para minhas filhas, que eu arrumava minhas coisas, meu armário. Só quando cresci.

Pai – Meu pai não é muito de externar. Talvez através de um presente, recorte de jornal, que era meu interesse. Não mostra sentimento, é muito fechado. Eu achava que ele criticava de outra maneira. Eu achava que ele mostrava que ele era mais sábio. Eu dizia algo e ele dizia algo melhor ainda. Ele sabia mais. Eu competia.

#### 7- Reações dos pais quando estavam aborrecidos

R- Mãe – Ela brigava muito. Na adolescência, ela começava a cantar de raiva. Eu tinha medo, ficava meio quieta, tentava não contrariar.

Pai – Ele não falava, não brincava, ficava mais quieto. Eu não fazia nada para ajudar.

#### 8- Conselhos recebidos dos pais

R- Mãe – “Cuidado para não se machucar! Cuidado com os garotos! Juízo!”

Pai – Tinha muito o sentido de ajudar, não parar. Vim para cá com 11 anos. Saí de casa com 19 anos. Eu quis ir para o Rio. Ele não disse não. Valorizava o estudo.

#### 9- Punições recebidas

R- Eu ficava de castigo, era horrível. Quando tinha 5 anos tinha que sentar numa cadeira sem sair. Quando fiquei mais velha diminuiu.

#### 10- Expectativas dos pais

R- Mãe – Não falava.

Pai – Queria que eu fosse Advogada porque ele fez Direito e foi Promotor. Ficou chateado por ninguém ter seguido. Estou longe de ter atendido às expectativas. Eles queriam uma pessoa bem sucedida em tudo e eu não me considero. Casamento desfeito, profissão... A única coisa foi ter um monte de filhos.

#### 11- Sentimentos, pensamentos e atitudes não revelados na infância

R- Eu era muito medrosa na infância. Tinha medo de barata, chuva, trovoadas. Eu fazia escândalo.

#### 12- Crenças sobre a vida na infância

R- A vida era meu pai, mãe e a família. Não pensava muito não. Sonhos só com Roberto Carlos.

#### 13- Crenças sobre a vida na adolescência

R- Sonhava muito. Queria ser bem sucedida, independente, sair de casa, ir fazer faculdade no Rio. Eu me transformei. Era uma menina muito caipira. Era ingênua, e sair me ajudou. Foi difícil viver longe de casa, me adaptar, tudo diferente. Enfrentar preconceitos por ser do interior.

#### 14- Crenças sobre a vida atual

R- Uma surpresa. A gente faz tantos planos e sai tão diferente... Meu casamento..., eu não me casei para separar. Durou 10 anos. Casei com 24 anos. Não sei o que meu atraiu. Acho que foi um ato descabelado. Foi uma aventura. Quando o compromisso de filhos veio, a coisa piorou. Sou separada há quase 7 anos.

#### 15- Auto – imagem – Aspectos positivos e negativos

R- Gosto da minha disponibilidade de ouvir as pessoas. De estar e cuidar das crianças. De saber lidar com elas. Achava que não ia conseguir, não tinha muita segurança. Acho que não podia ser diferente, tenho jogo de cintura. O que não gosto é uma certa ansiedade em fazer coisas, remoer. Não consigo lidar com isso. Antecipar acontecimentos, coisas ruins. Tenho um peso maior.

#### 16- Histórias infantis prediletas

R- Todas. Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho. Tinha medo do lobo mau. Gostei mais da Bela Adormecida, eu tinha 5 anos de idade. Gostava mais das fadas. Conseguiram fazer as coisas, eram poderosas.

#### 17- Pensamentos sobre perda do juízo

R- Sim, já pensei. Tive problemas sérios e fiquei pensando que podia perder o juízo.

#### 18- Desejos homicidas

R- Não me lembro.

#### 19- Sentido da vida

R- Às vezes em momentos de depressão penso que a vida não tem finalidade. Na adolescência queria apagar tudo e fazer tudo de novo. Às vezes eu penso que não era bem isso o que eu queria. Me preocupo.

#### 20- Expectativas futuras

R- Espero não estar pior, acho que não vai estar muito diferente. Trabalho, filhos...

#### 21- Reações diante de atitudes contrárias do outro

R- Depende de quem discordar e como for. Se for civilizada eu argumento. Se for impositiva, não concordo, mas não me manifesto. Tenho dificuldade em lidar com pessoas que não conseguem ouvir. Com minha mãe não argumento, ela tem crises. Meu pai se melindra.

#### 22- Pensamentos sobre a própria morte

R- Sempre penso que não quero morrer de acidente. Acho que vou ter uma sobrevida grande. As mulheres vivem bastante. As mulheres são mais fortes.

#### 23- Epitáfio

R- Não ligo pra isso. Seria indiferente.

#### 24- Sintomas físicos

R- Garganta. Fico rouca quando estou nervosa. Tenho problema na tireóide. Aparece quando fico mais irritada. Me cansa falar. Tenho uma fantasia, medo de ter um câncer na garganta. De vez em quando imagino.

#### 25- Sentimentos desconfortáveis e circunstâncias relacionadas

R- Tristeza reprimida. Tenho desde pequena. Não me sinto às vezes bem, junto de outras pessoas. Não sei dizer. É cíclica.

#### 26- Como gostaria que seus pais fossem diferentes

R- Mãe – É superlegal. Que ela parasse mais para ouvir, estar junto. É muito complicado trocar idéia com ela. Ser participativa, não invasiva.

Pai – Tá bom do jeito que está.

#### 27- O que mudaria na vida e/ou família

R- O que me chateia é casar e não ter dado certo. Se eu tivesse o poder de ter um casamento mais sólido... A gente se conheceu muito novo, com 17 anos. Durou 15 anos. A coisa funcionava bem no início. Ele queria continuar brincando. Ele chegou à conclusão que não tinha nascido para casar e ter filho. Meio incosequente. Ter que tomar conta de mim, das crianças e dele...

## 28- O que mais quer na vida

R- Tranquilidade, não ter que ficar pensando sempre no dia de amanhã, na parte financeira.

## 29- Sobre os filhos

R- A C. tem 13 anos. Tudo o que eu falo, questiona. Era companheira. Está birrenta. Era boazinha. Igual ao pai, mais bagunceira e mais malvista. Tive um menino que morreu com 9 meses de gravidez. A Q. tem 8 anos. Quando ela tinha 8 meses eu engravidei. É mais agarrada comigo, mais organizada, delicada. Tem gênio difícil, é brava. A U. tem 6 anos. Tive problemas no parto com o anestésico. Fiquei em coma. É independente, agarrada comigo, mais desorganizada, bagunçada. A culpa é minha. É voluntariosa. O pai não é bem visto, e a C. puxou o pai. Quando houve a separação a C. tinha de 7 para 8 anos.

## *DF-Es*

### 1° DF-E – Uma família qualquer

Esta família é um auto-retrato. É uma família que mora longe daqui e da família. Os outros estão longe. Atualmente tem uma certa organização, equilíbrio, acho que estão até satisfeitas. Às vezes tem umas briguinhas. De um modo geral é muito unida e dependentes umas das outras.

A mãe trabalha fora, às vezes fica longe o dia todo. As crianças reclamam e a mãe também não gosta. Tem uma empregada super legal que quando a mãe não está em casa, assume o posto. É vista pela mãe como mãe também. Quando estão doentes, faz chá.

Falta um pai e não sei se é coisa bem resolvida. Existe um pai, mas é muito distante. Uma visita. Vem e vai a hora que quer. Não participa por esse núcleo de família.

Gostam de passear, fazer compras no shopping, ir à praia. O passeio sagrado todo final de semana é passear no Campo de São Bento.

Têm uns amigos, de vez em quando saem. Têm uma amiga mais íntima que as crianças chamam de tia. Têm uma ligação grande.

As crianças já estão mais independentes, cuidam das próprias coisas. Até há pouco tempo não era assim. Nessa situação estão passeando em algum lugar.

Inquérito: O que tem de positivo nesta família?

R- União.

O que tem de negativo?

R- União cria dependência. Existe necessidade de sair, e a necessidade de estar sempre junto atrapalha.

Título: "Mulheres"

## 2° DF-E – Uma família ideal

Sonho que eu tinha: marido, mulher, menino, menina. Não sei nem como colocar. Para ela tudo dá certo, não deve ter problemas, todos se dão bem. As crianças são saudáveis, felizes, os pais se dão bem. Saem juntos para passear. Tem programas que incluem outros membros da família.

Deve ter um momento que os pais devem ter sua intimidade e as crianças ficarem com outras pessoas. Com certeza seriam todos jovens. (Riso...) Nunca chegariam aos 40 anos. Não teriam problemas com outros familiares, nem problema financeiro.

Inquérito: O que fazem os pais?

R- O pai tem cara esportiva. Deve ser profissional liberal. A mãe é Psicóloga ou Pediatra. A idade dos filhos é em torno de 7 ou 8 anos. O menino é mais velho. Me lembrou Sandy e Junior.

O que esta família tem de positivo?

R- Devem ter respeito uns pelos outros, unidos. Devem também dar o distanciamento para cada um ser cada um.

O que esta família tem de negativo?

R- Não tem. Ou talvez, o "ser ideal".

Título: "Uma família feliz"

### 3° DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem

Nenhum dos três estão bem. A criança sofreu um acidente e está com a perna engessada. Pai e mãe não se entendem. O pai tá bravo com o filho porque pegou um skate e se machucou e tá zangado com a mãe porque ela protege o filho.

A mãe zangada com o pai porque acha que o filho sofreu um acidente e precisa de atenção. O pai é muito radical com a criança.

Inquérito: Como se sente o filho?

R- Sofre, sente dor, está aborrecido, culpa porque os pais brigam por causa dele e pode até sentir raiva.

Do que precisa esta família?

R- Precisa cada um olhar para o outro e menos para o que cada um pensa. Não ser impositivo e radical.

O que vai acontecer?

R- Os pais vão ficar uns dias sem falar, depois voltam. O pai vai punir o filho e a mãe não vai concordar.

Título: “Drama do skate”

### 4° DF-E – Sua própria família

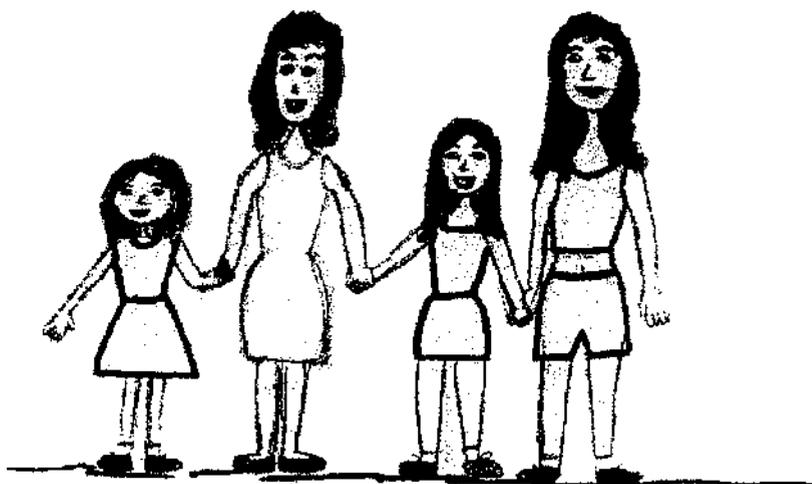
Tá todo mundo de férias, passeando, período bom, sem conflitos, as crianças se divertem, descansam, a turma está com saudades da escola, querendo voltar e retomar a escola.

Em casa a coisa é um pouco diferente, não é férias, acontecem mais conflitos, pirracinha para escovar o dente, lavar a cabeça, a mão não gosta disso, quer ter filhos grandes, não neném.

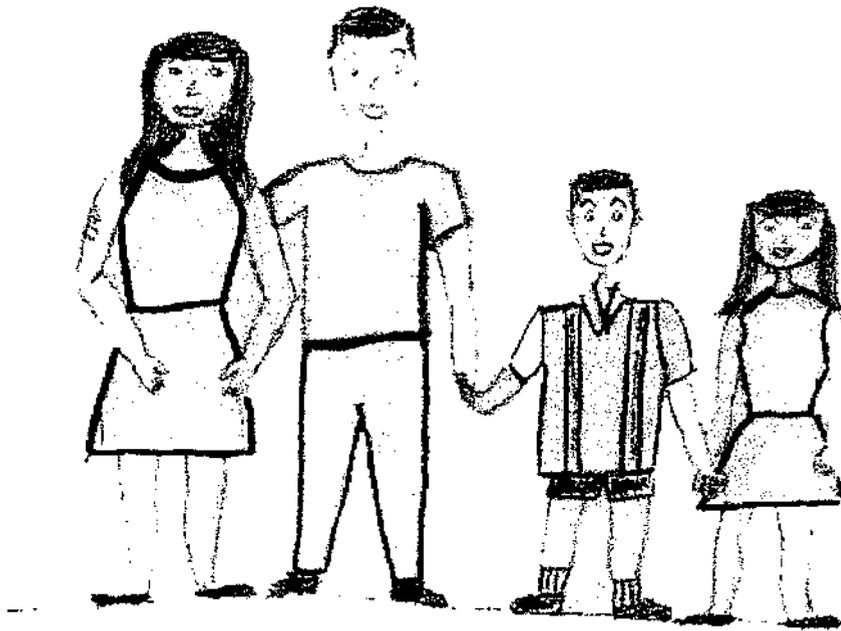
Eu espero que elas cresçam rápido, tenham mais iniciativa. As duas menores vão dar muito trabalho como adolescentes. A C. é tão criança, é grande só no tamanho. A U. tem jeito para dançar. A C. gosta de matemática e da área técnica. A Q. quer ser Veterinária. Ama bicho, gosta de animal. A gente unida, é sempre mais forte.

Título: “Rumo ao futuro”

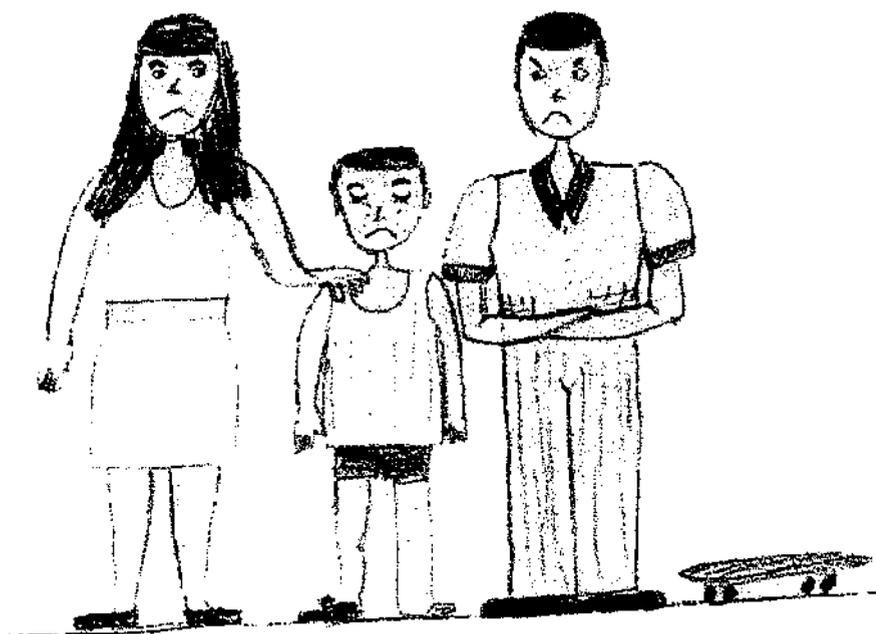
1° DFE  
"N" - Caso III



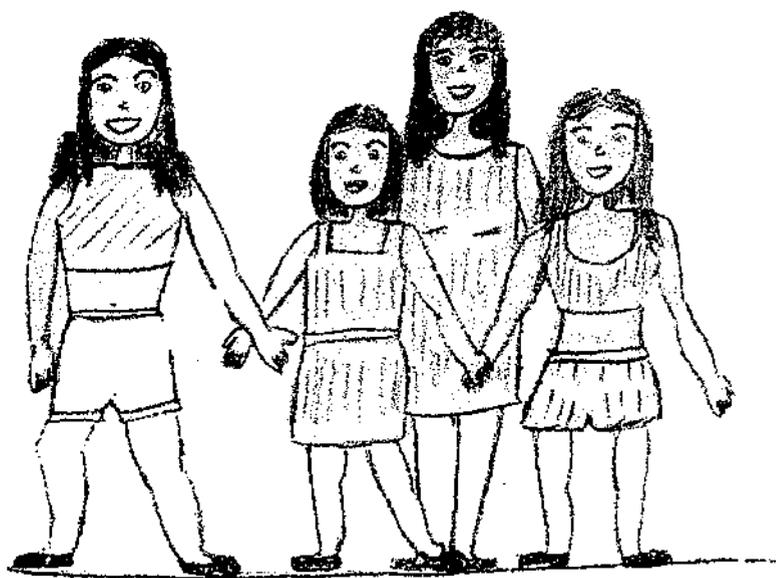
2º DFE  
19/02/97  
"N" - Caso III



3° DFE  
31/01/97  
"N" - Caso III



4º DFE  
31/01/97  
"N" - Caso III



## 2º. FILHA "D"

### *Dados da entrevista*

D - Sexo feminino – 40 anos

Escolaridade: 2º. grau completo

Ocupação atual: Professora de Yoga

#### 1- Fale sobre você

R- Sou uma pessoa mais tranquila, espiritualista, procuro me relacionar bem com os outros e com o mundo buscando as soluções, tenho momentos explosivos. Não gosto, procuro vigiar para não ter estas atitudes. Eu busco a harmonia e o equilíbrio.

#### 2- Fale sobre sua mãe

R- Uma pessoa muito nervosa, desde a infância até hoje. Alegre, mas nervosa, não é carinhosa. Muito protetora. Quer resolver tudo para a gente, mas muito nervosa.

#### 3- Fale sobre seu pai

R- O homem traz o dinheiro para casa. Hoje eu chego à conclusão que por uma insegurança ele se retraía. Sempre colocou o dinheiro dentro de casa, exemplar. Procurou dar o melhor. A mãe tem personalidade muito forte que apaga a personalidade dele.

#### 4- Outras pessoas com quem conviveu

R- Minha avó mora desde que eu tinha 6 ou 7 anos. É quieta, não é muito de falar, foi muito companheira, fazendo roupa de boneca, plantando. Sem muita paciência com criança, mas nos dávamos bem. Minha mãe não deixava chegar muito nela por atrito entre elas.

5- Expressões dos pais sobre a vida

R- Mãe – Era idealista, sonhadora.

Pai – Os dois eram sonhadores. Uma história de contos de fadas. Casariam as filhas, elas iriam encontrar seus príncipes encantados.

6- Elogios e críticas recebidos dos pais

R- Mãe – Não lembro dela elogiando, não era de fazê-lo. Crítica não recordo, mas mostrava que você fez tudo errado e que não fez nada direito.

Pai – Não lembro.

7- Reações dos pais quando estão aborrecidos

R- Mãe – Grita muito, grita demais. Eu embarcava na onda, desequilibrava tudo. Lembro que ela brigava muito. Aprendi que a gente tinha que conseguir tudo no grito. Eu era o tipo dela. A gente não pode levar desaforo para casa. Ela não dava espaço para ser ajudada de qualquer forma.

Pai – Ele se fecha, fica mais quieto, não demonstra qualquer coisa. Ele não demonstrava. Ele não podia demonstrar problema. Tinha que se mostrar sempre forte.

8- Conselhos recebidos

R- Mãe – Não me lembro.

Pai – Não tinha.

9- Punições recebidas

R- As punições sempre partiram da mãe. O castigo era sentar num lugar e palmadas, que eu considerava injustiça.

10- Apelidos

R- Cacá. Mais na adolescência. Para ficar diferente de uma amiga eu era a Cacá.

11- Expectativas dos pais

R- Acho que queriam que eu fosse muito rica. Minha mãe acha que o sucesso é se realizar profissionalmente e ter muito dinheiro. Isso dá estabilidade. Não quis que

fôssemos professoras. Eu tinha o dom. Queria que seguisse Advocacia. Acabei não fazendo faculdade e estou me dedicando à Yoga.

Meu pai não se manifestava. No fundo era Advocacia. Queria que uma das filhas seguisse. Pela estabilidade e porque ele podia ajudar. Tudo o que sonhavam eu não realizei: ser uma profissional bem sucedida, casamento, filhos. Moro com meus pais.

#### 12- Sentimentos, atitudes e pensamentos não revelados na infância

R- Sempre fui fechada, qualquer sentimento eu não dividia.

#### 13- Crenças sobre a vida na infância

R- Uma fase mais tranqüila. A mudança de cidade influenciou muito. Itapeva era menor. Éramos mais unidos com o pessoal da cidade. Tinha uma idéia mais satisfatória sobre a vida. Eu era muito magra. Diziam que eu era tão magrinha! Comecei a comer para agradar. Mudei para cá com 10 anos mais gorda e quando engordei tinha piadinhas. Me retraí, me fechei. O princípio na escola foi sem problemas. Eram todos conhecidos. A fase que interferiu foi a mudança para cá. Vim estudar no Bom Conselho, fechou, e aí fui para o Santo Antonio. O primeiro era colégio de Freiras. As pessoas daqui da cidade eram diferentes. Lá eram mais simples. Aqui eram presas ao poder e ao dinheiro. Eu estranhei, lá era fácil ser amiga. Aqui é “meu pai tem, meu pai faz...”

#### 14- Crenças sobre a vida na adolescência

R- A fase da adolescência foi difícil. Acreditava em ser bem sucedida financeiramente. Depois desilusão e descrença. Quando meu filho nasceu eu comecei a buscar outro caminho. Tinha 23 anos. Engravidei por ignorância. Pelos meus pais e casaria. Eu sabia que não iria durar. Ele (o pai da criança) disse que não estava preparado. É arredo.

#### 15- Crenças sobre a vida atual

R- Sou espiritualista. A vida é um aprendizado através dos erros e acertos. A gente vai encontrando a evolução através dos erros e acertos. Acredito em reencarnação. Trago coisas de outras encarnações.

17-Auto – imagem – Aspectos positivos e negativos

R- Gosto da minha paciência. Não gosto quando perco a paciência.

18- Histórias infantis prediletas

R- Chapeuzinho Vermelho, Patinho Feio, Cinderela. Gostava mais do Pedro e o Lobo por causa da música. O personagem que mais gostei foi Branca de Neve por causa da pureza dela, bondade.

19- Pensamentos suicidas

R- Quando adolescente, por insatisfação com a vida.

20- Sentido da vida

R- Estou indo... A finalidade é o lado espiritual. Caminho buscando equilíbrio. Materialmente busco uma estabilidade, sobrevivência e conforto dentro do que eu posso.

21- Reações diante de atitudes contrárias do outro

R- Argumento. Coloco meu ponto de vista. Quando o outro está a fim de brigar, deixo falar.

22- Expectativas futuras

R- Espero que esteja..., que não vai mudar muito. Talvez tenha atingido mais meus objetivos. Uma estabilidade maior.

23- Pensamentos sobre a morte

R- Acho que vou morrer velha.

24- Epitáfio

R- Aqui jaz D.

25- Sintomas físicos

R- Meu pai falou que até os 5 anos eu tinha sensibilidade maior no fígado, mas não me recordo. Tenho uma saúde boa. Tinha com facilidade desmaio, quando tinha dor forte. Mais na adolescência. Raramente tenho gripe. O que eu mais tinha era infecção de canal. Há algum tempo não tenho. No ano passado tive infecção urinária, tonturas, uma possível labirintite. Fiz uma cirurgia para retirar um tumor no rosto, em 94 no início de 96 fiz a plástica.

26- Sentimentos desconfortáveis e circunstâncias relacionadas

R- Medo, vazio. Não é freqüente. Procuro trabalhar através da oração. Aparece quando estou em situações difíceis.

27- Como gostaria que os pais fossem diferentes

R- Gostaria que minha mãe fosse mais calma. Deveria pensar mais nela, conseguir contornar as coisas para cumprir as obrigações, mas pensar mais nela, porque acho que se sente infeliz. Não se sente realizada. Se sentiria realizada se pudesse passear, dançar, cantar e se visse todos os filhos realizados.

Meu pai, eu gostaria que não se deixasse levar tanto pela depressão. É muito depressivo. Encarasse a vida mais positivo, não tão cheio de desilusão. Depois que teve problema cardíaco mudou muito, não era o que idealizou. Tinha idéia da força e não tinha todo esse poder. Sentia-se limitado e inseguro. Eu fico muito preocupada quando ele extrapola.

28- O que mudaria na vida e/ou família

R- Queria que tudo fosse um paraíso, maravilha, sem problemas, não ter que se preocupar com nada, uma vida perfeita.

29- Sobre as irmãs

R- Eu me dou melhor com a N. Temos gostos mais semelhantes: tranqüilidade, mais calmo e gosto cultural, sair. A X é mais difícil, quer as coisas do jeito dela, se não tomar cuidado acaba atritando. Ela é mais agitada, gosta das coisas mais agitadas, barzinho, baile, dormir tarde. Eu me preocupo com hora para dormir, alimentação. Para ela relaxar é sair, para mim é ficar em casa. A N. É mais tranqüila, ponderada, é bagunceira. A X. É mais agitada, desorganizada. Eu sou extremamente disciplinada, programada para cumprir tudo no tempo certo.

30- Sobre o pai de seu filho

R- Namorei durante um ano. O rapaz não se sentia preparado para o casamento e ser pai. Não era daqui. Fazia faculdade. A mãe superprotegeu. Tinha uma educação rígida.

Aparentemente era submisso. Entrou em contato com o filho quando ele tinha seis meses. Manteve pouco contato com ele. Os avós têm contato com o G. em festas e datas importantes. O pai não teve influência na educação dele. Eu resolvi assumir meu filho, não sei se teria outra oportunidade. Foi motivo de alegria. A dificuldade veio depois da convivência com minha família. Foi passada muita angústia. Quando ele nasceu, eu trabalhei com foto e depois fui trabalhar com Yoga.

### *DF-Es*

#### 1º. DF-E – Uma família qualquer

Uma família que vive num clima de harmonia, equilíbrio, buscam um caminho de paz. Um dia de passeio deles. Pai e mãe, muito amor entre o casal e filhos, estão saindo no final de semana muito contentes.

As crianças bem crianças mesmo, buscando viver aquela fase. Os pais procurando compreender, instruir.

Inquérito: O que esta família tem de positivo?

R- Equilíbrio.

E de negativo ou que poderia melhorar?

R- Nada. É perfeita.

O que fazem os pais?

R- O pai é empresário, bem sucedido. A mãe é profissional liberal e está correndo tudo bem. Os filhos tem 10 e 12 anos. Estudam.

Título: "Família feliz"

## 2º. DF-E – Uma família Ideal

A família ideal é aquela família que o casal vive num clima de harmonia e respeito, ter os filhos, passar as informações que têm para os filhos. Os filhos são planejados, vêm no momento que os pais acham certo.

Buscam a sua auto-realização profissional, social, familiar. Buscam encontrar a solução para obstáculos através de ponderação. Tentam mostrar que este é o caminho ideal para os filhos.

O que fazem os pais?

R- O pai é executivo e a mãe também. Os filhos têm entre 10 e 12 anos.

Título: “A família ideal”

## 3º DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem

É uma família em que o pai tornou-se um alcoólatra, a mãe é que arca com tudo. Dá sustento para os filhos, cuida da casa e dá uma boa educação. A menina sente-se mais revoltada com o pai, tá na adolescência, já quer buscar a liberdade.

O menino apesar de sentir que o pai não é correto, tem carinho pelo pai e procura imitá-lo no time de futebol. A mulher apesar de ser infeliz, não quer se separar por preconceito da família, do que vão pensar dela. Já perdeu a auto estima por causa da situação.

Inquérito: Do que a família precisa?

R- O tratamento tinha que começar pelo pai, depois dele entender a necessidade de trabalhar, ele não é ruim, perde o controle por causa da bebida. Depois na família toda, mulher, a menina que se sente injustiçada. O menino é meio desligado. Estuda e ajuda a mãe.

Porque o pai bebe?

R- Por imaturidade, começou, gostou e se descontrolou, não consegue parar, veio da educação que ele próprio recebeu.

Qual será o final?

R- Ele vai ter um problema sério de saúde, pode morrer, a mulher vai ser infeliz até o final da vida. A menina pode ir para o lado da sexualidade, o menino não vai ter responsabilidade. A mãe vai viver no “coitada de mim” até o final da vida dela.

Título: “O pai bêbado”

#### 4º. DF-E – Sua própria família

A gente é muito unido. Apesar de estar separado, cada um com sua função, são separações momentâneas, nas festas, carnaval, páscoa. A gente tá sempre junto. Nunca fica esquecido. Dá um jeito de estar todos juntos.

Então a gente tá sempre ligado, participando da vida um do outro, a gente não se separa. A gente tá sempre unido apesar de algumas diferenças.

Eu, N. e X., a gente sempre participou da mesma turma, apesar de ter algumas amigas diferentes. A gente tinha amizade com a amiga da outra.

Quando vai fazer um passeio, a primeira coisa é chamar as irmãs. As crianças até hoje se tratam como irmãos. A afinidade é grande. Eu me sinto um pouco mãe de cada um dos sobrinhos. A mais difícil de todas de relacionamento é a S. É mais briguenta. Não dá acesso fácil. Está sempre mau humorada.

Inquérito: Qual o lema desta família?

R- União para vencer.

O que esta família tem de positivo?

R- É uma família que busca vencer por honestidade, pelo correto, pela lealdade. Tem o esforço de lutar, sempre pela honestidade. É uma família que sofre muito por procurar ser certa num relacionamento com os outros. É comum a reação oposta do mundo.

O que tem de negativo?

R- Talvez seja o domínio do pai e da mãe sobre as filhas. Se tivesse dado mais independência, seria mais positivo. Sempre houve uma proteção muito grande, não dava chance de lutar, escolher o mundo.

Título: "A grande família"

1º DFE  
14/02/97  
"D" - Caso III



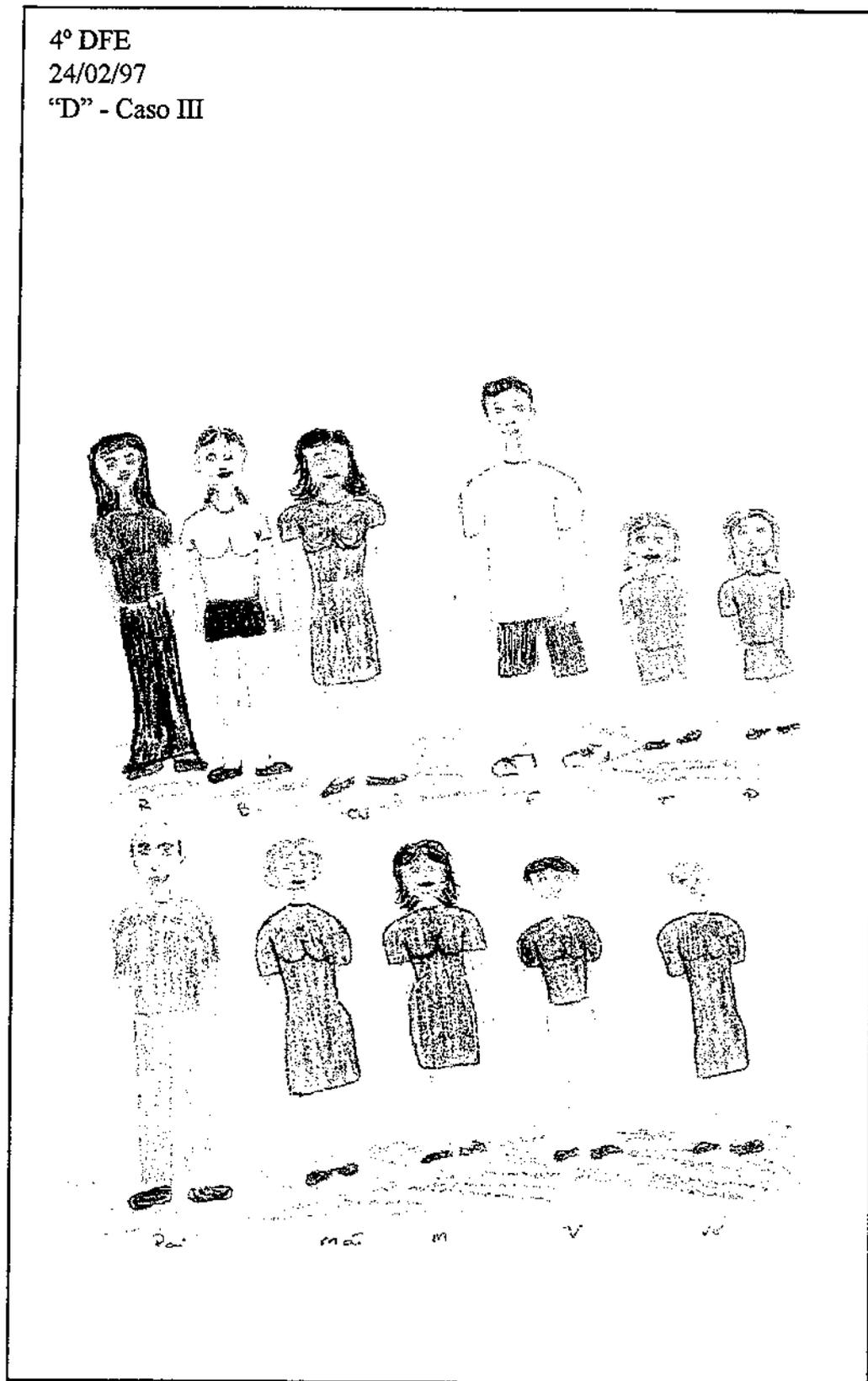
2º DFE  
19/02/97  
"D" - Caso III



3° DFE  
19/02/97  
"D" - Caso III



4º DFE  
24/02/97  
"D" - Caso III



### 3ª. FILHA "X"

#### *Dados da entrevista*

X - Sexo feminino – 39 anos

Escolaridade: Superior completo – Comunicação Social

Ocupação atual: Bancária

#### 1- Fale sobre você

R- Não sei. (risos) Sou meio retraída, não sei. As pessoas acham que sou comunicativa. Tenho uma timidez muito grande, mas vou em frente para superar. Tentando sempre superar as dificuldades. Tenho que me mexer, buscando algo que nem sei o que é.

#### 2- Fale sobre sua mãe

R- Não sei, que pergunta! Acho que sempre foi muito carinhosa, exigente, superprotetora. Fez o melhor que podia dentro dos conceitos dela. Às vezes limitava a gente.

#### 3- Fale sobre seu pai

R- Sempre foi atencioso, carinhoso, dava apoio do jeito dele, mas instigava a gente a fazer coisas. Dá uma força, superprotetor. Minha mãe demonstra medo, insegurança. Meu pai impulsiona, estimula.

#### 4- Outras pessoas com quem conviveu

R- Quando minha avó paterna foi morar junto. Era tão tranqüila, tão na dela. Foi tudo mais ou menos tranqüilo. Quando a gente gosta da pessoa não vê defeitos. Tinha muito chamego com minha irmã mais velha.

#### 5- Impressões dos pais sobre a vida

R- Eles disfarçavam a vida para a gente. A realidade não era mostrada. Procuravam fazer o máximo escondendo as dificuldades. Ambos, meu pai e minha mãe. Muito eles fizeram com a intenção de poupar. Isso impediu de enfrentar a vida. Mas isso é mínimo, pois gosto tanto deles!

#### 6- Elogios e críticas recebidos dos pais

R- Mãe -- É difícil, não lembro, lembro mais agora. Não lembro. Eu sei que ela sempre foi muito crítica. Não lembro.

Pai -- Os dois parabenizavam por ser boa aluna. Não lembro de crítica.

#### 7- Reações quando os pais estavam aborrecidos

R- Mãe -- Não sabia quando ela estava aborrecida, sempre fui desligada, alienada, meio fora do ar. Muito eu não percebi. Ela era muito agitada, falante. Lembro o que a gente vê. Quando minha avó quebrou a perna eu tinha 15 anos, eu revezava no hospital, me propunha. Lembro que ela fez um comentário, ela elogiando eu ter colaborado naquele momento de dificuldade. Minha mãe é muito prestativa. Ela se vira, larga tudo, sem reclamar.

Pai -- Não lembro. Quando eu era criança não percebia nada. Comecei a perceber após a adolescência. Ele ficava mais tenso, mais seco. Eu ficava ouvindo ele falar.

#### 8- Conselhos recebidos dos pais

R- Mãe -- Dizia: "Você faz o que o seu coração mandar". Eu interpretava radicalmente. Fazia o que estava sentindo, mas às vezes faltava base.

Pai -- Não me lembro um conselho. Ele procurava orientar de acordo com o problema.

#### 9- Punições recebidas

R- Não tinha, não sei se a gente dava motivo. Não me lembro.

#### 10- Apelidos

R- X.....inha. O significado é "pequeno, carinhoso".

#### 11- Expectativas dos pais

R- Mãe - Acho que queria que crescesse, casasse, tivesse muitos filhos e fosse feliz para sempre.

Pai – O mesmo, com um bom marido, protetor, que fizesse a parte que ele faz.

Eles tiveram que reformular. A realidade não foi como sonharam, foi até um pouco dura.

Devem ter se sentido frustrados. Mas com a reformulação deles, a gente consegue ter mais proximidade. Mas hoje acho que sou mais à parte das coisas porque sou meio desligada, só se for algo muito importante.

#### 12- Sentimentos, pensamentos e atitudes não revelados na infância

R- Sempre tive dificuldade de conversar coisas mais internas. O que eu não falava é essa coisa de eu estou aqui e estou lá, vão me chamar de louca.

#### 13- Crenças sobre a vida na infância

R- Não me lembro, o pouco que sinto, eu era muito de bem com a vida. Agitada, subia em tudo, nas árvores, eu não me lembro, é a impressão que ficou.

Senti dificuldade porque mudei de cidade, fiquei assustada, me lembro do sofrimento de ter que enfrentar a escola, embora fosse alegre, brincalhona, embora fosse tímida, inibida.

Na cidade anterior, eu me sentia uma criança livre.

#### 14- Crenças sobre a vida na adolescência

R- Era uma coisa... Passei ligada com o S. Parecia ter uma nuvem negra. Me sentia limitada, amarrada. Tinha sonho, ilusões. Talvez sem o S. meu pai me empurraria. Fiquei muito presa. Adorava foto, queria fazer um curso, revelar fotos. Eu era amarrada. Fui sufocando. Na época eu não tinha consciência como tava presa. Passei na faculdade de Química, fiz seis meses, desisti porque não queria ficar longe do S. Acreditava em estar com ele. Houve um momento de lucidez quando fui fazer faculdade de Comunicação em Mogi, mas ele voltou e eu larguei tudo. Eu tinha facilidade grande de raciocínio.

15- Crenças sobre a vida atual

R- Acho que a vida é uma escola para aprender de tudo, a viver, enfrentar dificuldades. As circunstâncias surgem para a gente aprender. Acho que é muito bela, mas não sabemos viver.

16- Aut- imagem – Aspectos positivos e negativos

R- Gosto de estar de bem com a vida, estar sempre tentando ver o lado bom da coisa, quando estou cheia de energia, isso faz bem para quem está comigo. Tenho dificuldade de enfrentar a timidez, o que me inibe no primeiro momento para fazer certas coisas, penso muito e depois enfrento.

17- Histórias infantis prediletas

R- O Gato de Botas, por causa da música. Chapeuzinho Vermelho, eu tinha medo do lobo. A Bela Adormecida. Nenhum personagem em especial. O Jardim Secreto. Gostava da menina órfã que se sentia sufocada. Gostava da liberdade dela de ir fuçar as coisas, descobrir e enfrentar, estar livre.

18- Sensações sobre perda do juízo

R- Às vezes.

19- Pensamentos suicidas

R- Na adolescência ficava deprimido, não falava em me matar, achava que não ia fazer falta. Jamais teria coragem.

20- Reações diante de atitudes contrárias do outro

R- Depende da situação. Se for besteira, idéias, não concordo, nem discordo. Se algo de serviço, que tenho certeza, argumento.

21- Sentido da vida

R- Desenvolvimento pessoal, a gente de bem com a gente mesmo.

22- Pensamentos sobre a morte

R- Antigamente eu achava que ia morrer logo, talvez na meia idade.

23- Epitáfio

R- Só o nome.

24- Sintomas físicos

R- Sensibilidade na garganta. Nenhuma cirurgia.

25- Sentimentos desconfortáveis e circunstâncias relacionadas

R- Mistura de tristeza com raiva. Hoje não sinto tanto. Às vezes não acontece nada diferente.

26- Como gostaria que os pais fossem diferentes

R- Mudaria as neuras de insegurança e medo que foram passadas mais pela mãe.

27- O que mudaria na vida e/ou família

R- Voltava no tempo e refazia a vida a partir da adolescência. Não me casaria com o S., me libertaria dele antes. Teria estudado outra coisa, talvez Direito.

28- O que mais quer na vida

R- Paz de espírito, sossego, viver em harmonia.

### *DF-Es*

1°. DF-E – Uma família qualquer

Tá o pai e a mãe, e os dois filhos se preparando para ir passear, passar o final de semana fora. Estão de folga, não estão trabalhando, vão se divertir.

Inquérito: O que esta família tem de positivo?

R- União.

O que tem de negativo?

R- Só se encontram no final de semana.

O que fazem quando não estão passeando?

R- O pai trabalha, não sei onde. A mãe cuida da casa. Os filhos vão para a escola. O pai tá de pijama.

Título: “Um final de semana”

## 2º. DF-E – Uma família ideal

Pai, mãe, três filhos, no dia a dia de cada um, fazendo seu compromisso. O pai trabalha, a mãe também, volta na hora do almoço, todos se encontram, trocam idéias, falam sobre as experiências, trocam informações, uns apoiam os outros, respeitam.

O pai e a mãe respeitam e orientam, e os filhos respeitam os pais. Uma troca legal.

Assim vão vivendo. Sempre com colaboração e apoio.

Título: “Uma família ideal”

## 3º. DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem

Pai, mãe e filha. Momento de crise. A filha tá doente, precisando de ajuda. O que tem não sei, a mãe está ali para ajudar, cuidar de todas as maneiras possíveis. O pai tá lá de longe, não quer saber de conversa. Sempre que tem alguém doente na família o pai cai fora.

Inquérito: Qual é a doença?

R- Mais psicológica, que afeta o físico.

Como se sente a menina?

Ela já está carente e fica mais.

E a mãe?

R- Fica incomodada. O pai não participa porque é idiota, não quer saber de compromisso.

O que vai acontecer?

R- Espero que sare.

O que tem de positivo nesta família?

R- A tentativa de auxiliar e a menina sarar.

E de negativo?

R- A desarmonia, falta entrosamento.

O que esta família precisa?

R- Precisa se entender.

Que final feliz daria para esta história?

R- De repente o pai caiu na real e começou a participar porque no fundo era um pai que tinha sentimento, mas estava acomodado.

Título: "Momento de crise"

#### 4º. DF-E – Sua própria família

Acho assim, sempre eu e a S., nós duas para o que der e vier, mas sempre tem o vô e a vó, não estão totalmente sozinhas porque têm o amparo dos dois, procurando colaborar uma com a outra. Não só contando com o apoio deles, como eles com a gente.

Inquérito: O que esta família tem de positivo?

R- Companheirismo.

O que tem de negativo:

R- Por essa união grande, um pode prejudicar o outro por estar sempre vinculados, às vezes tolhe um pouco a liberdade.

Qual o lema desta família?

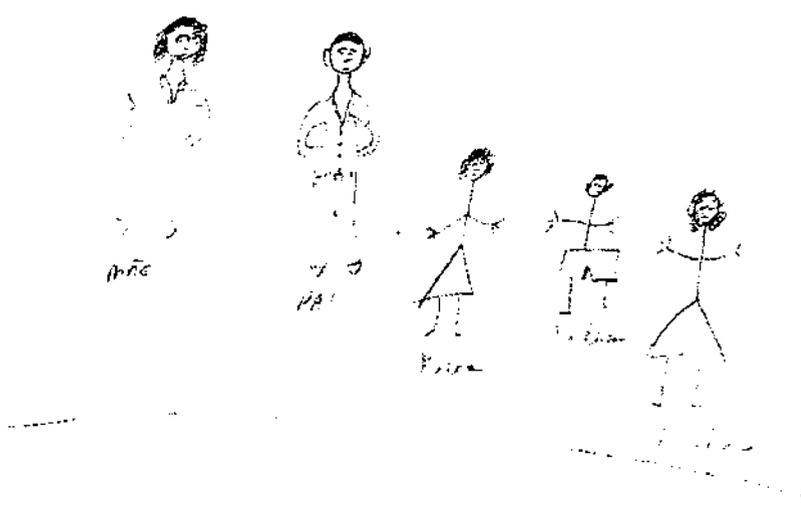
R- Amizade, união, estar sempre juntos.

Título: "Minha família"

1º DFE  
28/02/97  
"X" - Caso III



2° DFE  
03/03/97  
"X" - Caso III

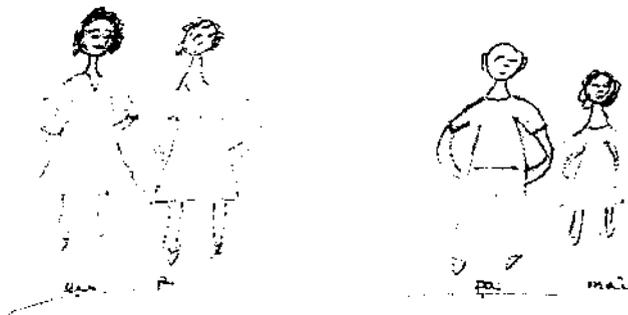


3° DFE

"X" - Caso III



4° DFE  
03/03/97  
"X" - Caso III



**FILHOS DE "N"**  
**1<sup>A</sup>. FILHA "C"**

***Dados da entrevista***

C - Sexo feminino – 13 anos

Escolaridade: 1º. grau incompleto – 7ª. Série

Ocupação atual: Estudante

1- Auto-imagem – aspectos positivos e negativos

R- O que mais gosto é que sou brincalhona como meu pai. Não levo as coisas muito à sério. O que não gosto é que como demais.

2- O que faz se sentir bem e mal?

R- Gosto de estar ao lado do meu pai e da minha mãe ao mesmo tempo. Fico mal quando minha mãe briga comigo. É raro.

3- Perspectivas profissionais

R- Quero ser Arquiteta.

4- Desejos mágicos

R- Ser uma fada para realizar os sonhos de todo mundo e os meus. Casar, morar numa casa bem grande. Realizar os sonhos da mãe, irmãs, pai e prima.

5- Aceitação do próprio sexo

R- Gostaria de ser menina mesmo. É melhor.

6- Preferência entre ficar em casa ou ir para a escola

R- Gosto de ficar em casa, mas à toa não é bom. Ir para a escola também é bom.

7- Preferência entre continuar pequena ou crescer rápido

R- Às vezes dá vontade de ter 18 anos porque pode fazer mais coisa. Às vezes dá vontade de não crescer porque é bom, senão eu filha velha.

8- Lembranças da infância

R- Tinha 8 meses, tinha uma loja que vendia sapato e eu fui com meu pai e minha mãe comprar um sapato vermelho.

9- Comentários da família sobre o nascimento

R- Minha mãe falou que queria ter feito parto normal, mas o médico não quis, fez cesárea.

10- A melhor coisa que os pais disseram sobre você

R- Pai – Que sou esperta. Ele diz: “Vem cá sua gordinha”.

Mãe – Que eu sou bem inteligente em cálculos matemáticos. As amigas e meu avô dizem que eu sou lerda. Acho que sou mesmo.

11- Atitudes dos pais quando estão bravos

R- Pai – Briga, chama a atenção. Minha mãe fica meio quieta.

12- Expectativa de longevidade

R- Acho que vou viver até 90 anos, minha bisavó tem 91.

13- Histórias infantis prediletas

R- Bela Adormecida, A Fadinha Azul. A fadinha era engraçada, nervosinha com tudo.

14- O que deve fazer para agradar aos pais

R- Para a minha mãe tenho que parar de responder e fazer malcriação.

15- Sonhos e fantasias bons e maus

R- Tenho medo de levar uma bala perdida do morro enquanto durmo.

16- Apelidos

R- Biba, C....inha, Gorda.

## *DFE-s*

### 1º. DF-E – Uma família qualquer

Certo dia, uma mãe, um pai e sua filhinha foram passear na floresta e encontraram um monte de coisa: animais e plantas, e encontraram também uma cachoeira grandona, e a menininha, o que ela mais gostou foi essa cachoeira grande.

Depois de passear foram os três andar de cavalo. Cada um num cavalo. A mãe num, o pai no outro e a menina no outro. Aí a menininha gostava de correr muito, ela corria e os pais não conseguiam alcançar ela. Aí eles ficaram andando até as seis horas. Aí tiveram que vir embora para casa.

Inquérito: O que esta família tem de positivo?

R- Eles eram amigos, estavam sempre unidos.

E de negativo?

R- Nada.

Título: “Passeio na floresta”

### 2º. DF-E – Uma família ideal

Um dia foi aniversário da filha menor. Então, o pai, a mãe e a irmã resolveram fazer uma festa surpresa para essa menina. Aí eles compraram um monte de coisa e enfeitaram como a menina gostava.

Aí eles compraram um bolo e chamaram todos os amigos dela. Aí de noite eles fizeram a festa, chamaram a menina para poder cantar parabéns para ela. Aí a menina ficou superfeliz de ter ganhado essa festa de presente para ela. Aí ela aproveitou a festa mais do que ela conseguiu. A festa foi até de madrugada. Aí depois acabou a festa, foram dormir e no dia seguinte tava supercontente porque ela achou que tinham esquecido dela.

Inquérito: Porque esta família é ideal?

R- Primeiro porque eles estavam todos ali: pai, mãe, filhos, não brigavam muito e porque estavam sempre juntos. Permitiam tudo. Só não deixavam fazer bagunça e palavrão.

Título: “A festa surpresa”

### 3º. DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem

Uma vez um menininho começou a ter febres e apareceram um monte de manchas no corpo dele. Como era o primeiro filho ela (a mãe) ficou apavorada. Ela levou no médico e ele disse que podia ser catapora ou sarampo. A mãe ficou mais apavorada ainda. Só que depois fizeram um monte de exame e descobriram que o que ele tinha era catapora mesmo. Aí foram cuidando do menino, dando remédio, aí ele ficou bom, as manchinhas secaram.

Inquérito: E o pai?

R- Ele levava o filho no médico porque a mãe era apavorada. Ele saía atrás dos remédios e cuidava do filho. Era o primeiro filho.

O que esta família tem de positivo?

R- Um ajudar o outro.

E de negativo?

R- A mãe era apavorada com tudo. Ela precisava se informar mais e saber que catapora não era um bicho de sete cabeças.

Ele gostavam muito de sair. Ele com 4 anos entrou numa escola.

### 4º. DF-E – A própria família

Num dia de páscoa o meu pai e a minha mãe compraram um monte de ovo para nós três. Aí eles pegaram o ovo e esconderam pela casa toda. Aí a gente saiu procurando. Tinha ovo em cada lugar esquisito!

Depois que achamos, pegamos os ovos e escondemos pela casa os que nós compramos e eles acharam rapidinho. Todos comeram.

No final do dia estávamos andando em casa e meu pai falou: “Vai procurar que tem mais ovo”.

Aí a gente achou o ovo, quando foi abrir era um monte de papel embolado.

Inquérito: Como vocês se sentiram?

R- Sentimos enganadas com meu pai, ele fez uma brincadeira, era brincadeira dele mesmo.

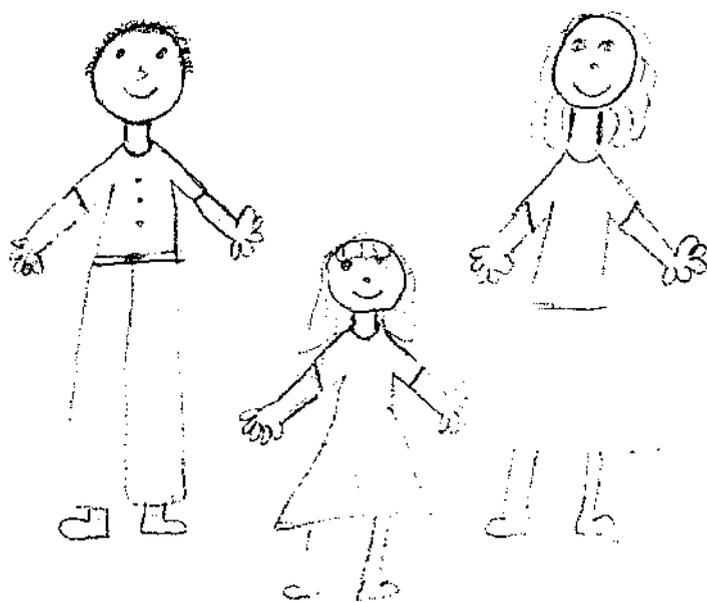
O que esta família tem de positivo?

R- É muito divertida.

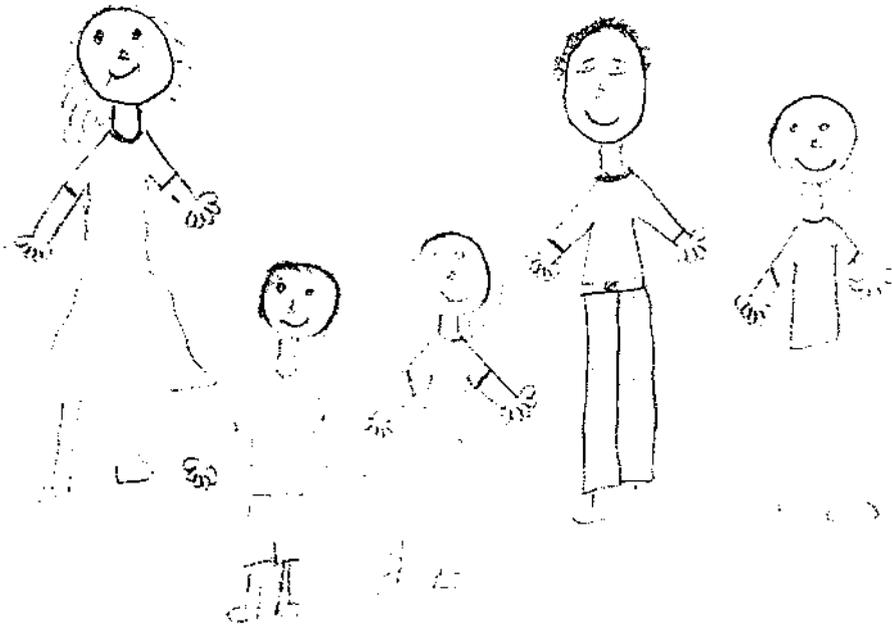
E o que tem de negativa?

R- É que meu pai não mora com a gente. Ele parece criança, gosta de brincar de tudo quanto é coisa. É fotógrafo. Policial fotógrafo. Ele é o mais criança. Eu sou a mais lerda. A Q. É a mais preguiçosa, a U. é a mais comilona e minha mãe é difícil saber.

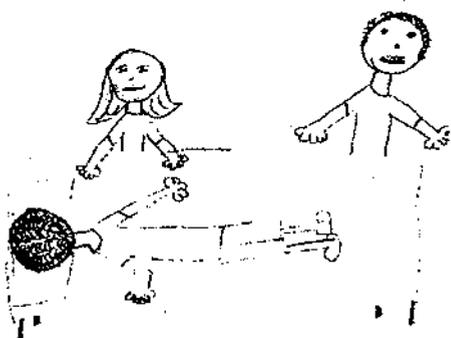
1º DFE  
7ª SÉRIE/13A.  
"C" - Caso III



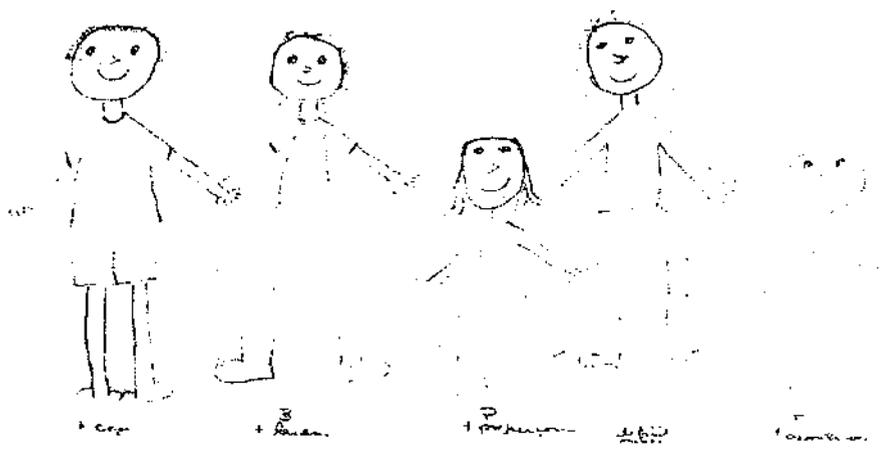
2º DFE  
29/01/97  
"C" - Caso III



3° DFE  
29/01/97  
"C" - Caso III



4º DFE  
31/01/97  
"C" - Caso III



## 2<sup>A</sup>. FILHA “Q”

### *Dados da entrevista*

Q - Sexo feminino – 8 anos

Escolaridade: 1<sup>o</sup>. grau incompleto – 2<sup>a</sup>. Série

#### 1- Apelidos

R- Poca Hontas, porque pareço com ela.

#### 2- Auto-imagem – Aspectos positivos e negativos

R- O que mais gosto é que brinco mais. Não gosto quando eu engordo.

#### 3- O que a faz se sentir bem e mal

R- Bem, quando não tem nenhum problema de nada. Quando fica doente e morre alguém tem problema. Me sinto mal quando estou doente.

#### 4- Expectativas profissionais

R- Professora ou Veterinária.

#### 5- Desejos mágicos

R- Me transformar num cachorrinho.

#### 6- Aceitação do próprio sexo

R- Gostaria de ser menina porque faz menos bagunça e menino faz mais bagunça.

#### 7- Preferência entre ir à escola ou ficar em casa

R- Para aprender preciso ir na escola, mas gosto mais de ficar em casa para brincar.

#### 8- Preferência entre continuar pequena ou crescer rápido

R- Não sei, ficar pequena é mais gostoso, dá prá mim ir na piscina, brincar mais.

9- Comentários da família sobre o nascimento

R- Nada.

10- Lembranças de quando era menor

R- Eu lembro que teve um dia que eu e a U., a gente jogou todas as fraldas no playground. A mamãe foi buscar.

11- A melhor coisa que os pais disseram sobre você

R- Pai – Ele disse que eu sou elegante. A U. emagreceu mais também. A tia D. não deixa ela comer muito porque ela vomita. A mãe disse que eu sou bonitinha.

12- Expectativas profissionais dos pais

R- Pai – Tem que perguntar para ele.

Mãe – O que eu quiser.

13- Atitudes dos pais quando ficam bravos

R- Pai – Ele não fica muito bravo.

Mãe – Ela fala que nem liga para mim. No outro dia ela fala.

14- Histórias infantis prediletas

R- Rei Leão. Gostei do Simba porque ele lutou com o mau e o mau morreu.

15- O que precisa fazer para agradar aos pais

R- Mãe – Quer que eu não faça bagunça. Ela pediu para não fazer bagunça até hoje, até ela chegar.

Pai – Também.

16- Sonhos e fantasias bons e maus

R- Ruim não tem. Tive um sonho que foi um ladrão que queria pegar a gente.

Bom – Quando a gente tava voltando do shopping, aí peguei uma moto e fui embora.

## *DF-Es*

### 1º. DF-E – Uma família qualquer

Felipe de 6 anos e Paula de 7 anos. O pai e a mãe. Um dia eles foram na casa deles e mexeram nas coisas do pai deles. Aí o pai deles viu e o pai brigou com os dois. Aí depois os dois aprendeu a lição e nunca mais mexeu nas coisas dele.

Aí viveram felizes para sempre.

Inquérito: E a mãe?

A mãe chegou da viagem e viu eles. A mãe falou que era prá eles ficarem de castigo.

Título: “As crianças levadas”

### 2º. DF-E – Uma família ideal

Um dia o vô, vó, tia, tio, tava noutra cidade passeando. Aí a mãe e o pai e as crianças tavam em casa. Aí eles tavam esperando a vó, o vô, a tia e o tio.

Aí as crianças tavam brincando, depois o pai e a mãe fez um almoço para eles. Depois eles chegaram, as crianças guardou os brinquedos, almoçaram e foram no shopping. Aí depois ficaram até de noite. Aí depois foram embora e durmiram.

Inquérito: Porque esta família é ideal?

R- Porque tinha um monte de gente e todos gostavam deles.

O que tinha de bom nesta família?

R- Tinham muitos amigos.

E o que tinha de ruim?

Quando eles brigavam, ficavam bravos.

Título: “A família feliz”

3º. DF-E – Uma família onde tem alguém que não está bem

Esse pai tinha perdido o emprego. Aí o homem lá do emprego gostava das duas crianças, aí depois as crianças foram lá conversar com o homem lá do emprego. Aí eles ficaram um tempo conversando. Aí a mãe foi lá buscar eles. Aí depois quando ele voltou no outro dia o homem deu um emprego para o pai e aí acabou.

Inquérito: O que as crianças foram conversar?

R- Foram conversar para ele dar um emprego para o pai. Ele precisava do emprego para ganhar dinheiro.

Porque ele perdeu o emprego?

R- O homem achava que ele não trabalhava direito. A mãe só cuidava da casa. Foram as crianças que conseguiram o emprego para o pai.

Qual a idade das crianças?

R- 10 e 7 anos.

Título: “O trabalhador”

4º. DF-E – Sua própria família

Outro dia, o tio, a avó, a tia e o vô. Aí eles iam viajar para a casa dos outros, aí fizeram compra, foram no shopping e compraram um monte de coisa. Compraram comida também para eles fazer lá. Aí não deu tudo no carro porque tinha um monte de coisa. Aí eles ligaram lá para a casa dos outros, aí eles foram lá com a camionete deles. Em vez de ir para a casa deles foram para a casa dos outros e fizeram comida e comeram. Acabou.

Inquérito: O que esta família tem de legal?

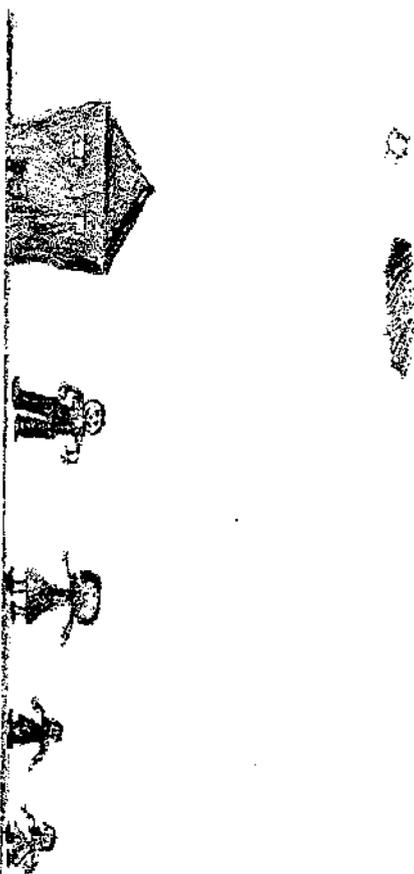
R- Legal que os avôs ajudam.

E de ruim?

Às vezes não dá para ajudar porque tá fazendo outra coisa, tá ocupado. Eles moravam em outra casa em outra cidade.

Título: “A família legal”

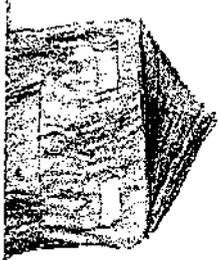
1° DFE  
03/02/97  
"Q" - Caso III



2º DFE  
03/02/97  
"Q" - Caso III



3° DFE  
07/02/97  
"Q" - Caso III



4° DFE  
07/02/97  
"Q" - Caso III



### 3ª. FILHA “U”

#### *DF-Es*

U - Sexo feminino – 6 anos

Escolaridade: 1º grau incompleto - 1ª. Série

#### 1º. DF-E – Uma família qualquer

Era uma vez uma mãe chamada N. e ela estava grávida e teve um neném chamado Q. Ela tinha a Q., já tinha um irmão chamado Paulo e o pai chamado G. E aí todos ficaram felizes.

Inquérito: O que esta família tem de bom?

R- Não sei.

E de ruim?

R- É que eles não tinha muito dinheiro. Eles ficavam com fome.

Título: “N. e G.”

#### 2º. DF-E

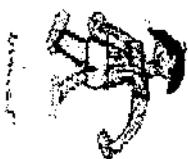
Era uma vez uma família muito alegre e a N. era a mãe, U.a filha de 6 anos, Q., a filha de 8 anos e C., que tinha 13 anos. I.era o pai. Então eles foram ver a apresentação de C. Depois eles voltaram para casa. O I. foi para Taubaté e eles foram felizes para sempre, não tão felizes porque meu pai tá cheio de problemas, não sei quais são, mais são um monte. Ele fala.

Inquérito: Porque esta é a melhor família?

É a melhor porque é a minha família. A melhor coisa é o dinheiro. A pior coisa é porque meu pai brigou com a minha mãe.

Título: “A família feliz”

1° DFE  
"U" - Caso III



2º DFE

14/02/97

“U” - Caso III



